

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
INSTITUTO AGGEU MAGALHÃES
Doutorado em Saúde Pública

GEORGIA RODRIGUES REIS E SILVA

***BULLYING* ENTRE ADOLESCENTES ESCOLARES DO RECIFE E FATORES
ASSOCIADOS: ABORDAGEM BIOECOLÓGICA**

RECIFE
2020

GEORGIA RODRIGUES REIS E SILVA

***BULLYING* ENTRE ADOLESCENTES ESCOLARES DO RECIFE E FATORES
ASSOCIADOS: ABORDAGEM BIOECOLÓGICA**

Tese apresentada ao curso de Doutorado em Saúde Pública do Instituto Aggeu Magalhães da Fundação Oswaldo Cruz para obtenção do título de Doutora em Ciências.

Área de Concentração/Linha de pesquisa:
Epidemiologia e Controle de Agravos à Saúde/
Violência e Saúde

Orientadora: Dra. Maria Luiza Carvalho de Lima

Coorientadora: Dra. Alice Kelly Barreira

RECIFE

2020

Catálogo na fonte: Biblioteca do Instituto Aggeu Magalhães

- S586b Silva, Georgia Rodrigues Reis e.
Bullying entre adolescentes escolares do Recife e fatores associados: abordagem bioecológica / Georgia Rodrigues Reis e Silva. – Recife: [s.n.], 2020.
192 p. : il., tab., quad.
- Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, 2020.
Orientadora: Maria Luiza Carvalho de Lima,
Coorientadora: Alice Kelly Barreira.
1. Adolescente. 2. Violência. 3. Bullying. 4. Vitimização. 5. Agressão. 6. Desenvolvimento Humano.
I. Lima, Maria Luiza Carvalho de. II. Barreira, Alice Kelly. III. Título.

GEORGIA RODRIGUES REIS E SILVA

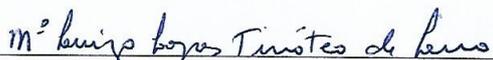
BULLYING ENTRE ADOLESCENTES ESCOLARES DO RECIFE E FATORES ASSOCIADOS: ABORDAGEM BIOECOLÓGICA

Tese apresentada ao curso de Doutorado em Saúde Pública do Instituto Aggeu Magalhães da Fundação Oswaldo Cruz para obtenção do título de Doutora em Ciências.

Área de Concentração/Linha de pesquisa:
Epidemiologia e Controle de Agravos à Saúde/Violência e Saúde

Aprovada em: 17/03/2020.

BANCA EXAMINADORA



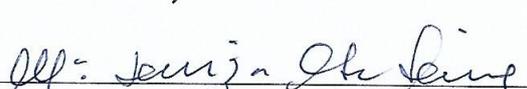
Dra. Maria Luiza Lopes Timóteo de Lima
Departamento de Fonoaudiologia - Centro de Ciências da Saúde/UFPE

Dra. Viviane Colares Soares de Andrade Amorim
Programa de Pós-graduação em Hebiatria/UPE

Dr. Antonio da Cruz Gouveia Mendes
Instituto Aggeu Magalhães - IAM/FIOCRUZ



Dra. Maria Cynthia Braga
Instituto Aggeu Magalhães - IAM/FIOCRUZ



Dra. Maria Luiza Carvalho de Lima
Instituto Aggeu Magalhães - IAM/FIOCRUZ

Dedico este trabalho a todos os adolescentes que tiveram algum tipo de envolvimento em bullying e, em especial, aos estudantes que participaram desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida e por todas as graças recebidas na minha vida e em todo o percurso do doutorado.

Em especial aos meus pais, José Rodrigues e Geogina Reis, pela minha vida, pelo amor, pelo apoio incondicional e incentivo constante à minha formação profissional durante toda vida, não medindo esforços para que eu chegasse até essa etapa da vida. Além de serem referências na minha vida.

A minha orientadora, Profa. Dra. Maria Luiza Carvalho de Lima, e coorientadora, Profa. Dra. Alice Kelly Barreira, por serem exemplos na vida acadêmica, pela paciência, pelo entusiasmo, pela disponibilidade e competência, compartilhando, sempre que possível, os seus conhecimentos e, principalmente, oferecendo conselhos sempre úteis e precisos, não só para a realização deste trabalho, mas em todos os momentos do doutorado.

Aos meus irmãos, Jost Paulo e Joelson, pelo carinho e apoio, estando sempre presentes em minha vida.

Ao meu marido Leonardo Félix, por todas as críticas construtivas e por todos os momentos agradáveis proporcionados nesse período.

Aos meus pequenos amores, Raull Carlos, Lucas, Marina, João Gabriel, Sophia, Arthur Bernardo, Letícia e Leozinho, por todos os abraços e sorrisos dados, por alegrar ainda mais os meus dias, portanto, simplesmente, pelo fato de existirem.

Ao bebê que ainda está no meu ventre, mas que já me proporciona tanta alegria e esperança, além de agregar mais importância a minha vida.

Às minhas amigas Monialy Marinho, Janaína Holanda e Caroline Damasceno pelo carinho, apoio e pelas valiosas sugestões dadas durante este período e por me presentear com uma sincera amizade.

Às primas, Fabíola e Katarina, e amigas, Ilka, Rossana e Vivian, que me acompanharam e apoiaram nos momentos mais alegres e difíceis não só nesta fase, mas em grande parte da minha vida. Sem a presença e a alegria contagiante delas, teria sido muito mais difícil.

A todos os que fazem parte do Serviço de Assistência Domiciliar (SAD) do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP), mas em especial à Dra. Mirella Rebello, Dra. Cynhtia Ávila e Aline Santos, pelo apoio, incentivo, concessões e flexibilidade proporcionados nesses anos para que assim pudesse estudar e concluir o doutorado.

Aos profissionais da Neonatologia do Hospital Barão de Lucena e, principalmente, à coordenadora de fisioterapia, Roberta Bione, pelo apoio e pelas liberações dos horários para que eu assim pudesse participar das atividades do doutorado.

A Sara de Araújo Rodrigues que me despertou para a área de Saúde Pública e ingresso no grupo de pesquisa, impulsionando-me desde o início desta jornada.

A Raquel Acioli por ter me apresentado ao grupo de pesquisa LEVES, além de sempre incentivar a seguir em frente e torcer pela minha vitória.

A todos do LEVES que contribuíram com a pesquisa, desde o projeto, as discussões, a coleta de dados até o processo de tabulação dos dados.

Ao Instituto Aggeu Magalhães/Fiocruz por ter viabilizado a realização deste curso.

Aos professores do Curso de Doutorado pelas aulas ministradas, pelos ensinamentos e aprendizados proporcionados.

Aos colegas de pós-graduação pelos momentos de estudos, pelas trocas de experiências e pelos conhecimentos.

Aos funcionários da secretaria acadêmica, pela paciência, atenção e disponibilidade.

Aos professores Dr. Ricardo Arraes de Alencar Ximenes e Dr. Wayner Vieira de Souza pela participação, atenção e pelas considerações dadas na banca de qualificação do projeto.

Às Gerências Regionais de Educação do Recife Norte e Sul da Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco pela atenção e autorização dadas para a realização da presente pesquisa.

À direção e ao corpo docente das escolas privadas e públicas do ensino médio do Recife selecionadas pelo acolhimento, pela atenção e colaboração durante a realização desta pesquisa.

De modo especial, aos adolescentes que participaram deste trabalho, contribuindo, dessa forma, para ampliar o conhecimento nessa área e alcançar os objetivos da pesquisa.

Enfim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta pesquisa.

Sem justiça e amor, a paz sempre será a grande ilusão.

Dom Hélder Câmara

SILVA, G.R.R. *Bullying* entre adolescentes escolares do Recife e fatores associados: abordagem bioecológica. 2020. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2020.

RESUMO

Introdução: O *bullying* é um tipo de violência ocorrido principalmente no ambiente escolar, que tem causado impacto na vida de muitos adolescentes, sendo considerado um problema de saúde pública. Objetivo: Identificar a prevalência, os tipos e fatores associados ao *bullying* entre adolescentes de escolas públicas e privadas do Recife segundo o papel de vítima, agressor e vítima-agressor em uma abordagem bioecológica. Método: Estudo transversal, analítico, cujas variáveis do estudo foram relativas às dimensões de processo, pessoa e contexto da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner. Participaram da pesquisa 1.402 adolescentes de 15 a 19 anos pertencentes a 36 escolas públicas e privadas, com amostra probabilística por amostragem de conglomerados. A coleta de dados consistiu da aplicação de questionário autopreenchível, com questões isoladas e escalas, aos alunos e de entrevista com os coordenadores das escolas. A análise das associações foi realizada pela modelagem multinível, e a técnica multivariada utilizada foi a *stepwise* do tipo *forward*, considerando como critério de entrada $p \leq 0,10$ e $p \leq 0,05$ no modelo final. Resultados: A prevalência de *bullying* no papel de vítima foi de 8,35%, de agressor, 21,36% e de vítima-agressor, 2%. Os adolescentes sofreram mais o *bullying* verbal e praticaram mais o físico. Com base na análise das dimensões separadamente, observaram-se fatores de processo associados à prática de *bullying*, que foram as violências sofridas na escola entre pares e a violência praticada pela mãe e irmãos. Dentre as características pessoais, sentir-se diferente dos colegas apresentou associação com *bullying*, independente do papel desempenhado. Ser vítima associou-se ao sexo feminino, à baixa autoestima e a usar tranquilizantes, além disso ser transgressor revelou ser fator de proteção. No papel de agressor, ser do sexo masculino, consumir álcool em excesso, ter desempenho escolar ruim, ser transgressor e aceitar violência entre pares associaram-se a esse papel, contudo não defender suas ideias foi fator de proteção. Na dimensão contexto, ser da classe econômica B e ações de prevenção ao *bullying* na escola foram fatores de proteção para ser vítima, enquanto que testemunhar violência física entre os pais foi fator de risco. A análise de todas as dimensões resultou em associação da vítima com as variáveis de processo: relacionamento ruim com os amigos, sofrer violência na escola e na comunidade; as variáveis de pessoa foram as mesmas da análise separada por bloco. A única variável de processo que não apareceu como fator de risco para ser agressor foi a violência entre pares, enquanto que se sentir feliz na escola foi fator de proteção. As variáveis pessoais, como o sexo masculino, ser transgressor e aceitar violência entre pares, também apareceram como fatores de risco, enquanto não defender as ideias foi fator de proteção. Do contexto, as ações de prevenção mostraram-se fator de proteção à vítima. Conclusão: As violências sofridas nos contextos familiar e escolar repercutiram na prática do *bullying*, e as diferenças apresentadas entre as vítimas e agressores apontam que as condutas de prevenção na escola devem ser direcionadas ao papel desempenhado. Ressalta-se também a importância de realizar intervenções para combater a vitimização de *bullying*.

Palavras-chave: Adolescente, violência, *bullying*, vitimização, agressão, desenvolvimento humano.

SILVA, G.R.R. Bullying among school adolescents from Recife and associated factors: a bioecological approach. 2020. Thesis (Doctorate in Public Health) - Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2020.

ABSTRACT

Introduction: Bullying is a type of violence that occurs mainly in the school environment. It has been impacting the lives of many adolescents, and thus, considered a public health problem. Objective: To identify the prevalence, types and factors associated with bullying among adolescents from public and private schools in Recife regarding the role of victim, bullies, and victim-bully in a bioecological approach. Method: This is a cross-sectional and analytical study. Variables were related to the dimensions of process, person and context of Bronfenbrenner's Bioecological Theory of Human Development. Subjects were 1,402 adolescents aged 15 to 19 years enrolled in 36 public and private schools, by means of a probabilistic sample by sampling clusters. Data collection consisted of a self-administered questionnaire composed of isolated questions and scales applied to the students, and an interview with the school coordinators. The analysis of associations was carried out by multilevel modeling. The multivariate technique employed was the forward type of stepwise considering as input criterion of $p \leq 0.10$ and $p \leq 0.05$ in the final model. Results: The prevalence bullying was 8.35% for victims, 21.26% for bullies, and 2% for victim-bully. Verbal bullying was more frequently suffered by victims while physical bullying was more frequently practiced by bullies. From the analysis of the dimensions conducted separately, process factors associated with the practice of bullying were observed, which were the violence suffered at school, among peers and the violence practiced by the mother and siblings. Among personal traits, feeling different from peers was associated with bullying regardless of the role played. Being the victim was associated with being a female, having low self-esteem, and using tranquilizers, besides, being a transgressor was proved to be a protective factor. On the other hand, the role of bully was associated with being a male, drinking alcohol excessively, having poor school performance, being a transgressor and accepting violence among peers, however, not defending ideas was a protective factor. Belonging to social class B and prevention actions of bullying at school were considered to be protective factors for being a victim, while witnessing physical violence between parents was a risk factor. The analysis of all dimensions resulted in the victim's association with the process variables: having a bad relationship with friends, suffering violence at school and in the community; the person variables were the same as in the analysis separated by block. Violence among peers was the only variable that did not appear as a risk factor for being an aggressor, while feeling happy at school was a protective factor. Personal variables such as being a male, being a transgressor and accepting violence among peers were also found to be risk factors, while not defending ideas was a protective factor. From the context, prevention actions were regarded as a protection factor for the victim. Conclusion: The violence suffered in the family and school environments reflected on the practice of bullying. The differences shown between the victims and aggressors reveal that preventive behaviors at school should be directed to the role played. The importance of carrying out interventions to tackle the victimization of bullying is also emphasized.

Keywords: Adolescent, violence, bullying, victimization, bullie, human development.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Modelo Conceitual Teórico explicativo para o *bullying* em adolescentes escolares. A *Pessoa* (P) ativa engajada em *Processos proximais* com pessoas, símbolos e objetos dentro de um microssistema, em interação com outros *Contextos*. 38

Tabela 1. Número de escolas, turmas e alunos adolescentes do 2º ano do ensino médio (de 15 a 19 anos) matriculados em 2013, no período diurno (dados mais recentes obtidos). 47

Quadro 1. Escolas públicas e privadas da cidade do Recife selecionadas para a pesquisa. 48

Quadro 2. Descrição das variáveis segundo as dimensões, operacionalização, categorização e número da questão no instrumento de coleta. 55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa
- CAAE - Certificado de Apresentação para Apresentação Ética
- CADRI - *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventor*
- CFP - Conselho Federal de Psicologia
- CLAVES - Centro Latino Americano de Estudos em Violência e Saúde Jorge Careli
- CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- CTS - *Conflict Tactics Scale*
- ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente
- ECVB - Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying*
- FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IC - Intervalo de Confiança
- IMIP - Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira
- IHA - Índice de Homicídios na Adolescência
- ILANUD - Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente
- IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
- LEVES - Laboratório de Estudos em Violência e Saúde
- OMS - Organização Mundial de Saúde
- ONU - Organização das Nações Unidas
- OR - *Odds Ratio*
- PPCT - Processo, Pessoa, Contexto e Tempo
- SAD - Serviço de Assistência Domiciliar
- SSA - Sistema Seriado de Avaliação
- SMS - *Short Message Service*
- STATA - *Software for Statistics and Data Science*
- TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- TALE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 MARCO TEÓRICO.....	19
2.1Adolescência e violência na escola.....	19
2.2 <i>Bullying</i>.....	21
2.2.1 Conceito e prevalência de <i>bullying</i> no mundo e no Brasil.....	21
2.2.2 Tipos de <i>bullying</i>	22
2.2.3 Papéis de envolvimento em <i>bullying</i>	23
2.2.4 Consequências do <i>bullying</i>	25
2.2.5 Fatores de risco e proteção do <i>bullying</i>	26
2.3 Fundamentos da Teoria Bioecológica.....	28
2.3.1 O pesquisador Urie Bronfenbrenner e a origem do pensamento ecológico.....	28
2.3.2 A teoria bioecológica do desenvolvimento humano.....	32
2.3.3 Experiências na prática de pesquisa.....	38
3 JUSTIFICATIVA.....	41
4 PERGUNTA CONDUTORA.....	42
5 HIPÓTESES.....	43
6 OBJETIVOS.....	44
6.1 Objetivo Geral.....	44
6.2 Objetivos específicos.....	44
7 MÉTODO.....	45
7.1 Desenho do estudo.....	45
7.2 Período e local do estudo.....	45
7.3 População do estudo.....	46
7.4 Definição da amostra e tamanho amostral.....	46
7.5 Critérios de inclusão e exclusão.....	48
7.6 Instrumentos de coleta e fonte de dados.....	48
7.7 Variáveis do estudo.....	54
7.8 Coleta dos dados.....	61
7.9 Banco e análise de dados.....	62
8 ASPECTOS ÉTICOS.....	63

9 RESULTADOS.....	64
9.1 Artigo 1 - A influência da violência familiar e entre pares na prática do <i>bullying</i> por adolescentes escolares.....	64
9.2 Artigo 2 - Prevalência e fatores associados ao <i>bullying</i>: diferenças entre os papéis de vítimas e agressores.....	83
9.3 Artigo 3 - É possível prevenir o <i>bullying</i> no contexto escolar e familiar?.....	101
9.4 Artigo 4 - Abordagem bioecológica na análise dos fatores associados ao <i>bullying</i> escolar.....	119
10 CONCLUSÃO.....	145
PROPOSTAS E RECOMENDAÇÕES.....	147
REFERÊNCIAS.....	151
APÊNDICE A - Questionário.....	161
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da escola.....	170
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do aluno.....	171
APÊNDICE D - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido do aluno.....	172
ANEXO 1- Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa.....	173
ANEXO 2 - Carta de aceite do artigo 1.....	175
ANEXO 3 - Carta de aceite do artigo 2.....	176
ANEXO 4 - Comprovante de submissão do artigo 3.....	177
ANEXO 5 - Artigo 1.....	178
ANEXO 6 - Artigo 2.....	185

APRESENTAÇÃO

Esta tese apresenta uma abordagem bioecológica sobre o fenômeno do *bullying*, tendo em vista o impacto na vida dos adolescentes e a complexidade desse problema.

Inicialmente foi abordado o conceito da adolescência e *bullying*, os tipos e papéis de envolvimento em *bullying*, bem como as definições e reflexões sobre os principais pontos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, desde a origem do pensamento ecológico e sua formulação até as bases atuais da Teoria, que propõe a investigação do desenvolvimento humano a partir da interação dinâmica entre os atributos pessoais do indivíduo, considerando o contexto em que está inserido ao longo do tempo. Essa Teoria prevê que o desenvolvimento do indivíduo ocorra por meio da interação entre as dimensões, denominado de modelo bioecológico PPCT: processo, pessoa, contexto e tempo, contudo esta pesquisa abordou as dimensões de processo, pessoa e contexto. O modelo descrito acima será aprofundado ao longo deste trabalho.

Para compreender melhor essa abordagem teórico-metodológica, é importante conhecer a principal referência dessa teoria, o pesquisador Urie Bronfenbrenner, sendo, por isso, realizada uma breve retrospectiva de sua vida e ideias.

Os resultados desta tese serão apresentados no formato de coletânea de artigos científicos e divididos conforme os objetivos da pesquisa. No artigo 1, foi possível estimar a prevalência de agressores de *bullying* e os fatores de processo relacionados a esse comportamento em adolescentes escolares do Recife. No artigo 2, identificaram-se as diferenças entre prevalências e os fatores pessoais associados ao envolvimento em *bullying* entre adolescentes escolares do Recife no papel de vítima e agressor. No artigo 3, foram identificados os fatores de risco e de proteção, relacionados ao contexto escolar e familiar associados ao *bullying*. Por fim, no artigo 4, foram identificados os tipos e os fatores associados ao papel de envolvimento de *bullying*, relativos ao processo, à pessoa e ao contexto da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

O interesse na temática e a realização desta tese surgiram a partir de diversas motivações que estão descritas a seguir. Na adolescência, a experiência de vitimização de *bullying* de forma direta, por meio de agressão verbal, como apelidos por ter cabelo crespo, ser muito magra, ter os olhos puxados e zombarções pela pronúncia inadequada do inglês durante as aulas dessa disciplina, além da exclusão nos grupos por ter nível socioeconômico inferior à maior parte dos estudantes da escola no ensino médio foram responsáveis pela piora

da autoestima, timidez, não querer ir mais à escola e, muitas vezes, relacionados ao desejo de morrer nesse período. Sentimento que perdurou por muitos anos. Tais comportamentos cometidos por colegas na sala de aula e no pátio durante o intervalo tiveram consequências significativas na minha vida que foram minimizadas e superadas com o amor da família, a fé, participação nos encontros de jovens da igreja valorizando outros, valorização por parte dos amigos fora do contexto escolar, o reconhecimento do potencial intelectual pessoal e por colegas na universidade e a realização de terapia já na fase adulta. No entanto, a superação pessoal não me fez esquecer ou parar de pensar o que pode ter levado esses indivíduos a realizarem tal comportamento, além do mais identificar o perfil desses indivíduos e compreender melhor o contexto e as relações existentes entre os envolvidos e a sua família, amigos e vizinhos.

A escolha para cursar o Mestrado em Hebiatria-Determinantes da Saúde do Adolescente não foi à toa, entender e debruçar-se sobre essa fase da vida não foi apenas um desejo pontual, mas contínuo. Os anos estudando a fundo esse período repleto de transformações só aumentaram o desejo de continuar buscando desvendar as lacunas que ainda existem. A pesquisa que se tornou a dissertação de mestrado também realizada com adolescentes escolares de ensino médio, apesar de não ser acerca do tema, me inquietou ainda mais quando o assunto era *bullying*, principalmente durante a realização da coleta de dados, ao presenciar, por vezes, alguns adolescentes agredindo outros verbalmente por apelidos, xingamentos e, até mesmo, fisicamente com tapas e empurrões.

Com a entrada no Laboratório de Estudos em Violência e Saúde (LEVES), tive a possibilidade de participar e escolher entre duas linhas de pesquisas, e uma delas era o *bullying*. Apesar de inicialmente demonstrar para o grupo interesse em pesquisar outra linha, foi o projeto de *bullying* e a perspectiva de poder abordar um assunto tão relevante e atual, a partir de um olhar integrador, além de considerar todas as motivações pessoais, que me estimularam em todos os dias a ler, estudar e fazer o melhor que podia a fim de contribuir, com a pesquisa científica, para as práticas e intervenções da saúde, educação e políticas sociais, permitindo oferecer qualidade de educação e saúde aos adolescentes.

1 INTRODUÇÃO

As manifestações de violência que ocorrem nas escolas brasileiras não são um problema recente, mas algo que vem tomando proporções assustadoras com situações de violência multifacetadas (FRANCISCO; LIBÓRIO, 2009; ASSIS; CONSTANTINO; AVANCI, 2010). Casos anteriormente esporádicos tornaram-se uma constante em nossos dias, sendo discutida, nos últimos anos, sua importância nas questões de saúde pública (FRANCISCO; LIBÓRIO, 2009; RECH et al., 2013; OLIVEIRA et al., 2017).

Nesse contexto, as relações estabelecidas para o desenvolvimento pedagógico na comunidade escolar estão permeadas por variadas formas de violência, como as agressões morais, psicológicas e físicas; discriminação racial, política, de gênero e de orientação sexual; incentivo e reforço a estereótipos; institucionalização de avaliações, em sua maioria, quantitativas, além do estímulo à competição; depredações do prédio e dos equipamentos escolares (MACEDO; BONFIM, 2009; MALTA et al., 2010).

Uma forma mais específica de violência que tem ocorrido, em sua maioria, no contexto escolar é denominada de *bullying* (WEIMER; MOREIRA, 2014). Entende-se por *bullying*, termo sem tradução adequada para o português, que pode se manifestar de diferentes formas, a partir de comportamentos, como agressões físicas e verbais, ou a partir de ameaças, acusações injustas, roubo de dinheiro e pertences, difamações sutis e degradação de imagem social, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), sem motivação evidente (OLWEUS, 1993; SMITH et al., 2004; ZOEGA; ROSIM, 2009).

O *bullying* é uma realidade em diferentes contextos culturais, que pode envolver os indivíduos de diferentes maneiras, de forma que eles assumam papéis diferenciados em relação a esse fenômeno (ZEQUINÃO et al., 2016). Assim, os papéis de participação no *bullying* escolar são: vítimas, agressores, vítimas/agressores e testemunhas (OLWEUS, 2013; SILVA et al., 2018).

Pesquisas de âmbito internacional apresentam variação de prevalências em *bullying* de 8,6 a 75% (CRAIG et al., 2009; FRISÉN et al., 2012). Na Espanha, estudos têm mostrado prevalências de *bullying* na condição de vítimas de 16,9% (BARTOLOMÉ-MARSÁ, 2008) e de envolvimento de 28,9% (GARCÍA-FERNÁNDEZ et al., 2016), enquanto que estudo longitudinal (1989 a 2009), realizado nos Estados Unidos, observou prevalência de 25,8% em 2009 (FU; LAND; LAMB, 2013). Já 75% de adolescentes participantes de estudo na Suécia relataram ser vítimas de *bullying* (FRISÉN et al., 2012). No Brasil, as prevalências de

envolvimento em *bullying* encontradas variaram entre 7,4 e 78,2% (LIANG et al., 2007; FRANCISCO; LIBÓRIO, 2008; MOURA et al., 2011; ANDRADE et al., 2012; BANDEIRA; HUTZ, 2012; BRITO; OLIVEIRA, 2013; MALTA et al., 2014; TERROSO et al., 2016; MELLO et al., 2017; MALTA et al., 2019). Observa-se, portanto, uma grande variação da prevalência entre as pesquisas, fato que pode estar relacionado aos diferentes critérios de classificação do *bullying* e ao uso de diferentes escalas na sua mensuração, além dos contextos sociais em que esse fenômeno está inserido.

A literatura indica que o *bullying* é um fenômeno crescente e acarreta um processo de exclusão moral e social com repercussões imediatas e futuras na vida adulta dos envolvidos, pois revela que a exposição ao *bullying* pode acarretar consequências negativas na escolaridade, desenvolvimento psicossocial e condições de saúde dos estudantes (LOPES NETO, 2005; MALTA et al., 2014; SILVA; BAZON, 2014; SILVA et al., 2014). Dessa forma, encontram-se associados ao *bullying*: depressão, ansiedade, solidão, comportamentos infracionais, indisciplina, diminuição ou perda da autoestima, reprovação e evasão escolar, uso de álcool e outras drogas, automutilação e suicídio (FANTE, 2005; RECH et al., 2013; MALTA et al., 2014; SIGURDSON et al., 2018).

Portanto, o *bullying* é um fenômeno dinâmico e grupal, determinado por uma complexa rede de interações entre fatores aos quais estão expostos indivíduos, famílias e escolas, permeados pelo contexto sociocultural (LISBOA; BRAGA; EBERT, 2009). Desse modo, neste trabalho, o *bullying* será abordado segundo a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner (2005), pois esta pressupõe que toda experiência individual se dá em ambientes que se estruturam de forma encaixadas sendo tratados como exemplos de múltiplas dimensões (BRONFENBRENNER, 1996). Com base na perspectiva bioecológica, supõe-se que o *bullying* ocorre sempre em determinado contexto, mas relacionado a características das pessoas envolvidas, de igual importância.

Considerando as repercussões imediatas e futuras na vida adulta dos adolescentes envolvidos, as dificuldades enfrentadas pelos profissionais de educação e familiares ao lidar com essa condição, verifica-se a necessidade de envolvimento de todos os “atores” para o enfrentamento desse problema, desde governo, professores, gestores, família, alunos, bem como a sociedade em geral para discutir as melhores ações e soluções para tal situação.

Dessa forma, conhecer a magnitude do *bullying*, os fatores associados e os processos que interferem na sua dinâmica entre adolescentes escolares do Recife são a motivação central deste estudo, sendo esse conhecimento estratégico para subsidiar a elaboração de políticas públicas intersetoriais, tais como um sistema de vigilância escolar articulado com o

setor saúde entre outras instituições, assim como programas articulados cabíveis à intervenção do problema.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 Adolescência e violência na escola

A adolescência é definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como o período compreendido de 10 a 19 anos de idade (CONTI et al., 2005; QUEIROZ et al., 2010), apesar de o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Constituição Brasileira definirem como adolescentes os indivíduos de 12 a 18 anos de idade e conferem a essa faixa etária direito de autonomia (ESCOBAR et al., 2009). Sendo essa fase, à primeira vista, vinculada apenas à idade, entretanto, as transformações biológicas por si sós não tornam o indivíduo em um adulto, já que para isso são necessárias modificações psíquicas, sociais e comportamentais (SCHOEN-FERREIRA et al., 2010).

O início da adolescência pode ser caracterizado biologicamente pelo processo de maturação sexual, ou seja, a puberdade, enquanto seu fim não possui limite preciso, podendo ser delimitado por aspectos socioeconômicos, uma vez que o indivíduo deixa de ser criança e passa a ser adulto quando consegue se manter economicamente, independente da família. Por isso, a adolescência pode ser mais curta em indivíduos mais pobres, na qual o jovem começa a trabalhar precocemente e mais longa nas áreas em que os jovens têm mais tempo para se prepararem para a inserção no mercado de trabalho (KLEINERT, 2007).

A adolescência é um momento crucial do processo de desenvolvimento, pois é o período de transição entre a fase infantil e a adulta, na qual estão presentes conflitos, questionamentos, curiosidades e percepções, representando um dos períodos mais conturbados do desenvolvimento humano (ARAÚJO et al., 2011). As intensas transformações hormonais, funcionais, afetivas, sociais e físicas (corporais) são influenciadas pelos hábitos familiares, amizades, valores, regras sociais e culturais, condições socioeconômicas, entre outros (CONTI et al., 2005; ESCOBAR et al., 2009; LEVY et al., 2010). Nesse sentido, essas diversas transformações biopsicossociais fazem com o que indivíduo esteja mais vulnerável a determinadas condições e eventos que ocasionarão fortes implicações a sua saúde (BRAZ et al., 2013).

Trata-se, portanto, de uma etapa extremamente relevante para a construção do sujeito individual e social, devendo, dessa forma, também serem considerados seus riscos e fragilidades (SAITO, 2008). Nessa época da vida, crescem a autonomia e independência em

relação à família e a experimentação de novos comportamentos e vivências (MALTA et al., 2010). Contudo, algumas dessas condutas e vivências representam importantes fatores de risco para a saúde dos adolescentes (MALTA et al., 2011; RIVERA et al., 2010). Dessa maneira, torna-se de fundamental importância a atenção global ao adolescente com enfoque preventivo, uma vez que atitudes e comportamentos assumidos nesse período persistem na vida adulta (ESCOBAR et al., 2009; RIVERA et al., 2010).

O adolescente habitualmente apresenta dificuldades de entender e lidar com seu novo universo físico e mental, devido a grandes transformações e experiências, muitas vezes, negativas, vivenciadas anteriormente, que dificultam o seu desenvolvimento (CONTI et al., 2005). Diante disso, Osório, em 1989, afirmava que, devido à dificuldade nas relações de sociabilidade e adaptabilidade para a passagem à vida adulta, esse grupo se constitui no mais vulnerável à violência nos diversos ambientes vividos por essa população (FARIA; MARTINS, 2016). Dentre eles, destaca-se o ambiente escolar, cenário de vários processos e fenômenos grupais, no qual estão presentes as mais variadas expressões de violência (BANDEIRA; HUTZ, 2012; BRASIL et al., 2015), como as agressões morais, psicológicas e físicas; discriminação racial, política, de gênero e de orientação sexual; incentivo e reforço a estereótipos; institucionalização de avaliações, em sua maioria, quantitativas, além do estímulo à competição; depredações do prédio e dos equipamentos escolares (MACEDO; BONFIM, 2009; MALTA et al., 2010).

Por sua vez, a sociedade espera e exige que a escola coloque em prática dispositivos que garantam aprendizagem, integração dos conteúdos, escuta dos adolescentes e intervenção, visando à contenção e à ressignificação de atos violentos por meio de objetos culturais (BRASIL et al., 2015).

A violência entre escolares é um problema mundial de grande relevância para a saúde pública, representando uma questão crítica e desafiadora, que causa impacto sobre o desenvolvimento da criança e do adolescente, podendo provocar danos, inclusive de habilidades cognitivas, respostas emocionais, distúrbios de comportamento, entre outros (CICCHETTI; ROGOSCH, 2001; OMS, 2002). Não obstante, a violência também se faz presente nas escolas brasileiras em proporção e frequência assustadoras (FRANCISCO; LIBÓRIO, 2009; ASSIS; CONSTANTINO; AVANCI, 2010; BESERRA et al., 2019).

É nesse ambiente que esses adolescentes passam parte do seu dia, adquirindo e trocando conhecimentos para compreenderem o mundo em que vivem. Nesse sentido, torna-se relevante que, nesse ambiente, o adolescente seja abordado de forma integral, a partir da

realização de ações que facilitem o processo de sensibilização, aprendizagem, assimilação e capacidade de tomar decisões (SILVA et al., 2019).

Segundo Sposito, o debate sobre a violência escolar à condição de problema social na realidade brasileira ocorreu em meados de 1980, quando a mídia começou a dar visibilidade aos estabelecimentos escolares localizados na periferia dos grandes centros urbanos, destacando as péssimas condições dos prédios e dos equipamentos de proteção, bem como as depredações que esses espaços sofriam (SPOSITO, 2001). O governo, por sua vez, atuou aumentando policiamento, muros, grades, janela e portões altos nas escolas. Dessa forma, o tema passou a se fazer presente no debate público (FRANCISCO; COIMBRA, 2015).

Dentre as diversas formas de violência, uma mais específica, que pode ocorrer em outros ambientes, porém destaca-se no contexto escolar, é o *bullying* (WEIMER; MOREIRA, 2014).

2.2 *Bullying*

2.2.1 Conceito e prevalência de *bullying* no mundo e no Brasil

O *bullying*, entendido como uma parte do conceito de violência no ambiente escolar, é caracterizado por três elementos essenciais: a repetição, pois tal comportamento persiste por certo tempo; a intencionalidade, tendo em vista a intenção de prejudicar, humilhar, e a presença de desequilíbrio de poder, seja pela diferença de idade, popularidade, força ou gênero (OLWEUS, 1993; LOPES NETO, 2005; BERGER, 2007; BANDEIRA; HUTZ, 2012; OLWEUS, 2013).

Considerando tais características, pode-se dizer que o *bullying* constitui-se numa categoria específica de violência ou comportamento agressivo, no entanto nem todo comportamento agressivo pode ser classificado como *bullying*. Confusões esporádicas, brigas ou agressões que só acontecem de tempos em tempos são denominadas “violência entre pares”, a qual é caracterizada como pelo menos uma experiência de vitimização ou ato de violência de qualquer frequência entre pares, mas sem a presença de desequilíbrio de poder (OLWEUS, 1993; FELIX et al., 2011).

Portanto, é importante compreender que o *bullying* é uma subcategoria do comportamento agressivo, que acontece entre pares, já que apresenta suas próprias características, como intencionalidade do comportamento com objetivo de provocar mal-estar e ganhar controle sobre a outra pessoa. Essa prática se estende por um longo e ininterrupto

período de tempo, pois o agressor, identificando um desequilíbrio de forças, reconhece suas vítimas como alvo fácil (FANTE, 2005; WEIMER; MOREIRA, 2014).

As prevalências do *bullying* foram determinadas em diversos estudos, e alguns destes as têm apresentado de acordo com os papéis desempenhados (vítima, agressor ou vítima-agressor), tipos de escolas e gênero. Desse modo, conforme os seus papéis desempenhados, têm mostrado uma prevalência de ser vítima de *bullying* que varia de 7,4 a 67,5% (MOURA et al., 2011; BANDEIRA; HUTZ, 2012; RECH et al., 2013; MALTA et al., 2019). No caso dos agressores, observa-se uma variação de 7,1 a 54,7% dos participantes se identificaram como tal (BANDEIRA; HUTZ, 2012; RECH et al., 2013; MELLO et al., 2017). Já a prevalência de vítimas-agressores de *bullying* em outro trabalho foi de 11,3% para os meninos e 6,8% para as meninas (LIANG et al., 2007).

Quanto ao tipo de escolas, pesquisas realizadas com escolares no Brasil têm verificado uma prevalência de vítimas de *bullying* variando de 7,1 a 37,6% nas escolas públicas e de 7,6 a 35% nas escolas privadas (MALTA et al., 2010; MORENO et al., 2012; MALTA et al., 2014), enquanto que a prevalência de agressor de *bullying* encontra-se entre 15 a 20,8% (TERROSO et al., 2016; MALTA et al., 2014). Por último, na condição de vítima/agressor, um estudo verificou prevalência de 27% dos participantes que relataram tal comportamento (BRITO; OLIVEIRA, 2013). Dessa forma, nota-se uma grande variação da prevalência entre as pesquisas internacionais e nacionais e nas diferentes regiões do Brasil, o que pode estar relacionado aos diferentes critérios de classificação do *bullying* e ao uso de diferentes escalas na sua mensuração, além dos contextos sociais em que esse fenômeno está inserido.

2.2.2 Tipos de *bullying*

O *bullying* tem sido classificado por diversos autores em diferentes tipos, sendo os mais frequentes o físico, verbal, relacional e eletrônico, também conhecido por *ciberbullying* (BERGER, 2007; BANDEIRA; HUTZ, 2012).

O tipo físico é a violência, que ocorre pela prática de socos, chutes, pontapés, empurrões, roubo de lanche ou material e, normalmente, é o tipo de agressão que diminui com a idade. (BANDEIRA; HUTZ, 2012), enquanto o tipo verbal inclui práticas que consistem em insultar e atribuir apelidos vergonhosos ou humilhantes, sendo esse tipo mais comum que o tipo físico, principalmente com o avanço da idade (BERGER, 2007; ROLIM, 2008; BANDEIRA; HUTZ, 2012). O tipo relacional é aquele que afeta o relacionamento social da vítima com seus colegas. Ocorre quando um adolescente ignora a tentativa de aproximação de

um colega deliberadamente ou exclui a vítima de um grupo (MOURA et al., 2011). Esse tipo também é bastante prejudicial e torna-se mais prevalente a partir da puberdade, uma vez que as crianças aprimoram mais suas habilidades sociais, e a aprovação dos pares se torna essencial (BERGER, 2007; BANDEIRA; HUTZ, 2012).

Além disso, observa-se também o *cyberbullying*, tipo de *bullying* que ocorre por meio de instrumentos tecnológicos e, sobretudo, telefones celulares e internet, mediante mensagens SMS (*Short Message Service*), *e-mails*, sites de redes sociais, entre outros (WENDT; LISBOA, 2014; MIRANDA et al., 2019).

2.2.3 Papéis de envolvimento de *bullying*

Dentre os principais envolvidos no *bullying*, encontram-se vítimas, agressores, vítimas-agressores e testemunhas.

2.2.3.1 Vítimas de *bullying*

Consideram-se vítimas indivíduos que vivenciaram alguma situação de vitimização de forma intencional, de 2 a 3 vezes ou mais por mês e que possui, ou julga possuir, pelo menos, uma característica de desequilíbrio de poder em relação ao seu agressor, segundo Solberg e Olweus (2003).

A vítima de *bullying* é aquele adolescente, que é constantemente agredido pelos colegas e, geralmente, não consegue cessar ou reagir aos atos de agressividade (LOPES NETO, 2005). Apresenta-se mais vulnerável à ação dos agressores por apresentar algumas características físicas, comportamentais ou emocionais, tais como: ter poucos amigos, possuir baixa autoestima, ser passivo, inseguro, retraído, submisso, tímido, de comportamento tranquilo, porém, ansioso e não dispõe de recursos, *status* ou habilidade para reagir às agressões (CANTINI, 2004; LOPES NETO, 2005; FRANCISCO; LIBÓRIO, 2009; MOURA et al., 2011; BANDEIRA; HUTZ, 2012; WEIMAR; MOREIRA, 2014). E devido às agressões sofridas, muitos passam a ter prejuízos no seu desempenho escolar, recusam-se a ir à escola e, às vezes, simulam doenças. Assim, em muitos casos, chegam a trocar de colégio ou abandonar os estudos (MOURA et al., 2011).

2.2.3.2 Agressor de *bullying*

Conforme Fante (2003, 2005) e Lopes Neto (2005), os praticantes do *bullying* são conhecidos como agressores. Neste papel, apresentam-se sujeitos que agridem outro, supostamente mais fraco, com o objetivo de machucar, prejudicar ou humilhar, sem ter havido provocação por parte da vítima (BERGER, 2007; BANDEIRA; HUTZ, 2012).

Os agressores geralmente são conhecidos por serem impulsivos; com uma atitude positiva em relação à violência; mais fortes fisicamente; populares no ambiente escolar, com popularidade associada ao medo das outras pessoas; apresentam vários desvios comportamentais; comportamentos antissociais sendo, muitas vezes, agressivos até mesmo com os adultos; apresentam opiniões positivas sobre si mesmos e também tendem a apresentar conflitos familiares. Por vezes, julgam que sua conduta pode trazer benefícios materiais e sociais; sentem satisfação em dominar, causar danos e controlar; não apresentam rendimento na aprendizagem; não gostam da escola; possuem maior tendência para apresentarem comportamentos de risco como o uso de drogas lícitas e ilícitas, porte de armas e até marginalidade (OLWEUS, 1993; DAWKINS, 1995; LOPES NETO 2005; LIANG et al., 2007; WEIMAR; MOREIRA, 2014; OLIVEIRA et al., 2016).

Comumente fazem parte de pequenos ou grandes grupos liderados por um que delega “responsabilidades” aos outros, que se subordinam à liderança por medo ou por satisfação de pertencerem ao grupo dominante (OLWEUS, 1993; CATINI, 2004; LOPES NETO, 2005; WEIMAR; MOREIRA, 2014).

2.2.3.3 Vítima-agressor de *bullying*

Outro personagem desse ato é classificado como vítima-agressor, aquele que é tanto vítima quanto agressor (LOPES NETO, 2005). Normalmente, são indivíduos que possuem alterações psicológicas, merecendo atenção especial. Esse grupo pode apresentar traços depressivos, são inseguros e inoportunos, procuram humilhar seus colegas para encobrir suas limitações e diferenciam-se dos agressores e vítimas, típicos por serem impopulares e amplamente rejeitados pelos seus colegas (LOPES NETO, 2005). Também podem apresentar baixa autoestima, dificuldades com o comportamento impulsivo, reatividade emocional e hiperatividade (LOPES, 2005; BANDEIRA; HUTZ, 2012). Além disso, os pensamentos suicidas são mais comuns nesse grupo (LOPES NETO, 2005; WEIMAR; MOREIRA, 2014).

2.2.3.4 Testemunhas

As testemunhas de *bullying* são alunos, que não se envolvem diretamente em atos de *bullying*, mas participam como espectadores. Geralmente não conseguem auxiliar a vítima e não falam por medo de se tornarem a próxima vítima do agressor ou por não saberem como agir, e, até mesmo, por desacreditarem nas intervenções da escola (BERGER, 2007; BANDEIRA; HUTZ, 2012). A maioria sente simpatia pelas vítimas e se sente mal ou triste ao presenciar colegas sendo vitimizados (LOPES NETO, 2005; BERGER, 2007; BANDEIRA; HUTZ, 2012).

2.2.4 Consequências do *bullying*

O *bullying* é uma prática encontrada em todas as culturas, que tem acarretado problemas comportamentais, físicos e emocionais de curto a longo prazo aos envolvidos (LOPES NETO, 2005; MALTA et al., 2014), destacando-se: sofrimento psíquico, diminuição ou perda da autoestima, isolamento, ansiedade, baixo rendimento escolar, prejuízos no aprendizado e no desempenho acadêmico (MOURA et al., 2011). A exposição ao *bullying* também pode ocasionar desenvolvimento de transtornos de personalidade antissocial e outros comportamentos violentos na adolescência, como também na vida adulta (LOPES NETO, 2005). Além disso, nos casos mais severos, pode levar à ideação suicida (SIGURDSON et al., 2018) e suicídio (BOYNTON-JARRETT et al., 2008; JANKAUSKIENE et al., 2008).

Os prejuízos e repercussões decorrentes da exposição a esse fenômeno, entretanto, podem variar de acordo com o papel desempenhado. Desse modo, as consequências para as vítimas de *bullying* são graves e vão desde depressão, angústia, ansiedade, sentimentos de medo, baixa autoestima, estresse, mal-estar psicológico e físico, problemas de relacionamento com colegas, diminuição do rendimento e evasão escolar e, até mesmo, nos casos mais severos, como atitudes de autoflagelação e suicídio (FORERO et al., 1999; LOPES NETO, 2005; BRITO; OLIVEIRA, 2013; RECH et al., 2013; MALTA et al., 2014).

Já os agressores costumam apresentar baixo rendimento escolar e podem adotar comportamentos de risco, atitudes delinquentes ou tornarem-se ainda mais violentos (FANTE, 2005; RECH et al., 2013). Além do mais, têm uma propensão ao aumento da agressividade e violência doméstica na idade adulta (FARRINGTON, 1995). Estudo recente realizado no Brasil verificou que a maioria dos agressores sentem-se solitários, não têm amigos e apresentam quadros de insônia. Além disso, os estudantes agressores apresentaram

comportamentos de riscos relacionados à experimentação de drogas lícitas e ilícitas, bem como práticas de relações sexuais (OLIVEIRA et al., 2016).

Ainda, a literatura revela que as diferentes manifestações das violências no âmbito escolar vêm comprometendo não só a saúde dos adolescentes mas também a qualidade da educação no contexto da escola pública brasileira (FISCHER et al., 2010), já que esse comportamento entre os alunos têm acarretado prejuízos sobre o processo de aprendizagem deles e a insegurança na escola. Vale ressaltar, portanto, que tanto vítimas quanto agressores perdem o interesse pelo ensino, não se sentem motivados a frequentar as aulas e não se sentem seguros na escola diante da ocorrência do *bullying* (MALTA et al., 2010).

2.2.5 Fatores de risco e proteção do *bullying*

Os fatores de risco citados na literatura em relação ao *bullying* envolvem desde questões socioculturais e econômicas a antecedentes relacionais como ter sofrido violência na família, na comunidade e entre amigos, além de fatores psicológicos, características físicas do indivíduo até de orientação sexual, que influenciam tanto o comportamento do agressor quanto da vítima (LOPES NETO, 2005; NOGUEIRA, 2005; PINHEIROS; WILIAMS, 2009; LISBOA; BRAGA; EBERT, 2009).

Alguns estudos indicam que outros fatores de risco podem estar associados à ocorrência de *bullying* como o sexo masculino, alunos mais jovens, fatores da personalidade, autoestima, dificuldades nas relações sociais, relatos de solidão, sofrer agressão física dos familiares, desajustes familiares, práticas educativas parentais, contexto escolar, faltar às aulas sem avisar aos pais, uso do tabaco, álcool e drogas e áreas urbanas de maior vulnerabilidade social (BANDEIRA; HUTZ, 2010; MALTA et al., 2014; MALTA et al., 2019).

Eslea e Rees (2001) e Ravens-sieberer, Kökönyei e Thomas (2004) Holan e Fisher (2007) indicam que fatores demográficos, aspectos inatos de temperamento, influências de amigos da escola e da comunidade constituem riscos para a manifestação do *bullying*, causando impacto na saúde e no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Nogueira (2005) afirma que esse problema é mais prevalente entre alunos com idades compreendidas entre 11 e 13 anos, tendo um predomínio de agressores do sexo masculino. Segundo informações da *American Academy Of Child & Adolescent Psychiatry* (2004), o comportamento dos pais dos alunos também está associado ao *bullying*, principalmente quando os pais desses não acreditam em seus relatos ou quando suas ações frente ao problema não se mostram efetivas,

ou quando os pais dos alunos agressores tomam atitudes ofensivas gritando, batendo ou incentivando a agressividade do filho.

Outros estudos indicam que diversos fatores econômicos, socioculturais e antecedentes relacionais, tais como sofrer influências e violência de familiares, de amigos, da escola e da comunidade; ser negligenciado pelos pais; faltar às aulas sem avisar aos pais; sentir-se sozinho; não ter amigos; ter baixa autoestima; sofrer agressão física dos familiares; ser fumante; além de características individuais, como aspectos do temperamento, orientação sexual, ser escolar mais jovem, de cor de pele preta, constituem fatores de riscos para a manifestação do *bullying* (LOPES NETO, 2005; NOGUEIRA, 2005; LIANG et al., 2007; PINHEIROS; WILIAMS, 2009; LISBOA; BRAGA; EBERT, 2009; BANDEIRA; HUTZ, 2010; AYAS, 2012; MALTA et al., 2014). Indo além da simples associação, certos estudos verificaram a associação conforme o envolvimento em *bullying*. Pesquisas observaram o aumento das chances de ser agressor associado aos fatores de ser do sexo masculino, consumir tabaco, álcool e drogas, maior escolaridade da mãe e relato de ter tido relação sexual (LOPES NETO, 2005; RECH et al., 2013; MALTA et al., 2014; MELLO et al., 2017). Por outro lado, ter baixa autoestima, ser homossexual, ter cor de pele preta, portar arma, ser de escola pública, ser filho de mães sem escolaridade, que trabalham, com relato de solidão, sem amigos, com insônia; sofrer agressão física dos familiares, faltar às aulas sem avisar aos pais, usar tabaco e envolver-se em agressões físicas associaram-se ao papel de vítima (BANDEIRA; HUTZ, 2010; BERLAN et al., 2010; MALTA et al., 2014; MALTA et al., 2019). Contudo, os adolescentes insatisfeitos com a imagem corporal apresentaram associação com as vítimas/agressores (RECH et al., 2013).

Pesquisas também apontam que determinadas práticas, como supervisão familiar e acompanhamento dos filhos em seu tempo livre, pais com atitudes democráticas e permissivas, maior escolaridade materna e sentir-se amado pelos familiares, estejam relacionadas a fatores de proteção ao *bullying* (AYAS, 2012; MALTA et al., 2014).

2.3 Fundamentos da teoria bioecológica

2.3.1 O pesquisador Urie Bronfenbrenner e a origem do pensamento ecológico

O pesquisador Urie Bronfenbrenner nasceu em Moscou, na antiga União Soviética, no dia 29 de abril de 1917, em um período de intensas transformações sociais, políticas e econômicas, como o fim do Império Russo (YUNES; JULIANO, 2010; COLLODEL BENETTI et al., 2013).

Bronfenbrenner pertencia a uma classe de bom nível sociocultural, seu pai era médico e cientista, enquanto sua mãe era apreciadora das artes e letras. No entanto, devido à grave crise socioeconômica e política, Urie, ainda criança, precisou imigrar juntamente com sua família para o norte de Nova Iorque, nos Estados Unidos, em 1923. Neste lugar, foi criado dentro da tradição judaica, em um cenário multicultural, em que teve a oportunidade de conviver, principalmente no ambiente escolar, com crianças de diferentes grupos étnicos e culturais, de forma a favorecer o contato com diversos modos de vida e saberes (KREBS, 1995).

A transição também trouxe mudanças para a vida do pai de Bronfenbrenner, que com sua qualificação profissional em Neuropatologia, conseguiu trabalho em uma instituição para tratamento de pessoas com sofrimento psíquico e/ou necessidades especiais. A instituição localizava-se em uma área rural e atendia pessoas com idades que variavam entre três e oitenta anos. Os pacientes passavam a maior parte do tempo fora das enfermarias, frequentando salas de aula ou trabalhando no cultivo da terra, nas fazendas e nas oficinas, enquanto que os funcionários moravam nas proximidades, em residências vizinhas ao sanatório (COLLDEL BENETTI et al., 2013).

Nesse cenário, Bronfenbrenner viveu e, ao acompanhar as visitas do pai, observou que muitas pessoas encaminhadas à instituição encontravam-se com coeficientes intelectuais “normais”; após algumas semanas de internação, apresentavam piores escores, sendo classificadas como “deficientes intelectuais”. Em muitos casos, os indivíduos não recebiam alta do tratamento e permaneciam na instituição para o resto da vida (BRONFENBRENNER, 1996).

Verificou também que os pacientes considerados “menos doentes”, que tinham a possibilidade de trabalhar nas casas dos funcionários, aumentavam seus coeficientes intelectuais após saírem da instituição (BRONFENBRENNER, 1996). Logo, é possível identificar a visão de Bronfenbrenner quanto à interferência das relações e do contexto na vida desses indivíduos. Dessa forma, fica evidente de como essa transição e experiência foi

importante na vida de Bronfenbrenner e o influenciou para seguir na pesquisa científica sobre o desenvolvimento humano e elaborar uma teoria capaz de influenciar o pensamento e a prática de diversos profissionais.

Em 1938, Bronfenbrenner se formou em Psicologia e Música pela Universidade de Cornell. Enquanto frequentava os cursos de graduação e no decorrer da vida acadêmica, Urie foi influenciado pelos pensadores Lewin e Vygostki. Bronfenbrenner conheceu Lewin ainda na época da graduação, pois ele era professor da instituição e estudioso da Teoria de Campo, a qual destacava que as atividades psicológicas ocorrem em um determinado campo ou espaço que contém todos os eventos passados, presentes e futuros, que interferem no comportamento do indivíduo (BRONFENBRENNER, 1979; COLLODEL BENETTI et al., 2013). Por outro lado, Vygotski era responsável pela Teoria social-histórica e defendia que o desenvolvimento humano é o resultado das interações entre o indivíduo e seu contexto social, ressaltando a importância do contexto sociocultural no qual as pessoas estão inseridas (COLLODEL BENETTI et al., 2013).

Bronfenbrenner, após a conclusão do curso de Psicologia, começou a trabalhar em uma Clínica Psico-Educacional da Universidade de Harvard, enquanto cursava o seu Mestrado, concluído em 1940. Em 1942, recebeu o grau de Doutor (PhD) pela Universidade de Michigan, sendo sua tese baseada na Sociometria de Moreno. Tal pesquisa ressaltou a inter-relação e influência entre o indivíduo e o grupo, de modo a reforçar a ideia de que não podem ser estudados isoladamente (BRONFENBRENNER, 1996; YUNES; JULIANO, 2010).

Pouco tempo após o término de seu doutorado, Bronfenbrenner foi recrutado para servir ao Exército e atuar em funções diferentes de sua formação. No entanto, mostrou-se insatisfeito com essa situação e foi transferido para o serviço secreto, passando a trabalhar com psicólogos importantes da época, como Kurt Lewin, Harry Murray, Ted Newcomb, Edward Tolman e David Levy, os quais influenciaram na formulação da Abordagem Ecológica (ALVES, 1997; YUNES; JULIANO, 2010).

Graças ao fim da guerra, em 1946, Bronfenbrenner retornou às atividades acadêmicas no cargo de professor assistente de Psicologia na Universidade de Michigan, exercendo as funções de docência, bem como desenvolvendo pesquisas. Dois anos depois, assumiu a função de professor pela Universidade de Cornell.

Já na década de 60, engajou-se em movimentos ligados à questão do desenvolvimento humano, por acreditar que as políticas públicas afetavam o bem-estar e o desenvolvimento dos seres humanos. Nesse período, participou da elaboração e implantação de projetos relacionados a essa questão (SHEEHY, 2006).

Diante da insatisfação com as abordagens existentes da psicologia na época, com pesquisas e experimentos limitados, uma vez que se dava ênfase ao indivíduo, desconsiderando o seu contexto, surgem os estudos que darão origem à teoria (COLLODEL BENETTI et al., 2013). O autor rejeitava o associacionismo dicotômico e o desejo positivista que apontavam a ciência social, de tal modo afirmava que para ser útil e científica, deveria ser pura, neutra e descontextualizada (BRONFENBRENNER, 1979). De acordo com Bronfenbrenner, as abordagens realizadas nos estudos do desenvolvimento humano ocorriam, de forma fragmentada, com cada unidade de análise isoladamente, como apenas o indivíduo, ou a família, ou a sociedade (COLLODEL BENETTI et al., 2013).

No final da década de 70, Urie Bronfenbrenner publicou o primeiro modelo ecológico, em que destaca o ambiente como fundamental para a compreensão do desenvolvimento do indivíduo, sugerindo, desse modo, uma visão mais abrangente e contextualizada da realidade (LEÃO et al., 2015). Isso permitiu expor importantes ideias e reflexões para o planejamento e a condução de pesquisas em ambientes naturais (MARTINS; SZYMANSKI, 2004).

Seus pensamentos sobre a teoria estudada aparecem na literatura em 1977, por meio do artigo intitulado de “*Towards a developmental Psychology*”, e no seu livro “*The ecology of human development*”, em 1979, sendo reconhecida por vários estudiosos como uma mudança importante na compreensão da ontologia humana (BRONFENBRENNER, 2005). Em seus escritos, o autor faz diversas críticas às pesquisas sobre o desenvolvimento sem abordar o contexto, sem considerar as múltiplas influências dos contextos em que os sujeitos estão inseridos (MARTINS; SZYMANSKI, 2004). Nas duas obras, defende que o desenvolvimento é um processo, que envolve estabilidades e mudanças nas características biopsicológicas dos indivíduos ao longo da vida e permeia por gerações (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006).

Bronfenbrenner contemplou, em seu livro, uma proposta ecológica do desenvolvimento, na qual existem aspectos fundamentais diferentes dos percorridos até o momento pela psicologia. Essa Abordagem Ecológica do Desenvolvimento argumenta quanto à realização de pesquisas em ambientes naturais, com base na análise da participação da pessoa em um maior número de ambientes, relacionando-se com diferentes pessoas em díades ou tríades, por exemplo (BRONFENBRENNER, 1996). Portanto, em sua obra, destacam-se os processos psicológicos e sua relação com o ambiente, sem negligenciar a importância dos fatores biológicos no decorrer do desenvolvimento. O livro é dividido em partes, sendo a primeira denominada de *Uma Orientação Ecológica*, constituída por conceitos básicos. A segunda parte é formada pelos *Elementos do Ambiente*, em que aborda a importância das relações

interpessoais, a vivência em diferentes sistemas e o desempenho de papéis. *A Análise dos Ambientes* refere-se aos ambientes naturais, como ambientes de pesquisa e a visão ecológica de desenvolvimento possível dentro de instituições. Por último, *Além do Microssistema*, que traz discussões aprofundadas sobre três sistemas ecológicos: mesossistema, exossistema e macrossistema, reforçando a dinâmica de interação entre esses contextos (ALVES, 1997).

A Teoria de Bronfenbrenner foi revisada e reformulada constantemente, durante sua carreira. Assim, em 1992, o modelo passou a contemplar os aspectos do desenvolvimento vinculados à pessoa, recebendo a denominação de “Teoria dos Sistemas Ecológicos” (COLLODEL BENETTI et al., 2013). E apesar da reformulação, Bronfenbrenner realiza críticas a sua teoria quanto ao excesso de ênfase dado aos contextos de desenvolvimento em detrimento dos atributos das pessoas em desenvolvimento.

Mais tarde, ao reformular sua teoria para um melhor entendimento do desenvolvimento humano, ela passa a contemplar um esquema mais amplo, que ressalta, além da interdependência entre indivíduo e contexto, as características da pessoa em desenvolvimento em relação às influências de quatro aspectos multidirecionais inter-relacionados, designado de modelo PPCT – processo, pessoa, contexto e tempo, os quais passam a ser os elementos principais da nova teoria (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

Nessa perspectiva, as novas reformulações do modelo ecológico de desenvolvimento humano, realizadas por Bronfenbrenner e Morris (1998), incluem uma nova forma de olhar as propriedades da pessoa em desenvolvimento, à medida que focaliza mais o indivíduo e suas disposições, sem se esquecer de levar em conta o tempo e a interação entre a pessoa e o contexto. O novo modelo proposto passa a ser chamado de bioecológico, a fim de reforçar a ênfase nas características biopsicológicas da pessoa em relações interpessoais e acrescenta ao modelo o construto teórico “*processos proximais*”. Todos esses ajustes geraram também novas denominações: “Modelo Bioecológico de Desenvolvimento Humano” e, a mais atual, “Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano” (COLLODEL BENETTI et al., 2013).

Em 2005, Bronfenbrenner publica o seu último livro: *Making Human Beings Human: Bioecological perspectives on human development*, em que realiza uma retrospectiva da sua obra a partir dos anos 80. No mesmo ano, no dia 25 de setembro, Bronfenbrenner falece, vítima de complicações de diabetes (YUNES; JULIANO, 2010). Contudo, deixa importantes considerações e reflexões teóricas acerca do desenvolvimento humano.

2.3.2 A teoria bioecológica do desenvolvimento humano

A teoria bioecológica do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 2005) oferece uma nova perspectiva para a compreensão do desenvolvimento humano, propondo que o desenvolvimento da pessoa é resultado da interação e modificações geradas por ela e o ambiente de forma recíproca no contexto em que está inserido (BRONFENBRENNER, 2011). Em outras palavras, apresenta um conjunto de sistemas, em que a pessoa em desenvolvimento é um ser ativo, capaz de sofrer influências desses sistemas, ao mesmo tempo em que neles determina mudanças, abordando o comportamento do ser humano por meio das relações que ele apresenta com outras pessoas, objetos, símbolos e ambientes durante o ciclo de vida, através das gerações.

Por sua vez, essa concepção estabelece bases tanto para estudos teóricos como para investigações empíricas dos processos associados ao desenvolvimento humano, além de reconfigurar as propriedades da pessoa e os processos de desenvolvimento (KREBS, 1995). A partir dessa abordagem, o desenvolvimento é definido como fenômeno contínuo e de mudanças nas características biopsicológicas dos seres humanos, tanto no indivíduo quanto no coletivo, durante o curso de suas vidas e através de gerações, pela história passada e futura (ANTONI; KOLLER et al., 2010).

Na reformulação de sua abordagem, o autor apresentou como modificação para o novo modelo de pesquisa, a consideração da bidirecionalidade em relação à pessoa e ao ambiente em que ela atua. Ao ponto que os sujeitos influenciam os próprios ambientes em que se encontram quando iniciam uma atividade nova, ao mesmo tempo em que podem ser influenciados pelo o que está ao seu redor. Esse novo modelo introduz uma maior ênfase não só na interação da pessoa em desenvolvimento com outras pessoas mas também com objetos e símbolos (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

Segundo Bronfenbrenner (2005), os diversos níveis de sistemas interagem de forma complexa e dinâmica, podendo exercer influência sobre o desenvolvimento humano ao longo do curso de vida (BRONFENBRENNER, 1996).

Nessa teoria, Bronfenbrenner utiliza o termo “*bioecológica*”, com o objetivo de enfatizar a inter-relação entre os quatro elementos essenciais presentes no seu paradigma, e evidencia o termo *características biopsicológicas* do ser humano. Desse modo, o modelo propõe que o desenvolvimento seja estudado por meio da interação de quatro dimensões que interagem entre si, denominadas de “Modelo PPCT” – Processo, Pessoa, Contexto e Tempo (COLLODEL BENETTI et al., 2013; FERNANDES; MATSURIKA, 2016).

2.3.2.1 Modelo bioecológico PPCT

- Processo

É entendido como as formas de interações recíprocas com pessoas, objetos e símbolos presentes no ambiente imediato, que ocorrem gradativamente, ou seja, são as relações entre os diferentes níveis, constituídos pelos papéis e atividades diárias da pessoa em desenvolvimento (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006). Essas formas de interação particulares entre o sujeito e o contexto são compreendidas como *processos proximais*, no entanto para que sejam efetivas, é necessário que ocorram regularmente em longos períodos de tempo. O processo destaca-se como o principal mecanismo responsável pelo desenvolvimento, além de diferir das características individuais e de contexto (BRONFENBRENNER, 2005). Alguns exemplos desses processos proximais são: brincadeiras de crianças, brincar individual ou em grupo, relação pais-filho, relação entre irmãos, relação entre namorados, interação do aluno com o professor, atividades entre colegas, entre outros.

- Pessoa

Refere-se às características biopsicológicas determinadas e construídas a partir das interações com o ambiente ao longo da vida. A nova abordagem ressalta a importância de se considerarem as características do indivíduo em desenvolvimento, como suas convicções, nível de atividade, gênero, temperamento, além de suas metas e motivações. Com atenção especial nas situações sociais, principalmente nos trabalhos produzidos na década de 80 (LEÃO et al., 2015).

De acordo com Bronfenbrenner, tudo isso tem considerável impacto na maneira como os contextos são experienciados pela pessoa, tanto quanto os tipos de contextos nos quais o sujeito se insere. As características pessoais, como gênero ou cor da pele, podem influenciar na maneira como outros lidam com a pessoa em desenvolvimento, como valores e expectativas que se têm na relação social que devem ser consideradas. Por outro lado, as qualidades pessoais podem nutrir ou romper a operação de processos de crescimento psicológico. Além disso, o autor aponta que nenhuma característica da pessoa pode existir ou exercer influência sobre o desenvolvimento isoladamente. Considerando a influência dessas características no decorrer do desenvolvimento, os atributos pessoais foram divididos em três tipos: Disposições, Recursos e Demandas.

Disposições ou disposições comportamentais ativas: são características que movimentam e ao mesmo tempo sustentam os processos proximais, ou seja, habilidades das pessoas de se engajarem em atividades individuais ou com outras pessoas, comum em indivíduos comunicativos, ou as características pessoais inibidoras, que são o oposto das disposições ativas, presentes, por exemplo, naqueles com timidez excessiva (BARRETO, 2016). Estão relacionadas às diferenças de temperamento, motivação, persistência, entre outras, que envolvem a capacidade de engajar-se e persistir em atividades de progressiva complexidade. Pode ser exemplificada, quando se imagina duas crianças que possuem as mesmas condições de recurso, no entanto seguem trajetórias diferentes, pois a depender do tipo da motivação e estímulo que uma receber para ser bem sucedida, provavelmente terá mais sucesso que a outra bem sucedida, apesar dos recursos (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006).

Recursos: são as habilidades, experiências, inteligência (relacionadas parcialmente a recursos cognitivos e emocionais) e conhecimentos solicitados para o funcionamento efetivo dos processos proximais nos diferentes estágios de desenvolvimento (MARTINS, SZYMANSKI, 2004). Estes têm grande influência na capacidade de o indivíduo engajar-se em processos proximais ativos. Além desses recursos, existem os recursos sociais e materiais promotores de processos proximais, tais como acesso à boa comida, moradia, cuidado parental, oportunidades educacionais apropriadas a uma determinada sociedade, entre outros. E ainda, os recursos que funcionam como elementos perturbadores, que podem ser exemplificados pelas deficiências genéticas, graves e lesões cerebrais. Portanto, tanto os recursos biopsicológicos ativos quanto os passivos podem influenciar na capacidade de uma pessoa se engajar efetivamente em processos proximais (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006).

Demanda: são atributos pessoais que convidam ou desencorajam reações do contexto social, que favorecem ou inibem os processos proximais (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006; BARRETO, 2016), oferecendo, assim, mais probabilidade para influenciar o desenvolvimento futuro. Tais disposições agem como um estímulo imediato em direção à outra pessoa, favorecendo a interação ou não, tendo em vista alguns fatores, como idade, cor da pele e aparência física. De tal modo, as demandas podem influenciar as interações iniciais em função das expectativas do indivíduo, ou interferir retardando e até impedindo que elas aconteçam, podendo favorecer processos de crescimento psicológico ou rompê-los por meio da impulsividade, distração, apatia, insegurança, timidez, sendo, portanto, disruptivas para o

desenvolvimento. Por exemplo, bebês felizes atraem mais afeto que os agitados (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006; BARRETO, 2016).

- Contexto

É um elemento importante da teoria bioecológica, no qual acontecem os processos desenvolvimentais, desde os ambientes mais imediatos, nos quais vive a pessoa em desenvolvimento, aos mais distantes, dos quais a pessoa não participa, mas que se relacionam e têm o poder de influenciar o curso do desenvolvimento humano (LEÃO et al., 2015; CORRÊA et al., 2016). É caracterizado por qualquer evento ou condição fora do organismo, que pode influenciar ou ser influenciado pela pessoa em desenvolvimento, sendo classificado em quatro subsistemas socialmente organizados, que auxiliam a análise dos contextos de vida, proximais e distais: Microssistema, Mesossistema, Exossistema e Macrossistema (BRONFENBRENNER, 1993).

Nessa perspectiva, o ambiente ecológico é concebido como um conjunto de estruturas concêntricas, que se encaixam umas dentro das outras, na ordem da maior (exterior) à menor e que se movem do nível mais interno para as superfícies externas (mais amplas), sendo que todas estão dentro da dimensão de tempo (BRONFENBRENNER, 1996). É importante salientar que esses quatro sistemas envolvem a pessoa em crescimento.

Microssistemas: são considerados ambientes nos quais os papéis e as relações interpessoais são experienciados pelo sujeito em desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1996). Portanto, a casa, a creche, a escola, o local de trabalho, a universidade são exemplos de microssistemas, ou seja, ambientes onde a pessoa está envolvida em interações diretas, ocorrendo a influência bidirecional. É o caso da interação pais-bebê, em que a criança afeta a vida dos pais e vice-versa, e as atitudes e sentimentos dos pais afetam a criança.

Esse sistema permite que, conforme persistam os padrões de interação ao longo do tempo, ocorram mudanças comportamentais e desenvolvimento pessoal (MARTINS, SZYMANSKI, 2004). Entretanto, tal estrutura pode promover, considerando como contexto primário de desenvolvimento, que o indivíduo envolva-se em atividades conjuntas, cada vez mais complexas, com pessoas com quem ele tem uma relação afetiva positiva e que já possuem conhecimentos e competências que ainda não possui (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006). Do mesmo modo que no contexto secundário pode favorecer o indivíduo com encorajamento, condições e oportunidades, para que ele possa fazer tudo o que desenvolveu no contexto primário.

Mesosistema: consiste na interação entre dois ou mais microsistemas, em que a pessoa está inserida e participa ativamente, podendo ser formado ou ampliado sempre que ela passe a fazer parte de novos ambientes. Pressupõe-se que os ambientes que compõem o mesossistema devam interagir entre si, a ponto que a informação seja intencionalmente transmitida de um ambiente para outro (BRONFENBRENNER, 2005). Essas comunicações podem ocorrer de forma unilateral ou bilateral, dependendo das características e condições dos ambientes em que as pessoas se encontram. Casos que podem ser citados como exemplos dessas inter-relações no estudado sistema ocorrem da pessoa na casa, na escola, no clube, com amigos da vizinhança, ou apenas, nas relações exclusivamente familiares e com membros da igreja da qual sua família faz parte (MARTINS, SZYMANSKI, 2004).

Exossistema: consiste na união entre dois ou mais contextos, em que a pessoa em desenvolvimento não se encontra presente, entretanto as relações estabelecidas neles afetam seu desenvolvimento. O local de trabalho dos pais, a escola do irmão e a rede de amigos dos pais são exemplos do funcionamento desse amplo sistema (MARTINS, SZYMANSKI, 2004). Por exemplo, as relações de seus pais no ambiente de trabalho, embora distante dos filhos, podem afetá-los, tendo em vista que um dia estressante no trabalho pode interferir no comportamento parental e prejudicar a qualidade do cuidado com a criança (BRONFENBRENNER, 2005).

Macrossistema: envolve todos os outros sistemas, formando uma rede de interconexões, que se diferenciam de uma cultura para outra (MARTINS, SZYMANSKI, 2004). Abrangem os sistemas de valores, crenças, hábitos, estilos e formas de viver, que permeiam a existência das diversas culturas, junto aos sistemas sociais, políticos e econômicos, que são vivenciados e assimilados no decorrer do processo de desenvolvimento. É importantíssimo dizer que a relação entre esses quatro sistemas, quando analisada, aparece profundamente coerente, demarcando a interação dinâmica entre eles (BRONFENBRENNER, 2005).

- Tempo

É o quarto elemento do modelo e foi o último a ser incorporado (POLLETO; KOLLER, 2008). Refere-se às interações e alterações nas características da pessoa e do ambiente, que ocorrem ao longo do ciclo da vida do indivíduo, em virtude da exposição de eventos históricos, seja na família ou em um contexto mais amplo. As mudanças constituem-se como elementos propulsores de transformação (LEÃO et al., 2015; CORRÊA et al., 2016).

De acordo com Bronfenbrenner e Morris (1998), o tempo é analisado em três níveis do modelo bioecológico: microtempo, mesotempo e macrotempo.

Microtempo: refere-se à continuidade e à descontinuidade observadas dentro dos episódios de processo proximal. Como exemplo, pode ser mencionado o tempo de duração das relações estabelecidas entre as crianças e seus pares ou com a família, bem como durante a realização de determinada atividade. O modelo bioecológico condiciona a efetividade dos processos proximais à ocorrência de uma interação recíproca, progressivamente mais complexa, em uma base de tempo relativamente regular, não podendo funcionar efetivamente em ambientes instáveis e imprevisíveis.

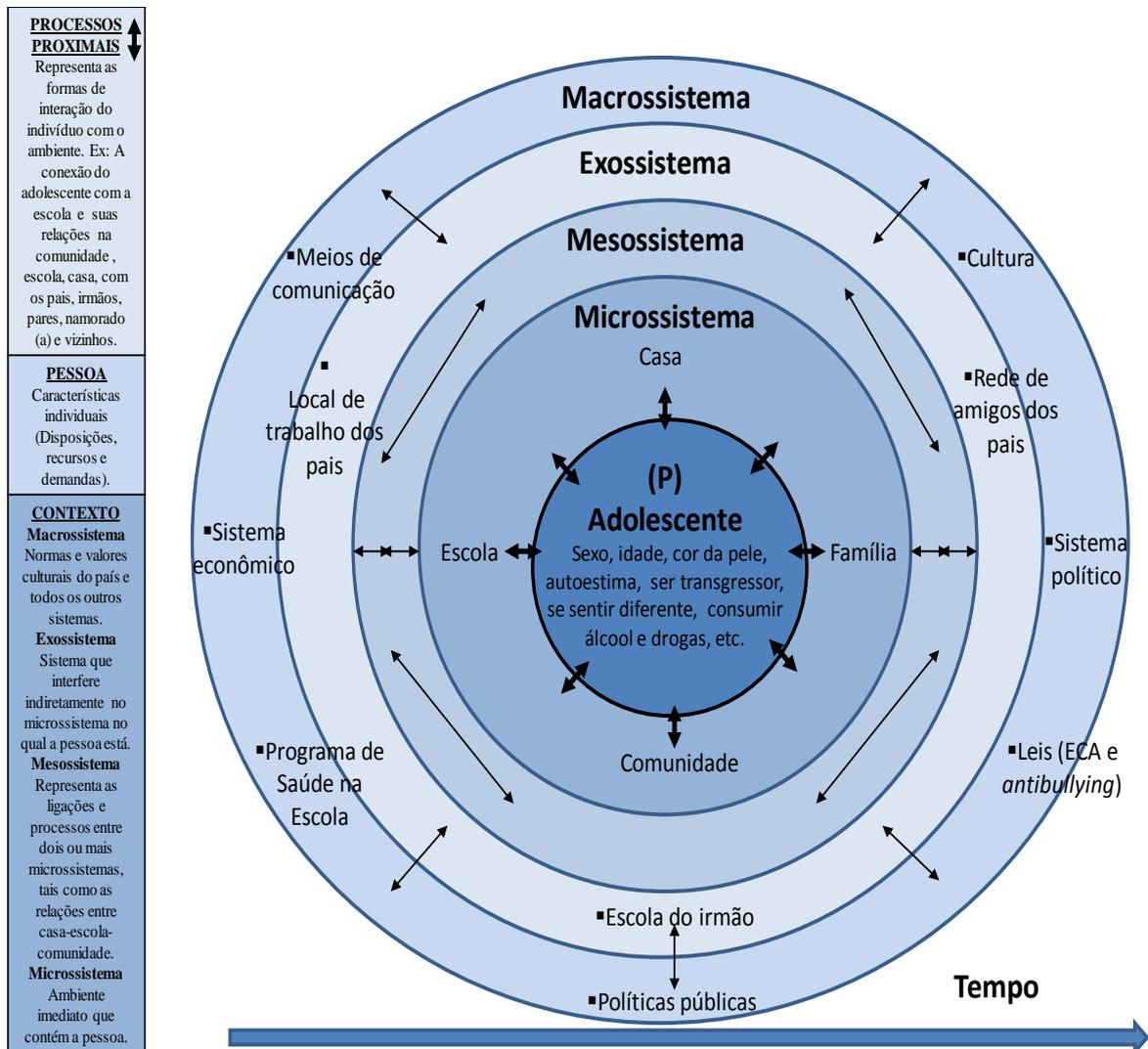
Mesotempo: refere-se à periodicidade dos episódios de processo proximal, considerado em intervalos de tempo como dias e semanas.

Macrotempo: está relacionado às expectativas e aos eventos constantes e mutáveis na sociedade e no tempo histórico como o das gerações, assim como a maneira que esses eventos afetam e são afetados pelos processos e resultados do desenvolvimento humano dentro do ciclo de vida (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

Portanto, a análise do tempo deve estar centrada na pessoa em relação aos acontecimentos presentes em sua vida, desde os mais próximos até os mais distantes, como grandes acontecimentos históricos (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Desse modo, ressalta-se que a passagem de tempo em termos históricos tem efeitos profundos em todas as sociedades. Com base nessa perspectiva, notam-se como os fatores contextuais do macrosistema, tais como mudanças no regime político e crises econômicas, podem impactar na vida das pessoas, nos seus diversos contextos.

Dessa forma, o modelo bioecológico traz uma teoria singular e complexa, na qual o foco principal são os processos e as interações, influenciados por características pessoais e contextuais, que será incorporada ao delineamento da presente pesquisa, conforme Figura 1. Neste trabalho, especificamente, serão estudados os processos proximais e relações ocorridos nos microsistemas da casa, escola e comunidade dos adolescentes. Quanto às dimensões do modelo PPCT, apenas o Tempo não será analisado.

Figura 1. Modelo Conceitual Teórico explicativo para o *bullying* em adolescentes escolares. A *Pessoa* (P) ativa engajada em *Processos proximais* com pessoas, símbolos e objetos dentro de um microsistema, em interação com outros *Contextos*.



Nota: Elaborado pela autora

2.3. 3 Experiências na prática de pesquisa

A teoria de Bronfenbrenner trouxe algumas definições que são essenciais para serem apresentadas e discutidas em conjunto com a visão ecológica do desenvolvimento em pesquisa. Primeiro, é necessário definir na pesquisa qual será a pessoa em desenvolvimento focalizada. Em seguida, busca-se compreender a forma como ela está inserida e se desenvolve nos diferentes sistemas ambientais (ALVES, 1997).

O autor ainda ressalta que a pesquisa que se propõe ser ecológica deve conter dados relativos ao maior número de sistemas dos quais a pessoa estudada participa. Por conseguinte, a abordagem privilegia estudos longitudinais, com destaque para instrumentos que viabilizem a descrição e compreensão dos sistemas da maneira mais contextualizada possível. Apesar disso, nada impede a realização de pesquisas que abordem aspectos de um único microsistema do indivíduo, contudo o estudo deverá conter características ecológicas, ao passo que, na discussão dos resultados, não sejam ignorados os aspectos relativos aos demais sistemas e suas possíveis influências dentro do processo estudado (ALVES, 1997).

Em 1998, Bronfenbrenner e Morris, já haviam observado o crescente aumento de pesquisas científicas nesta área e estudos realizados com crianças e adultos em situação de vida real, tanto em países da Europa quanto nos Estados Unidos. Todavia, apesar de esses estudos fazerem referência à sua teoria, preocupando-se com a análise e o impacto dos vários níveis de contextos na vida do indivíduo em desenvolvimento, verifica-se que há muitos estudos em contextos, porém sem desenvolvimento (MARTINS, SZYMANSKI, 2004).

Apesar de apresentar nas suas primeiras obras pressupostos para compreensão do desenvolvimento humano em crianças, a Teoria de Bioecológica do Desenvolvimento Humano tem sido utilizada e encontrada na literatura científica em várias áreas, tendo em vista a visão multidimensional e aplicabilidade da sua teoria (ROTHER, MEJIA, 2015).

Ao longo dos anos, pode-se observar que a Teoria Bioecológica pode fundamentar diversas pesquisas com os sujeitos e seus processos proximais nos mais variados contextos, como abordado na temática da família (BRONFENBRENNER, 1986), família e criança (MARTINS; SZYMANSKI, 2004), violência física (ANTONI; KOLLER, 2010), violência de gênero (CARVALHO-BARRETO, 2009), violência escolar/*bullying* (SCHULTZ et al., 2012), atletas (FOLLE et al., 2015), adolescentes em situações de vulnerabilidade (MARTELLET; SIQUEIRA., 2014; SILVA et al., 2015; LEÃO et al., 2015; FERNANDES; MATSUKURA, 2016), idosos (GREENFIELD, 2012), desenvolvimento infantil (POLLETO; KOLLER, 2008; SPESSATO et al. 2009; KREBS et al., 2011; LEMOS; VERÍSSIMO, 2015; SOUZA; VERÍSSIMO, 2015; KOBEL et al., 2017), entre outros. Observa-se que, cada vez mais, as pesquisas nas diversas áreas têm se apoiado nos fundamentos da teoria e, apesar de ainda ser mais comum os trabalhos baseados no desenvolvimento infantil, os estudos relacionados aos adolescentes em situações de vulnerabilidade e violência têm aparecido com frequência no Brasil.

Uma questão interessante sobre o principal pesquisador da teoria, Bronfenbrenner, é que apesar de possuir um grande número de publicações acadêmicas, ele não esteve diretamente

envolvido com a coleta de dados empíricos. Fato que pode justificar as diversas reformulações na sua teoria e a quantidade de pesquisas com publicações ditas ecológicas e bioecológicas, mas que na verdade não consideravam o contexto ou negligenciavam o desenvolvimento. Possivelmente, a sua participação de fato teria facilitado a compreensão de como ele pensava que o seu modelo PPCT deveria ser posto em prática.

3 JUSTIFICATIVA

Diante dessa problemática e da grande relevância social do tema, torna-se pertinente estimar a magnitude do problema e identificar os fatores associados, tanto de risco como de proteção, de modo a contribuir na elaboração de propostas de promoção, prevenção e intervenção, por parte dos vários setores da sociedade: educação, saúde, ministério público, segurança, governo, entre outros, visando à atenção integral aos adolescentes.

Por ser um fenômeno tão complexo, o modelo bioecológico PPCT de Bronfenbrenner apresenta-se como alternativa mais adequada, ante outras teorias, pois aborda o *bullying* de forma mais ampla ao analisar diversas dimensões (processo, pessoa e contexto), compreendendo as características pessoais, as relações e interações dos adolescentes com os outros nos seus diversos contextos de envolvimento com o *bullying*. Além disso, a análise de cada dimensão permite elaborar medidas de promoção, prevenção e intervenção em todas as dimensões, separadamente ou em conjunto.

Apesar de existirem vários estudos brasileiros sobre a temática, poucos usaram um olhar mais integrador e não possuem um modelo conceitual explicativo. Este trabalho, portanto, interpretará esse fenômeno social tomando como opção teórico-metodológica a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, com base nas dimensões do modelo “PPCT”.

4 PERGUNTA CONDUTORA

- Qual é a prevalência, os tipos e os fatores associados ao *bullying* entre adolescentes escolares da cidade do Recife no papel de vítima, agressor e vítima-agressor?

5 HIPÓTESES

- H1 – Há uma elevada prevalência de *bullying* nas escolas do Recife, e existe diferença entre as prevalências de *bullying* nas escolas públicas e privadas do Recife;
- H2 - Há diferença entre os tipos de *bullying* entre os adolescentes escolares do Recife, sendo o *bullying* verbal o mais frequente nessa população;
- H3 - Há diferença entre as características pessoais conforme o papel desempenhado no envolvimento em *bullying* entre os adolescentes escolares do Recife;
- H4 - As variáveis de processo apresentam maior associação com o envolvimento em *bullying*, seja na condição de vítima ou agressor;
- H5 - Há associação dos papéis de envolvimento em *bullying* com as variáveis de contexto nos diversos microsistemas em que o adolescente vive;
- H6 - Há associação das variáveis de todas as dimensões (pessoa, processo e contexto) com o envolvimento em *bullying* na condição de vítima e agressor.

6 OBJETIVOS

6.1 Objetivo geral

Identificar a prevalência, os tipos e fatores associados ao *bullying* entre adolescentes de escolas públicas e privadas do Recife segundo o papel de vítima, agressor e vítima-agressor em uma abordagem bioecológica.

6.2 Objetivos específicos

- 1) Estimar a prevalência de agressores de *bullying* e identificar os fatores relacionados a esse comportamento em adolescentes escolares do Recife;
- 2) Identificar as diferenças entre prevalências e os fatores associados ao envolvimento em *bullying* entre adolescentes escolares do Recife no papel de vítima e agressor;
- 3) Identificar os fatores de risco e de proteção relacionados ao contexto escolar e familiar associados ao *bullying*;
- 4) Identificar os tipos e os fatores associados ao papel de envolvimento de *bullying* relativos ao processo, pessoa e contexto.

7 MÉTODO

Este projeto faz parte de um projeto maior intitulado de “*Bullying* entre adolescentes escolares: uma abordagem bioecológica” da linha de pesquisa do Laboratório de Estudos em Violência e Saúde (LEVES) do Instituto Aggeu Magalhães.

7.1 Desenho do estudo

Trata-se de um estudo epidemiológico de corte transversal, de cunho analítico. Esse tipo de estudo permite verificar a magnitude do evento e identificar as variáveis (pessoais, de processo e de contexto) tanto de risco como de proteção envolvidas no *bullying*. Desse modo, o *bullying* será abordado segundo a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner (2005), modelo que apresenta quatro componentes multidirecionais inter-relacionados, designado como modelo PPCT: “processo, pessoa, contexto e tempo”. Contudo, nesta pesquisa, foram estudados três componentes: pessoa, processo e contexto, sem as suas subdivisões. Além disso, não será abordado o *cyberbullying* e, dentre os papéis de envolvimento, serão avaliadas as vítimas, os agressores e as vítimas-agressores.

7.2 Período e local do estudo

O estudo foi realizado no período de agosto a novembro de 2014 em escolas da rede pública e privada da cidade do Recife.

Dentre as características demográficas da cidade, a população de adolescentes de 15 a 19 anos de idade representa cerca de 8,2% da população geral (IBGE, 2010). Aproximadamente tem-se 47,6% desses adolescentes matriculados em escolas, considerando as redes pública e privada (IBGE, 2010).

Os adolescentes na faixa de 15 a 19 anos se inserem, na sua maioria, no ensino médio, cuja gestão na rede pública é de responsabilidade do governo do Estado, enquanto a educação fundamental é municipal. Em 2013, o ensino médio na rede pública possuía 99 escolas com 1121 turmas do 2º ano, enquanto o ensino particular, 72 escolas com 554 turmas.

A cidade do Recife destaca-se por apresentar Índice de Homicídios em Adolescentes (IHA) na faixa de 12 a 18 anos de 3,29 por 1000 mil adolescentes em 2014, ficando na 13ª posição entre as capitais brasileiras e o Distrito Federal, apresentando assim um valor bastante

elevado, tendo em vista que o resultado ideal desse índice para uma sociedade pouco violenta seria um valor abaixo de 1 (ÍNDICE DE HOMICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA, 2014).

O Atlas da Violência divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) aponta o Recife como a sétima capital brasileira com maior índice de assassinatos em 2017. De acordo com este trabalho, a cidade teve nesse ano uma taxa de 58,4 homicídios para cada 100 mil habitantes (ATLAS DA VIOLÊNCIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, 2019).

Outra informação que revela o quão a cidade do Recife é violenta diz respeito ao fato de que a mortalidade proporcional por causas externas ocupa o 1º lugar a partir dos 5 até os 49 anos de idade (BRASIL, 2008). Observa-se também uma elevada taxa de criminalidade violenta letal e intencional de 28,8% por 100 mil habitantes no ano de 2013 na cidade (AGÊNCIA ESTADUAL DE PLANEJAMENTO E PESQUISAS DE PERNAMBUCO, 2013).

7.3 População do estudo

Foi alvo deste estudo a população de adolescentes matriculados no segundo ano de ensino médio em escolas públicas e particulares, com idade entre 15 e 19 anos, da cidade do Recife.

Optou-se por investigar adolescentes matriculados em escolas ao invés de amostras domiciliares, porque o estudo trata de um fenômeno específico do ambiente escolar, o *bullying*. Para garantir a representatividade segundo estratos socioeconômicos, optou-se por fazer duas amostras independentes, contemplando o ensino público (estadual) e o privado. Nesse sentido, todas as escolas de cada segmento tiveram chance de serem incluídas no estudo.

O recorte de alunos no segundo ano foi tomado devido à maior facilidade desse grupo em responder a temas mais delicados como o da sexualidade, e por não estarem ainda no último ano, etapa em que as escolas têm mais dificuldade em permitir a liberação de período para pesquisa. Só participaram alunos do curso diurno (das 7 às 19 horas), pois os alunos do curso noturno são mais velhos e apresentam características muito distintas.

7.4 Definição da amostra e tamanho amostral

A amostra foi constituída de adolescentes escolares na faixa etária de 15 a 19 anos de idade que cursavam o 2º ano do ensino médio, no período diurno. Para a estimativa da

amostra foram considerados os dados abaixo, fornecidos pela Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco (Tabela 1).

Tabela 1. Número de escolas, turmas e alunos adolescentes do 2º ano do ensino médio (15 a 19 anos) matriculados em 2013, no período diurno (dados mais recentes obtidos).

Escola	Escolas	Turmas	Alunos	%
Pública	99	375	14178	69,5
Privada	105	186	6226	30,5
Total	204	561	20404	100

Consideraram-se os seguintes parâmetros para estimar o número total de alunos, segundo o número de alunos das escolas públicas e privadas matriculados no ano de 2013: prevalência entre os alunos=30% (MALTA et al., 2010), erro amostral=5% e efeito de desenho=2.

A estimativa encontrada foi de 625 alunos de escola pública e 625 alunos de escola privada. Admitindo 20% de perda, perfaz um total de 1.563 alunos.

Com o objetivo de atingir a amostra estimada, a amostragem foi realizada por conglomerados em dois estágios. No 1º estágio, os parâmetros para estimar o número de escolas, segundo esfera de governo, foram: prevalência de *bullying* nas escolas = 95%, erro amostral = 10% e efeito de desenho = 1. A estimativa encontrada foi de 32 escolas, 16 públicas e 16 privadas. Admitindo 20% de perda, perfaz um total de 40 escolas distribuídas igualmente nos dois extratos. Foram sorteadas 20 escolas públicas e 20 privadas, proporcionalmente à quantidade de alunos matriculados no 2º ano do ensino médio em cada escola, com intervalo sistemático.

No 2º estágio, as turmas foram sorteadas aleatoriamente dentro de cada escola, a fim de alcançar o total de 1.563 participantes. Em cada escola, foram aplicados em torno de 40 questionários, o que implicou na participação de uma ou duas turmas, dependendo do tamanho destas.

Após coleta dos dados o quantitativo final de adolescentes participantes da pesquisa foi de 1.411 estudantes pertencentes a 36 escolas da cidade do Recife, sendo 18 da rede de ensino público e 18 da rede privada, conforme quadro abaixo (Quadro 1).

Quadro 1. Escolas públicas e privadas da cidade do Recife selecionadas para a pesquisa.

ESCOLAS PÚBLICAS	ESCOLAS PRIVADAS
1. Escola de Referência em Ensino Médio Oliveira Lima	1. 90 graus Colégio e Curso
2. Escola de Referência em Ensino Médio Ginásio Pernambucano - A	2. Colégio Salesiano Sagrado Coração
3. Escola Senador Novaes Filho	3. Colégio de São José
4. Escola de Referência em Ensino Médio Joaquim Távora	4. Decisão Master Colégio e Curso
5. Escola Monsenhor Álvaro Negromonte	5. Centro de Atividade Presidente Dutra - Sesi
6. Escola de Referência em Ensino Médio Aníbal Falcão	6. Colégio NAP-Núcleo de Ação Pedagógica
7. Escola de Referência em Ensino Médio Apolônio Sales	7. CFI - Colégio de Formação Integral
8. Escola de Referência em Ensino Médio Engenheiro Lauro Diniz	8. Colégio Ideia
9. Escola Jornalista Costa Porto	9. Grupo Educacional da Estância Decisão
10. Escola Regueira Costa	10. Colégio Elo
11. Escola de Referência em Ensino Médio Clóvis Bevilacqua	11. Geração Colégio e Curso
12. Escola de Referência em Ensino Médio Álvaro Lins	12. Colégio Mickeylândia
13. Escola de Referência em Ensino Médio Clotilde de Oliveira	13. Colégio Visão
14. Escola Coronel Othon	14. Escola Moderna Nossa Senhora do Loreto
15. Escola Doutor Fábio Correa	15. Colégio Santa Catarina
16. Escola Dom Vital – Recife	16. Instituto Profis Maria Auxiliadora
17. Escola Luiz Delgado	17. Colégio Evolução do Saber
18. Escola de Referência em Ensino Médio Martins Júnior	18. Colégio Horizonte

7.5 Critérios de Inclusão e Exclusão

Os critérios de inclusão adotados foram: ser estudante das escolas selecionadas e ter idade entre 15 e 19 anos. Os critérios de exclusão recaíram sobre a incapacidade intelectual em responder ao questionário. Sendo considerada perda o preenchimento inadequado do questionário.

7.6 Instrumento de coleta e fonte de dados

Foi elaborado um questionário autoperenchível (APÊNDICE A), fechado, composto por 37 questões, aplicado aos alunos em sala de aula, de forma anônima por entrevistadores previamente treinados. Dentre as temáticas investigadas no questionário, temos: perfil

sociodemográfico, aspectos individuais, como autoestima, distúrbios de comportamento, autodeterminação, apoio social, uso de substâncias, orientação sexual, arranjo familiar, relacionamentos na família, escola e comunidade, desempenho escolar, experiências de violência no namoro, violências sofridas, testemunhadas e praticadas. O questionário, portanto, é extenso e foi composto por diversas questões isoladas e escalas, descritas a seguir:

- **Vítima de *bullying*:** foi mensurado pela Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying* (ECVB), de Félix et al. (2011), versão que foi traduzida para a língua portuguesa (SOARES, 2013) e validada por Soares et al., 2015. Esse instrumento é formado por sete itens, nos quais os participantes foram questionados sobre as formas e frequência de vitimização, consideradas exemplos de comportamento *bullying*, que podem ter experimentado na escola. Em seguida, os entrevistados são convidados a avaliar essas experiências, respondendo de acordo com uma escala de cinco pontos, classificados em: 0 = nunca, 1 = apenas uma vez no mês passado, 2 = duas ou três vezes no mês passado, 3 = apenas uma vez durante esta semana e 4 = várias vezes durante esta semana. Posteriormente os participantes foram convidados a indicar se esse comportamento anteriormente classificado foi de propósito e teve importância (o magoou), respondendo *sim* ou *não*. Por fim, a ECVB avalia o desequilíbrio de poder entre a vítima e o agressor por meio de características que podem descrever como é a outra pessoa, solicitando que os indivíduos se comparem com a “principal pessoa que fez tais coisas a você”, por meio de respostas a escala de três pontos, classificando em: *menos do que eu*, *parecido comigo* e *mais do que eu*. Portanto, os adolescentes que vivenciaram algum tipo de vitimização, por 2 ou 3 vezes no mês ou mais, tendo relatado sentir-se magoado com o evento e o agressor com alguma característica superior a si próprio foram considerados como vítimas de *bullying*. Essa escala permite a classificação da vítima de *bullying* verbal, físico e/ou relacional.

- **Agressor de *bullying*:** foi mensurado por questão produzida baseada no conceito de Olweus (1993) e na ECVB, que avaliou três tipos de *bullying*: verbal, relacional e físico, conforme descrita a seguir: “DENTRE OS (AS) SEUS (SUAS) COLEGAS, EXISTE ALGUM (A) QUE VOCÊ CONSIDERA INFERIOR A VOCÊ? SE EXISTE, RESPONDA A PRÓXIMA QUESTÃO PENSANDO APENAS NESSA PESSOA. Alguma vez você já fez coisas de propósito, para magoar esse (a) seu (sua) colega, como: A) Zoar, xingar ou colocar apelidos? B) Espalhar boatos ou fofocas, ignorar ou deixar de fora do seu grupo? C) Empurrar, agredir fisicamente, ameaçar ou danificar coisas dele(a)?” Tendo para cada item as seguintes opções de respostas: 0. Nunca/1. Apenas uma vez no mês passado/2. Duas ou três vezes no mês passado/3. Apenas uma vez durante esta semana/4. Várias vezes durante esta semana. Foi considerado agressor o

indivíduo que assinalou um dos itens 2, 3 ou 4 em qualquer uma das alternativas. A partir dessa questão, os adolescentes também puderam ser classificados em agressores verbais, relacionais e físicos.

• **Vítima-agressor de *bullying*** foi considerada a partir da classificação, ao mesmo tempo, nas descrições acima em vítima e agressor.

Processo

• **Relacionamento com amigos e colegas:** os estudantes foram questionados sobre o relacionamento com os colegas, utilizando-se das seguintes opções de respostas: bom, regular, ruim e não tenho amigos.

• A conexão com a escola foi avaliada por meio de 5 questões elaboradas pelos autores com base nos itens da escala “*School Connectedness Scale*” (TOURANGEAU; SHINN, 1999): b) **sentir-se próximo às pessoas da escola;** c) **sentir-se parte da escola;** d) **sentir-se feliz em estar na escola;** e) **sentir-se seguro na escola;** f) **os professores tratam os alunos com justiça.** Para utilização neste estudo, realizou-se tradução para a língua portuguesa da versão utilizada por You et al., em 2008.

• **Ter sofrido violência na escola e na localidade:** foi avaliado como proposto pela Organização das Nações Unidas (ONU) em pesquisas sobre violações autoassumidas (*self reported offenses*). No Brasil, vem sendo empregado pelo Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquent - ILANUD/ONU (KAHN et al., 1999). Cada qual compõe um indicador de violência, composto por 8 itens, que avaliam se o jovem já sofreu violência nesses espaços sociais por meio de humilhação, ameaça, agressão, se já teve danificado alguma coisa sua, se já conviveu com pessoas que carregam armas brancas ou de fogo, se já foi furtada e roubada.

• **Sofrer e praticar violência física entre namorados:** utilizou-se a escala *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventor* – CADRI (WOLFE et al., 2001) para avaliar o relacionamento entre adolescentes, adaptada para o Brasil (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011). Esse instrumento é composto por 70 itens; 25 aferem violência sofrida, 25, violência perpetrada e 20 itens que distraem o jovem da ênfase no tema da violência, não fazendo parte da análise da escala. A CADRI afere os abusos: físico, sexual, verbal/emocional e relacional, além dos comportamentos ameaçadores no relacionamento amoroso entre adolescentes. No presente estudo, foram utilizados apenas 4 itens que aferem a violência física no namoro.

Cada pergunta da escala é duplicada, indagando sobre o comportamento do jovem enquanto perpetrador da ação e como vítima desta. As opções de respostas são: 1- aconteceu 6 vezes ou mais no último ano, 2- aconteceu entre 3 e 5 vezes no último ano, 3- aconteceu 1 ou 2 vezes no último ano, 4- nunca aconteceu no último ano e 5- nunca fiquei nem namorei. Esse instrumento deve ser respondido baseado em um único relacionamento estabelecido nos últimos 12 meses.

- **Violência entre pares:** foi mensurada pela Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying*, baseando-se no relato de menos uma experiência vitimização de qualquer frequência, mas sem a presença de desequilíbrio de poder.

- **Ter sofrido violência dos pais:** mensurou-se pela Escala Tática de Conflitos (*Conflict Tactics Scale-CTS*) - STRAUS, 1979. A CTS original em inglês tem sido investigada desde sua concepção, e vários estudos apontam para uma baixa taxa de recusa; boa confiabilidade; validade do tipo concorrente, de constructo e de conteúdo. Consiste de uma lista de ações que pode tomar um membro da família quando em conflito com outro, analisada a partir de três táticas de conflito: argumentação (uso de discussão racional e argumentação), agressão verbal (xingar ou insultar, ficar emburrado, chorar, fazer coisas para irritar, destruir, bater ou chutar objetos) e violência física (jogar objetos sobre o pesquisado, empurrar, dar tapas ou bofetadas, murros, chutar, bater ou tentar bater com objetos, espancar, ameaçar ou realmente usar armas de fogo ou faca). Essa última costuma ser avaliada em violência menor (três primeiros itens) e violência severa. Um item positivo em cada uma das subescalas de agressão verbal ou violência física é considerado caso de violência. A escala foi validada para a população brasileira (MORAES; HASSELMANN; REICHENHEIM, 2002).

- **Violência entre irmãos:** atos como agressões, a ponto de se machucarem, xingarem ou humilharem um aos outros.

- **Ter sofrido discriminação na comunidade:** nesta questão, os adolescentes responderam se já foram tratados de forma inferior (discriminados) pelos seus vizinhos por causa da sua cor de pele, condição social, orientação sexual ou aparência física.

- **Ter sofrido discriminação em casa:** nessa questão, os adolescentes responderam se já foram tratados de forma inferior (discriminados) pelos seus familiares por causa da sua cor de pele, condição social, orientação sexual ou aparência física.

- **Ter sofrido violência sexual:** se a relação com os pais já envolveu alguma experiência sexual; se já sofreu agressão sexual na escola/comunidade.

• **Monitoramento dos pais ou responsáveis:** os alunos responderam com que frequência os pais ou responsáveis sabem aonde vai e com quem vai. Os que relataram a frequência de sempre, muitas vezes e pouca vezes foram considerados monitorados pelos pais ou responsáveis.

Pessoa

- **Sexo:** autorreferido como feminino ou masculino.
- **Idade:** autorreferida entre 15 e 19 anos.
- **Cor da pele:** autorreferida como branca, preta, pardo ou amarela/indígena.
- **Prática de alguma religião:** autorreferida.
- **Possuir deficiência física:** autorreferida.
- **Autoestima:** foi aferida pela escala de Rosenberg (1989). É um instrumento amplamente utilizado e conhecido internacionalmente. Essa escala foi padronizada em uma população de 5.024 adolescentes em 10 escolas públicas selecionadas de Nova York, obtendo alto coeficiente de confiabilidade (0.92). É uma medida com 10 itens designados a avaliar globalmente a atitude positiva ou negativa de si mesmo. Pode ser usada para adultos e adolescentes, obtendo uma alta consistência interna. As opções de resposta variam em 4 tipos: concordo totalmente, concordo, discordo, discordo totalmente. Uma elevada autoestima é indicada por um escore alto. A versão utilizada nesta pesquisa relatório foi adaptada no Brasil por Avanci et al. (2007).
- **Autoconfiança/Defender suas ideias com os colegas:** foi avaliada com base em questão que interroga se o adolescente defende suas ideias e opiniões com seus amigos/colegas.
- **Se sentir diferente:** os adolescentes foram questionados se tinham alguma característica que fazia se sentirem diferentes.
- **Excesso de peso:** estudantes responderam se achavam estar acima do peso e se haviam sofrido alguma discriminação ou humilhação pelo excesso de peso.
- **Jovem transgressor:** também será parte dos instrumentos sobre violações autoassumidas do ILANUD/ONU (KAHN et al., 1999). É constituído por nove questões dicotômicas (sim/não) sobre atos praticados no último ano: falsificar a assinatura de alguém em documentos, danificar de propósito objetos alheios, agredir alguém severamente, humilhar alguém mostrando superioridade, tomar parte de uma briga na qual um grupo de amigos luta

contra outro grupo, portar arma branca, portar arma de fogo, furto (apropriar-se de um objeto sem conhecimento do seu dono) e roubo (apropriar-se de um objeto de alguém à força). Em trabalho anterior (ASSIS; AVANCI, 2004), obteve-se α de Cronbach de 0,7 e ICC de 0,4.

• **Uso de droga pelo jovem no último ano:** categorizado como ausência ou presença de pelo menos um dos seguintes comportamentos: **consumo de bebida alcoólica** até se embriagar ou sentir-se bêbado (ficar de “porre”); **usar maconha, cocaína, “crack” ou pasta de coca, remédio para emagrecer, calmante/tranquilizante, anabolizante** (“bomba para ficar forte”). As opções de resposta são: muitas vezes, poucas vezes e nunca.

• **Orientação sexual:** foi utilizada questão do Inquérito de Saúde do Adolescente de Minnesota (REMAFEDI et al., 1992), versão adaptada por Berlan et al., 2010. Essa questão também foi traduzida para a língua portuguesa e adaptada para utilização nesta pesquisa. Os estudantes foram questionados como se consideravam sobre sua orientação sexual, respondendo de acordo com cinco opções: 1. Completamente heterossexual, 2. Mais heterossexual, 3. Bissexual, 4. Mais homossexual e 5. Completamente homossexual, sendo categorizado para análise em 2 grupos: Heterossexual (1) e Bissexual/Homossexual (2,3,4,5).

• **Ter irmãos:** questão sobre o adolescente possuir irmãos.

• **Aceitação da violência entre os pares:** foi verificada a partir de como os adolescentes pesquisados consideram atos de violência física e psicológica entre os colegas deste e de diferentes sexos.

Contexto

• **Classe econômica das famílias:** mediante critério de classificação econômica da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA, 2014), chamado Critério Brasil e usado na pesquisa de mercado em geral. Funciona como um estimador para a capacidade de consumo, a partir da presença e do número de indicadores-chave como eletrodomésticos, aparelhos eletrônicos, cômodos, empregada doméstica e o grau de instrução do chefe da família. Ao focalizar a presença de bens de consumo duráveis, toma como foco a capacidade de consumo das famílias brasileiras, deixando de lado fatores, como o capital cultural, determinantes na estruturação do espaço social. Dessa forma, as classes foram divididas conforme a pontuação total em: A1: 42 – 46,

A2: 35 – 41, B1: 29 – 34, B2: 23 – 28, C1: 18 – 22, C2: 14 – 17, D: 8 – 13 e E: 0 – 7. Para análise estatística, foram agrupadas A1 e A2, B1 e B2, C1 e C2, D e E.

- **Testemunho de violência entre pais ou responsáveis:** os estudantes responderam se presenciaram atos como agressões a ponto de se machucarem (violência física) ou humilharem (violência psicológica) um aos outros.

- **Tipo de escola (pública e privada):** dados obtidos com a Secretaria de Educação.

- **Porte da escola:** pequeno porte (até 200 alunos), médio porte (201 a 499 alunos) e grande porte (superior a 500 alunos) (SILVA et al., 2016).

- As variáveis **arranjo familiar agregada e número de moradores por domicílio** foram avaliadas a partir de questão que indagou ao estudante quais pessoas moram na mesma casa com ele, com as seguintes opções: pai, mãe, padrasto, madrasta, avós, irmãos, esposa/marido, amigos/colegas, mora sozinho e outros parentes. Para análise de arranjo familiar, realizou-se categorização em família nuclear (pai e mãe vivendo juntos com adolescente) e família não nuclear (outros arranjos). Enquanto que moradores por domicílio foi categorizado em: de 1 a 2 pessoas, de 3 a 4 pessoas e de 5 pessoas ou mais.

- **A escolaridade dos pais/responsáveis** foi mensurada por questão elaborada pelo próprio autor, categorizada entre os que estudaram de 1 a 8 anos e os que estudaram mais de 9 anos.

- Além do questionário aplicado aos adolescentes, foram obtidas informações, por meio de entrevista com gestor escolar, sobre **presença de psicólogo e ações de prevenção contra o bullying** na escola. As ações de prevenção ao *bullying* foram consideradas presentes quando os coordenadores ou diretores das escolas selecionadas responderam afirmativamente quanto à realização de algum tipo de ação preventiva, e citando-as.

7.7 Variáveis do estudo

A seguir, as variáveis encontram-se discriminadas de acordo com as dimensões da abordagem bioecológica (Quadro 2).

Quadro 2. Descrição das variáveis segundo as dimensões, operacionalização, categorização e número da questão no instrumento de coleta.

VARIÁVEL	OPERACIONALIZAÇÃO	CATEGORIZAÇÃO	QUESTÃO
DEPENDENTE			
<p><i>Bullying</i> Geral: Vítima e /ou agressor</p>	<p>Escala Califórnia de Vitimização do <i>Bullying</i>, (Felix et al., 2011 adaptada e validade por Soares et al., 2015).</p>	<p><u>1. Vítima de <i>bullying</i> geral:</u> Caso = sofreu algum tipo de violência de pelo menos 2 ou 3 vezes no mês passado (≥ 2) intencional e que magoou (SIM) - e por colega com características diferentes da dele (mais do que eu).</p> <p>Controle = nunca e apenas uma vez no mês passado.</p>	23 e 24
	<p>Questão elaborada baseada no conceito de Olweus (1993) e na Escala Califórnia de Vitimização do <i>Bullying</i> (Felix et al., 2011, validada por Soares et al., 2015).</p>	<p><u>2. Agressor de <i>bullying</i> geral:</u> Caso = realizar algum ato por pelo menos 2 ou 3 vezes no mês passado (≥ 2).</p> <p>Controle = nunca e apenas uma vez no mês passado.</p>	25
	<p>Escala Califórnia de Vitimização do <i>Bullying</i>, (Felix et al., 2011 adaptada e validade por Soares et al., 2015) mais questão elaborada pelo autor baseada no conceito de Olweus (1993) e na Escala Califórnia de Vitimização do <i>Bullying</i> (Felix et al., 2011, validada por Soares et al., 2015).</p>	<p><u>3. Vítima-agressor de <i>bullying</i>:</u> Caso = sofreu algum tipo de violência de pelo menos 2 ou 3 vezes no mês passado (≥ 2) intencional e que magoou (SIM) - e por colega com características diferentes da dele (mais do que eu). E cometeu <i>bullying</i> pelo menos 2 ou 3 vezes no mês passado (≥ 2).</p> <p>Controle = nunca e apenas uma vez no mês passado.</p>	23, 24 e 25
	<p>Escala Califórnia de Vitimização do <i>Bullying</i>, (Felix et al., 2011, validada por Soares et al., 2015).</p>	<p><u>1.1 Vítima de <i>bullying</i> físico:</u> Caso = pelo menos 1 único item de violência física marcado como 2 ou três vezes no mês passado (≥ 2) que aconteceu de forma intencional, magoou (SIM) e por colega com características diferentes da dele (mais do que eu).</p> <p>Controle = nunca e apenas uma vez no mês passado.</p>	23D, 23E e 23F

	<p>Escala Califórnia de Vitimização do <i>Bullying</i>, (Felix et al., 2011, validada por Soares et al., 2015).</p>	<p>1.2 <u>Vítima de <i>bullying</i> verbal</u>: Caso = pelo menos 1 único item de violência verbal marcado como 2 ou três vezes no mês passado (≥ 2) intencional e que magoou (SIM) e por colega com características diferentes da dele (mais do que eu).</p> <p>Controle = nunca e apenas uma vez no mês passado.</p>	23A e 23G
	<p>Escala Califórnia de Vitimização do <i>Bullying</i>, (Felix et al., 2011, validada por Soares et al., 2015).</p>	<p>1.3 <u>Vítima de <i>bullying</i> relacional</u>: Caso = pelo menos 1 único item de violência verbal marcado como 2 ou três vezes no mês passado (≥ 2) intencional e que magoou (SIM) - e por colega com características diferentes da dele (mais do que eu).</p> <p>Controle = nunca e apenas uma vez no mês passado.</p>	23 B e 23C
	<p>Questão elaborada baseada no conceito de Olweus (1993) e na Escala Califórnia de Vitimização do <i>Bullying</i> (Felix et al., 2011, validada por Soares et al., 2015).</p>	<p>2.1 <u>Agressor de <i>bullying</i> físico</u>: Caso = cometeu <i>bullying</i> físico pelo menos 2 ou 3 vezes no mês passado (≥ 2).</p> <p>Controle = nunca e apenas uma vez no mês passado.</p>	25 C
	<p>Questão elaborada baseada no conceito de Olweus (1993) e na Escala Califórnia de Vitimização do <i>Bullying</i> (Felix et al., 2011, validada por Soares et al., 2015).</p>	<p>2.2 <u>Agressor de <i>bullying</i> verbal</u>: Caso = cometeu <i>bullying</i> verbal pelo menos 2 ou 3 vezes no mês passado (≥ 2).</p> <p>Controle = nunca e apenas uma vez no mês passado.</p>	25 A
	<p>Questão elaborada baseada no conceito de Olweus (1993) e na Escala Califórnia de Vitimização do <i>Bullying</i> (Felix et al., 2011, validada por Soares et al., 2015).</p>	<p>2.3 <u>Agressor de <i>bullying</i> relacional</u>: Caso = cometeu <i>bullying</i> relacional pelo menos 2 ou 3 vezes no mês passado (≥ 2).</p> <p>Controle = nunca e apenas uma vez no mês passado.</p>	25 B
INDEPENDENTES			
PROCESSO			
Relacionamento com amigos e colegas	Autorreferido	<ol style="list-style-type: none"> 1. Bom 2. Regular e Ruim 	13

Sentir-se próximo às pessoas da escola	Questões do questionário longitudinal Add Health (Tourangeau; Shinn, 1999 modificado por You et al., 2008).	1. Não (discordo e discordo totalmente) 2. Sim (concordo e concordo totalmente)	15 A
Sentir-se parte da escola	Questões do questionário longitudinal Add Health (Tourangeau; Shinn, 1999 modificado por You et al., 2008).	1. Não (discordo e discordo totalmente) 2. Sim (concordo e concordo totalmente)	15 B
Sentir-se parte da escola	Questões do questionário longitudinal Add Health (Tourangeau; Shinn, 1999 modificado por You et al., 2008).	3. Não (discordo e discordo totalmente) 4. Sim (concordo e concordo totalmente)	15 B
Sentir-se feliz em estar na escola	Questões do questionário longitudinal Add Health (Tourangeau; Shinn, 1999 modificado por You et al., 2008).	1. Não (discordo e discordo totalmente) 2. Sim (concordo e concordo totalmente)	15 C
Os professores tratam os alunos com justiça	Questões do questionário longitudinal Add Health (Tourangeau; Shinn, 1999 modificado por You et al., 2008)	1. Não (discordo e discordo totalmente) 2. Sim (concordo e concordo totalmente)	15 D
Sentir-se seguro na escola	Questões do questionário longitudinal add health (Tourangeau; Shinn, 1999 modificado por You et al., 2008).	1. (Discordo e discordo totalmente) 2. Possui conexão com a escola (concordo e concordo totalmente)	15 E
Ter sofrido violência da mãe	Escala Tática de Conflitos validada para população brasileira por Moraes, Hasselmann e Reichenheim em 2002.	1. Não (nunca) = Controle 2. Sim (muitas vezes, poucas vezes, já, mas não no último ano) = Caso	26
Ter sofrido violência do pai	Escala Tática de Conflitos validada para população brasileira por Moraes, Hasselmann e Reichenheim em 2002.	1. Não (nunca) = Controle 2. Sim (muitas vezes, poucas vezes, já, mas não no último ano) = Caso	27
Ter sofrido violência na comunidade	ILANUD/ONU (KAHN et al., 1999)	1. Sim (ter marcado pelo menos um sim em algum item) 2. Não	16
Ter sofrido violência na escola	ILANUD/ONU (KAHN et al., 1999)	1. Sim (ter marcado pelo menos um sim em algum item)	16

		2. Não	
Sofrer e praticar violência física entre namorados	<i>Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventor</i> – CADRI (Wolfe et al. (2001) adaptada por Minayo, Assis e Njaine, 2011).	1. Não (nunca aconteceu no último ano) 2. Sim (aconteceu 6 vezes ou mais no último ano, aconteceu entre 3 e 5 vezes no último ano e aconteceu 1 ou 2 vezes no último ano)	21
Violência entre pares “Vítimas de pares”	Escala Califórnia de Vitimização do <i>Bullying</i> (Felix et al., 2011 adaptada e validada por Soares et al., 2015).	Caso = sofrer pelo menos 1 experiência de vitimização de qualquer frequência (item 1, 2, 3 e 4 da q. 23), sem desequilíbrio de poder. Controle = nunca	23 e 24
Violência entre irmãos	Questão elaborada	1. Não (nunca e não convivo com irmãos) 2. Sim (muitas vezes e poucas vezes)	32
Monitoramento dos pais/responsáveis	Questão elaborada	1. Não (nunca e não tenho pais ou responsáveis) = caso 2. Sim (sempre, muitas vezes, poucas vezes) = controle	29
Ter sofrido discriminação na comunidade	Questão elaborada	1. Não (nunca) 2. Sim (muitas vezes e poucas vezes)	34
Ter sofrido discriminação em casa	Questão elaborada	1. Não (nunca) 2. Sim (muitas vezes e poucas vezes)	35
Ter sofrido violência sexual	Questão elaborada	1. Sim 2. Não	36
PESSOA			
Sexo	Autorreferido	1. Feminino 2. Masculino	1
Idade (em anos)	Autorreferida	1. 15-16 2. 17-19	2
Cor da pele	Autorreferida	1. Branca 2. Pardo, preta, amarela e indígena	3
Religião	Autorreferida	1. Sim 2. Não	4

Deficiência física	Autorreferida	1. Sim 2. Não	5
Desempenho escolar quanto às notas	Autorreferido	1. Bom (muito boas/boas) 2. Ruim (ruins/muito ruins)	8
Autoestima	Escala de Rosenberg (1989). Adaptada no Brasil por Avanci et al., 2007.	1. Baixa autoestima (10 a 27 pontos) 2. Alta autoestima (28 a 40 pontos)	12
Sentir-se diferente	Autorreferida	1. Sim 2. Não	9
Autoconfiança/ Defender ideias com os colegas	Autorreferida	1. Sim 2. Não	14
Consumo de álcool	Autorreferido	1. Não (nunca) 2. Sim (muitas vezes e poucas vezes)	17 A
Consumo de drogas	Autorreferido	1. Não (nunca) 2. Sim (muitas vezes e poucas vezes)	17 B e 17C
Consumo de maconha	Autorreferido	1. Não (nunca) 2. Sim (muitas vezes e poucas vezes)	17 B
Consumo de cocaína, ecstasy, crack	Autorreferido	1. Não (nunca) 2. Sim (muitas vezes e poucas vezes)	17 C
Consumo de anabolizantes	Autorreferido	1. Não (nunca) 2. Sim (muitas vezes e poucas vezes)	17 F
Excesso de peso	Autorreferido	1. Sim 2. Não	18 e 19
Ser transgressor	Instrumento sobre violações autoassumidas do ILANUD/ONU (KAHN et al., 1999)	1. Não 2. Sim (ter marcado pelo menos um item SIM)	20
Orientação sexual	Questão do Inquérito de Saúde do Adolescente de Minnesota (Remafadi et al., (1992) adaptada por Berlan em 2010)	1. Heterossexual (completamente Heterossexual) 2. Homossexual (bissexual, completamente, mais homossexual e mais	22

		heterossexual)	
Ter irmãos	Questão elaborada	1. Sim 2. Não	31
Aceitar violência entre pares a) Garoto contra garoto (33A e 33C) b) Garota contra garota (33B e 33D)	Questão elaborada	1. Não (não é grave) = Caso 2. Sim (muito grave e grave) = Caso	33
CONTEXTO			
Escolaridade dos pais a) Escolaridade da mãe b) Escolaridade do pai	Questão elaborada	1. 1 a 8 anos 2. Mais de 9 anos	7
Ser de escola pública e privada	Dados obtidos com a Secretaria de Educação	1. Sim 2. Não	Entrevista
Presença de psicólogo na escola	Dados obtidos com a coordenação da escola	1. Sim 2. Não	Entrevista
Ações de prevenção ao <i>bullying</i> na escola	Dados obtidos com a coordenação da escola	1. Sim. Qual(is)? 2. Não	Entrevista
Porte da escola	Dados obtidos com a Secretaria de Educação	1. Pequeno (até 200 estudantes) 2. Médio (201 a 499 estudantes) 3. Grande (acima de 500 alunos)	Entrevista
Arranjo familiar	Questão elaborada	1. Família nuclear (vivendo com pai e mãe) 2. Família não nuclear (outros arranjos)	6
Classe econômica da família	Critério de classificação econômica (ABEP, 2014)	1. A (A1 e A2) 2. B (B1 e B2) 3. C (C1 e C2) 4. D (D e E) 5. E	11
Testemunho de violência física entre os pais	Questão elaborada	1. Não (nunca) = Controle 2. Sim (muitas vezes e poucas vezes) = Caso	28 A
Testemunho de	Questão elaborada	1. Não (nunca) =	28 B

violência psicológica entre os pais		Controle 2. Sim (muitas vezes e poucas vezes) = Caso	
-------------------------------------	--	---	--

7.8 Coleta de dados

Inicialmente foi realizado contato com a direção ou coordenação de cada uma das escolas. Esse primeiro contato teve como objetivo agendar data e horário de visita dos pesquisadores à instituição de ensino para aplicação dos questionários e explicar os termos da pesquisa, a garantia do anonimato dos alunos participantes e a rotina do trabalho. Também neste momento foi solicitada a carta de anuência da instituição de ensino. A direção/coordenação das escolas determinou o horário mais oportuno para a aplicação do questionário que teve duração média de 60 minutos.

Num segundo momento, no período de agosto a novembro de 2014, foi realizada a visita para aplicação do questionário aos alunos presentes nas turmas sorteadas. Os questionários foram aplicados por uma equipe de 2 pesquisadores do LEVES que forneceram uma breve explicação sobre o preenchimento do questionário e permaneceram na sala de aula durante todo o processo.

Não foi possível realizar o estudo de confiabilidade teste-reteste, devido à dificuldade em retornar às escolas selecionadas para reaplicação do instrumento no período estimado, já que os estudantes do 2º ano poderiam ser prejudicados por perderem mais atividades e aulas, tendo em vista as vésperas das provas finais e a proximidade com o Sistema Seriado de Avaliação (SSA).

7.9 Banco e análise de dados

Inicialmente, confeccionou-se máscara para tabulação no banco de dados que foram inseridos no Epi-Info, por meio de digitação dupla. A primeira etapa foi constituída por uma análise descritiva das variáveis. Diante da distribuição simétrica, utilizou-se medida de tendência central e de dispersão para apresentação das variáveis contínuas, ou medida de tendência central adicionada a separatrizes quando a distribuição for não paramétrica. Dados categóricos foram apresentados em frequências absolutas e relativas. As variáveis do estudo para testar as hipóteses serão categóricas e numéricas. Em seguida, para testar a diferença de

prevalência entre *bullying*, segundo os papéis de vítima, agressor e vítima e agressor, foi utilizado o teste de Qui-Quadrado de Pearson com significância estatística de 0,05 e Intervalo de Confiança (IC) de 95%.

Após essa etapa, a análise foi dividida conforme os objetivos da pesquisa. Para responder o primeiro objetivo, fez-se análise de associações da condição de agressor de *bullying* entre as variáveis de processo. No segundo momento, foi analisada a associação entre o papel de vítima e o de agressor com as variáveis de pessoa. Para alcançar o terceiro objetivo, foram analisadas as variáveis de contexto com a condição do adolescente ser vítima e agressor. Por fim, no quarto objetivo, foi avaliada a associação entre vítimas e agressores com todas as variáveis estudadas nesta pesquisa. Dessa forma, primeiramente foi analisada a associação do *bullying* com cada dimensão individualmente e, por último, realizou-se análise em conjunto de todas as variáveis estudadas nas dimensões de processo, pessoa e contexto.

Em todas as análises de associações foi empregada a modelagem multinível (1º nível - escola e 2º nível - aluno) para controle do efeito do conglomerado (escola e turma) e ponderado pelo tipo de escola. Essa técnica possibilita a correção e ajuste dos erros aleatórios em uma amostragem por conglomerado, como a desenhada neste estudo. O modelo multivariado foi estimado para os papéis de vítima e agressor do *bullying* de forma independente, assim como os modelos foram desenvolvidos segundo as classes de variáveis, relacionadas a processo, à pessoa e ao contexto. A técnica multivariada utilizada foi a stepwise do tipo forward, considerando como critério de entrada no modelo significância estatística de 10% e $p \leq 0,05$ no modelo final. Foram testadas as hipóteses de concomitância e considerada a variável no modelo, segundo a plausibilidade causal. Neste estudo, não houve variáveis da dimensão tempo, e a prevalência de *bullying* no papel de vítima-agressor foi muito baixa para que a variável fosse analisada no modelo multinível. O software utilizado na análise foi o STATA na versão 12.0.

8 ASPECTOS ÉTICOS

Primeiramente o estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Aggeu Magalhães sob registro no CAAE: 33233014.6.000.5190 e número do parecer PlatBr: 745.886, de acordo com as normas da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos.

Em seguida, solicitou-se permissão às diretorias das escolas sorteadas, e os diretores assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B).

Aos adolescentes na idade de 18 a 19 anos foi solicitado que assinassem o TCLE para participação na pesquisa (APÊNDICE C), conforme preconizado na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que normaliza as pesquisas com seres humanos.

Já para os adolescentes de 15 a 17 anos foi solicitado que assinassem o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para participação na pesquisa (APÊNDICE D). Nesse caso, os pais não foram consultados, uma vez que a pesquisa abordaria questões relativas a violências sofridas pelo adolescente no ambiente doméstico; nesse tipo de violência, os principais agressores são pais, mães e outros responsáveis como padrastos e madrastas. Essa questão é comum em pesquisas sobre violência em crianças e adolescentes, sendo respaldada pela Resolução CFP N° 016/2000.

As escolas receberam material informativo elaborado pelo Centro Latino Americano de Estudos em Violência e Saúde Jorge Careli – CLAVES/FIOCRUZ, sobre *Bullying*, ações de prevenção e abordagens de intervenção como mediação de conflitos. Além disso, a equipe do LEVES se disponibilizou para reuniões e discussões sobre o tema da violência escolar.

Os casos identificados como *bullying* severo (por parte da vítima ou do agressor) foram avaliados pelos pesquisadores quanto à possibilidade excepcional de quebra de confidencialidade. Os casos assim avaliados seriam levados ao conhecimento da direção da escola para as providências cabíveis. A equipe do LEVES se responsabilizou por garantir o apoio de um serviço de saúde localizado próximo à escola em questão, para avaliação clínica e/ou tratamento psicológico dos adolescentes envolvidos.

9 RESULTADOS

Os resultados serão apresentados em formato de artigos, os quais foram divididos segundo os objetivos da pesquisa, descritos abaixo:

- Artigo 1: A influência da violência familiar e entre pares na prática do *bullying* por adolescentes escolares (publicado versão online na Revista de Ciência & Saúde Coletiva).
- Artigo 2: Prevalência e fatores associados ao *bullying*: diferenças entre os papéis de vítimas e agressores (publicado versão online no Jornal de Pediatria).
- Artigo 3: É possível prevenir o *bullying* no contexto escolar e familiar? (submetido nos Cadernos de Saúde Pública).
- Artigo 4: Abordagem bioecológica na análise dos fatores associados ao *bullying* escolar (será submetido no *The Journal Pediatrics*).

9. 1 Artigo 1 - A influência da violência familiar e entre pares na prática do *bullying* por adolescentes escolares

The influence of family and peer violence in the practice of bullying by school adolescents

Autor:

• Georgia Rodrigues Reis e Silva - Silva, G.R.R - ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4486-2844> (<https://orcid.org/0000-0003-4486-2844>)

Coautor(es):

• Maria Luiza Carvalho de Lima - Lima, M.L.C. - Recife, - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1354-9890> (<https://orcid.org/0000-0002-1354-9890>)

• Raquel Moura Lins Acioli - Acioli, R.M.L - Recife, - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5907-0068> (<https://orcid.org/0000-0002-5907-0068>)

• Alice Kelly Barreira - Barreira, A. K. - Recife, PE - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0351-9022> (<https://orcid.org/0000-0002-0351-9022>)

Resumo

O objetivo deste estudo foi estimar a prevalência de agressores de *bullying* e identificar os fatores relacionados a esse comportamento em adolescentes escolares do Recife. Trata-se de um estudo epidemiológico de corte transversal analítico, composto por uma amostra probabilística por conglomerados de 1.402 estudantes de 15 a 19 anos matriculados no 2º ano do ensino médio de escolas públicas e privadas do Recife. Neste trabalho, o *bullying* será abordado segundo a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner. A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário autoaplicável com questões sobre *bullying* e fatores associados. A análise dos dados foi constituída pela aplicação do teste de Qui-Quadrado de Pearson, considerando significância estatística de 0,05 e Intervalo de Confiança de 95%. Para a análise das associações, foi empregada a modelagem multinível, e o software utilizado foi o STATA na versão 12.0. Os resultados mostraram uma prevalência de 21,26% de agressores de *bullying*, e os fatores associados com a prática de *bullying* foram as violências sofridas na escola, a violência entre pares, assim como a violência praticada pela mãe e irmãos. Dessa forma, os resultados indicam que as violências sofridas no contexto familiar e escolar podem repercutir na prática do *bullying* entre adolescentes.

Palavras-chave: *Bullying*, violência, adolescente, escola.

Abstract

The objective of this study was to estimate the prevalence of bullies and identify factors related to bullying among high school students in Recife. This is an analytical cross-sectional epidemiological study, composed of a probabilistic sample by clusters of 1,402 students aged 15 to 19 years old, enrolled in the second year of high school in both public and private schools in Recife. In this work the bullying will be approached according to the Bioecological

Theory of Human Development of Bronfenbrenner. Data were collected by means of a self-administered questionnaire about bullying and associated factors. Data analysis comprised a descriptive analysis of the variables, followed by the Pearson chi-square test with statistical significance of 0.05 and 95% Confidence Interval. To analyze associations, a multilevel modeling to control the conglomerate effect was used. STATA version 12.0 was used for analysis. The results showed a prevalence of 21.26% of bullies. In the final model, the associated factors were violence at school and in the community, violence among peers, as well as by violence committed by the mother and siblings regarding adolescent bullies. Hence, the results indicate that the violence suffered in the family and school context can have repercussions on the practice of bullying among adolescents.

Keywords: Bullying, violence, adolescent, school.

Conteúdo

INTRODUÇÃO

O *bullying* é um tipo de violência estudado, principalmente, no ambiente escolar, que pode se manifestar de diferentes formas, a partir de comportamentos, como agressões físicas e verbais, ou até por ameaças, acusações injustas, roubo de dinheiro e pertences, difamações sutis e degradação de imagem social, adotados por um ou mais estudantes contra outro(s), com o objetivo de machucar, prejudicar ou humilhar, sem ter havido provocação por parte da vítima^{1,2,3}. Esse fenômeno é caracterizado por três elementos essenciais: a repetição, a intencionalidade e o desequilíbrio de poder^{1,2,4,5}.

A literatura revela que as diferentes manifestações da violência no âmbito escolar vêm comprometendo não só a saúde dos adolescentes mas ainda a qualidade da educação no contexto da escola pública brasileira⁶, já que esse comportamento entre os alunos têm prejudicado a realização das atividades escolares, o processo de aprendizagem, bem como ocasionado sentimento de insegurança na escola e, muitas vezes, abandono escolar⁷. Além do mais, acarreta um processo de exclusão moral e social com repercussões imediatas e futuras na vida adulta dos envolvidos³, como o desenvolvimento de distúrbios mentais e ideação suicida⁸.

O *bullying* ocorre em processos interacionais dinâmicos e pode envolver os indivíduos de diversas maneiras, de forma que esses assumam papéis diferenciados como: agressores, vítimas, vítimas/agressores ou testemunhas^{3,9}. O papel de agressor se apresenta como o indivíduo que pratica a violência contra outro(s), supostamente mais fraco³. Os agressores geralmente constituem-se de alunos do sexo masculino, mais velhos, que praticam mais sexo

e mais exercício físico, apresentam comportamentos antissociais, faltam aulas, relatam solidão e insônia, possuem maior tendência para apresentarem comportamentos de risco como o uso de álcool e drogas^{1,4,6,10,11}. Comumente fazem parte de pequenos ou grandes grupos liderados por um que domina outros, e esses se subordinam à liderança por medo ou por satisfação de pertencerem ao grupo dominante^{1,4}. No Brasil, alguns estudos que avaliaram adolescentes agressores de *bullying* verificaram prevalência entre 8,4 a 19,8%^{6,12,13}.

Apesar de existirem vários estudos brasileiros sobre a temática^{14,15,12,13,16}, ainda há muitas lacunas no conhecimento que precisam ser abordadas. Pesquisas sobre fatores de proteção e intervenções efetivas ainda estão em seus estágios relativamente iniciais, e também há uma necessidade urgente de estudos mais rigorosamente avaliados e relatados em países de baixa e média renda^{17,18}. Além disso, grande parte das pesquisas realizadas analisa prioritariamente as vítimas e determinados fatores associados sem utilizar um modelo explicativo e sem contemplar os diferentes contextos e interações que permeiam tal situação.

Diante da complexidade desse fenômeno, neste trabalho, o *bullying* será abordado segundo a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner¹⁹. Essa teoria apresenta quatro componentes multidirecionais inter-relacionados que é designado como modelo PPCT: os processos proximais; as características pessoais; o contexto e o tempo. Neste estudo, serão investigados os processos proximais, foco principal da teoria que são as interações que a pessoa estabelece com seus pares, objetos e símbolos nos diversos contextos vivenciados em um determinado tempo histórico, nas quais o ser humano se apresenta como agente ativo do seu desenvolvimento, capaz de transformar o ambiente e transformar-se^{19,20}.

A teoria de Bronfenbrenner é indicada para o estudo da violência por levar em consideração os quatro componentes PPCT no desenvolvimento individual como uma evolução complexa, com aquisição de competências e habilidades pessoais, as quais irão conduzir e direcionar o comportamento nas mais diversas situações, como a escolha de uma atitude pacífica ou violenta. Nessa perspectiva, deve ser considerada a relevância de um estudo fundamentado em um modelo conceitual explicativo, visando estimar a prevalência de agressores de *bullying* e identificar os fatores de processo associados ao comportamento dos adolescentes agressores de *bullying* em escolas públicas e privadas do Recife.

MÉTODO

Esta pesquisa trata-se de um estudo epidemiológico de corte transversal, de cunho analítico, que permitiu verificar a magnitude do evento e identificar as variáveis envolvidas no papel de agressor de *bullying*.

Participantes

A população do estudo foi composta por adolescentes, com idades entre 15 e 19 anos, matriculados no segundo ano do ensino médio de escolas públicas e particulares da cidade do Recife, no período diurno. A faixa etária estendida para além do padrão para essa série foi incluída devido ao grande número de alunos com defasagem escolar.

Amostra

Para a estimativa da amostra, foram considerados os dados fornecidos pela Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco. Consideraram-se os seguintes parâmetros para estimar o número total de alunos, segundo o número de alunos das escolas públicas e privadas matriculados no ano de 2013: prevalência de *bullying* entre os alunos = 30%⁷, erro amostral = 5% e efeito de desenho = 2. A estimativa encontrada foi de 625 alunos de escola pública e 625 alunos de escola privada. Admitindo 20% de perda, perfaz um total de 1.563 alunos.

A amostragem foi realizada por conglomerados em dois estágios para atingir a amostra estimada. No 1º estágio, os parâmetros para estimar o número de escolas, segundo esfera de governo, foram: prevalência de *bullying* estimada em 95% das escolas, erro amostral = 10% e efeito de desenho = 1. A estimativa encontrada foi de 32 escolas, 16 públicas e 16 privadas. Admitindo 20% de perda, perfaz um total de 40 escolas distribuídas igualmente nos dois extratos. Sendo assim, as escolas foram sorteadas proporcionalmente à quantidade de alunos matriculados no 2º ano do ensino médio em cada escola, com intervalo sistemático.

No 2º estágio, as turmas foram sorteadas aleatoriamente dentro de cada escola. A fim de alcançar o quantitativo esperado de participantes, em cada escola, foram aplicados em torno de 40 questionários, o que implicou a participação de uma ou duas turmas por escola, dependendo do tamanho destas.

Instrumento

O instrumento de coleta consistiu de um questionário autoaplicável incluindo escalas e questões sobre o *bullying* e fatores associados. No entanto, neste artigo foram analisadas questões sobre agressor de *bullying* e as variáveis categorizadas, segundo a dimensão processo da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano¹⁹. O envolvimento de *bullying* na condição de agressor foi definido a partir da questão produzida, baseada no conceito de Olweus¹ e na Escala de Califórnia de Vitimização do *Bullying*^{21,22}, conforme descritas a seguir: “DENTRE OS (AS) SEUS (SUAS) COLEGAS, EXISTE ALGUM (A) QUE VOCÊ CONSIDERA INFERIOR A VOCÊ? SE EXISTE, RESPONDA A PRÓXIMA QUESTÃO PENSANDO APENAS NESSA PESSOA. Alguma vez você já fez coisas de propósito para magoar esse (a) seu (sua) colega, como: A) Zoar, xingar ou colocar apelidos? B) Espalhar boatos ou fofocas, ignorar ou deixar de fora do seu grupo? C) Empurrar, agredir fisicamente, ameaçar ou danificar coisas dele(a)?” Tendo para cada item as seguintes opções de respostas: 0. Nunca/1. Apenas uma vez no mês passado/2. Duas ou três vezes no mês passado/3. Apenas uma vez durante esta semana/ 4. Várias vezes durante esta semana. Sendo considerado agressor o indivíduo que assinalou um dos itens 2, 3 ou 4 em qualquer uma das alternativas.

Quanto às variáveis independentes analisadas neste estudo, estão: ter sofrido violência da mãe e do pai, ter sofrido violência na comunidade e na escola, sofrer e praticar violência física entre namorados, violência entre pares, violência entre irmãos, monitoramento dos pais e responsáveis, ter sofrido discriminação pelos vizinhos, ter sofrido discriminação pelos familiares, ter sofrido agressão sexual e conexão com a escola.

Uma vez que não existe uma escala composta por uma única variável que avalie a “conexão com a escola”, tal avaliação ocorreu por meio da “*School Connectedness Scale*”^{23,24}, adaptada pelos autores, composta por 5 itens relacionados ao adolescente separadamente: sentir-se próximo às pessoas da escola; sentir-se parte da escola; sentir-se feliz em estar na escola; sentir-se seguro na escola; os professores tratam os alunos com justiça. As variáveis independentes e instrumentos utilizados nesta pesquisa estão descritos no Quadro 1.

Quadro 1. Descrição das variáveis, operacionalização e categorização das variáveis estudadas.

VARIÁVEL	OPERACIONALIZAÇÃO	CATEGORIZAÇÃO
DEPENDENTE		
Agressor de <i>Bullying</i>	Questão elaborada a partir da Escala Califórnia de Vitimização do <i>Bullying</i> ²¹ , adaptada e validada ²²	Agressor
INDEPENDENTES		
VARIÁVEIS DE PROCESSO		
Sentir-se próximo às pessoas da escola	Questões elaboradas a partir do questionário longitudinal Add Health ^{23,24}	1. Sim 2. Não
Sentir-se parte da escola		1. Sim 2. Não
Sentir-se feliz em estar na escola		1. Sim 2. Não
Professores tratam alunos com justiça		1. Sim 2. Não
Sentir-se seguro na escola		1. Sim 2. Não
Ter sofrido violência da mãe	Escala Tática de Conflitos (CTS) validada para população brasileira por Moraes, Hasselmann e Reichenheim em 2002 ²⁵	1. Nunca sofreu 2. Sofreu poucas vezes 3 Sofreu muitas vezes
Ter sofrido violência do pai		1. Nunca sofreu 2. Sofreu poucas vezes 3 Sofreu muitas vezes
Ter sofrido violência na comunidade	ILANUD/ONU ²⁶	1. Sim 2. Não
Ter sofrido violência na escola		1. Sim 2. Não
Sofrer e praticar violência física entre namorados	<i>Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventor - CADRI</i> ²⁷ adaptada por Minayo; Assis; Njaine, 2011 ²⁸ .	1. Sim 2. Não
Violência entre pares	Escala Califórnia de Vitimização do <i>Bullying</i> ²¹ , adaptada e validada ²²	1. Sim 2. Não
Violência entre irmãos	Questão elaborada	1. Sim 2. Não
Monitoramento dos pais e responsáveis	Questão elaborada	1. Monitorado 2. Não é monitorado
Ter sofrido discriminação pelos vizinhos	Questão elaborada	1. Nunca 2. Poucas vezes 3. Muitas vezes
Ter sofrido discriminação pelos familiares	Questão elaborada	1. Nunca 2. Poucas vezes 3. Muitas vezes
Ter sofrido agressão sexual	Questão elaborada	1. Sim 2. Não

Procedimentos

A coleta de dados ocorreu no período de agosto a novembro de 2014, por meio da aplicação do questionário aos alunos presentes nas turmas sorteadas. Os questionários foram aplicados por uma equipe de 2 pesquisadores previamente treinados que forneceram uma

breve explicação sobre preenchimento destes e permaneceram na sala de aula durante todo o processo que teve duração média de 60 minutos, em cada turma.

Análise dos dados

Constituída inicialmente de uma análise descritiva das variáveis, seguida da aplicação do teste de Qui-Quadrado de Pearson com significância estatística de 0,05 e Intervalo de Confiança de 95%.

Para a análise de associações, empregou-se a Modelagem Multinível para controle do efeito do conglomerado e ponderado pelo tipo de escola. A técnica multivariada utilizada foi a stepwise do tipo forward, considerando como critério de entrada no modelo significância estatística de 10%. Foram testadas as hipóteses de concomitância e considerada a variável no modelo, segundo a plausibilidade causal. O software utilizado na análise foi o STATA na versão 12.0

Questões éticas

Esta pesquisa faz parte de um estudo maior intitulado de “*Bullying* entre adolescentes escolares: uma abordagem bioecológica”, que foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Aggeu Magalhães sob registro no CAAE: 33233014.6.000.5190 e número do parecer PlatBr: 745.886, de acordo com as normas da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos.

Antes do início da coleta, foram solicitadas autorizações institucionais no âmbito da Educação e assinaturas dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e Termos de Assentimento Livre e Esclarecido. Os questionários foram respondidos de maneira anônima, e os resultados publicados garantirão anonimato dos participantes.

RESULTADOS

A amostra foi composta de 1.402 estudantes, dos quais a maioria do sexo feminino (52,4%), com média de idade 16,4 anos. Quanto ao tipo de escola, 56,4% pertenciam às escolas públicas e 43,6%, às escolas privadas. A frequência de *bullying* na condição de agressor foi de 298 casos, correspondendo a uma prevalência de 21,26% (IC 95%: 17,84% a 24,39%).

A partir da análise univariada foi observada, com relação às interações pessoais permeadas por violência, uma associação significativa com a prática de *bullying*, seja com a violência sofrida na escola (OR=2,46 (1,82 – 3,34), $p<0,001$), na comunidade (OR=2,05 (1,62 – 2,58), $p<0,001$) ou relacionada à violência entre namorados, seja ela sofrida (OR= 1,76 (1,21 – 2,55), $p=0,003$) ou praticada (OR=1,83 (1,19 – 2,81), $p=0,006$). A violência sofrida pelo adolescente e praticada pela mãe seja ela verbal (OR=1,98 (1,32 – 2,97), $p=0,001$) ou física (OR=2,15 (1,66 – 2,78), $p<0,001$) mostrou-se associada à prática do *bullying* pelo jovem, assim como a violência física sofrida pelo jovem, sendo o pai o agressor (OR=1,71 (1,30 – 2,25), $p<0,001$). Além disso, a violência entre irmãos, nas formas de violência física (OR=2,19 (1,63 – 2,94), $p<0,001$) e psicológica (OR=2,14 (1,57 – 2,93), $p<0,001$) mostrou-se associada a uma maior possibilidade de praticar o *bullying*, assim como a condição de familiares terem o costume de perseguir o jovem (OR=1,80 (1,16 – 2,79), $p=0,009$). A associação da prática do *bullying* e a condição de o jovem ter sofrido agressão sexual (OR=1,88 (1,05 – 3,35), $p=0,031$) também foram estatisticamente significantes, apontando uma maior chance de prática de *bullying* entre aqueles que foram vítimas alguma vez na vida. Ainda no que se refere à violência entre pares, os alunos que relataram sofrer dessa violência apresentaram 3,40 mais de chances de serem agressores de *bullying* ($p<0,001$).

Também foi verificada a associação das atitudes discriminatórias cometidas pelos vizinhos e a prática de *bullying*. A ocorrência de atos discriminatórios no que diz respeito à orientação sexual (OR=2,89 (1,60 – 5,24), $p=0,000$) e à aparência física (OR=1,75 (1,28 – 2,40), $p=0,000$) foram significativamente relacionados ao aumento da chance de prática de *bullying*, e entre os familiares, os atos discriminatórios relativos a cor da pele (OR=2,02 (1,19 – 3,42), $p=0,009$) orientação sexual (OR=2,74 (1,31 – 5,75), $p=0,007$) e aparência física (OR=1,81 (1,15 – 2,84), $p=0,010$) também foram associados a uma maior chance de prática de *bullying*.

Em relação à conexão com a escola, verificou-se uma associação estatisticamente significativa com a condição de agressor, no que diz respeito especificamente aos adolescentes “se sentirem parte da escola” (OR=0,74 (0,56 – 0,98), $p=0,038$) “se sentirem feliz em estar na escola” (OR=0,57 (0,43 – 0,74), $p<0,001$) “se sentirem seguro na escola” (OR=0,54 (0,41 – 0,73), $p<0,001$) ou quando consideraram que os “professores tratam com justiça” (OR=0,54 (0,39 – 0,76), $p<0,001$).

Por fim, o monitoramento dos pais e responsáveis (poucas vezes ou nenhum monitoramento) também foi associado à prática de *bullying* (OR= 2,20 (1,57 – 3,08) $p<0,001$), como está descrito da Tabela 1.

Tabela 1. Análise univariada dos fatores de processo associados ao *bullying* na condição de agressor de *bullying*.

Variáveis relacionadas a processo	Agressor de <i>bullying</i> (n = 1.402)			
	Sim N (%)	Não N (%)	OR ^a (IC 95%)	p-valor ^b
Ter sofrido violência na escola				
Não	75 (13,20%)	493 (86,80%)	Referência	
Sim	212 (27,4%)	561 (72,57%)	2,46 (1,82 – 3,34)	<0,001
Ter sofrido violência na sua comunidade				
Não	108 (15,6%)	584 (84,39%)	Referência	
Sim	174 (27,3%)	462 (72,64%)	2,05 (1,62 – 2,58)	<0,001
Violência entre pares				
Não	113 (13,1%)	748 (86,8%)	Referência	
Sim	184 (34,0%)	356 (65,93%)	3,40 (2,68 – 4,31)	<0,001
Violência entre namorados				
Violência sofrida				
Não	46 (18,78%)	199 (81,22%)	Referência	
Sim	92 (29,39%)	221 (70,61%)	1,76 (1,21 – 2,55)	0,003
Nunca namorou	155 (18,7%)	674 (81,30%)	0,96 (0,70 – 1,33)	0,846
Violência praticada				
Não	42 (17,72%)	195 (82,28%)	Referência	
Sim	94 (28,92%)	231 (71,08%)	1,83 (1,19 – 2,81)	0,006
Nunca namorou	157 (19,0%)	667 (80,95%)	1,07 (0,74 – 1,54)	0,712
Ter sofrido violência da mãe				
Violência verbal				
Não	38 (13,15%)	251 (86,85%)	Referência	-
Sim	259 (23,3%)	852 (76,69%)	1,98 (1,32 – 2,97)	0,001
Violência física				
Não	110 (15,2%)	615 (84,83%)	Referência	-
Sim	188 (27,8%)	488 (72,2%)	2,15 (1,66 – 2,78)	<0,001
Ter sofrido violência do pai				
Violência verbal				
Não	141 (19,1%)	595 (80,84%)	Referência	-
Sim	149 (22,8%)	503 (77,15%)	1,24 (0,96 – 1,61)	0,093
Violência física				
Não	218 (19,4%)	905 (80,59%)	Referência	-
Sim	80 (28,8%)	197 (71,12%)	1,71 (1,30 – 2,25)	<0,001
Monitoramento dos pais ou responsáveis				
Sempre/muitas vezes	233 (19,5%)	964 (80,53%)	Referência	-
Poucas/nunca	58 (34,32%)	111 (64,68%)	2,20 (1,57 – 3,08)	<0,001
Violência entre irmãos				
Violência física				
Não	118 (15,8%)	626 (84,8%)	Referência	-
Sim	114 (29,1%)	277 (70,84%)	2,19 (1,63 – 2,94)	<0,001
Violência verbal				
Não	56 (17,18%)	270 (82,82%)	Referência	-
Sim	175 (21,6%)	636 (78,42%)	1,30 (0,97 – 1,75)	0,072
Violência psicológica				
Não	133 (16,4%)	677 (83,58%)	Referência	-
Sim	96 (30,09%)	223 (69,91%)	2,14 (1,57 – 2,93)	<0,001
Familiares costumam perseguir				
Poucas vezes/nunca	260 (20,3%)	1017 (79,6%)	Referência	-
Sempre/muitas	36 (31,58%)	78 (68,42%)	1,80 (1,16 – 2,79)	0,009

vezes				
Ter sofrido agressão sexual				
Não	270 (20,8%)	1025 (79,1%)	Referência	-
Sim	14 (33,3%)	28 (66,7%)	1,88 (1,05 – 3,35)	0,031
Ter sofrido discriminação pelos vizinhos				
Pela cor da pele	17 (24,29%)	53 (75,71%)	1,26 (0,67 – 2,37)	0,467
Condição social	30 (28,30%)	76 (71,70%)	1,58 (0,98 – 2,55)	0,056
Orientação sexual	19 (39,58%)	29 (60,42%)	2,89 (1,60 – 5,24)	0,000
Aparência física	64 (29,22%)	155 (70,7%)	1,75 (1,28 – 2,40)	0,000
Ter sofrido discriminação pelos familiares				
Pela cor da pele	13 (36,1%)	23 (63,9%)	2,02 (1,19 – 3,42)	0,009
Condição social	14 (26,9%)	38 (73,1%)	1,42 (0,80 – 2,53)	0,201
Orientação sexual	18 (40,0%)	27(60,0%)	2,74 (1,31 – 5,75)	0,007
Aparência física	46 (30,87%)	103 (69,1%)	1,81 (1,15 – 2,84)	0,010
Conexão com a escola				
Sentir-se próximo às pessoas	219 (20,3%)	858 (79,6%)	0,76 (0,58 – 1,01)	0,062
Sentir-se parte da escola	198 (19,9%)	797 (80,1%)	0,74 (0,56 – 0,98)	0,038
Sentir-se feliz em estar na escola	185 (18,4%)	820 (81,6%)	0,57 (0,43 – 0,74)	<0,001
Professores tratam com justiça	174 (18,0%)	790 (81,9%)	0,54 (0,39 – 0,76)	<0,001
Sentir-se seguro na escola	185 (18,7%)	803 (81,2%)	0,54 (0,41 – 0,73)	<0,001

^a OR ajustada considerando o desenho de amostragem (cluster) e peso por tipo de escola.

^bSignificância estatística- $p \leq 0,10$

A partir da análise do modelo multivariado (Tabela 2), verificou-se que a violência sofrida na escola ($p < 0,001$) assim como a experiência de violência entre pares ($p < 0,001$) apresentaram maior chance de ser agressor de *bullying*.

A violência física especificamente cometida pela mãe ($p < 0,001$) mostrou-se associada à prática de *bullying*. Ainda em relação à violência intrafamiliar, observou-se uma associação estatisticamente significativa com as violências física ($p = 0,006$) e verbal ($p = 0,030$) entre irmãos.

Tabela 2. Análise multivariada dos fatores de processo associados ao *bullying* na condição de agressor de *bullying*.

Variáveis relacionadas a processo	Agressor de <i>bullying</i>	
	OR ^a (IC 95%)	p-valor ^b
Violência sofrida na escola		
Não	Referência	
Sim	1,76 (1,28 – 2,41)	<0,001
Violência física sofrida pela mãe		
Não	Referência	
Sim	1,74 (1,35 – 2,23)	<0,001
Violência entre pares		
Não	Referência	
Sim	2,61 (2,00 – 3,40)	<0,001
Violência física sofrida pelos irmãos		
Não	Referência	
Sim	1,67 (1,15 – 2,41)	0,006
Violência verbal sofrida pelos irmãos		
Não	Referência	
Sim	0,66 (0,46-0,96)	0,030

^aOR ajustada considerando o desenho de amostragem (cluster) e peso por tipo de escola

^bSignificância estatística-p<0,05

Apesar de não se manter no modelo final, o monitoramento dos pais e responsáveis apresentou-se no limítrofe da associação com a prática do *bullying* com p=0,058.

Não houve associação estatisticamente significativa ao final da análise multivariada com as demais variáveis de processo estudadas.

DISCUSSÃO

A prevalência encontrada na presente pesquisa corrobora os achados publicados no ano de 2014²⁹, em estudo realizado no Brasil, em escolas das redes pública e privada, nas capitais brasileiras e no Distrito Federal, na qual foi verificada prevalência de agressores de 20,8%. Fato relevante, pois aponta para uma semelhança entre a realidade das escolas locais com as escolas nacionais do ponto de vista de alunos que afirmam praticar tal comportamento. Outras pesquisas realizadas no Brasil^{30,31} e na Nigéria³² também encontraram frequências ainda mais elevadas de agressores de *bullying*, em que obtiveram 48,9%, 54,7% e 64,9% de

agressores, respectivamente. Em contrapartida, estudo realizado com adolescentes em 40 países³³ evidenciou prevalência de prática de *bullying* de 10,7%, porém com grande variação nas taxas entre os países. Tais dados podem refletir as diferenças sociais, culturais e políticas existentes em cada país ou também as medidas preventivas eficazes no enfrentamento para esse fenômeno.

Essa questão é reforçada pelos resultados que mostraram que os sentimentos de segurança, felicidade, se sentir parte da escola e considerar os professores justos são fatores de proteção com a prática de *bullying*, embora não tenham permanecido na análise final.

Em relação às variáveis de processo, observa-se que houve associação com a violência sofrida na escola, a violência física sofrida pela mãe e pelos irmãos, bem como da violência entre pares. Fato preocupante, tendo em vista o impacto que esse tipo de conduta pode trazer para os que sofrem as agressões como modelo de reprodução do comportamento vivenciado. Considerando que os principais locais de socialização e preparação para a vida adulta desses adolescentes são a escola e a casa, eles têm experienciado as diversas formas de violência, desde *bullying* até a violência familiar, nos seus diversos espaços de convivência³⁴. Todavia, esses deveriam ser ambientes em que o adolescente se sentisse acolhido e protegido, ao mesmo tempo em que pudesse expandir seus conhecimentos e também aprendesse a ser solidário, a ter consciência dos direitos, deveres e responsabilidades e a lidar com os problemas com independência, ou seja, a ser um cidadão.

No que diz respeito ao estudante ter sofrido violência física pela mãe, essa conduta pode estar relacionada à tentativa de inibir um comportamento inadequado ou punitivo ao filho, pois conforme destaca Andrade³⁵, o comportamento agressivo tem origem no modelo educativo familiar, a partir da agressividade e violência cometida pelos pais para punição dos filhos, de modo a influenciar no comportamento social destes¹⁴. Zottis et al.³⁶ também verificaram que a prática de *bullying* apresentou associação com a disciplina parental autoritária e punitiva dos pais, e, dentre os castigos, o severo, especificamente praticado pela mãe. Ademais, chamam atenção quanto ao uso de castigo corporal por parte dos pais, pois dessa forma, eles ensinam aos seus filhos que bater é uma das formas de lidar com conflitos interpessoais.

Outro fato importante a ser destacado é que Malta et al., em 2010³⁷, já havia publicado em pesquisa nacional, realizada nas capitais e no Distrito Federal, com escolares de escolas pública e privada, que a maior prevalência de violência física no âmbito doméstico foi registrada na cidade do Recife com 11,7% (IC95%: 10,3%-13,0%). Assim, revelando que esse

tipo de violência vem acontecendo há algum tempo, sendo frequente nessa faixa etária e nesse contexto.

A violência entre pares, caracterizada como pelo menos uma experiência de vitimização ou ato de violência de qualquer frequência entre pares, mas sem a presença de desequilíbrio de poder^{1,21}, também se revelou associada à prática de *bullying*. Nesse caso, presume-se que o estudante envolvido em uma situação eventual de violência entre colegas, seja na situação de vítima ou de agressor, mesmo que não de forma intencional, esteja mais propenso a reproduzir alguma agressão, passando a agir de forma intencional diante de alguém visivelmente mais fraco, mais tímido ou mais novo.

Estudo recente realizado no Brasil também verificou que a maioria dos agressores sofre violência física familiar¹¹. Corroborando tais informações, pesquisas apontam que o envolvimento de adolescente com a violência se deve a diversos fatores, entre os quais está a própria fase da adolescência, consumo abusivos de substâncias, os conflitos e a violência familiar, exposição à violência e situações de violência ou conflito conjugal podem induzir à prática de comportamentos violentos pelos adolescentes^{38,39}.

Além dos fatores acima citados, verificou-se que o pouco ou nenhum monitoramento dos pais mostrou-se no limítrofe a associação ao *bullying*, no papel de agressor. Dado semelhante com o apresentado em pesquisa que mostrou que ser agressor se associou inversamente com supervisão familiar¹¹. Por outro lado, Ayas⁴⁰, em seu trabalho, verificou que estudantes que tinham pais com atitudes negligentes sofriam mais *bullying* que os de pais com atitudes permissivas e democráticas. Apesar de este trabalho não analisar o *bullying* no papel de agressor, observa-se como é importante o monitoramento e a participação dos pais na vida dos filhos, tendo em vista que ele vem sendo associado tanto nos casos de vítimas quanto de agressores.

Nesse sentido, existem fortes evidências que o comportamento do agressor de *bullying* está moldado pelas interações e experiências de violência vivenciadas ao longo da vida, as quais Bronfenbrenner classifica como a dimensão processo.

Embora a presente pesquisa tenha abordado apenas a violência interpessoal, que ocorre nos contextos familiar e escolar, precisamos considerar o ambiente de violência generalizada, ao qual estão expostas as pessoas que vivem em capitais brasileiras. A teoria de Bronfenbrenner mostra que o desenvolvimento humano ocorre em um sistema de multicamadas, que se estende desde a relação de nível micro entre pais e filhos até instituições e culturas de nível macro, desdobrando-se ao longo do tempo. Para as pessoas prosperarem como indivíduos, seres sociais e cidadãos, precisam de condições que lhes permitam florescer

fisicamente e desenvolver relacionamentos e ações cada vez mais inclusivos e expansivos, como participantes sociais e cívicos⁴¹.

A presente pesquisa apresenta algumas limitações no que concerne aos dados serem baseados apenas em autorrelatos, pela possibilidade de o estudante falsear a resposta ou apresentar o viés de memória. Outra limitação foi a inclusão apenas de adolescentes que estavam frequentando a escola e presentes em sala de aula no momento da aplicação do questionário. Decisão que pode ter ocasionado algum viés nos resultados, pois o absentismo ou evasão escolar está relacionado ao problema estudado, no entanto não inviabiliza o trabalho, pois foi realizado o cálculo amostral considerando tal acontecimento. Além do mais, este oferece uma percepção pontual da realidade, o que não permite estabelecer uma relação causal, tendo em vista ser um estudo transversal.

Conclui-se que existe uma alta prevalência de prática de *bullying* na população estudada, e os fatores associados são as violências sofridas na escola, a violência entre pares, assim como a violência praticada pela mãe e irmãos. Os dados ressaltam a importância de compreender as relações e interações dos agressores de *bullying* com as pessoas em seus diversos espaços, a fim de planejar ações específicas.

Dessa forma, nota-se que as estratégias de prevenção e combate ao *bullying* devem envolver os alunos, pais e/ou responsáveis, profissionais de educação, assim como os da saúde. Tendo em vista que essa prática pode ser consequência da violência sofrida na escola, por pares e por familiares no domicílio, as medidas junto aos alunos agressores não podem ser apenas punitivas, e sim, de apoio e escuta especializada para que possam lidar com seus sentimentos diante da violência sofrida e refletir acerca dos motivos que levaram a cometer esses atos. Além disso, é importante a conscientização dos adolescentes agressores quanto às consequências desses comportamentos nas suas vidas e nas dos que sofrem o *bullying*, que vão desde o desenvolvimento de doenças psicossomáticas, até os problemas sociais, emocionais e acadêmicos^{3,16}.

No contexto escolar, os profissionais da educação precisam estar preparados para enfrentar essas situações, a ponto de distinguirem a violência das brincadeiras próprias da idade, bem como promoverem discussões e atividades sobre o tema e intervirem ao presenciar determinados comportamentos, favorecendo uma cultura de paz. Os profissionais de saúde têm papel importante no que se refere às ações de combate à violência escolar, não só por meio de intervenções com o programa de saúde na escola, mas identificando, nas unidades de saúde, adolescentes vítimas de violência e notificando as entidades responsáveis. Pais e/ou responsáveis necessitam compreender que os comportamentos agressivos não são adequados

e por isso devem ser evitados dentro da família. A cultura da paz precisa estar presente em todos os ambientes em que esses adolescentes estão inseridos, inclusive no seu domicílio. Portanto, aproximar os pais da escola é imprescindível para o enfrentamento do *bullying* escolar.

Apesar de existirem vários estudos brasileiros sobre o *bullying*, a maioria é relativa à vitimização, e poucos usaram um olhar mais integrador quanto ao conjunto dessas variáveis, além do mais não possuem um modelo conceitual explicativo para tal fenômeno. Dessa forma, ratifica-se a importância deste trabalho em contribuir na elaboração de ações e programas que visem à promoção, prevenção e intervenção a esse tipo de comportamento.

FINANCIAMENTO

Este trabalho foi financiado pelo Programa PAPES VI/FIOCRUZ/CNPq (processo 407738/2012.6).

Está disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/a-influencia-da-violencia-familiar-e-entre-pares-na-pratica-do-bullying-por-adolescentesescolares/17374?id=17374>

REFERÊNCIAS

1. Olweus D. *Bullying at school: what we know and what we can do*. Cambridge, MA, Blackwell; 1993.
2. Gladden RM, Vivolo-Kantor AM, Hamburger ME, Lumpkin CD. *Bullying Surveillance Among Youths: Uniform Definitions for Public Health and Recommended Data Elements*, Version 1.0. Atlanta, GA; National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention and U.S. Department of Education; 2014.
3. Zequinão MA, Medeiros P, Pereira B, Cardoso FL. *Bullying* escolar: um fenômeno multifacetado. *Educ. Pesqui.* 2016; 42 (1):181-98.
4. Berger KS. Update on bullying at school: Science forgotten? *Developmental Review* 2007; 27: 90-126.
5. Bandeira CM, Hutz CS. Bullying: Prevalência, Implicações e Diferenças Entre Os Gêneros. *Psicol. Esc. Educ* 2012; 19 (1): 35-44.

6. Mello FCM, Silva JL, Oliveira WA, Prado RR, Malta DC, Silva MAI. A prática de *bullying* entre escolares brasileiros e fatores associados, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. *Cienc Saúde Colet*. 2017; 22 (9): 2939-2948.
7. Malta DC, Silva MAI, Mello FCM, Monteiro RA, Sardinha LMV, Crespo C et al . Bullying in Brazilian schools: results from the National School-based Health Survey (PeNSE), 2009. *Cien Saúde Colet* 2010; 15 (Suppl 2):3065-3076.
8. Sigurdson JF, Undheim AM, Wallander JL, Lydersen S, Sund AM. The Longitudinal Association of Being Bullied and Gender with Suicide Ideations, Self-Harm, and Suicide Attempts from Adolescence to Young Adulthood: A Cohort Study. *Suicide and Life-Threatening Behavior* 2018; 48 (2):169-182.
9. Santos MM, Perkoski IR, Kienen N. Bullying: atitudes, consequências e medidas preventivas na percepção de professores e alunos do ensino fundamental. *Temas psicol* 2015; 23(4):1017-1033.
10. Liang H, Flisher AJ, Lombard CJ. Bullying, Violence, And Risk Behavior In South African School Students. *Child Abuse & Neglect* 2007; 3:161-71.
11. Oliveira WA, Silva MAI, Silva JL, Mello FCM, Prado RR, Malta DC. Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. *J. Pediatr* 2016; 92(1):32-39.
12. Marcolino EC, Cavalcanti AL, Padilha WWN, Miranda FAN, Clementino FS. Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. *Texto Contexto Enferm* 2018; v. 27, n. 1: e5500016.
13. Alcantara SC, González-Carrasco M, Montserrat C, Casas F, Viñas-Poch F, Abreu DP. Violência entre pares, clima escolar e contextos de desenvolvimento: suas implicações no bem-estar. *Cien Saúde Colet* 2019; 24(2):509-522.
14. Weimer WR, Moreira EC. Violência e Bullying: Manifestações e Consequências nas Aulas de Educação Física Escolar. *Rev Bras. Cienc. Esporte* 2014; 36(1):257-74.
15. Monteiro RP, Medeiros ED, Pimentel CE, Soares AKS, Medeiros HA, Gouveia, VV. Valores Humanos e *Bullying*: Idade e Sexo Moderam essa Relação? *Temas em Psicologia* 2017; 25 (3): 1317-1328.
16. Malta DC, Mello FCM, Prado RR, Sá ACMGN, Marinho de Souza MF, Pinto I, et al. Prevalência de bullying e fatores associados em escolares brasileiros, 2015. *Cienc Saúde Colet* 2019; 24(4):1359-1368.
17. Sivaraman B, Nye E, Bowes L. School-based anti-bullying interventions for adolescents in low- and middle-income countries: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior* 2019;45:154-162.
18. Zych I, Farrington DP, Ttofi MM. Protective factors against bullying and cyberbullying: A systematic review of meta-analyses. *Aggression and Violent Behavior* 2019;45:4-19.
19. Bronfenbrenner U. *The bioecological theory of human development*. In: BRONFENBRENNER, U. (Ed). *Making humans beings human: bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks: Sage Publications. 2005:3-15.

20. Martins E, Szymanski H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estud. pesqui. psicol* 2004;4(1).
21. Felix ED, Sharkey JD, Green JG, Furlong MJ, Tanigawa D. Getting precise and pragmatic about the assessment of bullying: The development of the California Bullying Victimization Scale. *Aggressive Behavior* 2011; 37:234-47.
22. Soares AKS, Gouveia VV, Gouveia RSV, Fonsêca PN, Pimentel CE. Escala Califórnia de Vitimização do Bullying (ECVB): evidências de validade e consistência interna. *Temas psicol* 2015;23(2): 481-91.
23. Tourangeau R, Shinn H. (1999). National Longitudinal Study of Adolescent Health: Grand sample weight. Chapel Hill: University of North Carolina, National Opinion Research Center and Carolina Population Center. Retrieved January 20, 2008, from www.cpc.unc.edu/projects/addhealth/
24. You S, Furlong MJ, Felix E, Sharkey JD, Tanigawa, D. Relations among school connectedness, hope, life satisfaction, and bully victimization. *Psychology in the Schools* 2008; 45 (5):446-60.
25. Moraes CL, Hasselmann MH, Reichenheim ME. Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. *Cad Saúde Pública* 2002;18(1):163-75.
26. Kahn T, Bermergui C, Yamada E, Cardoso FC, Fernandes F, Zacchi JM et al. (1999). O dia a dia nas escolas (violências autoassumidas). Projeto de Pesquisa. São Paulo: Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente (ILANUD) e Instituto Sou da Paz.
27. Wolfe DA, Scott K, Reitzel-Jaffe D. Development and validation of the Conflict in adolescent dating relationship inventory. *Psychological assessment* 2001; 13(2):277-93.
28. Minayo MCS, Assis SG, Njaine K. (Org). Amor e Violência: Um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.
29. Malta DC, Prado RR, Dias AJR, Mello FCM, Silva MAI, Costa MR, Caiaffa WT. Bullying e fatores associados em adolescentes brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (Pense 2012). *Rev Bras de Epidemiol* 2014; 17 (supl 1):131-145.
30. Brito CC, Oliveira MT. Bullying and self-esteem in adolescents from public schools. *J Pediatr (Rio J)*. 2013;89(6):601-7
31. Bandeira CM, Hutz CS. Bullying: prevalence, implications and gender differences. *Psicol Esc Educ* 2012;16:35-44.
32. Alex-Hart BA, Okagua J, Opara PI. Prevalence of bullying in secondary schools in Port Harcourt. *Int J Adolesc Med Health* 2015; 27(4): 391-6.
33. Craig W, Harel-Fisch Y, Fogel-Grinvald H, et al. A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. *Int J Public Health* 2009;54 Suppl 2(Suppl 2):216-24.
34. Abramovay M. Escola e violência / Miriam abramovay *et alii*. – Brasília: Unesco, 2002.

35. Andrade MP. *Bullying: concepções dos atores envolvidos*. 2007. 95 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru, 2007.
36. Zottis GAH, Salum GA, Isolan LR, Manfro GG, Heldt E, et al. Associations between child disciplinary practices and bullying behavior in adolescents. *J. Pediatr* (Rio J.), 2014, 90(4), 408-414.
37. Malta DC, Souza ER, Silva MMA, Silva CS, Andreazzi MAR, Crespo C, et al. Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). *Cienc Saude Colet* 2010; 15: 3053-63.
38. Horta RL, Horta BL, Pinheiro RT, Krindges M. Comportamentos violentos de adolescentes e coabitação parento-filial. *Rev de Saúde Públ* 2011; 44:979-85.
39. Faria CS, Martins CBG. Violência entre adolescentes escolares: condições de vulnerabilidades. *Rev electrónica trimestral de enfermaría*. 2016; (42): 171-84.
40. Ayas T. The Effect of Parental Attitudes on Bullying and Victimizing Levels of Secondary School Students. *Procedia-Social and Behavioral Sciences* 2012; 55: 226-31.
41. Adams TM. *How Chronic Violence Affects Human Development, Social Relations, and the Practice of Citizenship: A Systemic Framework for Action*. Washington, DC: Woodrow Wilson International Center for Scholars. 2017.

9.2 Artigo 2 - Prevalência e fatores associados ao *bullying*: diferenças entre os papéis de vítimas e agressores

Georgia Rodrigues Reis e Silva^a, Maria Luiza Carvalho de Lima^b, Raquel Moura Lins Acioli^c, Alice Kelly Barreira^d

^aPrograma de Doutorado em Saúde Pública, Instituto Aggeu Magalhães (IAM), Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz/PE, Recife (PE), Brasil.

^bInstituto Aggeu Magalhães (IAM), Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz/PE, Recife (PE), Brasil.

^cPrefeitura do Recife, Pernambuco, Brasil.

^dProfessora Adjunto do Departamento de Clínica e Odontologia Preventiva da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Resumo

Objetivo: Identificar as diferenças entre as prevalências e os fatores associados ao envolvimento em *bullying* entre adolescentes escolares do Recife no papel de vítima e agressor. *Método:* Estudo epidemiológico de corte transversal analítico, com amostra probabilística por conglomerados de 1.402 estudantes matriculados no ensino médio de escolas do Recife. A análise dos dados foi constituída de uma análise descritiva, seguida da aplicação do teste de Qui-Quadrado de Pearson, com significância estatística de 0,05 e Intervalo de Confiança de 95%. Para a análise de associações foi empregada a modelagem multinível para controle do efeito do conglomerado. *Resultados:* Observou-se que o adolescente que se sente diferente dos outros colegas apresentou associação com o *bullying* independente do papel desempenhado. A condição de ser vítima mostrou associação com ser do sexo feminino, ter baixa autoestima e utilizar tranquilizantes, além disso, ser transgressor mostrou ser fator de proteção. No papel de agressor de *bullying* ser do sexo masculino, fazer uso de álcool em excesso, ter um ruim desempenho escolar, ser transgressor e aceitar violência entre pares foram as variáveis associadas; por sua vez, não defender suas ideias com amigos revelou ser fator de proteção para a prática do *bullying*. *Conclusão:* As diferenças apresentadas entre os adolescentes, seja no papel de vítima ou de agressor, apontam que condutas de promoção e prevenção tenham enfoque que considerem tais aspectos, principalmente no ambiente escolar.

Palavras-chave: Prevalência, *bullying*, agressão, vitimização.

Abstract

Objective: To identify the differences between prevalences and factors associated with bullying among schoolchildren from Recife. **Method:** This is an epidemiological cross-sectional study, with probability sampling by conglomerates of 1,402 high school students from Recife. Data analysis consisted of a descriptive analysis, followed by the Pearson Chi-Square test with significance of 0.05 and 95% confidence Interval. For association analysis, the multilevel modeling was used to control the conglomerate effect. **Results:** We found that those who feel different from the other schoolmates showed an association with bullying regardless of the role played. Victims were associated with being female, having low self-esteem and making use of sedatives, besides, being a transgressor was shown to be a protective factor. In turn, male bullies, excessive alcohol use, poor school performance, being a transgressor, and accepting violence between peers were variables associated with not defending their ideas with friends and, thus, was found to be a protective factor for bullying. **Conclusion:** The differences between adolescents, whether being the victim or the bully, indicate that promotion and prevention behaviors should focus on such aspects, especially in the school environment.

Keywords: Prevalence, bullying, aggression, victimization

Introdução

A violência entre escolares é um problema mundial de grande relevância para a saúde pública e representa uma questão crítica e desafiadora, devido ao impacto social e desenvolvimento dos envolvidos¹. A realidade das escolas brasileiras não difere, e essas manifestações têm tomado proporções assustadoras nos dias atuais².

No ambiente escolar, existe uma categoria específica de violência ou comportamento agressivo denominado de *bullying*, uma subcategoria da violência entre pares, que apresenta características próprias, como intencionalidade do comportamento, repetição e desequilíbrio de poder³. Esse fenômeno apresenta quatro tipos de envolvimento: vítimas, agressores, vítimas-agressoras e testemunhas⁴.

Dentre os papéis de envolvimento, destacam-se as vítimas, que são pessoas que vivenciaram alguma situação de vitimização de forma intencional, repetidas vezes, e que julgam possuir, pelo menos, uma característica, seja física, social ou psicológica, que o coloque em desequilíbrio de poder com relação ao seu agressor⁵. Enquanto que os agressores são sujeitos que agredem outro(s), sem ter havido necessariamente provocação por parte da vítima⁵. Por vezes, julgam que sua conduta pode trazer benefícios materiais e sociais e normalmente são populares.

O *bullying* é uma prática, que tem acarretado problemas comportamentais, físicos e emocionais de curto a longo prazo aos envolvidos⁶. A literatura tem destacado que as consequências do envolvimento diferem, conforme o papel desempenhado, entre os quais se verificam nas vítimas: dificuldades nas atividades escolares e relacionamento, presença de distúrbios mentais na vida adulta, diminuição da autoestima, maior propensão ao abandono escolar⁷, automutilação e comportamento suicida⁸. Aos agressores essa exposição pode ocasionar problemas nos relacionamentos afetivos e sociais, dificuldade em respeitar as leis, menor autocontrole, maior probabilidade de se tornarem pessoas mais agressivas ou agressores envolvidos em criminalidade⁷.

Dados de pesquisa desenvolvida em 40 países, com 202.056 adolescentes escolares, encontraram prevalência de 12,6% de vítimas de *bullying* e 10,7% de agressores⁹. Pesquisas realizadas com escolares brasileiros têm verificado prevalência de vítimas de *bullying*, variando de 7,1 a 37,6%^{6,10,11} nas escolas públicas e de 7,6 a 35% nas escolas privadas^{6,11}. Já a prevalência de agressor de *bullying* encontra-se entre 15 e 39,7%^{6,12,13}. Observa-se, portanto, uma grande variação da prevalência entre as pesquisas, fato que pode estar relacionado aos diferentes critérios de classificação do *bullying* e ao uso de diferentes escalas na sua mensuração, além dos contextos sociais em que esse fenômeno está inserido.

A literatura aponta que os prejuízos e as repercussões decorrentes da exposição a esse fenômeno são muitos, mas podem variar de acordo com o papel desempenhado. Entretanto, vale salientar que a maioria dos estudos realizados com essa temática se preocupou em analisar os fatores de risco e de proteção isoladamente e, apenas, às vítimas. Portanto, observa-se a importância deste estudo em estimar a magnitude desse problema e identificar os fatores associados à condição de vítima e agressor de *bullying* entre adolescentes escolares do Recife.

Métodos

Esta pesquisa faz parte de um estudo maior intitulado de “*Bullying* entre adolescentes escolares: uma abordagem bioecológica”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Aggeu Magalhães sob registro no CAAE: 33233014.6.000.5190 e número do parecer PlatBr: 745.886, de acordo com as normas da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos.

Trata-se de um estudo epidemiológico de corte transversal, de cunho analítico, o qual permitiu estimar a prevalência e identificar a diferença entre as características pessoais de

vítimas e agressores de *bullying*, por meio da aplicação de questionário composto por escalas e questões sobre o *bullying* e fatores de risco associados a adolescentes, com idades entre 15 e 19 anos, matriculados no segundo ano do ensino médio de escolas públicas e particulares da cidade do Recife, no período diurno. O recorte dos alunos do segundo ano do ensino médio se deve à necessidade de abordar uma população com maior maturidade e facilidade para responder às questões de violência contidas no questionário e, ao mesmo tempo, optou-se por evitar o terceiro ano, o qual está academicamente sobrecarregado devido à proximidade com os processos seletivos para o ensino superior.

O cálculo do tamanho amostral foi realizado com população estimada de 20.404 alunos do 2º ano do ensino médio (de 15 a 19 anos), de acordo com dados fornecidos pela Secretaria da Educação do Estado de Pernambuco em 2013. Aplicou-se intervalo de confiança de 95%, erro amostral de cinco pontos percentuais, prevalência entre alunos estimada com 30%, perda amostral de 20% e efeito de delineamento amostral estabelecido em duas vezes o tamanho mínimo da amostra. A estimativa encontrada foi de 625 alunos de escola pública e 625 alunos de escola privada. Admitindo 20% de perda, perfaz um total de 1.563 alunos.

A amostragem foi realizada por conglomerados e obedeceu a uma sequência de etapas, na tentativa de se obter uma amostragem representativa de escolares quanto à distribuição, conforme o tipo de escolas e turma. No 1º estágio, os parâmetros para estimar o número de escolas, segundo esfera de governo, foram: prevalência de *bullying* em 95% das escolas, erro amostral = 10% e efeito de desenho = 1, encontrando estimativa de 32 escolas, 16 públicas e 16 privadas. Admitindo 20% de perda, perfaz um total de 40 escolas distribuídas igualmente nos dois extratos.

No 2º estágio, as turmas foram sorteadas aleatoriamente dentro de cada escola. A fim de alcançar o quantitativo esperado de participantes, em cada escola, foram aplicados em torno de 40 questionários.

Neste artigo, foram analisadas questões sobre vítima e agressor de *bullying* classificadas como variável dependente e as características pessoais como variáveis independentes. O envolvimento de *bullying* na condição de vítima foi definido a partir da Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying* (ECVB)¹⁴, formada por sete itens, os quais questionam sobre as formas e frequência de vitimização que podem ter experimentado na escola, considerada exemplos de comportamento de *bullying*. Cada item da escala é composto por uma sequência de cinco pontos, classificados em: 0 = nunca, 1= apenas uma vez no mês passado, 2 = duas ou três vezes no mês passado, 3= apenas uma vez durante esta semana e 4= várias vezes durante esta semana. Posteriormente, é necessário indicar se esse comportamento

anteriormente classificado foi de propósito e teve importância (o magoou), respondendo “sim” ou “não”. Por fim, a ECVB avalia o desequilíbrio de poder entre a vítima e o agressor através de 10 características que podem descrever como é a outra pessoa, solicitando que os indivíduos se comparem com a “principal pessoa que fez tais coisas a você”, por meio de respostas à escala de três pontos, classificando em: “menos do que eu”, “parecido comigo” e “mais do que eu”. Portanto, os adolescentes que vivenciaram algum tipo de vitimização, por 2 ou 3 vezes no mês ou mais, foram considerados como vítimas de *bullying*.

Por outro lado, a condição de agressor de *bullying* foi avaliada a partir da questão produzida baseada no conceito de Olweus¹⁵ e na Escala de Califórnia de Vitimização do *Bullying*¹⁴, conforme descrita a seguir: “DENTRE OS (AS) SEUS (SUAS) COLEGAS, EXISTE ALGUM (A) QUE VOCÊ CONSIDERA INFERIOR A VOCÊ? SE EXISTE, RESPONDA A PRÓXIMA QUESTÃO PENSANDO APENAS NESSA PESSOA. Alguma vez você já fez coisas de propósito, para magoar esse (a) seu (sua) colega, como: A) Zoar, xingar ou colocar apelidos? B) Espalhar boatos ou fofocas, ignorar ou deixar de fora do seu grupo? C) Empurrar, agredir fisicamente, ameaçar ou danificar coisas dele(a)?”, tendo para cada item as seguintes opções de respostas: 0. Nunca/1. Apenas uma vez no mês passado/2. Duas ou três vezes no mês passado/3. Apenas uma vez durante esta semana/4. Várias vezes durante esta semana. Sendo considerado agressor o indivíduo que assinalou um dos itens 2, 3 ou 4 em qualquer uma das alternativas.

A vítima-agressora foi considerada a partir da classificação, ao mesmo tempo na descrição acima, em vítima e agressor. Dessa forma, tendo respondido ter sofrido algum tipo de violência de pelo menos 2 ou 3 vezes no mês passado, de forma intencional e que o magoou, cometida por colega com características diferente da dele. Além disso, ter respondido que cometeu *bullying* pelo menos 2 ou 3 vezes no mês passado.

Quanto às variáveis independentes, algumas foram avaliadas por questões isoladas e outras por escalas, como descritas a seguir: **Sexo**: autorreferido como feminino ou masculino; **Idade**: autorreferida entre 15 e 19 anos; **Cor da pele**: autorreferida como branca, negra, pardo, amarela e indígena; **Prática de religião**: autorreferida; **Possuir deficiência física**: autorreferida; **Desempenho escolar**: foi questionado ao aluno sobre as suas notas no último ano. As opções de respostas foram: muito boas, boas, ruins e muito ruins. **Autoestima**: é um instrumento com 10 itens designados a avaliar globalmente a atitude positiva ou negativa de si mesmo. As opções de resposta variam em 4 tipos: concordo totalmente, concordo, discordo, discordo totalmente. Uma elevada autoestima é indicada por um escore alto. A versão utilizada nesta pesquisa foi adaptada no Brasil por Avanci et al. (2007)¹⁶; **Autoconfiança/Defender suas ideias ou opiniões**: foi avaliada com base em questão que

interroga se o adolescente defende suas ideias e opiniões com seus amigos/colegas; **Uso de droga pelo jovem no último ano:** categorizado como ausência ou presença de pelo menos um dos seguintes comportamentos: consumo de bebida alcoólica até se embriagar ou sentir-se bêbado (ficar de “porre”); usar maconha, cocaína, “crack” ou pasta de coca, remédio para emagrecer, calmante/tranquilizante, anabolizante (“bomba para ficar forte”). As opções de resposta são: muitas vezes, poucas vezes e nunca; **Se sentir diferente:** os adolescentes foram questionados se tinham alguma característica que fazia se sentirem diferentes; **Excesso de peso:** estudantes responderam se achavam estar acima do peso e se haviam sofrido alguma discriminação ou humilhação pelo excesso de peso; **Jovem transgressor:** faz parte dos instrumentos sobre violações autoassumidas do ILANUD/ONU¹⁷. É constituído por nove questões dicotômicas (sim/não) sobre atos praticados no último ano: falsificar a assinatura de alguém em documentos, danificar de propósito objetos alheios, agredir alguém severamente, humilhar alguém mostrando superioridade, tomar parte de uma briga na qual um grupo de amigos luta contra outro grupo, portar arma branca, portar arma de fogo, furto e roubo; **Orientação sexual:** foi utilizada questão do Inquérito de Saúde do Adolescente de Minnesota, versão adaptada por Berlan et al. 2010¹⁸. Essa questão também foi traduzida para a língua portuguesa e adaptada para utilização nesta pesquisa. Os estudantes foram questionados como se consideravam sobre sua orientação sexual, respondendo de acordo com 5 opções: 1. Completamente heterossexual, 2. Mais heterossexual, 3. Bissexual, 4. Mais homossexual e 5. Completamente homossexual. Sendo categorizado para análise em 2 grupos: Heterossexual (1) e Bissexual/Homossexual (2,3,4,5); **Ter irmãos:** questão sobre o adolescente possuir irmãos, com opções de respostas: sim e não; **Aceitar violência entre pares:** o estudante foi questionado como considerava os atos: “garoto humilhar garoto”, “garota humilhar garota”, “garoto agredir fisicamente garoto”, “garota agredir fisicamente garota” e “pancadaria entre colegas”, na relação entre adolescentes. Considerou-se aceitar violência os estudantes que responderam “não é grave”, enquanto que os adolescentes que responderam “muito grave” e “grave” diante desses atos foram considerados não aceitar violência entre pares.

Todas as variáveis analisadas e os instrumentos utilizados nesta pesquisa estão descritos no Quadro 1.

Quadro 1. Descrição das variáveis, operacionalização e categorização das variáveis estudadas.

VARIÁVEL	OPERACIONALIZAÇÃO	CATEGORIZAÇÃO
DEPENDENTE		
<i>Bullying</i>	Escala Califórnia de Vitimização do <i>Bullying</i> , adaptada e validade por Soares em 2015 ¹⁴ , mais questão elaborada pelo autor	1. Vítima 2. Agressor
INDEPENDENTES		
Sexo	Autorreferido	1. Feminino 2. Masculino
Idade (em anos)	Autorreferida	15- 16 17- 19
Cor da pele	Autorreferida	1. Branca 2. Pardo-negra 3. Amarela/indígena
Possui deficiência física	Autorreferida	1. Sim 2. Não
Prática de religião	Autorreferida	1. Sim 2. Não
Desempenho escolar quanto às notas	Autorreferido	1 (1. Muito boas 2. Boas) 2 (3. Ruins 4. Muito Ruins)
Autoestima	Escala de Rosenberg adaptada no Brasil por Avanci et al., 2007 ¹⁶	1. Baixa autoestima 2. Alta autoestima
Se sentir diferente	Autorreferida	1. Sim 2. Não
Autoconfiança (defender ideais e opiniões)	Autorreferida	1. Sim 2. Não
Consumo de álcool em excesso	Autorreferido	1. Sim 2. Não
Consumo de drogas ilícitas	Autorreferido	1. Sim 2. Não
Uso de medicações para emagrecer	Autorreferido	1. Sim 2. Não
Uso de tranquilizantes	Autorreferido	1. Sim 2. Não
Uso de anabolizantes	Autorreferido	1. Sim 2. Não
Excesso de peso	Autorreferido	1. Sim 2. Não
Ser transgressor	Instrumento sobre violações autoassumidas do ILANUD/ONU ¹⁷	1. Sim 2. Não
Orientação sexual	Questão do Inquérito de Saúde do Adolescente de Minnesota adaptada por Berlan em 2010) ¹⁸	1. Heterossexual 2. Bissexual e Homossexual
Ter irmãos	Questão elaborada	1. Sim 2. Não
Aceitar violência entre pares	Questão elaborada	1. Sim 2. Não

A coleta de dados ocorreu em 18 escolas públicas e 18 privadas, entre agosto e novembro de 2014. Os dias e horários da coleta foram agendados previamente com a coordenação de cada escola.

Para aplicação dos questionários, solicitou-se permissão às diretorias das escolas sorteadas, que assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Aos adolescentes na idade de 18 a 19 anos foi solicitado que assinassem o Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido para participação na pesquisa, conforme preconizado na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que normaliza as pesquisas com seres humanos.

Por outro lado, para os adolescentes de 15 a 17 anos, foi solicitado que assinassem o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para participação na pesquisa. Nesse caso, os pais não foram consultados, uma vez que a pesquisa abordaria questões relativas a violências sofridas pelo adolescente no ambiente doméstico, e, muitas vezes, nesse tipo de violência, os principais agressores são pais, mães e outros responsáveis, como padrastos e madrastas. Essa questão é comum em pesquisas sobre violência em crianças e adolescentes, sendo respaldada pela Resolução CFP N° 016/2000. Foi garantido o anonimato de todos os participantes, e os estudantes foram informados que estavam livres para desistir da participação na pesquisa em qualquer momento.

Após explicação e assinatura dos termos da pesquisa, os questionários foram aplicados por uma equipe de 2 pesquisadores do LEVES que forneceram uma breve explicação sobre o preenchimento destes e permaneceram na sala de aula, durante todo o processo. A aplicação teve duração média de 60 minutos em cada turma.

Participaram da pesquisa 1.411 estudantes, no entanto 9 não preencheram adequadamente o questionário, assim permanecendo ao final 1.402 adolescentes.

Para análise dos dados, confeccionou-se máscara para tabulação no banco de dados, os quais foram inseridos no Epi-Info, por meio de digitação dupla. Assim, após consolidação e validação dos dados inseridos, foi realizada a análise dos dados no software STATA, versão 12.0, constituída de análise descritiva das variáveis, seguida da aplicação do teste de Qui-Quadrado de Pearson, com significância estatística de 0,05 e Intervalo de Confiança de 95%.

Quanto à análise de associações, foi empregada a Modelagem Multinível para controle do efeito do conglomerado e ponderado pelo tipo de escola. A técnica multivariada utilizada foi a stepwise do tipo forward, considerando como critério de entrada no modelo significância estatística de 10%. Foram testadas as hipóteses de concomitância e considerada a variável no modelo, segundo a plausibilidade causal.

Resultados

A amostra foi composta de 1.402 adolescentes, entre os quais a prevalência de vítimas de *bullying* foi de 8,35% (IC 95%: 6,75% a 9,94%), a de agressores, 21,26% (IC 95%: 17,84% a 24,39%), enquanto que a de vítimas-agressoras, 2% (IC 95%: 1,17% a 3,05%).

Devido ao pequeno percentual de vítimas-agressoras, não foi possível realizar cálculo de associação desse grupo com as variáveis estudadas.

Com base na análise univariada, as variáveis que apresentaram $p \leq 0,10$ foram selecionadas para a análise multivariada, conforme descrito na Tabela 1.

Tabela 1. Análise univariada das variáveis relacionadas à pessoa associada à ocorrência de *bullying* seja na condição de vítima ou de agressor

Variáveis relacionadas à pessoa	Vítima de <i>bullying</i> (n = 1.402)		Agressor de <i>bullying</i> (n = 1.402)	
	OR (IC 95%) ^a	p-valor	OR (IC 95%) ^a	p-valor
Sexo				
Masculino	Referência		Referência	
Feminino	1,95 (1,34 – 2,84)	<0,001	0,41 (0,31 – 0,56)	0,000
Idade				
De 15 a 16 anos	Referência		Referência	
De 17 a 19 anos	0,91 (0,54 – 1,52)	0,715	1,17 (0,90 – 1,52)	0,223
Cor da pele				
Branca	Referência		Referência	
Não branca	1,30 (0,77 – 2,19)	0,320	1,12 (0,84 – 1,49)	0,428
Possuir deficiência física				
Não	Referência		Referência	
Sim	1,22 (0,16 – 9,10)	0,846	2,11 (0,48 – 9,16)	0,315
Orientação sexual				
Heterossexual	Referência		Referência	
Bissexual/Homossexual	2,09 (1,21 – 3,62)	0,009	1,39 (1,00 – 1,94)	0,048
Prática de religião				
Sim	Referência		Referência	
Não	1,04 (0,78 – 1,39)	0,803	1,51 (1,14 – 1,98)	0,003
Desempenho escolar quanto às notas				
Muito boas/boas	Referência		Referência	
Ruins/muito ruins	0,84 (0,56 – 1,24)	0,375	2,03 (1,56 – 2,65)	<0,001
Escala de autoestima				
De 28 a 40 pontos	Referência		Referência	
De 10 a 27 pontos	2,40 (1,59 – 3,60)	<0,001	1,32 (1,05 – 1,67)	0,017
Se sentir diferente				
Não	Referência		Referência	
Sim	1,94 (1,29 – 2,93)	0,002	1,46 (1,13 – 1,89)	0,003
Autoconfiança (Defender ideias/opiniões com amigos)				
Sempre/ muitas vezes	Referência		Referência	

Poucas vezes/ nunca	0,90 (0,60 – 1,34)	0,598	0,73 (0,56 – 0,94)	0,016
Consumo de bebida alcoólica em excesso				
Nunca	Referência	-	Referência	
Poucas vezes	0,80 (0,46 – 1,41)	0,439	3,06 (2,22 – 4,22)	0,000
Muitas vezes	0,97 (0,61 – 1,57)	0,913	1,68 (1,31 – 2,15)	0,000
Consumo de drogas ilícitas				
Não	Referência	-	Referência	
Sim	0,63 (0,26 – 1,53)	0,311	1,58 (1,05 – 2,37)	0,026
Uso de Medicações				
Para emagrecer	2,17 (1,16 – 4,09)	0,015	1,39 (0,77 – 2,49)	0,266
Tranquilizante	2,81 (1,57 – 5,02)	<0,001	1,45 (1,04 – 2,04)	0,028
Anabolizante	Não calculado	-	1,57 (0,78 – 3,15)	0,199
Excesso de peso				
Não	Referência	-	Referência	
Sim	1,34 (0,97 – 1,84)	0,075	0,89 (0,67 – 1,18)	0,449
Ser transgressor				
Não	Referência		Referência	
Sim	0,75 (0,52 – 1,06)	0,103	3,44 (2,72 – 4,34)	0,000
Ter irmãos				
Não	Referência		Referência	
Sim	1,48 (0,66 – 3,31)	0,346	0,65 (0,41 – 1,01)	0,057
Aceita violência entre pares				
Garoto contra garoto				
Não	Referência		Referência	
Sim	0,69 (0,33 – 1,42)	0,310	2,54 (1,73 – 3,72)	<0,001
Garota contra garota				
Não	Referência		Referência	
Sim	0,81 (0,37 – 1,79)	0,605	2,31 (1,56 – 3,43)	<0,001

^aOR = Odds Ratio

^bIC = Intervalo de Confiança

^cSignificância estatística- $p \leq 0,10$

^dOR ajustada considerando o desenho de amostragem (cluster) e peso por tipo de escola

Após a análise multivariada, a variável “se sentir diferente” teve um maior risco para o *bullying*, independente do papel desempenhado, sendo o sexo feminino com $p=0,003$ e o sexo masculino com $p=0,016$. Entretanto, verificou-se diferença de acordo com papéis e as demais variáveis associadas ao *bullying*. Na condição de o aluno ser vítima, três variáveis mostraram-se associadas: a baixa autoestima ($p<0,001$), utilizar tranquilizantes ($p=0,004$) e ser do sexo feminino ($p=0,022$). Além disso, ser transgressor mostrou ser fator de proteção ($p=0,031$). Em relação ao papel de agressor de *bullying*, o sexo masculino ($p<0,001$), consumir álcool em

excesso, poucas ($p=0,001$) ou muitas vezes ($p=0,005$), relatar ter um ruim desempenho escolar quanto às notas ($p=0,045$), ser transgressor ($p<0,001$) e aceitar violência entre pares, seja para algum dos sexos ($p=0,007$) ou ambos os sexos ($p=0,030$) mostraram-se associadas a essa prática. Por sua vez, não defender suas ideias ($p=0,004$) revelou ser fator de proteção para agressor de *bullying* (Tabela 2).

Tabela 2. Análise multivariada por modelagem multinível dos fatores relacionados à pessoa na condição de vítima e agressor de *bullying*.

Variáveis relacionadas à pessoa	Vítima de <i>bullying</i>		Agressor de <i>bullying</i>	
	OR (IC 95%)	p-valor	OR (IC 95%)	p-valor
Sexo				
Masculino	Referência		Referência	
Feminino	1,56 (1,07 – 2,28)	0,022	0,45 (0,33 – 0,61)	<0,001
Escala de autoestima				
De 28 a 40 pontos	Referência			
De 10 a 27 pontos	2,04 (1,37 – 3,04)	<0,001		
Desempenho escolar quanto às notas				
Muito boas/boas			Referência	
Ruins/muito ruins			1,30 (1,00 – 1,68)	0,045
Uso de tranquilizante				
Não	Referência			
Sim	2,44 (1,32 – 4,48)	0,004		
Se sentir diferente				
Não	Referência		Referência	
Sim	2,00 (1,27 – 3,15)	0,003	1,36 (1,05 – 1,76)	0,016
Defender ideias/opiniões com amigos				
Sempre/ muitas vezes			Referência	
Poucas vezes/ nunca			0,64 (0,47 – 0,86)	0,004
Consumo de bebida alcoólica em excesso				
Nunca			Referência	
Poucas vezes			1,87 (1,27 – 2,75)	0,001
Muitas vezes			1,49 (1,12 – 1,97)	0,005
Ser transgressor				
Não	Referência		Referência	
Sim	0,61 (0,40 – 0,95)	0,031	2,80 (2,14 – 3,66)	<0,001
Aceitar violência entre pares				
Não aceita violência			Referência	
Aceita para algum dos sexos			2,25 (1,25 – 4,05)	0,007
Aceita para ambos os sexos			1,51 (1,04 – 2,20)	0,030

^aOR = Odds Ratio^bIC = Intervalo de Confiança^cSignificância estatística-p≤0,05^dOR ajustada considerando o desenho de amostragem (cluster) e peso por tipo de escola

Discussão

Neste estudo, observou-se uma prevalência de envolvimento em *bullying* de 27,6%, com uma diferença significativa entre os papéis, sendo o adolescente no papel de agressor mais prevalente que no de vítima. Fato que corrobora a pesquisa realizada no país com adolescentes de escolas públicas e privadas das capitais brasileiras e do Distrito Federal, na qual foi observada prevalência de 7,2% de vítimas e 20,8% de agressores⁶. Diferença que pode ser explicada, tendo em vista que muitas vezes apenas um indivíduo sofre o *bullying* por mais de um estudante ou um grupo, já que a vítima normalmente faz parte de um grupo minoritário.

Quanto ao sexo, observou-se a associação significativa entre o sexo feminino e ser vítima de *bullying*. Uma possível explicação seria a reprodução para o ambiente escolar da lógica cultural, que considera as mulheres como sendo inferiores aos homens e por serem mais frágeis fisicamente que os homens, ficando mais propensas a sofrer algum tipo de violência. Neste estudo, identificaram-se diferenças entre meninos e meninas com relação ao papel desempenhado; os meninos associados ao *bullying* na qualidade de agressor, e as meninas de vítimas. Ocorrência que pode ser compreendida com base em aspectos sociais e culturais, pois essas concepções atribuem diferenças aos sexos e consolidam distintos modelos de masculinidade e feminilidade, tendo em vista a cultura machista, que incentiva os meninos a se arrisquem em busca da sua socialização, autossuficiência e independência. Assim, muitas vezes, espera-se que assumam um comportamento agressivo, mais competitivo, com uma conotação de coragem para afirmar suas marcas sociais da masculinidade.

Na condição de vítima, também se verificou associação significativa com níveis mais baixos de autoestima e se sentir diferente. A literatura tem mostrado que adolescentes vítimas de *bullying* caracterizam-se por possuírem comportamento inibido, costumam sentir vulnerabilidade, medo e autoestima baixa, conseqüentemente aumentando a probabilidade de continuar sendo vitimizadas¹⁹. Além disso, os adolescentes com baixa autoestima tendem a desenvolver mecanismos que distorcem seus pensamentos e sentimentos, logo os levando a não acreditarem e confiarem em si mesmos²⁰, justificando, dessa forma, a presença de tais sentimentos nos estudantes pesquisados.

Outro dado relevante refere-se ao relato de que os adolescentes que não defendiam suas ideias e opiniões pessoais com os amigos apresentaram-se como fator de proteção para

cometer o *bullying*, enquanto que desempenhar o papel de agressor, apresentaram maior probabilidade em defender suas ideias e opiniões. Tal resultado favorece ao conceito de que os agressores são mais autoconfiantes e conseguem impor aos demais do grupo seus julgamentos e valores como apropriado, possivelmente a ponto de promover o envolvimento de outros adolescentes com essa prática de *bullying*, sendo considerado um líder.

Outro aspecto a ser destacado é a associação do desempenho escolar ruim com os adolescentes agressores, o que suscita algumas hipóteses. A primeira relaciona-se à possibilidade de que as dificuldades existentes ao desenvolver as atividades escolares exponham as suas fragilidades e por meio do comportamento agressivo, esses estudantes procurem mostrar superioridade e posição de destaque, em uma tentativa de serem respeitados por seus pares⁴. Outra possibilidade seria que o envolvimento em *bullying* no papel de agressor e conseqüentemente a busca frequente pelo reconhecimento e poder passe a ser prioridade dentro do ambiente escolar, assim interferindo nas atividades escolares e conseqüentemente refletindo no desempenho escolar.

Quanto ao uso de tranquilizantes estar associado às vítimas, só ratifica o exposto sobre o perfil desses envolvidos que mostra ter baixa autoestima e se sentirem diferentes, a ponto de fazerem uso de substâncias com o intuito de alterar suas sensações e sentimentos, visando resolver questões de forma imediata.

Ainda sobre esse assunto, é importante não só pensar nas possíveis complicações decorrentes do uso prolongado dos tranquilizantes mas também refletir sobre a facilidade de acesso da população adolescente a medicamentos que deveriam ser parcial ou totalmente controlados pelas autoridades sanitárias, fato já discutido em pesquisa realizada por Muza et al.²¹.

No que diz respeito ao consumo de álcool, os estudantes agressores de *bullying* apresentaram-se relacionados ao uso dessa substância^{22, 23}. Fato que é preocupante, pois o consumo de álcool tem acontecido por adolescentes cada vez mais precocemente e com frequência entre alunos do ensino médio na América do Sul, estando associado à violência entre colegas^{24, 25}.

Outro dado que merece atenção concerne aos estudantes que têm comportamento transgressor associado à prática de *bullying*, uma vez que estudos têm apontado que esses indivíduos têm uma maior probabilidade de desenvolverem comportamentos criminosos ou de serem criminalmente condenados na vida adulta²⁶, além de problemas de relacionamento e psicóticos²⁷, ao mesmo tempo em que ser vítima mostra-se fator de proteção para tal comportamento.

Corroborando tais informações, pesquisas apontam que o envolvimento do adolescente com a violência se deve a diversos fatores, entre os quais está a própria fase da adolescência, consumo abusivo de substâncias psicoativas, os conflitos e a violência familiar, exposição à violência e situações de violência ou conflito conjugal, que podem induzir à prática de comportamentos violentos pelos adolescentes^{28,29}.

Chama-se a atenção para associação significativa dos alunos que praticam o *bullying* com a variável aceitação da violência entre pares, pois é preocupante considerar natural a agressão sofrida ou cometida por um colega do mesmo sexo ou não.

Entretanto, tal naturalização pode estar relacionada a experiências de violências ao longo da vida, seja pelos pais ou outro familiar³⁰. Além do mais, a literatura reforça que diferentes tipos de experiência de maus tratos durante a infância são considerados fatores de risco para a ocorrência de violência interpessoal na adolescência³⁰.

Vale ressaltar que a atual pesquisa apresenta algumas limitações que são referentes ao fato de que todos os dados fornecidos foram coletados a partir de autorrelatos dos estudantes, por isso permite diferentes interpretações sobre o *bullying* e demais variáveis, sendo minimizado pela utilização de instrumento adaptado e validado na população. Além do mais, trata-se de um estudo transversal, que oferece uma percepção pontual da realidade, não permitindo estabelecer uma relação de causa e efeito. Dessa forma, sugere-se desenvolver pesquisas longitudinais e/ou qualitativas com as mesmas variáveis a fim de estabelecer relações causais.

Os dados evidenciaram o envolvimento dos adolescentes com o *bullying*, sendo mais prevalente a condição de agressor. Contudo, chama-se atenção para a diferença existente entre as vítimas e agressores, considerando as suas características pessoais.

Os resultados alertam para o perfil do agressor de *bullying* encontrado nesta pesquisa com a associação desse papel ao sexo masculino, consumo excessivo de álcool, prática de comportamentos ilícitos e aceitação da violência entre pares. Dados importantes para a construção e o planejamento de práticas de combate ao *bullying*.

Com base nos fatores de risco encontrados, tanto para o papel de vítima quanto para o de agressor, as escolas devem preocupar-se em oferecer um maior apoio e supervisão a esses adolescentes, bem como incentivar discussões em grupo sobre ética e respeito às diferenças, além do desenvolvimento de trabalhos que estimulem a solidariedade entre os colegas. Entretanto, a mudança do papel desempenhado no *bullying* deve ser discutida em todos os ambientes, perpassando principalmente o âmbito familiar e escolar.

O presente trabalho permite, através de um olhar mais integrador, compreender melhor os envolvidos em *bullying*, apontando a necessidade de ações eficazes e que levem em consideração os fatores pessoais relacionados ao papel desempenhado (vítima e agressor).

Financiamento

Este trabalho foi financiado pelo Programa PAPES VI/FIOCRUZ/CNPq (processo 407738/2012.6).

Conflito de interesse

Os autores declaram não possuir conflito de interesse.

Disponível em: www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0021755719301822

<https://doi.org/10.1016/j.jped.2019.09.005>

Referências

1. Organização Mundial de Saúde (OMS). Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra: OMS; 2002.
2. Francisco MV, Libório RMC. Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. *Psicol reflex crit.* 2009; 22(2): 200-07.
3. Weimer WR, Moreira EC. Violência e *bullying*: manifestações e consequências nas aulas de educação física escolar. *Rev Bras Ciênc Esporte.* 2014; 36(1): 257-274.
4. Monteiro RP, Medeiros ED, Pimentel CE, Soares AKS, Medeiros HA, Gouveia VV. Valores humanos e *bullying*: idade e sexo moderam essa relação? *Temas psicol* 2017; 25(3): 1317-28.
5. Bandeira CM, Hutz CS. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Psicol Esc Educ.* 2012; 16(1): 35-44.
6. Malta DC, Porto DL, Crespo CD, Silva MMA, Andrade SSC, Mello FCM, et al. *Bullying* em escolares brasileiros: análise da pesquisa nacional de saúde do escolar (PeNSE 2012). *Rev Bras de Epidemiol.* 2014; 17(SUPPL 1): 92-105.
7. Zequinão MA, Medeiros P, Pereira B, Cardoso FL. *Bullying* escolar: um fenômeno multifacetado. *Educ. Pesqui.* 2016; 42 (1):181-98.
8. Sigurdson JF, Undheim AM, Wallander JL, Lydersen S, Sund AM. The longitudinal Association of Being Bullied and Gender with suicide ideations, self-harm, and suicide attempts from adolescence to young adulthood: a cohort study. *Suicide Life Threat Behav.* 2018;48(2):169–82.
9. Craig W, Harel-Fish Y, Fogel-Grinvald H, Dostaler S, Hetland J, Simons-Morton B et al. HBSC Violence & Injuries Prevention Focus Group, HBSC Bullying Writing Group (2009) A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. *Int J Public Health.* 2009; 54: 216-224.
10. Marcolino EC, Calvacanti AL, Padilha WVN, Miranda FAN, Clementino FS. Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. *Texto contexto - enferm.* 2018; 27(1):e5500016.
11. Moreno EAC, Silva AP, Ferreira GA, Silva FP, Frazão IS, Cavalcanti AMTS. Perfil epidemiológico de adolescentes vítimas de *bullying* em escolas públicas e privadas. *Rev enferm.* 2012; 20(esp.2): 808-813.
12. Zottis GAH, Salum GA, Isolan LR, Manfro GG, Heldt E. Associações entre práticas de disciplina infantil e comportamento de bullying em adolescentes. *J Pediatr.* 2014; 90(4): 408-414.
13. Terroso LB, Wendt GW, Oliveira MS, Argimon IIL. Habilidades sociais e *bullying* em adolescentes. *Temas psicol.* 2016; 24(1): 251-259.

14. Soares AKS, Gouveia VV, Gouveia RSV, Fonsêca PN, Pimentel CE. Escala Califórnia de Vitimização do Bullying (ECVB): evidências de validade e consistência interna. *Temas psicol.* 2015;23(2): 481-491.
15. Olweus D. *Bullying at school: what we know and what we can do.* Cambridge, MA, Blackwell; 1993.
16. Avanci S, Assis S, Santos N, Oliveira R. Adaptação transcultural da Escala de Autoestima de Rosenberg para adolescentes. *Psicologia: reflex crit.* 2007; 20(3): 397-405.
17. Kahn T, Bermergui C, Yamada E, Cardoso FC, Fernandes F, Zacchi JM, Guimarães L, Hasselman ME [projeto de pesquisa]. O dia a dia nas escolas: violências auto-assumidas. São Paulo: Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente (ILANUD). Instituto Sou da Paz; 1999.
18. Berlan ED, Corliss HL, Field AE, Goodman E, Austin BI. Sexual orientation and bullying among adolescents in the growing up today study. *J Adolesc Health.* 2010; 46(4): 366-371.
19. Middleton-Moz J, Zawadski M. Bullying: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Costa RC, tradutor. Porto Alegre: Artmed; 2007.
20. Bandeira CM, Hutz CS. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. *Psicol esc educ.* 2010; 14(1): 131-138.
21. Muza GM, Bettioli H, Muccillo G, Barbieri MA. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). I - prevalência do consumo por sexo, idade e tipo de substância. *Rev Saúde Pública.* 1997; 31(1): 167-170.
22. Liang H, Flisher AJ, Lombard CJ. Bullying, violence, and risk behavior in south african school students. *Child Abuse Negl* 2007; 31(2): 161-71.
23. Oliveira WA, Silva MAI, Silva JL, Mello FCM, Prado RR, Malta DC. Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. *J Pediatr.* 2016; 92(1): 32-39.
24. Madruga CS, Laranjeira R, Caetano R, Ribeiro W, Zaleski W, Pinsky I, et al. Early life exposure to violence and substance misuse in adulthood: the first brazilian national survey. *Addict Behav.* 2011; 36(3): 251-255.
25. Pierobon M, Barak M, Hazrati S, Jacobsen KH. Alcohol consumption and violence among argentine adolescents. *J Pediatr.* 2013; 89(1): 100-107.
26. Silva JL, Oliveira WA, Bono EL, Dib MA, Bazon MR, Silva MAI. Associações entre bullying escolar e conduta infracional: revisão sistemática de estudos longitudinais. *Psicol teor pesqui.* 2016; 32(1): 81-90.
27. Zaine I, Reis MJD, Padovani RC. Comportamentos de bullying e conflito com a lei. *Estud psicol.* 2010; 27(3): 375-382.

9. 3 Artigo 3 - É possível prevenir o *bullying* no contexto escolar e familiar?

Is it possible to prevent bullying in school and family environments?

Georgia Rodrigues Reis e Silva¹, Maria Luiza Carvalho de Lima², Raquel Moura Lins Acioli³, Alice Kelly Barreira⁴

¹ Programa de Pós-graduação em Saúde Pública do Instituto Aggeu Magalhães (IAM), Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz/PE, Recife (PE), Brasil. E-mail: georodrigues19@yahoo.com.br, <http://lattes.cnpq.br/7975292367279449>, ORCID: 0000-0003-4486-2844.

²Instituto Aggeu Magalhães (IAM), Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz/PE, Recife (PE), Brasil. E-mail: luiza.cpqam@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/5893351384767438>, ORCID: 0000-0002-1354-9890

³Prefeitura do Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: raquelmlacioli@hotmail.com, <http://lattes.cnpq.br/236318356028691>, ORCID: 0000-0002-5907-0068.

⁴Departamento de Odontologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife (PE), Brasil. E-mail: alicekelly@yahoo.com, <http://lattes.cnpq.br/4993735196621645>, ORCID: 0000-0002-0351-9022.

Autor correspondente
Georgia Rodrigues Reis e Silva
Rua Taperoá, 29/101
Cordeiro – Recife/PE
CEP: 50.640-060
Telefone: 55 (81) 997072709
E-mail: georodrigues19@yahoo.com.br.

Este trabalho foi financiado pelo Programa PAPES VI/FIOCRUZ/CNPq (processo 407738/2012.6).

RESUMO

Objetivo: Identificar os fatores dos contextos escolar e familiar associados ao *bullying* em adolescentes. **Método:** Estudo de corte transversal com amostra de 1.402 estudantes de 15 a 19 anos, matriculados em 18 escolas públicas e 18 privadas do Recife. Utilizou-se de questionário autoaplicável aos estudantes com questões fechadas sobre *bullying*, além de questões abertas direcionadas aos coordenadores das escolas. As variáveis independentes estudadas foram relacionadas ao contexto escolar e familiar dos estudantes. Realizou-se aplicação do teste de Qui-Quadrado de Pearson com significância estatística de 0,05 e Intervalo de Confiança de 95%, além de análise de associações por meio da modelagem multinível para controle do efeito do conglomerado. **Resultados:** Os resultados mostraram que a classe econômica B ($p=0,030$) e ações de prevenção ao *bullying* ($p=0,054$) podem ser fator de proteção para o adolescente ser vítima de *bullying*, enquanto que o testemunho de violência física entre os pais ($p=0,001$) aumentou em 3,4 vezes as chances de ser vítima de *bullying*. **Conclusão:** Os dados da pesquisa apontam que adolescentes de classe econômica média alta parecem estar mais protegidos do *bullying* em comparação aos de classe alta e de média baixa. Também mostram quanto é importante que adolescentes não sejam expostos a situações de violência doméstica e que ações de prevenção ao *bullying* na escola são efetivas em diminuir a vitimização por *bullying*.

Palavras-chave: Saúde escolar, violência, *bullying*, adolescente.

ABSTRACT

Objective: To identify associated factors of school and family environments with bullying in adolescents. **Method:** This is an analytical cross-sectional study, on a cluster probability sample of 1,402 students aged 15 to 19 years old enrolled in 18 public schools and 18 private schools in Recife. A self-administered questionnaire consisted of close-ended questions about bullying was applied to students, while open-ended questions were directed to school coordinators. The independent variables were related to the student's school and family environment. Descriptive analysis of the variables was performed, followed Pearson's chi-square test with statistical significance of 0.05 and 95% confidence interval, as well as analysis of associations using multilevel modeling to control cluster effect. **Results:** The results showed that social class B ($p=0.030$) and bullying prevention actions ($p=0.054$) may be a protective factor for bullying in adolescents, while witnessing physical violence between parents ($p=0.001$) increased the chances of being bullied by 3.4 times. None of the variables was associated with being an aggressor. **Conclusion:** Data showed that upper middle-class adolescents appear to be more protected from bullying than upper and lower middle-class adolescents. It was also shown how important it is for adolescents not to be exposed to domestic violence; moreover, bullying prevention actions in the school environment are effective to reduce bullying victimization.

Keywords: School health, violence, bullying, adolescent.

INTRODUÇÃO

A violência entre escolares é um problema mundial de grande relevância para a saúde pública, pois representa uma questão crítica e desafiadora devido ao impacto sobre o desenvolvimento saudável, qualidade de vida e bem-estar da criança e do adolescente^{1,2}. Não obstante, a violência também se faz presente nas escolas brasileiras, tanto públicas quanto privadas com proporção e frequência assustadoras^{3,4}.

A elevação da violência escolar à condição de problema social na realidade brasileira ocorreu em meados de 1980, quando a mídia começou a dar visibilidade aos estabelecimentos escolares localizados na periferia dos grandes centros urbanos, destacando as péssimas condições dos prédios e equipamentos de proteção, bem como as depredações que esses espaços sofriam⁵. O governo, por sua vez, atuou aumentando policiamento, muros, grades, janela e portões altos nas escolas. Dessa forma, o tema passou a se fazer presente no debate público⁶.

Nesse contexto, a forma mais frequente de violência é o *bullying*, embora possa acontecer em outros ambientes⁷. Geralmente definido por comportamentos agressivos, intencionais, repetitivos praticados entre pares, mediante desequilíbrio de poder entre os envolvidos, no qual os estudantes podem participar na condição de vítima, agressor, vítima-agressor e testemunha de agressões contra colegas^{8,9}.

É um fenômeno de alta prevalência, que acarreta graves consequências negativas para a saúde e a qualidade de vida, tanto para as vítimas como para os agressores¹⁰. Dentre os dados de pesquisas brasileiras, destaca-se a relação do *bullying* com os comportamentos de risco na adolescência, tais quais: o uso de álcool e drogas ilícitas, envolver-se em brigas e não comparecer às aulas¹¹. Os agressores tendem a apresentar comportamentos de risco, como fazer uso de drogas, álcool e tabaco¹², ter tido relação sexual³, além de serem potenciais pessoas em conflito com a lei¹³, já as vítimas são mais propensas a estarem insatisfeitas com a vida, terem dificuldades de relacionamento com os pais, podendo apresentar tendências depressivas e suicidas^{14,11}.

Além do impacto macrossocial, o *bullying* tem efeito direto nas dimensões emocionais, psicológicas, físicas e sociais. As vítimas normalmente desenvolvem instabilidade emocional, possuem tendência a transtornos psíquicos, depressão, suicídio, bem como tristeza relacionada ao ambiente escolar, desencadeando baixo rendimento de aprendizagem e até abandono escolar. Enquanto que os adolescentes praticantes de *bullying* tendem a potencializar o

comportamento antissocial, de isolamento e de criminalidade existente com supervalorização da violência para obtenção de poder e inserção social¹¹.

Nota-se que maior parte dos estudos se limita a compreender o *bullying* a partir da investigação de características individuais, a exemplo dos traços de personalidade, sem apontar a importância do contexto no qual os adolescentes estão inseridos. Revela-se, portanto, um cenário preocupante, ao mesmo tempo, torna-se de grande relevância identificar os fatores presentes no contexto escolar e familiar associado ao *bullying*.

Diante disso, o objetivo desta pesquisa foi identificar os fatores de risco e de proteção relacionados ao contexto escolar e familiar associados ao *bullying*.

MÉTODO

Trata-se de um estudo epidemiológico de corte transversal, quantitativo, de cunho analítico com amostra probabilística e dados derivados da pesquisa intitulada de “*Bullying* entre adolescentes escolares: uma abordagem bioecológica”.

Participantes e amostra

Participaram da pesquisa 1.402 estudantes com idades entre 15 e 19 anos, matriculados no segundo ano do ensino médio de 36 escolas, 18 públicas e 18 particulares, da cidade do Recife, no período diurno.

Para estimar o número amostral, utilizou-se o número total de alunos das escolas públicas (14.178) e privadas (6.226) matriculados no ano de 2013, prevalência de 30% entre os alunos, erro amostral = 5% e efeito de desenho = 2. Em seguida, para obter a amostra estimada, utilizou-se a amostragem por conglomerados em duas etapas, selecionando-se primeiro a escola e, em seguida, as turmas. No 1º estágio, os parâmetros para estimar o número de escolas, segundo esfera de governo, foram: prevalência de *bullying* nas escolas = 95%, erro amostral = 10% e efeito de desenho = 1. No 2º estágio, as turmas foram sorteadas aleatoriamente dentro de cada escola. O quantitativo de alunos nas escolas públicas e privadas foi proporcional ao número total existente em Recife e distribuído de acordo com o porte das escolas.

Instrumentos e variáveis

Neste artigo, foram analisadas questões sobre vítima e agressor de *bullying* e as variáveis relacionadas ao contexto familiar e escolar. As questões relativas ao envolvimento em *bullying* foram coletadas por meio de questionário autoaplicável respondido diretamente pelos alunos. As informações sobre o tipo e porte da escola foram fornecidas pela Secretaria de Educação de Pernambuco, enquanto que os dados referentes à presença de psicólogo e ações de prevenção ao *bullying* foram coletados por meio de entrevista com a coordenação da escola.

A condição de vítima foi definida a partir da Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying* (ECVB)¹⁵, validada para o português por Soares e colaboradores¹⁶, formada por sete itens, os quais questionam sobre as formas e frequência de vitimização que podem ter experimentado na escola, considerada exemplos de comportamento *bullying*. Cada item da escala é composto por uma sequência de cinco pontos, classificados em: 0 = nunca, 1 = apenas uma vez no mês passado, 2 = duas ou três vezes no mês passado, 3 = apenas uma vez durante esta semana e 4 = várias vezes durante esta semana. Posteriormente, é necessário indicar se esse comportamento anteriormente classificado foi de propósito e se teve importância (o magoou), respondendo “sim” ou “não”. Por fim, a ECVB avalia o desequilíbrio de poder entre a vítima e o agressor por meio de características que podem descrever como é o agressor (popular, esperto(a), forte fisicamente, bonito(a), simpático(a), extrovertido(a), inteligente, magro(a), atraente, por meio de uma escala de três pontos, classificando em: “menos do que eu”, “parecido comigo” e “mais do que eu”. Portanto, os adolescentes que vivenciaram algum tipo de vitimização, por 2 ou 3 vezes no mês ou mais, tendo relatado sentir-se magoado com o evento e o agressor com alguma característica superior a si próprio, foram considerados como vítimas de *bullying*.

Para definir o papel de agressor foi construída uma questão baseada no conceito de *Bullying* de Olweus (1993)¹⁷ e na ECVB, descrita a seguir: “Dentre os (as) seus (suas) colegas, existe algum (a) que você considera inferior a você? Se existe, responda a próxima questão pensando apenas nessa pessoa. Alguma vez você já fez coisas de propósito, para magoar esse (a) seu (sua) colega, como: A) Zoar, xingar ou colocar apelidos? B) Espalhar boatos ou fofocas, ignorar ou deixar de fora do seu grupo? C) Empurrar, agredir fisicamente, ameaçar ou danificar coisas dele (a)?” Tendo para cada item as seguintes opções de respostas: 0. nunca/1. apenas uma vez no mês passado/2. duas ou três vezes no mês passado/3. apenas

uma vez durante esta semana/4.várias vezes durante esta semana. Sendo considerado agressor o indivíduo que assinalou um dos itens 2, 3 ou 4 em uma ou mais alternativas.

As variáveis arranjo familiar e número de moradores por domicílio foram avaliadas a partir de questão que indagou ao estudante: Quais pessoas moram na mesma casa com ele, com as seguintes opções: pai, mãe, padrasto, madrasta, avós, irmãos, esposa/marido, amigos/colegas, mora sozinho e outros parentes. Para análise de arranjo familiar, realizou-se categorização em família nuclear (pai e mãe vivendo juntos com adolescente) e família não nuclear (outros arranjos). Enquanto que número de moradores por domicílio foi categorizado em: de 1 a 2 pessoas, de 3 a 4 pessoas e de 5 pessoas ou mais.

A escolaridade dos pais/responsáveis foi mensurada por questão elaborada pelo próprio autor, questionando separadamente a escolaridade da mãe/responsável e pai/responsável, com as seguintes opções de respostas: não saber ler ou escrever, ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio completo, ensino médio incompleto, ensino superior incompleto, ensino superior completo, não sei, não tenho pai/responsável. Para a análise, categorizou-se entre os que estudaram de 1 a 8 anos (até o ensino fundamental incompleto) e os que estudaram mais de 9 anos (no mínimo o ensino fundamental completo).

As classes econômicas das famílias foram classificadas por meio do critério de classificação econômica da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa¹⁸, chamado Critério Brasil e usado na pesquisa de mercado em geral. Funciona como um estimador para a capacidade de consumo, a partir da presença e número de indicadores-chave como eletrodomésticos, aparelhos eletrônicos, cômodos, empregada doméstica e o grau de instrução do chefe da família. Esse critério tem alta correlação com a renda familiar. Dessa forma, as classes foram divididas conforme a pontuação total em: A1: 42 – 46, A2: 35 – 41, B1: 29 – 34, B2: 23 – 28, C1: 18 – 22, C2: 14 – 17, D: 8 – 13 e E: 0 – 7. Para análise estatística, foram agrupadas A1 e A2, B1 e B2, C1 e C2, D e E.

Por outro lado, em relação ao testemunho de violência entre pais/responsáveis, os adolescentes foram questionados se os pais/responsáveis cometem atos como agressões a ponto de se machucarem (violência física) ou humilharem (violência psicológica) um aos outros.

Para construção da variável “porte da escola”, as mesmas foram divididas em três categorias: pequeno porte (até 200 alunos), médio porte (201 a 499 alunos) e grande porte (superior a 500 alunos)¹⁹.

Quanto às ações de prevenção ao *bullying*, foi considerada presente, quando os coordenadores das escolas selecionadas responderam afirmativamente quanto à realização de algum tipo de ação preventiva.

Coleta de dados

Ocorreu em 36 escolas, entre agosto e novembro de 2014, no horário escolar. A aplicação do questionário teve duração média de 60 minutos, sendo realizada na presença de pesquisadores treinados que forneceram uma breve explicação sobre o preenchimento deste e permaneceram durante todo o processo em sala de aula. Após a aplicação dos questionários, em cada escola, foi realizada entrevista com o coordenador em que foram abordadas questões sobre a presença de psicólogo na instituição e as ações de prevenção ao *bullying*.

Análises estatísticas

Os dados foram analisados por meio do software STATA, na versão 12.0. Inicialmente a análise foi constituída de uma análise descritiva das variáveis, seguida da aplicação do teste de Qui-Quadrado de Pearson, com significância estatística de 0,05 e Intervalo de Confiança de 95%. Para a análise de associações, foi empregada a modelagem multinível para controle do efeito do conglomerado e ponderado pelo tipo de escola. A técnica multivariada utilizada foi a stepwise do tipo forward, considerando como critério de entrada no modelo significância estatística de 10%. Foram testadas as hipóteses de concomitância e considerada a variável no modelo segundo a plausibilidade causal.

Questões éticas

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Aggeu Magalhães sob registro no CAAE: 33233014.6.000.5190, de acordo com as normas da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos.

Para a realização da pesquisa, solicitaram-se autorizações institucionais no âmbito da Educação e assinaturas dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido ou Termos de Assentimento Livre e Esclarecido pelos alunos participantes.

RESULTADOS

A amostra foi composta de 1.402 pesquisados, com um pouco mais de alunos do sexo feminino (52,4%) e média de idade foi de 16,4 anos. Quanto ao tipo de escola, 56,6% da amostra foram de alunos de escolas públicas (776 pesquisados) e 43,4% de escolas privadas (594 pesquisados). Dentre o total de alunos, 83 (6,4%) pertenciam à classe econômica A, 568 (45%) à B, 560(43%) à C e 73 (5,6%) às D e E.

Das 36 escolas participantes na pesquisa, 15 referiram ter a presença de psicólogos na escola, e 29 referiram realizar ações de prevenção ao *bullying*. E entre as respostas citadas, estão: atividades, trabalhos e projetos em sala de aula, feira de conhecimento, palestras, palestras com psicólogos, oficinas, fiscalização, ciclo de palestra, atividades realizadas pelo professor sobre direitos humanos, trabalhos em grupos e discussão, e uma relatou encaminhamento à Gerência de Polícia da Criança e do Adolescente (GPCA). Quanto ao porte, 13 foram classificadas em pequeno, 11, em médio e 12, em grande porte.

Não houve diferença estatisticamente significativa ($p = 0,847$) em relação à frequência de vitimização por *bullying*, segundo as escolas públicas e privadas. A prevalência entre as escolas públicas foi de 8,47% (IC 95%: 5,99% a 10,95%) e entre os alunos das escolas privadas foi de 8,18% (IC 95%: 6,05% a 10,31%). Também não houve diferença estatisticamente significativa ($p = 0,369$), quando comparadas às prevalências de agressão por *bullying*, em que a prevalência entre os alunos das escolas públicas foi de 20,87% (IC 95%: 16,52% a 25,23%) e entre os alunos das escolas privadas, a prevalência foi de 22,89% (IC 95%: 18,17% a 27,62%).

As variáveis selecionadas para análise multivariada foram: ações de prevenção ao *bullying* ($p=0,065$), testemunhar situações de violência física ($p=0,005$) e psicológica ($p=0,015$) entre os pais e ser de classe econômica B ($p=0,025$) e C ($p=0,042$). Por outro lado, não houve associação das variáveis estudadas com o adolescente na condição de agressor como está exposto na Tabela 1.

Tabela 1. Análise univariada dos fatores associados ao contexto escolar e familiar na condição de vítima e agressor de *bullying*

Variáveis relacionadas ao contexto	Vítima de <i>Bullying</i>		Agressor de <i>Bullying</i>	
	OR ^a (IC ^b 95%) ^c	p-valor ^d	OR (IC 95%)	p-valor
Arranjo familiar				
Família nuclear	Referência	-	Referência	-
Família não nuclear	1,05 (0,72 – 1,53)	0,809	0,81 (0,60 – 1,09)	0,173

Escolaridade da mãe/responsável				
9 anos e mais	Referência	-	Referência	-
De 1 a 8 anos	1,18 (0,76 – 1,82)	0,468	0,99 (0,71 – 1,39)	0,991
Escolaridade do pai/responsável				
9 anos e mais	Referência	-	Referência	-
De 1 a 8 anos	1,19 (0,74 – 1,93)	0,468	1,19 (0,84 – 1,67)	0,314
Nº de moradores por domicílio				
De 1 a 2 pessoas	Referência	-	Referência	-
De 3 a 4 pessoas	1,31 (0,85 – 2,00)	0,224	0,81 (0,62 – 1,04)	0,113
5 pessoas ou mais	0,86 (0,18 – 4,06)	0,853	1,25 (0,52 – 3,00)	0,641
Classe econômica da família				
A	Referência	-	Referência	-
B	0,46 (0,23 – 0,91)	0,025	0,91 (0,53 – 1,57)	0,752
C	0,52 (0,27 – 0,97)	0,042	1,03 (0,59 – 1,81)	0,897
D	0,63 (0,25 – 1,56)	0,315	1,10 (0,46 – 2,61)	0,818
Testemunho de violência física entre os pais				
Não	Referência	-	Referência	-
Sim	2,71 (1,34 – 5,46)	0,005	1,61 (0,84 – 3,07)	0,145
Testemunho de violência psicológica entre os pais				
Não	Referência	-	Referência	-
Sim	1,68 (1,11 – 2,55)	0,015	1,03 (0,72 – 1,48)	0,834
Tipo de escola				
Pública	Referência	-	Referência	-
Privada	0,96 (0,64 – 1,43)	0,842	1,14 (0,79 – 1,65)	0,474
Porte da escola				
Pequeno	Referência	-	Referência	-
Médio	0,97 (0,60 – 1,56)	0,885	1,16 (0,73 – 1,85)	0,519
Grande	1,38 (0,84 – 2,26)	0,205	0,78 (0,51 – 1,20)	0,270
Presença de psicólogo na escola				
Não	Referência	-	Referência	-
Sim	1,27 (0,88 – 1,84)	0,200	0,87 (0,60 – 1,26)	0,473
Ações de prevenção ao bullying				
Não	Referência	-	Referência	-
Sim	0,61 (0,36 – 1,03)	0,065	0,91 (0,47 – 1,79)	0,801

^aOR = Odds Ratio

^bIC = Intervalo de Confiança

^cOR ajustada considerando o desenho de amostragem (cluster) e peso por tipo de escola

^dSignificância estatística-p≤0,10

A partir da análise multivariada, as variáveis testemunhar violência física entre os pais, ser de classe econômica B e as ações de prevenção ao *bullying* permaneceram no modelo final, demonstrando associação com a condição de vítima de *bullying*. Destaca-se que testemunhar violência física entre os pais aumentou em 3,4 vezes as chances de o adolescente

ser vítima de *bullying*, enquanto que as ações de prevenção reduziram o risco de vitimização em quase metade. Por outro lado, a classe econômica B apresenta-se como fator de proteção comparada com a classe A e C, conforme tabela 2.

Tabela 2. Análise multivariada dos fatores associados ao contexto escolar e familiar na condição de vítima e agressor de *bullying*.

Variáveis relacionadas ao contexto escolar e familiar	Vítima de <i>bullying</i>	
	OR ^a (IC ^b 95%) ^c	p-valor ^d
Classe econômica da família		
A	Referência	
B	0,47 (0,23 – 0,93)	0,030
C	0,58 (0,31 – 1,10)	0,097
Testemunho de violência física entre os pais		
Não	Referência	
Sim	3,40 (1,70 – 6,84)	0,001
Ações de prevenção ao <i>bullying</i>		
Não	Referência	
Sim	0,57 (0,33 – 1,01)	0,054

^aOR = Odds Ratio

^bIC = Intervalo de Confiança

^cOR ajustada considerando o desenho de amostragem (cluster) e peso por tipo de escola

^dSignificância estatística-p≤0,05

DISCUSSÃO

A presente pesquisa evidencia que as ações de prevenção contra o *bullying* são fatores de proteção para o *bullying* no ambiente escolar no papel de vítima, assim como pertencer à classe econômica B. Diante da escassez de dados, visto que a maioria dos estudos brasileiros buscou investigar associação de comportamentos de risco e características pessoais, fica evidente a importância deste estudo para reflexões e avanços nesta temática, sob o olhar do contexto escolar.

Com relação ao tipo de instituição, não se observou diferença significativa entre as escolas públicas e privadas, assim como no estudo de Malta et al. (2010)²⁰, mostrando que esse tipo de violência está presente em todas as instituições de ensino e classes sociais. Do mesmo modo, o porte da escola também não apresentou associação significativa, revelando que a quantidade de alunos por instituição não reflete nessa situação.

Por sua vez, a não associação com a existência de psicólogo na escola pode ser explicada, tendo em vista que apenas a presença do profissional não pode mudar uma realidade de um ambiente nem com a oferta de um cuidado ou assistência individual, e sim, a partir de estratégias que envolvam todos os alunos, professores, familiares, além da incorporação dos profissionais de saúde, a fim de promoverem práticas participativas de educação em saúde²¹.

Além do psicólogo, o envolvimento de outros profissionais da equipe de saúde em ações de promoção de saúde no contexto escolar que contemplem a temática do *bullying* podem ser desenvolvidas a fim de estimular relações sociais saudáveis entre todos os estudantes, bem como contribuir com os professores e demais funcionários para reconhecer e lidar com o *bullying*²². Diante da complexidade de problemas como *bullying* e preocupação com a saúde escolar, foi instituído no Brasil, em 2007, o Programa Saúde na Escola (PSE). Uma iniciativa do Ministério da Saúde e do Ministério da Educação para promover a saúde no ambiente escolar, por meio de uma proposta intersetorial, relacionando profissionais da saúde e da educação e políticas voltadas a crianças, adolescentes, jovens e adultos da educação pública no Brasil²³. A proposta deve abordar as dimensões da construção de uma cultura de paz e combater as diferentes expressões de violência nos territórios escolar e comunitário²⁴. O PSE é um dos poucos a aproximar as equipes de saúde às escolas, favorecendo a construção de comunicação para a abordagem do tema, a prevenção da violência e o desenvolvimento de novas e saudáveis possibilidades de resolução de conflitos.

A classe econômica B mostrou-se fator de proteção para o estudante ser vítima de *bullying*, em detrimento das classes acima e abaixo dela, diferindo de outros estudos brasileiros em que não se verificou associação entre a ocorrência de *bullying* e questões socioeconômicas^{20,25}. Estudo de metanálise, publicado em 2014, verificou associação entre medidas de status socioeconômico e os papéis de *bullying*. A vitimização foi positiva relacionada ao baixo status e negativa, associada ao alto. O papel de vítima-agressor foi relacionado ao baixo status socioeconômico, mas não, ao alto. E a prática de *bullying* apresentou a mais fraca associação, indicando que os agressores eram menos propensos e provêm de maior nível socioeconômico. Nesta pesquisa, o status socioeconômico baixo foi associado com chances aumentadas de ser vítima ou agressor, e as experiências precoces enfrentadas pelos adolescentes, vivendo em famílias com baixas condições socioeconômicas, podem contribuir para o risco de ser vitimado²⁶.

Os dados deste estudo e da revisão sistemática podem ser indicativos de que ser diferente do grupo parece ser o principal motivo de esse adolescente ter maior chance de ser

vítima de *bullying*, apenas por ser proveniente de um nível socioeconômico mais baixo ou ser incapaz de comprar bens ou recursos diferentes do restante do grupo de pares. Enquanto que os escolares de melhor classe econômica podem ter maior acesso a recursos intelectuais, conhecimento de normas e valores, bem como habilidades para resolução de problemas, ajudando no desenvolvimento de habilidades sociais e estratégias de enfrentamento, conseqüentemente a ponto de reduzir a probabilidade de experimentar relações conflituosas entre pares²⁶.

Vale ressaltar também que, ao focalizar na presença de bens de consumo duráveis para classificação da classe econômica, o presente estudo toma como foco a capacidade de consumo das famílias brasileiras, deixando de lado fatores, como o capital cultural, determinantes na estruturação do espaço social.

Os resultados desta pesquisa também revelaram que testemunhar violência física entre os pais/responsáveis é fator de risco para ser vítima de *bullying*. Tal informação é de grande relevância, pois ressalta como a exposição à violência pode repercutir na vida dos adolescentes, mesmo que não seja sofrendo diretamente, mas presenciando atos de agressões entre os pais/responsáveis. Contudo, é válido destacar que tais situações ocorreram no contexto intrafamiliar, possivelmente gerando insegurança e conflitos internos, tendo em vista esse tipo de situação está relacionado ao aumento de chance de desenvolver esses sentimentos²⁷ tão comuns nas vítimas. Estudo recente verificou que indivíduos expostos a diferentes formas de violência ao longo de seu desenvolvimento apresentam risco aumentado para praticar o *bullying*²⁸, dentre elas a violência familiar, assim ratificando a influência desse tipo de violência não só na vitimização quanto na prática de *bullying*^{27,28}, desde a exposição à violência direta quanto indireta, por meio do testemunho.

Dado bastante relevante obtido foi a associação significativa da vitimização com as ações de prevenção ao *bullying*, sendo estas fator de proteção. O que reforça evidências que a implementação de estratégias de combate em um contexto educativo participativo reduz a vulnerabilidade, conseqüentemente o envolvimento com a violência escolar. Chama-se atenção que ações, como atividades, trabalhos e projetos em sala de aula, feira de conhecimento, palestras, oficinas, fiscalização e discussão, estratégias simples e de pouco recursos, citadas pela coordenação das escolas participantes, foram suficientes para prevenir a vitimização por *bullying*. Por outro lado, foi referido encaminhar os adolescentes para a GPCA. Ao mesmo tempo em que demonstra a falta de programas estruturados para esse fim nessas instituições, sugere o desconhecimento ou confusão acerca do termo prevenção, bem

como dificuldade de lidar com esse conflito no ambiente escolar, tendo que recorrer a instâncias policiais diante da gravidade dos fatos.

Quanto às atitudes adotadas diante de situações de *bullying*, estudo realizado com estudantes e professores de uma cidade da grande Florianópolis em Santa Catarina verificou que as ações destacadas por professores e alunos focavam em remediar ou punir as ocorrências de *bullying*, ao invés de prevenir, conforme também foi observado em algumas escolas que participaram da presente pesquisa²⁹.

No Brasil, casos de violência no ambiente escolar caracterizados por *bullying* foram divulgados pela mídia com consequências graves para os envolvidos, tais como homicídios e suicídios. Um dos casos aconteceu em janeiro de 2003, em que um ex-aluno foi responsável pelo ataque a tiros à Escola Estadual Coronel Benedito Ortiz, em Taiúva (SP). Oito pessoas ficaram feridas, sendo uma delas um estudante que foi atingido por um tiro na coluna e ficou paraplégico. O atirador, que tinha 18 anos na época do crime, invadiu o local com um revólver e um punhal, fez os disparos e se suicidou em seguida. Segundo a polícia, o jovem era vítima de *bullying* escolar³⁰.

Em 2011, em uma escola municipal do Rio de Janeiro, no conhecido “Massacre de Realengo”, um ex-estudante matou 12 crianças com arma de fogo, suicidando-se depois¹¹. Mais recente, em setembro de 2018, em um Colégio em Medianeira, no oeste do Paraná, um adolescente de 15 anos entrou armado e atirou contra colegas de classe, deixando dois alunos feridos. Um dos adolescentes apreendidos disse à polícia que sofria *bullying* na escola e tinha como alvos, ao menos, nove colegas³⁰. Nota-se, portanto, que muitas das consequências do *bullying* são irreparáveis e ainda que seja estudado amplamente há, aproximadamente, quatro décadas, existe necessidade de intervenções efetivas no cotidiano escolar.

Atualmente, o Brasil é constituído por leis e incentivos do governo federal às escolas para desenvolverem cultura da paz e aproximação com a família. A Lei nº 13.663, de 14 de maio de 2018 inclui, entre as atribuições das escolas, a promoção da cultura da paz e medidas de conscientização, prevenção e combate a diversos tipos de violência, como o *bullying*. Essa lei altera o artigo 12 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996)³¹. Tudo isso reforça a Lei 13.185/2015, criada em 06 de novembro 2015, de Combate ao *Bullying*, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todo o território nacional³¹. Apesar de todas as leis em vigor, no momento, evidências mostram que grande parte das escolas ainda não adotou medidas concretas ou, as que adotaram, implantaram medidas frágeis no combate ao *bullying*.

Embora a presente pesquisa tenha verificado que ações pontuais de combate ao *bullying* foram fator de proteção às vítimas de *bullying* e com o aumento de políticas e pesquisas voltadas para o conflito e *bullying* entre adolescentes, há poucas evidências que comprovem a redução nos índices de violência como resultado das intervenções atuais no Brasil.

No entanto, devido à preocupação social com o *bullying* e o *cyberbullying*, vários programas foram desenvolvidos para prevenir e intervir nessas duas modalidades de violência entre pares^{32,33}. A maioria desses programas é direcionada especificamente ao *bullying* ou *cyberbullying*, sendo projetados para reduzir e prevenir o agressor e vitimização, como o *Olweus Bullying Prevention Program (OBPP)*²⁹, que foi avaliado com estudantes noruegueses, tendo como principal objetivo criar um ambiente de envolvimento positivo, com clareza dos limites e normas adotadas pela escola, bem como consistência nas sanções quando essas são violadas²⁹. Além disso, outros programas *antibullying* incluem a abordagem de questões psicossociais, tais como empatia, autoestima ou sensibilidade em relação às vítimas, que são recursos que previnem e reduzem o *bullying* escolar³⁴.

Pesquisa realizada em 56 escolas públicas dos Estados Unidos com estudantes de 11 a 15 anos de idade verificou essa redução do *bullying* de uma intervenção conduzida pelos alunos³⁵. Após a intervenção, que tinha objetivo de encorajar um pequeno grupo de estudantes a assumir uma posição pública contra as formas de conflito presentes na escola, tal estratégia conseguiu reduzir cerca de 30% da ocorrência de *bullying*. Logo, as análises revelam que determinados estudantes têm influência sobre as normas sociais e comportamento na escola, a ponto de influenciar os pares para mudar situações de conflitos³⁵. Por outro lado, o estudo realizado em Valência na Espanha com 660 adolescentes escolares mostrou que o programa *Prev@cib* é eficaz na redução do *bullying* e *cyberbullying*. É importante destacar que o *Prev@cib* é baseado em três referenciais teóricos: o modelo ecológico (compreende os vários fatores de risco e proteção individual, microsocial e contextuais relacionados ao *bullying*), empoderamento (oferece ferramentas e recurso para lidar diante do problema) e o modelo de responsabilidade pessoal e social de Hellison (argumenta que os comportamentos responsáveis podem ser ensinados e generalizados para outros contextos de vida), podendo ser dividido em três módulos: informação, conscientização e envolvimento³⁴.

Ressalta-se como potencial limitação do estudo a análise das variáveis por meio de autorrelato, o que permite diferentes interpretações sobre o ato de sofrer e provocar o *bullying* pelos alunos, assim como as ações de prevenção relatadas pelos coordenadores.

Percebe-se a necessidade de monitorar as possíveis dificuldades que os adolescentes possam ter em seu convívio social com os colegas, atitude que deve ser assumida não só pelos

pais, mas por todos os responsáveis pela educação, saúde e segurança. Além disso, observa-se a necessidade de implementação de programas *antibullying* estruturados nas escolas, baseados em evidências científicas, deixando de ser intervenções pontuais, para serem direcionados ao perfil dos alunos e escolas, tendo em vista que estas são dinâmicas e complexas, não podendo, por isso, ser tratadas de maneira uniforme.

As estratégias a serem desenvolvidas devem considerar não só a informação sobre o *bullying* mas também a conscientização e a sensibilização dos envolvidos, a fim de que se comprometam com a manutenção de um ambiente escolar sadio e seguro. Dessa forma para ser eficaz, é necessária uma abordagem global, com ações interdisciplinares, intersetoriais e contínuas, com promoção de inclusão social e aprendizagem para a redução dos índices de violência.

CONCLUSÃO

Os dados da pesquisa mostraram variáveis associadas à vitimização por *bullying*, tanto do contexto familiar como do escolar. O status econômico e as ações de prevenção aparecem como fator de proteção à vítima, enquanto que testemunhar violência física entre os pais revelou-se fator de risco. Por outro lado, não se evidenciou associação de fatores de risco ou de proteção com o papel de agressor.

Portanto, os achados enaltecem a importância de se desenvolverem intervenções que combatam o *bullying* no ambiente escolar, por meio de intervenções não só no contexto escolar, tendo em vista a repercussão da violência indireta dentro da família na vida desses adolescentes. Dessa forma, havendo ainda a necessidade de realização de estudos que analisem e desenvolvam estratégias para prevenir a prática do *bullying*.

REFERÊNCIAS

1. Organização Mundial de Saúde (OMS). Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra: OMS; 2002.
2. Alcantara SC, González-Carrasco M, Montserrat C, Casas F, Viñas-Poch F, Abreu DP. Violência entre pares, clima escolar e contextos de desenvolvimento: suas implicações no bem-estar. *Cien Saude Colet.* 2019; 24(2):509-522.
3. Mello FMC, Silva JLD, Oliveira WA, Prado RRD, Malta DC, Silva MAI. The practice of bullying among Brazilian schoolchildren and associated factors, National School Health Survey 2015. *Cien Saude Colet.* 2017;22(9):2939-48.
4. Malta DC, Mello FCM, Prado RR, Sá A CMGN, Marinho F, Pinto IV et al. Prevalência de bullying e fatores associados em escolares brasileiros, 2015. *Cien Saude Colet.* 2019; 24(4):1359-1368.
5. Sposito MP. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educ Pesq.* 2001;27(1): 87-103.
6. Francisco MV, Coimbra RM. Análise do *bullying* escolar sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. *Estud. psicol.* 2015; 20(3):184-195.
7. Weimer WR, Moreira EC. Violência e Bullying: Manifestações e Consequências nas Aulas de Educação Física Escolar. *Rev Bras. Cienc. Esporte* 2014; 36(1):257-74.
8. Olweus D. School bullying: Development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology.* 2013; 9: 751-780.
9. Silva JL, Oliveira WA, Zequinão MA, Lizzi EAS, Pereira BO, Silva MAI. Resultados de Intervenções em Habilidades Sociais na Redução de Bullying Escolar: Revisão Sistemática com Metanálise. *Trends Psychol.* 2018; 26(1):509-522.
10. Menesini E, Salmivalli C. Bullying in schools: the state of knowledge and effective interventions, *Psychology, Health & Medicine.* 2017; 22:240-253.
11. Pigozi PL, Machado AL. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. *Cien Saude Colet.* [Internet]. 2015, nov 20 (11): 3509-3522.
12. Marcolino EC, Cavalcanti AL, Padilha WWN, Miranda FAN, Clementino FS. Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. *Texto Contexto Enferm.* 2018; 27(1): e 5500016.
13. Oliveira WA, Silva MA, da Silva JL, de Mello FC, do Prado RR, Malta DC. Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. *J Pediatr (Rio J).* 2016; 92:32-9.

14. Costa MR, Xavier CC, Andrade ACS, Proietti FA, Caiaffa WT. Bullying among adolescents in a Brazilian urban center – “Health in Beagá” Study. *Rev Saude Publica* [Internet]. 2015 Aug [cited 2015 Jul 15]; 49(56):1-10.
15. Felix ED, Sharkey JD, Green JG, Furlong MJ, Tanigawa D. Getting precise and pragmatic about the assessment of bullying: The development of the California Bullying Victimization Scale. *Aggressive Behavior* 2011; 37:234-47.
16. Soares AKS, Gouveia VV, Gouveia RSV, Fonsêca PN, Pimentel CE. Escala Califórnia de Vitimização do Bullying (ECVB): evidências de validade e consistência interna. *Temas psicol.* 2015; 23(2): 481-91.
17. Olweus D. *Bullying at school: what we know and what we can do*. Cambridge, MA, Blackwell; 1993.
18. Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP). Critério de Classificação Econômica Brasil. Disponível em: <http://www.abep.org/criterio-brasil>
19. Silva GRR, Pitangui ACR, Xavier MK A, Correia-Júnior MAV, Araújo RC. Prevalence of musculoskeletal pain in adolescents and association with computer and videogame use. *J Pediatr (Rio J)*. 2016;92(2):188-196
20. Malta DC, Silva MA, Mello FC, Monteiro RA, Sardinha LM, Crespo C, et al. Bullying in Brazilian schools: results from the National School-based Health Survey (PeNSE), 2009. *Cien Saude Colet.* 2010;15:3065-76
21. Oliveira CB, Frechiani JM, Silva FM, Maciel ELN. As ações de educação em saúde para crianças e adolescentes nas unidades básicas da região de Maruípe no município de Vitória. *Cien Saude Colet.* 2009, mar./Apr 14(2): 635-644.
22. Brasil. Ministério da Saúde. *Cadernos de Atenção Básica: Saúde na Escola*. Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2009.
23. Brasil. *Manual instrutivo: Programa Saúde na Escola*. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2013.
24. Oliveira WA, Silva JL, Yoshinaga ACM, Silva MA. I. Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática. *Psico USF* [Internet]. 2015; 20(1):121-32.
25. Rech RR, Halpern R, Tedesco A, Santos DF. Prevalência e características de vítimas e agressores de bullying. *J Pediatr.* 2013;89(2), 164-170.
26. Tippet N, Wolke D. Socioeconomic status and bullying: a meta-analysis. *Am J Public Health.* 2014;104(6):e48–e59. doi:10.2105/AJPH.2014.301960.
27. Malta DC, Antunes JT, Prado RR do, Assunção AA, Freitas MI de. Fatores associados aos episódios de agressão familiar entre adolescentes, resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). *Cien Saúde Colet.* 2019; 24(4):1287-1298.

28. Silva GRR, Lima MLC, Acioli RML, Barreira AK. A influência da violência familiar e entre pares na prática do bullying por adolescentes escolares. *Cien Saude Colet* [periódico na internet] (2019/Out). Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/a-influencia-da-violencia-familiar-e-entre-pares-na-pratica-do-bullying-por-adolescentes-escolares/17374?id=17374>.
29. Santos MM, Perkoski IR, Kienen N. *Bullying*: Atitudes, Consequências e Medidas Preventivas na Percepção de Professores e Alunos do Ensino Fundamental. *Trends Psychol. / Temas Psicol.* 2015; 23 (4): 1017-1033.
30. G1. Realengo, Janaúba e outros: episódios de ataques em escolas no Brasil. [portal de notícias] 2019, mar. [acessado 2019, dez 18]. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogidas-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/episodios-de-ataques-em-escolas-no-brasil.ghtml>.
31. BRASIL. LEI Nº 13.663, DE 14 DE MAIO DE 2018. Brasília - DF, Diário Oficial da União - Seção 1 - 15/5/2018, Página 1 (Publicação Original).
32. Couvillon MA, Ilieva V. Recommended practices: A review of schoolwide preventative programs and strategies on cyberbullying. *Prev. Sch. Fail. Altern. Educ. Child. Youth* 2011; 55: 96–101.
33. Della Cioppa V, O’Neil A, Craig W. Learning from traditional bullying interventions: A review of research on cyberbullying and best practice. *Aggress. Violent Behav.* 2015; 23:61–68.
34. Ortega-Barón J, Buelga S, Ayllón E, Martínez-Ferrer B, Cava MJ. Effects of Intervention Program Prev@cib on Traditional Bullying and Cyberbullying. *Int. J. Environ. Res. Public Health.* 2019;16, 527.
35. Paluck EL, Shepherd H, Aronow PM. (2016). Changing climates of conflict: A social network experiment in 56 schools. *Proc. Nat. Acad. Sci.* 2016; 113: 566–571

9.4 Artigo 4 - Abordagem bioecológica na análise dos fatores associados ao *bullying* escolar

Georgia Rodrigues Reis e Silva¹

Maria Luiza Carvalho de Lima²

Alice Kelly Barreira³

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi identificar os tipos e os fatores associados ao papel de envolvimento de *bullying* relativos ao processo, pessoa e contexto. Realizou-se um estudo transversal com 1402 adolescentes de escolas públicas e privadas do Recife-PE. Para a coleta de dados, foi utilizado questionário autopreenchível, composto por questões isoladas e escalas, o qual permitiu identificar os fatores associados ao *bullying* por meio de abordagem bioecológica. A análise das associações foi realizada pela modelagem multinível, e o nível significância estatística foi de 0,05. Verificou-se que as vítimas sofreram mais o *bullying* verbal, enquanto os agressores cometeram mais o físico. Observou-se associação com o papel de vítima das variáveis de processo, como possuir relacionamento ruim com os amigos, sofrer violência na escola e na comunidade; e as de pessoa, como o sexo feminino, possuir baixa autoestima, usar tranquilizantes, sentir-se diferente e ser transgressor, sendo a última, fator de proteção. Na condição de agressor, as variáveis de processo sofrer violência na escola e violência física pela mãe e pelos irmãos apareceram como fatores de risco, enquanto que sentir-se feliz na escola foi fator de proteção. As variáveis pessoais, como o sexo masculino, ser transgressor e aceitar violência entre pares, aparecem como fator de risco. Não defender as ideias foi fator de proteção. Do contexto, as ações de prevenção ao *bullying* mostraram ser fator de proteção. Assim, observou-se que variáveis de todas as dimensões do modelo tiveram associação com o *bullying*, mostrando que um fenômeno complexo não pode ser explicado por fatores isoladamente.

Palavras-chave: Adolescente, violência, *bullying*, desenvolvimento humano.

ABSTRACT

The objective of this research was to identify the types and factors associated with the role of bullying involvement according to process, person, and context. A cross-sectional study involved 1402 adolescents from public and private schools in Recife-PE. Data collection included a self-administered questionnaire composed of isolated questions and scales to identify factors associated with bullying through a bioecological approach. The analysis of associations was performed by multilevel modeling and the level of statistical significance was 0.05. Victims were found to suffer more from verbal bullying, while physical bullying was more frequently practiced by bullies. There was an association with the role of victim of process variables such as having a bad relationship with friends, suffering violence at school and in the community; and regarding females, it was associated with low self-esteem, use of tranquilizers, feeling different and being a transgressor, being the latter a protective factor. As for the bully, the process variables such as suffer violence at school and physical violence by the mother and siblings were found to be risk factors, while feeling happy at school was a protective factor. Personal variables such as being a male, being a transgressor and accepting violence among peers were revealed as a risk factor. Not defending ideas was a protective factor. In this context, bullying prevention actions proved to be a protective factor. Therefore, it was observed that variables of all dimensions of the model were associated with bullying, showing that a complex phenomenon cannot be explained by isolated factors.

Keywords: Adolescent, violence, bullying, human development.

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período de intensas transformações biológicas, psíquicas, relacionais e de adaptação para a vida adulta^{1,2}. Constitui-se de uma fase do ciclo da vida marcada pelo aumento da autonomia, independência em relação à família, exposições a novos círculos de amizades e experimentação de novos comportamentos, além de enfrentamentos dos desafios socioculturais e socioeconômicos, ou seja, repleta de situações que fazem com o que indivíduo esteja mais vulnerável e exposto a riscos e à violência nos diversos ambientes vividos por essa população^{2,3}.

Dentre as violências às quais os adolescentes estão vulneráveis, destaca-se o *bullying*. Um comportamento compreendido por atos de intimidação, humilhação, discriminação ou violência física, que se configura como um grave problema de saúde pública^{2,4}. Consiste no fenômeno por meio do qual o indivíduo é exposto, de forma sistemática, a um conjunto de atos agressivos, desprovidos de motivação aparente, de maneira intencional e realizados por um ou mais indivíduos, nos quais se destacam as relações de desequilíbrio de poder entre a vítima e o(s) agressor(es), que se dá por período prolongado de tempo e ocorre, com maior incidência, no ambiente escolar^{5,6,7}.

É classificado mais frequentemente nas seguintes formas de envolvimento: físico, que envolve atos de bater, chutar, empurrar, abusar sexualmente, assediar, fazer gestos, estragar e roubar pertences; verbal, que inclui apelidar, ameaçar, importunar e xingar; o relacional, que se refere a atos de exclusão social, isolamento da vítima, indiferença e propagação de fofocas^{1,7}; e o *cyberbullying*, que é um tipo de violência produzida por meio do uso de dispositivos eletrônicos⁸.

Há evidências científicas de que o *bullying* afeta a saúde e o bem-estar dos envolvidos, com efeitos que duram até a vida adulta^{9,10,11}. As vítimas de *bullying* têm maior risco de problemas de saúde física e mental^{12,13}, incluindo depressão¹⁴, piora da autoestima¹⁵, bem como terem ideações suicidas e tentativas de suicídio na idade adulta¹¹. Por outro lado, os agressores estão mais propensos a faltar mais aulas, a consumir tabaco, álcool e drogas ilícitas^{4,16}, além de se envolverem em comportamentos delinquentes¹⁷ e sofrerem violência dos familiares^{4,17}.

Embora o *bullying* seja amplamente estudado internacionalmente, há mais de 40 anos, os estudos brasileiros iniciaram apenas no final da década de 90, demonstrando a incipiência da produção científica brasileira^{1,18}. Além do mais, os estudos desenvolvidos destacam as características individuais e os ambientes sociais de contexto, sem se preocuparem com as interações dinâmicas, que ocorrem regularmente entre os indivíduos nos vários contextos, havendo poucos dados na literatura com base teórica coerente que integrem as dimensões e expliquem esse fenômeno.

O *bullying* é reconhecido globalmente como um problema complexo e sério¹⁸, tendo em vista a crescente pesquisa na área e os efeitos na vida das pessoas envolvidas. Entretanto, diante da sua complexidade, ainda permanecem áreas que só podem ser respondidas mediante uma análise mais integral, por meio de um referencial teórico.

Nesse sentido, a teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner, que é fundamentada no paradigma sistêmico e na perspectiva do curso de vida aplicada ao estudo do desenvolvimento familiar e humano aparece como uma alternativa, pois compreende o desenvolvimento como um fenômeno de continuidade e de mudança das características biopsicológicas dos seres humanos. Além de reconhecer a importância dos contextos mais próximos e remotos no desenvolvimento, enfatiza tanto os níveis estrutural e funcional da pessoa quanto à passagem do tempo com ênfase no processo das interações entre indivíduo e ambiente¹⁹. O modelo destaca a bidirecionalidade das conexões entre o indivíduo e o seu contexto, o que demonstra como o indivíduo afeta e é afetado pelas configurações em que está situado²⁰.

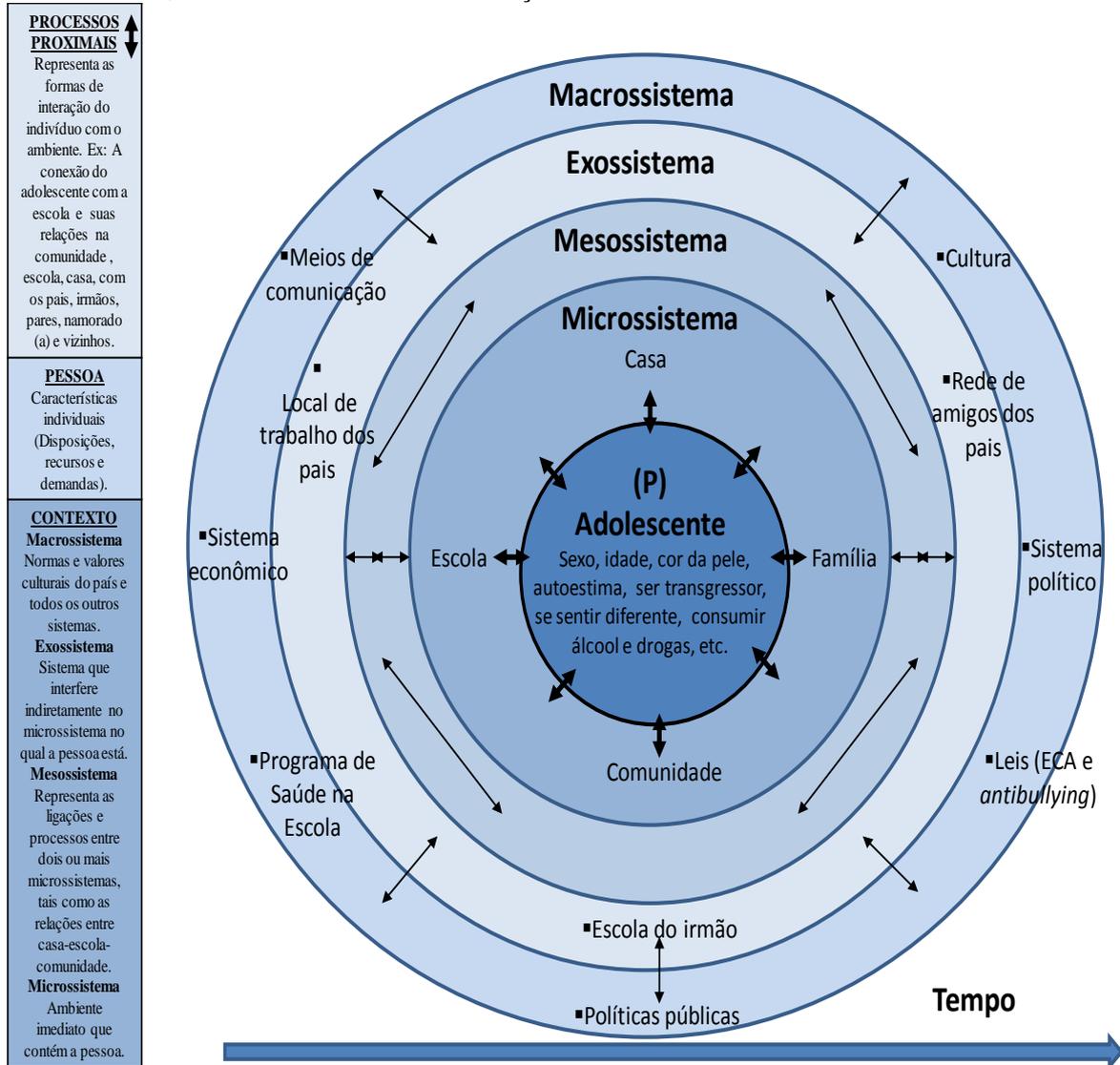
Dessa forma, a abordagem bioecológica tem muito a oferecer, pois permite compreender o *bullying* avaliando a interação dos adolescentes com os outros e o envolvimento nos seus diversos contextos, tais como: família, comunidade e escola. Portanto, o objetivo deste estudo foi identificar os fatores relacionados ao papel de envolvimento e aos tipos de *bullying* relativos aos processos proximais, às características pessoais e ao contexto.

MÉTODOS

A presente pesquisa analisou dados derivados de estudo transversal intitulado de “*Bullying* entre adolescentes escolares: uma abordagem bioecológica”, realizada com escolares de 15 a 19 anos, matriculados no segundo ano do ensino médio de 36 escolas, 18 públicas e 18 particulares, da cidade do Recife, no período diurno.

Este estudo permitiu verificar a magnitude do evento e identificar os tipos de *bullying* e as variáveis (processo, pessoa e contexto) tanto de risco como de proteção envolvidas no *bullying*, com abordagem da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner (2005)²¹, que dá ênfase às características biopsicológicas da pessoa em relações interpessoais e propõe que o desenvolvimento seja estudado por meio da interação de quatro dimensões que interagem entre si, denominadas de “Modelo PPCT”: Processo, Pessoa, Contexto e Tempo^{22,23}. Entretanto, nesta pesquisa, serão estudadas as dimensões de Processo, Pessoa e Contexto.

Figura 1. Modelo Conceitual Teórico explicativo para o *bullying* em adolescentes escolares. A *Pessoa* (P) ativa engajada em *Processos proximais* com pessoas, símbolos e objetos dentro de um microsistema, em interação com outros Contextos.



Nota: Elaborada pelas autoras

Para garantir a representatividade segundo estratos socioeconômicos, optou-se por fazer duas amostras independentes, contemplando o ensino público (estadual) e o privado. Nesse sentido, todas as escolas de cada segmento tiveram chance de serem incluídas no estudo. Consideraram-se os seguintes parâmetros para estimar o número total de alunos, segundo o número de alunos das escolas públicas e privadas matriculados no ano de 2013: prevalência entre os alunos = 30%²⁴, erro amostral = 5% e efeito de desenho = 2. A amostragem foi realizada por conglomerados em dois estágios. No 1º estágio, os parâmetros para estimar o número de escolas, segundo esfera de governo, foram: prevalência de *bullying* nas escolas = 95%, erro amostral = 10% e efeito de desenho = 1. A estimativa encontrada foi de 32 escolas,

16 públicas e 16 privadas. Admitindo 20% de perda, perfaz um total de 40 escolas distribuídas igualmente nos dois extratos. Sendo assim, 20 escolas públicas e 20 privadas que foram sorteadas, proporcionalmente à quantidade de alunos matriculados no 2º ano do ensino médio em cada escola, com intervalo sistemático.

No 2º estágio, as turmas foram sorteadas aleatoriamente dentro de cada escola. Com o objetivo de atingir o total de participantes, foram aplicados, em cada escola, em torno de 40 questionários, o que implicou a participação de uma ou duas turmas, dependendo do tamanho destas.

Instrumento

Foi elaborado um questionário autopreenchível, extenso e composto por diversas questões isoladas e escalas, descritas a seguir:

O envolvimento de *bullying* na condição de vítima foi definido a partir da Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying* (ECVB)²⁵, traduzida e validada para o português⁶. É formada por sete itens, os quais questionam sobre as formas e a frequência de vitimização que podem ter experimentado na escola, considerada exemplos de comportamento *bullying*. Cada item da escala é composto por uma sequência de cinco pontos, classificados em: 0 = nunca, 1 = apenas uma vez no mês passado, 2 = duas ou três vezes no mês passado, 3 = apenas uma vez durante esta semana e 4 = várias vezes durante esta semana. Posteriormente, é necessário indicar se esse comportamento anteriormente classificado foi de propósito e teve importância (o magoou), respondendo “sim” ou “não”. Por fim, a ECVB avalia o desequilíbrio de poder entre a vítima e o agressor por meio de características que podem descrever como é a outra pessoa, solicitando que os indivíduos se comparem com a “principal pessoa que fez tais coisas a você”, por meio de respostas à escala de três pontos, classificando em: “menos do que eu”, “parecido comigo” e “mais do que eu”. Portanto, os adolescentes que vivenciaram algum tipo de vitimização, por 2 ou 3 vezes no mês ou mais, tendo relatado sentir-se magoado com o evento e o agressor com alguma característica superior a si próprio foram considerados como vítimas de *bullying*. Essa escala permite a classificação da vítima de *bullying* verbal, físico e/ou relacional.

Por outro lado, a condição de agressor de *bullying* foi avaliada a partir da questão produzida, baseada no conceito de Olweus²⁶ e na Escala de Califórnia de Vitimização do *Bullying*^{6,25}, conforme descritas a seguir: “DENTRE OS (AS) SEUS (SUAS) COLEGAS, EXISTE ALGUM (A) QUE VOCÊ CONSIDERA INFERIOR A VOCÊ? SE EXISTE, RESPONDA A PRÓXIMA

QUESTÃO PENSANDO APENAS NESSA PESSOA. Alguma vez você já fez coisas de propósito, para magoar esse (a) seu (sua) colega, como: A) Zoar, xingar ou colocar apelidos? B) Espalhar boatos ou fofocas, ignorar ou deixar de fora do seu grupo? C) Empurrar, agredir fisicamente, ameaçar ou danificar coisas dele(a)?”, tendo para cada item as seguintes opções de respostas: 0. Nunca/1. Apenas uma vez no mês passado/2. Duas ou três vezes no mês passado/3. Apenas uma vez durante esta semana/ 4. Várias vezes durante esta semana. É considerado agressor o indivíduo que assinalou um dos itens 2, 3 ou 4 em qualquer uma das alternativas. Com base nessa questão, os adolescentes também puderam ser classificados em agressores verbais, relacionais e físicos.

A condição de vítima-agressor foi considerada com base na classificação, ao mesmo tempo nas descrições acima, em vítima e agressor.

As variáveis independentes testadas foram reunidas em três grupos, conforme as dimensões da Teoria Bioecológica:

Processo: a) **Relacionamento com amigos e colegas:** os estudantes foram questionados sobre o relacionamento com os colegas, por meio das seguintes opções de respostas: bom, regular, ruim e não tenho amigos. A conexão com a escola foi avaliada por meio de 5 questões elaboradas pelos autores com base nos itens da escala “*School Connectedness Scale*”: b) **sentir-se próximo às pessoas da escola;** c) **sentir-se parte da escola;** d) **sentir-se feliz em estar na escola;** e) **sentir-se seguro na escola;** f) **os professores tratam os alunos com justiça.** Para utilização neste estudo, realizou-se tradução para a língua portuguesa da versão utilizada por You et al., em 2008²⁷; g) **Ter sofrido violência da mãe e do pai:** foi mensurada pela Escala Tática de Conflitos - *Conflict Tactics Scale*²⁸, validada para a população brasileira²⁹. A CTS consiste de uma lista de ações que um membro da família pode praticar a partir de três táticas: argumentação, agressão verbal e violência física. Um item positivo em cada uma das subescalas de agressão verbal ou violência física é considerado caso de violência; h) **Violência entre irmãos:** atos como agressões a ponto de se machucarem, xingar ou humilhar um aos outros; i) **Ter sofrido violência na escola e na comunidade:** foi avaliado como proposto pela ONU em pesquisas sobre violações autoassumidas (*self reported offenses*). No Brasil, vem sendo empregado pelo Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente - ILANUD/ONU³⁰; j) **Sofrer e praticar violência física entre namorados:** foi utilizada a escala *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventor* – CADRI³² para avaliar o relacionamento entre adolescentes. Utilizou-se versão adaptada para a língua portuguesa³³; k) **Violência entre pares:** foi mensurada pela Escala Califórnia de Vitimização

do *Bullying*^{6,25}, com base no relato de pelo menos uma experiência de vitimização de qualquer frequência, mas sem a presença de desequilíbrio de poder e independente da intenção. l) **Ter sofrido discriminação em casa:** nesta questão, os adolescentes responderam se já foram tratados de forma inferior (discriminados) pelos seus familiares por causa da sua cor de pele, condição social, orientação sexual ou aparência física; m) **Ter sofrido discriminação na comunidade:** os adolescentes responderam se já foram tratados de forma inferior (discriminados) pelos seus vizinhos por causa da sua cor de pele, condição social, orientação sexual ou aparência física; n) **Ter sofrido violência sexual:** se a relação com os pais já envolveu alguma experiência sexual; se já sofreu agressão sexual na escola/comunidade; o) **Monitoramento dos pais ou responsáveis:** os alunos responderam com que frequência os pais ou responsáveis sabem aonde vai e com quem vai. Os que relataram a frequência de sempre, muitas vezes e poucas vezes foram considerados monitorados pelos pais ou responsáveis.

Pessoa: a) **Sexo:** autorreferido como feminino ou masculino; b) **Idade:** autorreferida entre 15 e 19 anos; c) **Cor da pele:** autorreferida como branca, negra, pardo, amarela e indígena; d) **Prática de religião:** autorreferida; e) **Possuir deficiência física:** autorreferida; f) **Desempenho escolar quanto às notas:** foi questionado ao aluno sobre as suas notas no último ano. As opções de respostas foram: muito boas, boas, ruins e muito ruins. g) **Autoestima:** foi utilizada a Escala de Autoestima de Rosenberg, adaptada no Brasil por Avanci et al. (2007)³⁴; h) **Defender suas ideias ou opiniões:** avaliou-se a partir de questão que interroga se o adolescente defende suas ideias e opiniões com seus amigos/colegas; i) **Consumo de bebida alcoólica em excesso** (até se embriagar ou sentir-se bêbado): os estudantes foram questionados sobre o uso do álcool em excesso no último ano. As opções de resposta foram: muitas vezes, poucas vezes e nunca. j) **Consumo de drogas ilícitas (maconha, cocaína, “crack” ou pasta de coca):** os estudantes foram questionados sobre o uso dessas drogas no último ano. As opções de resposta foram: muitas vezes, poucas vezes e nunca. Uso de medicações para k) **emagrecer**, l) **calmante/tranquilizante**, m) **anabolizante** (“bomba para ficar forte”). Os estudantes foram questionados sobre o uso dessas medicações no último ano. As opções de resposta foram: muitas vezes, poucas vezes e nunca; n) **Se sentir diferente:** os adolescentes foram questionados se havia alguma característica que os fazia se sentirem diferentes; o) **Excesso de peso:** estudantes responderam se achavam estar acima do peso e se haviam sofrido alguma discriminação ou humilhação pelo excesso de peso; p) **Ser transgressor:** faz parte dos instrumentos sobre violações autoassumidas do ILANUD/ONU³⁰, constituído por nove questões dicotômicas (sim/não) sobre atos praticados no último ano. q)

Orientação sexual: foi utilizada questão do Inquérito de Saúde do Adolescente de Minnesota, versão adaptada por Berlan et al., 2010³⁵. Essa questão também foi traduzida para a língua portuguesa e adaptada para utilização nesta pesquisa. Os estudantes foram questionados como se consideravam sobre sua orientação sexual, respondendo de acordo com 5 opções: 1. Completamente heterossexual, 2. Mais heterossexual, 3. Bissexual, 4. Mais homossexual e 5. Completamente homossexual, sendo categorizado para análise em 2 grupos: Heterossexual (1), Bissexual/Homossexual (2, 3, 4 e 5); r) **Ter irmãos:** questão sobre o adolescente possuir irmãos s) **Aceitar violência entre pares:** o estudante foi questionado como considerava os atos: “garoto humilhar garoto”, “garota humilhar garota”, “garoto agredir fisicamente garoto”, garota agredir fisicamente garota” e “pancadaria entre colegas”, na relação entre adolescentes. Considerou-se aceitar violência os estudantes que responderam “não é grave”, enquanto que os adolescentes que responderam “muito grave” e “grave” diante desses atos foram considerados não aceitar violência entre pares.

Contexto: a) **Tipo de escola (pública e privada):** dados obtidos com a Secretaria de Educação; b) **Porte da escola:** dados obtidos com a Secretaria de Educação e categorizados em pequeno porte (até 200 alunos), médio porte (201 a 499 alunos) e grande porte (superior a 500 alunos)³⁶. c) **Presença de psicólogo** e d) **realização de ações de prevenção contra o bullying na escola:** foram obtidas informações por meio de entrevista com gestor escolar. e) **Arranjo familiar** e f) **número de moradores por domicílio:** foram avaliadas a partir de questão que interrogou ao estudante sobre quais pessoas moram na mesma casa com ele, com as seguintes opções: pai, mãe, padrasto, madrasta, avós, irmãos, esposa/marido, amigos/colegas, mora sozinho e outros parentes. Para análise de arranjo familiar, realizou-se categorização em família nuclear (pai e mãe vivendo juntos com adolescente) e família não nuclear (outros arranjos), e moradores por domicílio foi categorizado em: de 1 a 2 pessoas, de 3 a 4 pessoas e de 5 pessoas ou mais. g) **A escolaridade dos pais/responsáveis** foi mensurada por questão elaborada pelo próprio autor, categorizada entre os que estudaram de 1 a 8 anos e os que estudaram mais de 9 anos. h) **Classe econômica das famílias:** através do critério de classificação econômica da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP)³⁷, chamado Critério Brasil e usado na pesquisa de mercado em geral. Esse critério tem alta correlação com a renda familiar. Dessa forma, as classes foram divididas conforme a pontuação total em: A1: 42 – 46, A2: 35 – 41, B1: 29 – 34, B2: 23 – 28, C1: 18 – 22, C2: 14 – 17, D: 8 – 13 e E: 0 – 7. Para a análise estatística, foram agrupadas A1 e A2, B1 e B2, C1 e C2, D e E. i) **Testemunho de violência entre os pais/responsáveis:** os estudantes

responderam se presenciaram atos como agressões entre pais ou responsáveis a ponto de se machucarem (violência física) ou humilharem (violência psicológica) um aos outros.

Coleta de dados

Os questionários foram aplicados entre agosto e novembro de 2014, no horário escolar, com duração média de 60 minutos. A coleta foi realizada na presença de pesquisadores treinados que forneceram uma breve explicação sobre o preenchimento e permaneceram durante todo o processo em sala de aula. Após a aplicação dos questionários, em cada escola, realizou-se entrevista com o coordenador em que foram abordadas questões sobre a presença de psicólogo na instituição e as ações de prevenção ao *bullying*.

Análise dos dados

Inicialmente foi realizada uma análise descritiva das variáveis, seguida do teste de Qui-Quadrado de Pearson com significância estatística de 0,05 e Intervalo de Confiança de 95%, para testar a diferença de prevalência entre *bullying*, segundo os papéis de vítima, agressor e vítima e agressor.

A análise de associações foi constituída pela modelagem multinível (escola e aluno) para controle do efeito do conglomerado e ponderado pelo tipo de escola. O modelo multivariado foi estimado para os papéis de vítima e agressor do *bullying* de forma independente, assim como os modelos foram desenvolvidos segundo as classes de variáveis, relacionadas ao processo, à pessoa e ao contexto. A técnica multivariada utilizada foi a stepwise do tipo forward, considerando como critério de entrada no modelo significância estatística de 10%. Foram testadas as hipóteses de concomitância e considerada a variável no modelo, segundo a plausibilidade causal. Neste estudo, não houve variáveis da dimensão tempo, e a prevalência de *bullying* no papel de vítima e agressor foi muito baixa para que a variável fosse analisada no modelo multinível. Os resultados foram analisados por meio do software STATA, na versão 12.0.

Aspectos éticos

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Aggeu Magalhães sob registro no CAAE: 33233014.6.000.5190 e número do parecer PlatBr 745.886, de acordo com as normas da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos. Para a realização da pesquisa, foram solicitadas autorizações institucionais no âmbito da Educação e assinaturas dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido ou Termos de Assentimento Livre e Esclarecido pelos alunos participantes.

RESULTADOS

Participaram da pesquisa 1.411 escolares, dos quais 9 foram excluídos por preenchimento inadequado do questionário, sendo a amostra composta por 1.402 adolescentes, dos quais um pouco mais de alunos do sexo feminino (52,4%), média de idade foi de 16,4 anos e quanto ao tipo de escola, 56,6% da amostra foi de alunos de escolas públicas e 43,4% de escolas privadas.

Entre os pesquisados, 8,35% entraram nos critérios de classificação de vítimas de *bullying*. No papel de agressor, a prevalência correspondeu a 21,26%. A prevalência de *bullying* na condição de vítima e agressor foi de 2,00% entre os pesquisados. Na condição de vítima ou agressor, a prevalência de envolvimento geral em *bullying* foi de 27,60% (Tabela 1).

Com relação aos tipos de *bullying*, foi observado que as vítimas de *bullying* relataram sofrer violência física (4,54%), verbal (6,41%) e relacional (4,73%), sem diferença estatisticamente significativa. Por outro lado, os agressores relataram principalmente *bullying* físico (18,27%) e relacional (16,7%), com uma prevalência muito menor de *bullying* verbal (1,82%), conforme Tabela 1.

Tabela 1. Prevalências e tipos de *bullying*, segundo o papel de envolvimento de estudantes de escolas públicas e privadas do Recife.

<i>Bullying</i>	Número de alunos	Prevalência (%)	IC 95%
Vítimas	117	8,35	6,75 – 9,94
Físico	64	4,26	3,09 – 5,85
Verbal	90	6,41	5,12 – 7,69
Relacional	66	4,73	3,61 – 5,85
Agressor	298	21,26	17,84 – 24,39
Físico	250	17,86	15,08 – 20,42
Verbal	25	1,78	0,97 – 2,68
Relacional	228	16,32	13,45 – 19,58
Vítima-agressor	28	2,00	1,18 – 3,053
Vítima ou Agressor	387	27,60	24,49 – 30,56

^aAs prevalências e os intervalos de confiança ajustados, considerando o desenho de amostragem (cluster) e o peso por tipo de escola

Devido ao pequeno percentual de vítima-agressor, não foi possível realizar cálculo de associação desse grupo com as variáveis estudadas.

Na análise univariada, apresentaram associação com a condição de vítima de *bullying*, segundo os fatores **pessoais**: o sexo feminino (OR=1,95, IC95%=1,34–2,84) $p<0,001$, baixa autoestima (OR=2,40, IC95%=1,59–3,60) $p<0,001$, se sentir diferente (OR=1,94, IC95%=1,29 – 2,93) $p=0,002$, estar acima do peso (OR=1,34, IC95%=0,97 – 1,84) $p=0,075$, fazer uso de medicação para emagrecer (OR=2,17, IC95%=1,16 – 4,09) $p=0,015$, utilizar tranquilizantes (OR=2,81, IC95%=1,57–5,02) $p<0,001$, ser transgressor (OR=0,75, IC95%=0,52 – 1,06), $p=0,10$ e ser homossexual ou bissexual (OR=2,09, IC95%=1,21 – 3,62) $p=0,009$.

Quanto às variáveis de **processo**, o relacionamento regular ou ruim com os amigos (OR=2,67 1,57–4,55) $p<0,001$, violência entre pares (OR=0,75, IC95%=0,54 – 1,03) $p=0,080$, violência psicológica entre irmãos (OR=1,62, IC95%=0,95–2,76) $p=0,078$, sofrer perseguição de familiares (OR=2,78, IC95%=1,56 – 4,94) $p<0,001$, sofrer discriminação pelos vizinhos pela cor da pele (OR=2,70, IC95%=1,47 – 4,97) $p<0,001$, condição social (OR=2,68, IC95%=1,70 – 4,21) $p<0,001$, orientação sexual (OR=3,11, IC95%=1,64 – 5,90) $p=0,001$, aparência física (OR=3,06, IC95%=1,94 – 4,82) $p<0,001$, sofrer discriminação pelos familiares pela cor da pele (OR=3,31, IC95%=1,19 – 9,17) $p=0,021$, condição social (OR=3,20, IC95%=1,52 – 6,73) $p=0,002$, orientação sexual (OR=3,38, IC95%=1,59 – 7,18) $p=0,002$, aparência física (OR=2,38, IC95%=1,36 – 4,16) $p=0,002$, sofrer violências verbal (OR=1,54, IC95%=1,04 – 2,29), $p=0,031$ e física (OR=1,52, IC95%=1,05 – 2,20) $p=0,025$ pelo pai, sofrer violência na escola (OR=2,70, IC95%=1,72–4,25) $p<0,001$, sofrer violência

na comunidade OR=2,09, IC95%=1,33–3,29) $p<0,001$, não ser monitorizado pelos pais ou responsáveis (OR=1,67, IC95%=1,13–2,47) $p=0,010$, sentir-se próximo às pessoas (OR=0,54, IC95% = 0,38 – 0,77) $p=0,01$, sentir-se parte da escola (OR=0,68, IC95%=0,51 – 0,92) $p=0,013$ e sentir-se seguro na escola (OR=0,53, IC95%=0,33 – 0,84) $p=0,007$ mostraram-se associado à vitimização de *bullying*.

Em relação ao **contexto**, a classe econômica da família B (OR=0,46, IC95%=0,23–0,91) $p= 0,025$ e C (OR=0,52, IC95%= 0,27 – 0,97) $p=0,042$, ações de prevenção ao bullying (OR=0,61, IC95%=0,36 – 1,03) $p=0,065$ e testemunhar violência física (OR=2,71, IC95%=1,34 – 5,46) $p=0,005$ e psicológica entre os pais (OR=1,68, IC95%=1,11–2,55) $p=0,015$ apresentaram níveis de significância estatística.

No papel de agressor, as variáveis de **pessoa** como o sexo feminino (OR=0,41, IC95%=0,31 – 0,56) $p<0,001$, não praticar alguma religião (OR=1,51, IC95%=1,14 – 1,98) $p=0,003$, ter um desempenho escolar ruim ou muito ruim quanto às notas (OR=2,03, IC95%=1,56 – 2,65) $p=0,000$, ter baixa autoestima (OR=1,32, IC95%=1,05 – 1,67) $p=0,017$, se sentir diferente (OR=1,46, IC95%=1,13 – 1,89) $p=0,003$, consumir bebida alcoólica em excesso poucas vezes (OR= 3,06, IC95%=2,22 – 4,22) $p=0,000$ e muitas vezes (OR=1,68, IC95%=1,31 – 2,15) $p=0,000$, usar drogas ilícitas (OR=1,58, IC95%=1,05–2,37) $p=0,026$, usar tranquilizantes (OR=1,45, IC95%=1,04 – 2,04) $p=0,028$, ser transgressor (OR=3,44, IC95%=2,72 – 4,34) $p=0,000$, ser homossexual ou bissexual (OR=1,39, IC95%=1,00 – 1,94) $p=0,048$, ter irmãos (OR=0,65, IC95%=0,41 – 1,01) $p=0,057$, aceitar violência entre meninos (OR=2,54, IC95%=1,73 – 3,72) $p<0,001$ e entre meninas (OR=2,31, IC95%=1,56 – 3,43) $p<0,001$ e não defender suas ideias e opiniões com os amigos (OR=0,73, IC95%=0,56 – 0,94) $p=0,016$ mostraram ser associadas a essa condição.

Quanto às de **processo**, o relacionamento regular ou ruim com os amigos (OR=1,51, IC95%=1,07– 2,12) $p=0,017$, violência entre pares (OR=3,40, IC95%=2,68–4,31) $p<0,001$, violência sofrida (OR=1,76, IC95%=1,21–2,55) $p= 0,003$ e praticada (OR=1,83, IC95%=1,19 – 2,81) $p=0,006$ entre namorados; sofrer violência na escola (OR=2,46, IC95%=1,82 – 3,34) $p<0,001$ e na comunidade (OR=2,05, IC95%= 1,62– 2,58) $p <0,001$; sofrer violência física (OR=2,15, IC95%=1,66 – 2,78) $p<0,001$ e verbal (OR=1,98, IC95%=1,32 – 2,97) $p=0,001$ praticada pela mãe; sofrer violência física (OR=1,71, IC95%=1,30 – 2,25) $p <0,001$ e verbal (OR=1,24, IC95%=0,96–1,61) $p=0,093$ praticada pelo pai; sofrer violência física (OR=2,19, IC95%=1,63–2,94) $p<0,001$, verbal (OR=1,30, IC95%=0,97–1,75) $p=0,072$ e psicológica (OR=2,14, IC95%=1,57–2,93) $p<0,001$ entre irmãos; ter sofrido agressão sexual (OR=1,88, IC95%=1,05 – 3,35) $p= 0,031$; ser perseguido pelos familiares (OR=1,80, IC95%=1,16–2,79)

$p=0,009$; ter sofrido discriminação pelos vizinhos pela condição social ($OR=1,58$, $IC95\%=0,98-2,55$) $p=0,056$; orientação sexual ($OR=2,89$, $IC95\%=1,60 - 5,24$) $p=0,000$ e aparência física ($OR=1,75$, $IC95\%=1,28 - 2,40$) $p=0,000$; ter sofrido discriminação pelos familiares pela cor da pele ($OR=2,02$, $IC95\%=1,19 - 3,42$) $p=0,009$, orientação sexual ($OR=2,74$, $IC95\%=1,31-5,75$) $p=0,007$ e aparência física ($OR=1,81$, $IC95\%=1,15-2,84$) $p=0,010$; não ser monotirados pelos pais ou responsáveis ($OR=2,20$, $IC95\%=1,57-3,08$) $p<0,001$, sentir-se próximo às pessoas ($OR=0,76$, $IC95\%=0,58-1,01$) $p=0,062$; sentir-se parte da escola ($OR=0,74$, $IC95\%=0,56-0,98$) $p=0,038$; sentir-se feliz em estar na escola ($OR=0,57$, $IC95\%=0,43 - 0,74$) $p<0,001$; professores tratam com justiça ($OR=0,54$, $IC95\%=0,39 - 0,76$) $p<0,001$ e sentir-se seguro na escola ($OR=0,54$, $IC95\%=0,41 - 0,73$) $p<0,001$ foram estatisticamente associadas ao agressor de *bullying*.

Os resultados da análise multivariada mostraram associação dos processos proximais, características pessoais e contexto tanto no papel de vítima quanto no de agressor. No papel de **vítima**, foram observadas associações com as variáveis de **processos** como possuir um relacionamento ruim com os amigos, sofrer violência na escola e na comunidade. As de **pessoa** foram: sexo feminino, possuir baixa autoestima, usar tranquilizantes, sentir-se diferente e ser transgressor. Dentre as variáveis de **contexto** analisadas, as ações de prevenção ao *bullying*, tais como: atividades, trabalhos e projetos em sala de aula, feira de conhecimento, palestras, oficinas, fiscalização e discussão revelaram ser fator de proteção (Tabela 2).

Tabela 2. Fatores de processos, pessoa e de contexto associados aos estudantes vítimas de *bullying* de escolas públicas e privadas do Recife.

Variáveis	Vítima de <i>bullying</i>	
	OR _{Ajustada} (IC 95%) ^a	p-valor ^b
Sexo		
Masculino	Referência	
Feminino	1,75 (1,19 – 2,55)	0,004
Autoestima		
De 28 a 40 pontos	Referência	
De 10 a 27 pontos	1,59 (1,07 – 2,37)	0,021
Uso de tranquilizante		
Não	Referência	
Sim	2,11 (1,19 – 3,74)	0,010
Sentir-se diferente		
Não	Referência	
Sim	1,75 (1,16 – 2,65)	0,008
Ser transgressor		
Não	Referência	
Sim	0,49 (0,32 – 0,77)	0,002
Ações de prevenção ao <i>bullying</i>		
Não	Referência	
Sim	0,57 (0,34 – 0,94)	0,029
Relacionamento com amigos		

Bom	Referência	
Regular/ruim	2,27 (1,32 – 3,89)	0,003
Violência sofrida na escola		
Não	Referência	
Sim	1,77 (1,12 – 2,77)	0,013
Violência sofrida na sua comunidade		
Não	Referência	
Sim	1,95 (1,22 – 3,10)	0,005

^aOR ajustada considerando o desenho de amostragem (cluster) e peso por tipo de escola

^bSignificância estatística- $p \leq 0,05$

Nas relações ocorridas nos **processos proximais**, sofrer violência na escola, sofrer violência física pela mãe e pelos irmãos são fatores de risco para ser **agressor** de *bullying*, enquanto que se sentir feliz na escola é fator de proteção. As variáveis **pessoais** como ser do sexo masculino, ser transgressor e aceitar violência entre pares para algum dos sexos aparecem como fator de risco. Não defender ou defender poucas vezes as ideias foi fator de proteção para esse papel (Tabela3).

Tabela 3. Fatores de processo, pessoa e contexto associados aos estudantes agressores de *bullying* de escolas públicas e privadas do Recife.

Variáveis	Agressor de <i>bullying</i>	
	OR _{Ajustada} (IC 95%) ^a	p-valor ^b
Sexo		
Masculino	Referência	
Feminino	0,40 (0,29 – 0,55)	<0,001
Ser transgressor		
Não	Referência	
Sim	2,39 (1,81 – 3,16)	<0,001
Aceitar violência entre pares		
Não aceita violência	Referência	
Aceita para algum dos sexos	2,36 (1,32 – 4,22)	0,004
Defender ideias/opiniões com amigos		
Sempre/ muitas vezes	Referência	
Poucas vezes/ nunca	0,61 (0,44 – 0,84)	0,003
Violência sofrida na escola		
Não	Referência	
Sim	1,74 (1,26 – 2,40)	<0,001
Ter sofrido violência física da mãe		
Não	Referência	
Sim	1,83 (1,40 – 2,42)	<0,001
Violência física sofrida pelos irmãos		
Não	Referência	
Sim	1,72 (1,23 – 2,38)	<0,001
Sentir-se feliz em estar na escola		
Não	Referência	
Sim	0,69 (0,52 – 0,91)	0,009

^aOR ajustada considerando o desenho de amostragem (cluster) e peso por tipo de escola

^bSignificância estatística- $p \leq 0,05$

DISCUSSÃO

A presente pesquisa buscou identificar os fatores associados ao *bullying* nas escolas públicas e privadas do Recife, entre adolescentes escolares de 15 a 19, em 2014, segundo o papel de vítima e agressor, utilizando os processos proximais, pessoais e de contexto da Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner²¹. Apesar de existirem vários estudos brasileiros sobre a temática, poucos usaram um olhar mais integrador embasado em um modelo conceitual explicativo para tal fenômeno. Dessa forma, ratificando a importância deste trabalho.

Frente à análise multivariada, permaneceram no modelo final variáveis de todas as dimensões analisadas, reforçando a ideia da teoria bioecológica de que um fenômeno tão complexo não pode ser explicado ou influenciado apenas por um fator biológico, e sim, por diversos fatores de contexto e pelos processos decorrentes das relações. Além do mais, chama-se a atenção para o fato de que dados de uma pesquisa, quando analisados de forma independente, apresentem diferenças de quando analisados em conjunto, devido à influência de determinados fatores sobre os outros como foi o caso do presente estudo^{17,38}.

Embora não tenha verificado significância estatística entre os tipos de *bullying*, é relevante destacar o *bullying* verbal por ser o mais prevalente entre as vítimas e o físico, mais praticado pelos agressores. Dados de outros estudos, como o realizado com estudantes brasileiros e portugueses³⁹ e o com adolescentes em Lima⁸, também verificaram o *bullying* verbal como o mais relatado pelas vítimas. Enquanto que outros dois no Brasil^{40,41} mostraram que as agressões físicas eram as mais frequentes, porém nesses casos, independente do papel desempenhado, indicando que a ocorrência e o tipo não se limitam a uma região ou às características culturais.

As relações proximais determinam como as pessoas vão socializar-se, interagir e comportar-se socialmente, dessa forma essas relações podem representar risco ou proteção para o *bullying*³⁹. O **processo** proximal representa o núcleo da teoria abordada, pois abrange o ciclo de interações mais próximas dos estudantes, sendo uma das dimensões em que ocorrem os processos de desenvolvimento³⁹.

Os dados da pesquisa revelam como as relações proximais dos adolescentes nos seus microsistemas podem ser caracterizadas como disruptivas para o desenvolvimento; no caso das vítimas, as situações são marcadas por diferentes formas, desde relacionamentos ruins com os amigos, exposição a violências na escola e na comunidade, enquanto que os

agressores são expostos a episódios de violência na escola e no ambiente familiar. Do mesmo modo que experiências positivas podem ser generativas como na conexão com a escola, ao passo que se sentir feliz na escola mostrou-se fator de proteção.

A violência intrafamiliar e a violência vivenciada em contextos extrafamiliares, como a comunidade e a escola, têm chamado a atenção das autoridades, profissionais da educação e da mídia⁴², pois esse tipo de conduta pode trazer impactos para os que sofrem as agressões desde reproduzirem o comportamento vivenciado como modelo para resolução dos problemas até consequências na sua condição de saúde^{17,39}.

Dentre as violências associadas à prática de *bullying*, destaca-se a violência física praticada pela mãe contra seus filhos. Tal situação pode ser justificada pelas práticas parentais de disciplina autoritária e punitiva, utilizadas pelos pais para combater comportamento e atitudes inadequadas dos filhos, como observado em estudo de Zottis e colaboradores^{43,44}. Esses dados chamam atenção, pois apesar da existência do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que aborda o direito à proteção contra a violência física no contexto familiar, bem como a legislação e normatização para proteção das crianças e adolescentes contra toda forma de violência⁴⁵, ainda são tão frequentes esses atos na vida de crianças e adolescentes nos dias atuais.

A associação das vítimas de *bullying* com o relacionamento caracterizado como ruim entre amigos pode ser esclarecedor, pois esses adolescentes poderiam encontrar, nessa relação entre seus pares, uma rede de apoio e suporte para conseguir lidar com as violências vivenciadas e as questões inerentes à própria fase da adolescência; além disso, esse dado pode revelar uma inabilidade social, consequência de experiências negativas que afetariam a relação com os outros.

A literatura já evidencia a importância do bem-estar dos estudantes no ambiente escolar, assim como a presente pesquisa que aponta o sentimento de se sentir feliz neste ambiente como fator de proteção para a prática do *bullying*^{17,46}. Na pesquisa de Alcantara e colaboradores, publicada em 2019, observou-se esse envolvimento tanto nas escolas públicas quanto nas particulares. Entretanto, nas escolas públicas, foi observada a associação de baixo bem-estar com ser vítimas e nas particulares, os níveis mais baixos de bem-estar estavam relacionados com os agressores, o que pode sugerir que as relações existentes ou onde ocorrem experiências afetam o comportamento no contexto social⁴⁶.

As características da **pessoa** determinam os recursos e as habilidades utilizados pelos adolescentes no processo de socialização para responder às demandas do contexto social. A relevância dos processos proximais no desenvolvimento acarretou na ampliação da influência

da pessoa nos resultados. Dessa forma, a teoria bioecológica¹⁹ identifica três características da pessoa como intervenientes na direção das trajetórias de vida: as **disposições** comportamentais ativas, que são as características ou habilidades das pessoas de se engajarem em atividades individuais ou com outras pessoas, comum em indivíduos comunicativos ou as características pessoais inibidoras, que são o oposto das disposições ativas; as características de **recursos** representam as capacidades ou as necessidades da pessoa para o funcionamento efetivo dos processos proximais. São aspectos orgânicos que interferem nos processos, como as deficiências, os problemas genéticos e nutricionais. Por fim, as características de **demanda** são atributos pessoais, que podem auxiliar ou dificultar reações do contexto social, inibindo ou favorecendo os processos¹⁹.

Diante disso, é possível verificar que todas as três características pertinentes a essa dimensão tiveram relação com o *bullying*. Ser transgressor e não defender ou defender poucas vezes as ideias são **disposições comportamentais**, sendo o comportamento transgressor associado ao agressor de *bullying*, o que corrobora os estudos recentes^{38,47}, ao passo que se mostra fator de proteção a condição de vítima. Por outro lado, não defender as ideias com os amigos protege o adolescente de ser agressor de *bullying*, uma vez que normalmente o agressor apresenta um perfil contrário, em busca de reconhecimento e poder, assumindo uma posição de destaque e liderança⁴⁴. Enquanto que **recursos** medicamentosos, como o uso de tranquilizantes, mostraram ser fator de risco para ser vítima de *bullying*, o que sugere a necessidade de esse adolescente fazer uso de substâncias com o intuito de alterar suas sensações ou sentimentos, a fim de resolver questões de forma imediata³⁸.

Dentre as características de **demanda**, ter baixa autoestima e se sentir diferente tiveram associação significativa para serem vítimas de *bullying*, fato que já vem sendo verificado na literatura³⁸ e traz como justificativa o comportamento inibido, característico das vítimas, a baixa autoestima e o sentimento de vulnerabilidade, aumentando a probabilidade de continuar sendo vitimizadas⁴⁸. Outro atributo que se mostrou fator de risco para ser vítima e de proteção para agressor de *bullying* foi o sexo. Uma possível explicação para as diferenças entre os sexos é que os meninos se encontram em uma fase na qual a competição por status e a busca por prestígio aumentam consideravelmente, fazendo com que eles assumam comportamentos mais agressivos com seus pares^{2,40}. A diferença de comportamento entre os sexos tem sido atribuída a aspectos sociais e culturais, como o machismo, com incentivo a comportamentos agressivos por parte dos meninos^{17,45}.

Por fim, aceitar a violência entre pares aparece como característica associada aos que praticam o *bullying*, o que endossa a utilização da agressão para alcançar status e uma posição social dominante⁴⁴; por outro lado, poderia facilitar o autorrelato como agressor de *bullying*.

Esses dados só reforçam o que diz a Teoria de Bronfenbrenner de que nenhuma característica da pessoa pode existir ou exercer influência sobre o desenvolvimento isoladamente⁴⁹, e neste caso, explicando um fenômeno tão complexo quanto o *bullying*.

O **contexto** é um elemento importante da teoria bioecológica, no qual acontecem os processos, desde os ambientes mais imediatos, nos quais vive a pessoa em desenvolvimento, denominado de **microssistema**, aos mais distantes, nos quais a pessoa não participa, mas se relaciona e tem o poder de influenciar o curso do desenvolvimento humano^{50,51}.

Observa-se com os resultados quais aspectos dos **microssistemas** família, comunidade e escola foram associados ao *bullying*. Ao mesmo tempo em que variáveis do microssistema da escola, representadas por sentir-se feliz na escola e as ações de prevenção ao *bullying*, apresentaram-se como fatores de proteção, a primeira ao comportamento de agressor e a segunda à vítima de *bullying*.

É notório que as intervenções citadas neste estudo são de simples e fácil aplicabilidade no contexto escolar, por isso é importante conscientizar os profissionais quanto à reprodução dessa prática no cotidiano escolar. No entanto, ressalta-se que essas estratégias só preveniram a vitimização e não a prática do *bullying*. Já existem programas *antibullying* projetados internacionalmente voltados para vítimas e agressores^{52,53,54}. Dentre os programas se sobressai o baseado em três referenciais teóricos: modelo ecológico, empoderamento e modelo de responsabilidade pessoal e social de Hellison, que divide as intervenções em três etapas, conforme o referencial. Primeiro é fornecida informação acerca dos fatores associados e contexto que acontecem; em seguida, realiza conscientização sobre as ferramentas e recursos para agir diante do problema e, por fim, argumenta quanto à responsabilidade no envolvimento desse comportamento⁵⁴.

Dentro do contexto nacional, existem políticas como o Programa Saúde na Escola (PSE), criado em 2007, que aproxima as equipes de saúde da escola, realizando abordagem direcionada à promoção à saúde, cultura de paz e prevenção da violência escolar⁵⁵. No entanto, o mesmo recebe críticas devido à ausência de avaliações sistemáticas, pois as ações de monitoramento limitam-se a descrever o quantitativo das escolas e municípios aderentes, sem avaliar o alcance dos objetivos previstos⁵⁶. Além disso, existe a Lei 13.185/2015, criada em 06 de novembro 2015, de Combate ao *Bullying*, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todo o território nacional, não sendo possível

correlacionar essa lei com a presente pesquisa, tendo em vista que foi instituída após a coleta dos dados⁵⁷.

Destaca-se a necessidade de intervenções para a prevenção da violência e, conseqüentemente, do *bullying* com ações voltadas para as famílias, de forma que esses adolescentes deixem de ser expostos a qualquer tipo de violência.

Por outro lado, é de fundamental importância a criação de espaços de participação dos estudantes, em que permitam compartilhar conhecimento sobre o *bullying*, desde fatores associados, a direitos e repercussões, bem como ofereçam recursos para lidar com o problema e, por fim, não menos importante, mostrar a responsabilidade pessoal e social que cada um tem para o combate a esse problema^{45,55}.

O envolvimento dos gestores, professores, funcionários da escola, pais, alunos, profissionais de saúde e pesquisadores é fundamental para a implementação de projetos de prevenção e redução do *bullying*, pois a participação de todos visa estabelecer normas e condutas coerentes com o contexto em que vivem.

A presente pesquisa não permite estabelecer relações de causa e efeito entre as variáveis estudadas; além disso, uma vez que se adotaram respostas autorrelatadas pelos escolares, estas podem ser influenciadas pelas compreensões e memórias particulares de cada escolar. Os resultados devem ser interpretados com cautela, ainda assim sugere-se encará-los como preditores do evento. No entanto, esta pesquisa permitiu contribuir com a literatura existente, abordando o *bullying* e as relações dos envolvidos com esse comportamento nos seus diversos microssistemas, com base em um referencial Bioecológico do Desenvolvimento Humano.

CONCLUSÃO

As relações entre pares, familiares e indivíduos da comunidade nos seus microssistemas determinam o comportamento dos adolescentes, representando fatores de risco ou de proteção para o *bullying*. Além disso, é evidente que uma abordagem mais integral permite compreender melhor um fenômeno tão complexo como o *bullying*, desde as características biopsicológicas, as interações dos indivíduos e o contexto que os permeia.

A realização de ações de saúde nesse ambiente também pode facilitar o processo de sensibilização, melhorar a assimilação e a capacidade de tomar decisões e, conseqüentemente, amenizar as vulnerabilidades³.

Para que ocorra o pleno desenvolvimento desse adolescente, é necessário que ele transite em ambientes confortáveis, que transmitam segurança, apoio e proteção¹. Nesse sentido, torna-se relevante que o espaço educacional, com sua complexidade e conjuntura, aborde o adolescente de forma integral.

REFERÊNCIAS

- 1-Pigozi PL, Machado AL. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. *Cien Saude Colet.* [Internet]. 2015, nov. 20 (11): 3509-3522.
- 2-Malta DC, Mello FCM, Prado RR, Sá A CMGN, Marinho F, Pinto IV et al. Prevalência de bullying e fatores associados em escolares brasileiros, 2015. *Cien Saude Colet.* 2019; 24(4):1359-1368.
- 3-Silva GA, Ribeiro IKS, Silva HRM, Rezende TMRL, Belo VS, Romano MCC. Perfil e demandas de saúde de adolescentes escolares. *Rev. Enferm.* 2019;9(57):1-17.
- 4-Mello FMC, Silva JLD, Oliveira WA, Prado RRD, Malta DC, Silva MAI. The practice of bullying among Brazilian schoolchildren and associated factors, National School Health Survey 2015. *Cien Saude Colet.* 2017;22(9):2939-48.
- 5-Olweus D. School bullying: Development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology.* 2013; 9: 751-780.
- 6-Soares AKS, Gouveia VV, Gouveia RSV, Fonsêca PN, Pimentel CE. Escala Califórnia de Vitimização do Bullying (ECVB): evidências de validade e consistência interna. *Temas psicol.* 2015;23(2): 481-91.
- 7-Marcolino EC, Cavalcanti AL, Padilha WWN, Miranda FAN, Clementino FS. Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. *Texto Contexto Enferm.* 2018; 27(1):e5500016.
- 8- Miranda R, Oriol X, Amutio A. (2019). Risk and protective factors at school: Reducing bullies and promoting positive bystanders' behaviors in adolescence. *Scandinavian Journal of Psychology* 2019; 60: 106-115.
- 9- Copeland WE, Wolke D, Angold A, Costello EJ. Adult psychiatric outcomes of bullying and being bullied by peers in childhood and adolescence. *JAMA Psychiatry.* 2013;70(4):419-426. 3.
- 10- Wolke D, Copeland WE, Angold A, Costello EJ. Impact of bullying in childhood on adult health, wealth, crime, and social outcomes. *Psychol Sci.* 2013;24 (10):1958-1970.
- 11- Sigurdson JF, Undheim AM, Wallander JL, Lydersen S, Sund AM. The Longitudinal Association of Being Bullied and Gender with Suicide Ideations, Self-Harm, and Suicide Attempts from Adolescence to Young Adulthood: A Cohort Study. *Suicide and Life-Threatening Behavior* 2018; 48 (2):169-182.
- 12- Gini G, Pozzoli T. Association between bullying and psychosomatic problems: a meta-analysis. *Pediatrics.* 2009; 123(3):1059-1065.
- 13-Arseneault L, Bowes L, Shakoor S. Bullying victimization in youths and mental health problems: “much ado about nothing”? *Psychol Med.* 2010;40(5):717-729.

- 14-Zwierzynska K, Wolke D, Lereya TS. Peer victimization in childhood and internalizing problems in adolescence: a prospective longitudinal study. *J Abnorm Child Psychol.* 2013;41(2):309-323.
- 15- Zequinão MA, Medeiros P, Pereira B. Cardoso FL. Bullying escolar, um fenômeno multifacetado. *Educ Pesqui* 2016; 42(1):181-198.
- 16-Oliveira WA, Silva MA, da Silva JL, de Mello FC, do Prado RR, Malta DC. Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. *J Pediatr (Rio J).* 2016; 92:32-9.
- 17-Silva GRR, Lima MLC, Acioli RML, Barreira AK. A influência da violência familiar e entre pares na prática do bullying por adolescentes escolares. *Cien Saude Colet [periódico na internet]* (2019/out). Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/a-influencia-da-violencia-familiar-e-entre-pares-na-pratica-do-bullying-por-adolescentes-escolares/17374?id=17374>.
- 18-Menesini E, Salmivalli C. Bullying in schools: the state of knowledge and effective interventions, *Psychology, Health & Medicine.* 2017; 22:240-253.
- 19-Barreto AC. Paradigma sistêmico no desenvolvimento humano e familiar: a teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. *Psicologia em Revista* 2016; 22(2):275-293.
- 20- Maunder RE, Crafter S. School bullying from a sociocultural perspective. *Aggression and Violent Behavior* 38 (2018) 13–20.
- 21- Bronfenbrenner U. The bioecological theory of human development. In: BRONFENBRENNER, U. (Ed). *Making humans beigns human: bioecological perspectives on human development.* Thousand Oaks: Sage Publications. 2005:3-15.
- 22- Collodel Benetti I, Vieira ML, Crepaldi AM, Ribeiro Schneider D. Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. *Pensando Psicologia* 2013; 9(16): 89-99.
- 23- Fernandes ADSA, Matsukura TS. Adolescentes inseridos em um CAPSi: alcances e limites deste dispositivo na saúde mental infanto juvenil. *Temas em psicologia* 2016; 24(3):977-990.
- 24- Malta DC, Silva MAI, Mello FCM, Monteiro RA, Sardinha LMV, Crespo C et al. Bullying in Brazilian schools: results from the National School-based Health Survey (PeNSE), 2009. *Cien Saúde Colet* 2010; 15 (Suppl 2):3065-3076.
- 25- Felix ED, Sharkey JD, Green JG, Furlong MJ, Tanigawa D. Getting precise and pragmatic about the assessment of bullying: The development of the California Bullying Victimization Scale. *Aggressive Behavior* 2011; 37:234-47.
- 26- Olweus D. *Bullying at school: what we know and what we can do.* Cambridge, MA, Blackwell; 1993.

- 27-You S, Furlong MJ, Felix E, Sharkey JD, Tanigawa, D. Relations among school connectedness, hope, life satisfaction, and bully victimization. *Psychology in the Schools* 2008; 45 (5):446-60.
- 28-Straus MA. Measuring intrafamily conflict and violence: The Conflict Tactics Scales. *Journal of Marriage and the Family* 1979; 41: 75-88.
- 29- Moraes CL, Hasselmann MH, Reichenheim ME. Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. *Cad Saúde Pública* 2002;18(1):163-75.
- 30- Kahn T, Bermergui C, Yamada E, Cardoso FC, Fernandes F, Zacchi JM et al. (1999). O dia a dia nas escolas (violências auto-assumidas). Projeto de Pesquisa. São Paulo: Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente (ILANUD) e Instituto Sou da Paz.
- 31-Assis SG, Pesce RP, Avanci J. Q. (2006). Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed.
- 32- Wolfe DA, Scott K, Reitzel-Jaffe D. Development and validation of the Conflict in adolescent dating relationship inventory. *Psychological assessment* 2001;13 (2):277-93.
- 33-Minayo MCS, Assis SG, Njaine K. (Org). Amor e Violência: Um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.
- 34- Avanci S, Assis S, Santos N, Oliveira R. Adaptação transcultural da Escala de Autoestima de Rosenberg para adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica* 2007;20(3):397-405.
- 35- Berlan ED, Corliss HL, Field AE, Goodman E, Austin SB. Sexual orientation and bullying among adolescents in the growing up today study. *J Adolesc Health*. 2010;46(4):366–371.
- 36- Silva GRR, Pitangui ACR, Xavier MK A, Correia-Júnior MAV, Araújo RC. Prevalence of musculoskeletal pain in adolescents and association with computer and videogame use. *J Pediatr (Rio J)*. 2016;92(2):188-196.
- 37- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP). Critério de Classificação Econômica Brasil. Disponível em: <http://www.abep.org/criterio-brasil>
- 38- Silva GR, Lima ML, Barreira AK, Acioli RM. Prevalence and factors associated with bullying: differences between the roles of bullies and victims of bullying. *J Pediatr (Rio J)* [internet] 2019. <https://doi.org/10.1016/j.jped.2019.09.005>
- 39-Oliveira WA, Silva JL, Sampaio JMC, Pereira BO, Silva MAI. (2017). Bullying na adolescência: um estudo com estudantes brasileiros e portugueses. *Revista Baiana de Saúde Pública* 2017; 41 (3): 614-627.
- 40-Rech RR, Halpern R, Tedesco A, Santos DF. Prevalência e características de vítimas e agressores de bullying. *Pediatr*. 2013;89(2), 164-170.

- 41-Weimer WR, Moreira EC. Violência e Bullying: Manifestações e Consequências nas Aulas de Educação Física Escolar. *Rev Bras. Cienc. Esporte* 2014; 36(1):257-74.
- 42-Braga, LL, Dell'aglio DD. Exposição à violência em adolescentes de diferentes contextos: família e instituições. *Estud. psicol. (Natal)* 2012;17(3): 413-420.
- 43-Zottis GAH, Salum GA, Isolan LR, Manfro GG, Heldt E, et al., Associations between child disciplinary practices and bullying behavior in adolescents . *J. Pediatr (Rio J.)*, 2014, 90(4), 408-414.
- 44-Monteiro RP, Medeiros ED, Pimentel CE, Soares AKS, Medeiros HA, Gouveia, VV. Valores Humanos e Bullying: Idade e Sexo Moderam essa Relação? *Temas em Psicologia* 2017;25(3):1317-1328.
- 45-Malta DC, Antunes JT, Prado RR do, Assunção AA, Freitas MI de. Fatores associados aos episódios de agressão familiar entre adolescentes, resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). *Cien Saude Colet.* 2019; 24(4):1287-1298.
- 46- Alcantara SC, González-Carrasco M, Montserrat C, Casas F, Viñas-Poch F, Abreu DP. Violência entre pares, clima escolar e contextos de desenvolvimento: suas implicações no bem-estar. *Cien Saúde Colet* 2019; 24(2):509-522.
- 47- Silva JL, Oliveira WA, Bono EL, Dib MA, Bazon MR, Silva MAI. Associações entre *Bullying* Escolar e Conduta Infracional: Revisão Sistemática de Estudos Longitudinais. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília 2016;32 (1): 81-90.
- 48- Middleton-moz J, Zawadski ML. *Bullying: Estratégias de sobrevivência para crianças e adultos.* Porto Alegre: Artmed, 2007.
- 49- Bronfenbrenner U, Morris PA. The bioecological model of human development. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology, Theoretical models of human development* 2006;1:793-828.
- 50- Leão MABG, Souza ZR, Castro MACD. Desenvolvimento humano e teoria bioecológica: ensaio sobre "O contador de histórias". *Psicologia Escolar e Educacional* 2015;19(2):341-348.
- 51- Corrêa ACL, Meincke SMK, Schwartz E, Oliveira AMN, Soares MC, Jardim VMR. Percepções de homens sobre a vivência da paternidade na adolescência: uma perspectiva bioecológica. *Rev. Gaúcha Enferm.* [Internet]. 2016;37(1): e54692.
- 52- Santos MM, Perkoski IR, Kienen N. *Bullying: Atitudes, Consequências e Medidas Preventivas na Percepção de Professores e Alunos do Ensino Fundamental.* *Trends Psychol. / Temas Psicol.* 2015; 23 (4): 1017-1033.
- 53- Paluck EL, Shepherd H, Aronow PM. (2016). Changing climates of conflict: A social network experiment in 56 schools. *Proc. Nat. Acad. Sci.* 2016; 113: 566–571.
- 54- Ortega-Barón J, Buelga S, Ayllón E, Martínez-Ferrer B, Cava MJ. Effects of Intervention Program Prev@cib on Traditional Bullying and Cyberbullying. *Int. J. Environ. Res. Public Health.* 2019;16, 527.

55- Brasil. Manual instrutivo: Programa Saúde na Escola. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2013.

56-Ataliba P, Mourão L. Avaliação de impacto do Programa Saúde nas Escolas. *Psicol. Esc. Educ.* [online]. 2018;22(1):27-35.

57- Brasil. Lei nº 13.185, de 06 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). *Diário Oficial da União* 2015.

10 CONCLUSÃO

Os dados da pesquisa revelaram altas prevalências de envolvimento em *bullying*, sendo mais prevalente o papel de agressor. Também foi possível identificar os tipos de *bullying*, com maior prevalência entre as vítimas o *bullying* verbal e, nos agressores, o *bullying* físico.

A análise de cada dimensão do modelo bioecológico separadamente mostrou associação da prática do *bullying* às violências sofridas na escola, entre pares e por familiares, no domicílio. Verificou-se ainda diferença entre as vítimas e agressores, considerando as suas características pessoais, assim o perfil do agressor de *bullying* encontrado nesta pesquisa reflete a cultura machista presente em nosso país, com a associação desse papel ao sexo masculino, consumo excessivo de álcool, prática de comportamentos ilícitos e aceitação da violência entre pares. Enquanto que as vítimas apresentaram baixa autoestima, utilizavam tranquilizantes e eram do sexo feminino.

Os resultados mostraram variáveis associadas à vitimização por *bullying*, tanto do contexto familiar como do escolar. O status econômico e ações de prevenção aparecem como fator de proteção à vítima, enquanto que testemunhar violência física entre os pais revelou-se fator de risco. Por outro lado, não se evidenciou associação de fatores de risco ou de proteção com o papel de agressor.

Com base na análise de todas as variáveis das dimensões (processo, pessoa e contexto) em conjunto mostraram que a condição de vítima foi associada com as variáveis de processo: relacionamento ruim com os amigos, sofrer violência na escola e na comunidade; por outro lado, as variáveis de pessoa foram as mesmas da análise separada por bloco. A única variável de processo que não apareceu como fator de risco para ser agressor foi violência entre pares, enquanto que sentir-se feliz na escola foi fator de proteção. As variáveis de pessoa como o sexo masculino, ser transgressor e aceitar violência entre pares também apareceram como fatores de risco para ser agressor e não defender as ideias com os colegas foi fator de proteção. Por fim, dentre as variáveis de contexto, as ações de prevenção mostraram-se fator de proteção à vítima de *bullying*.

De um modo geral, os resultados permitiram verificar que as relações entre pares, familiares e indivíduos da comunidade nos seus microssistemas determinam o comportamento dos adolescentes, representando fatores de risco ou de proteção para o *bullying*.

Destaca-se que a análise de forma isolada das variáveis por bloco ou de todas as dimensões em conjunto apresentaram fatores de associação com cada núcleo do modelo, contudo verificaram-se diferenças entre as análises.

Além disso, é evidente que uma abordagem mais integral permite compreender, de forma clara, um fenômeno tão complexo como o *bullying* desde as características biopsicológicas, interações dos indivíduos e o contexto que os permeia.

PROPOSTAS E RECOMENDAÇÕES

Esta pesquisa ressaltou a importância de compreender as relações e interações dos adolescentes com as pessoas em seus diversos espaços, além do mais apontou a necessidade de ações eficazes e que levem em consideração os fatores pessoais relacionados ao papel desempenhado (vítima e agressor), a fim de planejar ações específicas.

Os achados enaltecem a importância de se desenvolverem intervenções que combatam o *bullying* no ambiente escolar, pois é necessário que o adolescente transite em ambientes saudáveis, que transmitam segurança, apoio e proteção. Além disso, observa-se a necessidade de intervenções para prevenção da violência e, conseqüentemente, do *bullying*, com ações voltadas para as famílias, de forma que esses adolescentes deixem de ser expostos à violência.

É fundamental o envolvimento dos gestores, professores, funcionários da escola, pais e/ou responsáveis, alunos, profissionais de saúde, pesquisadores e governo para a implementação de projetos de prevenção e redução do *bullying*, pois a participação de todos visa estabelecer normas e condutas coerentes com o contexto em que vivem.

Com base nos dados desta pesquisa, as estratégias de prevenção e combate ao *bullying* devem abordar todas as dimensões analisadas do modelo bioecológico, assim como os responsáveis pelos comportamentos e pela prevenção desse problema. Diante disso, abaixo se relacionam algumas recomendações:

❖ **PROCESSO**

- Verificar o comportamento e interação dos adolescentes com os seus familiares ou responsáveis, intervindo quando forem identificados casos de violências por meio de denúncias às autoridades legais, tendo em vista os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente;
- Observar as relações existentes dos adolescentes com os outros colegas, com os professores e funcionários da escola, além de mudanças no comportamento (impulsividade, agressividade ou timidez exagerada) desse adolescente na escola e presença de dificuldades no processo ensino-aprendizagem;

- Observar as relações do adolescente com seus vizinhos e amigos da comunidade por parte dos familiares, a fim de supervisionar e evitar exposição a situações de violência e discriminação;
- Aproximar-se dos adolescentes e perguntar sobre o seu dia a dia, atividades escolares e ciclos de amizade por parte dos seus pais ou responsáveis, realizando supervisão e monitoramento destes, para evitar envolvimento em comportamentos de risco e atitudes delinquentes;
- Aproximar a família da escola para favorecer a compreensão de que os comportamentos agressivos não são adequados e, por isso, devem ser evitados dentro da família;
- Favorecer relações positivas dos adolescentes com as outras pessoas nos seus diversos contextos.

❖ **PESSOA**

- Informar e contextualizar os adolescentes sobre o *bullying* e impacto na vida dos envolvidos;
- Conscientizar os adolescentes quanto às consequências desses comportamentos nas suas vidas e nas dos que sofrem, praticam e testemunham o *bullying*, que vão desde o desenvolvimento de doenças psicossomáticas, problemas sociais, emocionais e acadêmicos;
- Promover o encorajamento e a capacidade de tomada de decisões dos adolescentes, a fim de reagir diante de situações como o *bullying*;
- Realizar apoio e escuta especializada aos envolvidos em *bullying*, independente do papel desempenhado, uma vez que a vitimização pode trazer graves consequências, enquanto que os agressores também podem apresentar relações prejudicadas e podem estar reproduzindo comportamentos sofridos na escola ou em outros ambientes;
- Oferecer mais atenção aos adolescentes responsáveis por cometerem discriminação, atos delinquentes e de violência contra outros, como *bullying* dentro do ambiente escolar, por meio de medidas preventivas e mostrando a eles a responsabilidade e as consequências de suas ações.

❖ CONTEXTO

- No microsistema da escola, sugere-se a implantação de programa de combate ao *bullying* baseado no universo e contexto de cada escola. Ressalta-se que esse programa não deve ser voltado apenas para os alunos. Dessa forma, incluindo intervenções para os pais/responsáveis e profissionais de educação, a fim de sensibilizá-los quanto o *bullying*, comportamentos associados e consequências desse envolvimento na vida dos adolescentes. Nesse contexto, os profissionais de educação devem ser capacitados e preparados para enfrentar essas situações, a ponto de distinguir a violência das brincadeiras próprias da idade, bem como promover discussões e atividades sobre o tema e intervir ao presenciar determinados comportamentos, favorecendo a uma cultura de paz. Além disso, devem ser criados espaços de participação dos estudantes, em que permitam compartilhar conhecimento sobre o *bullying*, desde fatores associados, direitos e repercussões e recursos para lidar com o problema e, por fim, não menos importante, mostrar a responsabilidade pessoal e social que cada um tem para o combate a esse problema;
- Nos microsistemas casa e família, é de fundamental importância que os adolescentes sintam-se felizes e seguros, a partir da sensibilização dos pais, familiares e responsáveis quanto à importância de um ambiente saudável, ao mesmo tempo em que se deve alertar sobre as consequências de atos de violência contra os adolescentes;
- No microsistema da comunidade, as políticas de combate à violência nos municípios podem evitar que esses adolescentes sofram algum tipo de violência nesse ambiente, por meio de políticas de segurança pública. Do mesmo modo, os profissionais de saúde têm o papel de identificar, nas unidades de saúde, adolescentes vítimas de violência e notificar as entidades responsáveis;
- Independente do contexto, qualquer pessoa que suspeitar ou identificar casos de maus tratos ou violência sistemáticos sofridos pelos adolescentes em algum dos ambientes vividos por estes deve acionar autoridades e responsáveis legais para denunciar esses atos;
- Do ponto de vista do macrossistema, ações de fortalecimento dos programas e políticas públicas existentes, como o Programa de Saúde na Escola, são pertinentes. A partir de realização de avaliações sistemáticas por meio de pesquisas de avaliação externa, para identificar se os resultados estão sendo alcançados e, sobretudo, quais são os limitadores que impedem tais resultados. Da mesma forma que o Estado possa

realizar fiscalização eficaz da lei de combate ao *bullying* escolar, além da investigação por meio de estudos sobre a efetividade e o cumprimento dessa lei.

- Os pesquisadores da área também apresentam uma função imprescindível em repassar dados referentes às pesquisas realizadas nessa temática aos adolescentes, familiares, profissionais de saúde, educação, gestores, entidades do governo e sociedade em geral, bem como propor estratégias de enfrentamento para o problema.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA ESTADUAL DE PLANEJAMENTO E PESQUISAS DE PERNAMBUCO.

Perfil dos municípios. Recife, 2013. Disponível em:

<http://www.bde.pe.gov.br/estruturaogeral/PerfilMunicipios.aspx>.

ALVES, P. B. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 369-373, 1997.

AMERICAN ACADEMY OF CHILD & ADOLESCENT PSYCHIATRY. Bullying. AACAP facts for families nº 80; c. 2004. www.aacap.org/publications/factsfam/80.htm.

ANDRADE, S.S.C.A, et al. Relação entre violência física, consumo de álcool e outras drogas e *bullying* entre adolescentes escolares brasileiros. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, n. 9, p.1725-1736, 2012.

ANTONI, C.; KOLLER, S. H. Uma família fisicamente violenta: uma visão pela teoria bioecológica do desenvolvimento humano. **Temas em Psicologia**, v. 18, n.1, p.17 – 30, 2010.

ARAÚJO, Y.B. Saberes e experiências de adolescentes hospitalizados com doença crônica. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 19, n. 2, p.274-279, abril/jun. 2011.

ASSIS, S.G; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J.Q. Impactos da Violência na Escola. Um Diálogo com Professores. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz. 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. **Critério de Classificação econômica Brasil**. São Paulo, 2014. Disponível em:

<<http://www.abep.org/novo/CMS/Utils/FileGenerate.aspx?id=46>>. Acesso em: 12 mai. 2015.

AVANCI, S., ASSIS, S., SANTOS, N. & OLIVEIRA, R. Adaptação transcultural da Escala de Autoestima de Rosenberg para adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 3, p. 397-405, 2007.

AYAS, T. The Effect of Parental Attitudes on Bullying and Victimized Levels of Secondary School Students. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v.55, p.226-231, 2012.

ATLAS DA VIOLÊNCIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, 2019. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/21/atlas-da-violencia-dos-municipios-brasileiros-2019>.

BANDEIRA, C.M., HUTZ, C.S. As implicações do *bullying* na auto-estima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, n. 1, p. 131-138, 2010.

BANDEIRA, C.M., HUTZ, C.S. *Bullying*: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. v.16, n. 1, p. 35-44, 2012.

- BARRETO, A. C. Paradigma sistêmico no desenvolvimento humano e familiar: a teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 275-293, ago. 2016.
- BARTOLOMÉ - MARSA, N. et al. Conductas Relacionadas Com El Acoso Escolar Em Um Instituto De Educación Secundária. **Semergen**, v. 34, n. 10, p. 489- 492, 2008.
- BERGER, K. S. Update on bullying at school: Science forgotten? **Developmental Review**, 27, p. 90-126, 2007.
- BERLAN, E.D. et al. Sexual orientation and Bullying among adolescents in the growing up today study. **Journal of Adolescent Health**, v. 46, p. 366-371, 2010.
- BESERRA, M.A.; CARLOS, D.M.; LEITÃO, M.N.C.; FERRIANI, M.G.C. Prevalence of school violence and use of alcohol and other drugs in adolescents. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.27, e3110, 2019.
- BOYNTON-JARRETT, R.; RYAN, L.M.; BERKMAN, L.F.; WRIGHT, R.J. Cumulative violence exposure and self-rated health: longitudinal study of adolescents in the United States. **Pediatrics**, v.122,n.5,p.961-970, 2008.
- BRAZ, M.; FILHO, A. A. B.; BARROS, M. B. A. Saúde dos adolescentes: um estudo de base populacional em Campinas, São Paulo, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 9, p. 1877-1888, set, 2013.
- BRASIL et al., 2015. Adolescência, violência e objetos culturais: uma intervenção entre o educativo e o terapêutico no espaço escolar. **Estilos da clínica**, São Paulo, v. 20, n. 2, mai./ago., p.205-225, 2015.
- BRITO, C.C, OLIVEIRA, M.T. Bullying and Self- Esteem In Adolescents from Public Schools. **Jornal de Pediatria**, v.89, n.6, p. 601-607, 2013.
- BRONFENBRENNER, U. *The ecology of human development*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.
- BRONFENBRENNER, U. Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. **Developmental Psychology**, v. 22, n. 6, p.723-742, 1986.
- BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BRONFENBRENNER, U. Ecology of the family as a context for human development. In: BRONFENBRENNER, U. (Ed). **Making humans beings human**: bioecological perspectives on human development. Thousand Oaks: Sage Publications, p. 3-15, 2005.
- BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. **The ecology of developmental process**. In: LERNER, R. M. (Org.). *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development*. 5. ed., p. 993-1028, 1998.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. The bioecological model of human development. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology, Theoretical models of human development*, v. 1, p.793-828, 2006.

BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do Desenvolvimento Humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CANTINI, N. (2004). **Problematizando o bullying para a realidade brasileira**. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

CARVALHO-BARRETO, A. et al. Desenvolvimento humano e violência de gênero: uma integração bioecológica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 22, n.1, p. 86-92, 2009.

CICCHETTI, D.; ROGOSCH, F.A. The impact of child maltreatment and psychopathology upon neuroendocrine functioning. **Development and psychopathology**, v. 13, p. 783–804, 2001.

COLLODEL BENETTI, I et al. Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Pensando Psicologia**, 9(16), 89-99, 2013.

CONTI, M. A.; FRUTUOSO, M. F. P.; GAMBARDELLA, A. M. D. Excesso de peso e insatisfação corporal em adolescentes. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 18, n. 4, p. 491-497, jul./ago. 2005.

COPETTI, F.; KREBS, R. As propriedades da pessoa na perspectiva do paradigma bioecológico. In: KOLLER, S. H. (Org.) **Ecologia do desenvolvimento humano-pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CORRÊA, A.C.L., et al. Percepções de homens sobre a vivência da paternidade na adolescência: uma perspectiva bioecológica. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v.37, n.1, e54692, 2016.

CRAIG, W.; HAREL-FISCH, Y.; FOGEL-GRINVALD. H. et al. A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. **Int J Public Health**, v.54, (Suppl 2), p. 216-24, 2009.

DAWKINS, J. Bullying in school: Doctor's responsibilities. **British Medical Journal**, 310:274-275, 1995.

ESLEA, M.; REES, J.. At what age are children most likely to be bullied at school? **Aggression and Violent Behavior**, v.27, p.419-429, 2001.

ESCOBAR, A.M.U.; VALENTE, M.H.; GRISI, S. J.F.E.. A promoção da saúde na infância. Editora Manole, 2009. Coleção Pediatria. Pediatria-Instituto da Criança Hospital das Clínicas. 496 p.

FANTE, C. A. Z. (2003). Fenômeno *bullying*: Estratégias de intervenção e prevenção entre escolares (uma proposta de educar para a paz). São José do Rio Preto, SP: Ativa. 2003.

FANTE, C.A.Z. Fenômeno *Bullying*: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed., Campinas: Verus, 2005.

FARRINGTON, D. P. The challenge of teenage antisocial behaviour. In M. Rutter (Ed.), *Psychosocial disturbances in young people* (pp. 83–131). Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

FARIA, C. S.; MARTINS, C.B.G.. Violência entre adolescentes escolares: condições de vulnerabilidades. **Revista Eletrônica trimestral de enfermagem**, n. 42, p. 171-184, 2016.

FELIX, E. D. et al. Getting Precise and Pragmatic about the Assessment of Bullying: The Development of the California Bullying Victimization Scale. **Agressive Behavior**, v. 37, p. 234-247, 2011.

FERNANDES, A.D.S. A.; MATSUKURA, T. S. Adolescentes inseridos em um CAPSi: alcances e limites deste dispositivo na saúde mental infanto juvenil. **Temas em psicologia**, Ribeirão Preto, v. 24, n. 3, p. 977-990, set., 2016.

FISCHER, R.M., et al. Relatório de pesquisa: *bullying* escolar no Brasil. Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor (Ceats) e Fundação Instituto de Administração (FIA). [site na Internet]. 2010. Disponível em: <http://catracalivre.folha.uol.com.br/wp-content/uploads/2010/03/Pesquisa-Bullying.pdf>

FRANCISCO, M.V.; COIMBRA, R.M. Análise do *bullying* escolar sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. **Estudos de Psicologia**, v. 20, n. 3, p.184-195, 2015.

FRANCISCO, M.V.; LIBÓRIO, R.M.C. Um Estudo Sobre Bullying Entre Escolares Do Ensino Fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 2, p. 200-207, 2009.

FRISÉN, A; HASSELBLAD, T; HOLMQVIST, K. What Actually Makes Bullying Stop? Reports From Former Victims. **Journal of adolescence**, v. 35, p. 981- 990, 2012.

FOLLE, A; RAMOS, V; NASCIMENTO, J. V. Personal attributes of female basketball athletes in training. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v.17, n.6, p. 672-682, 2015.

FORERO, R.; MCLELLAN, L.; RISSEL, C.; BAUMAN. A. Bullying behaviour and psychosocial health among school students in New South Wales, Australia: cross sectional survey. **BMJ**. 319, p.344-348, 1999.

FU, Q., LAND, K.C., & LAMB, V. L. Bullying victimization, socioeconomic status and behavioral characteristics of 12th graders in the United States, 1989 to 2009: Repetitive trends and persistent risk differentials. **Child Indicators Research**, v.6, n.1, p.1-21, 2013.

GARCIA-FERNANDEZ, C. M. et al. Relações entre o bullying e o cyberbullying: prevalência e co-ocorrência. **Pensam. psicol.** [online], v.14, n.1, pp.49-61, 2016.

GREENFIELD, E.A. Using Ecological Frameworks to Advance a Field of Research, Practice, and Policy on Aging-in-Place Initiatives. **The Gerontologist**, v 52, n.1, 2012

HOLAN, L.; FISHER, A. J.; Lombard, C.J. *Bullying*, violence, and risk behavior in South African school students. **Child Abuse Negl.**, v.31, p.161-71, 2007.

IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO, 2010. Disponível em:
<<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>.

ÍNDICE DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA: IHA 2014. organizadores: Doriam Luis Borges de Melo, Ignácio Cano - Rio de Janeiro. Observatório de Favelas, 2017.

JANKAUSKIENE, R.; KARDELIS, K.; SUKYS, S.; KARDELIENE, L. Associations between school bullying and psychosocial factors. **Social Behavior and Personality**, v.36, n.2, p.145-162, 2008.

KAHN, T. et al. Projeto de pesquisa. O dia a dia nas escolas: violências auto-assumidas. SÃO PAULO: Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente (ILANUD); Instituto Sou da Paz. 1999.

KLEINERT, S. Adolescent health: an opportunity not to be missed. **Lancet**, v. 369, n. 9567, p. 1057-8, 31, mar. 2007.

KREBS, R. J. Urie Bronfenbrenner e a Ecologia do Desenvolvimento Humano. Santa Maria: Casa Editorial, 1995.

KOBEL, S. Design, Implementation, and Study Protocol of a Kindergarten-Based Health Promotion Intervention Hindawi. **BioMed Research International**, 2017.

LEÃO, M. A. B. G.; SOUZA, Z. R. de; CASTRO, M. A. C. D. de. Desenvolvimento humano e teoria bioecológica: ensaio sobre "O contador de histórias". **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 341-348, 2015.

LEVY, RB et al. Consumo e comportamento alimentar entre adolescentes brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. **Ciência & Saúde Coletiva**, 15(Supl. 2), p.3085-3097, 2010.

LEMONS, R.A.; VERISSIMO, M. de L. Ó R. Development of premature children: caregivers' understanding according to the Bioecological Theory. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 49, n. 6, p. 898-906, 2015.

LIANG, H; FLISHER, A.J; Lombard, C.J. Bullying, Violence, And Risk Behavior In South African School Students. **Child. Abuse & Neglect**, v.31, p. 161-171, 2007.

LISBOA, C.; BRAGA, L. de L.; EBERT, G. O fenômeno *bullying* ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. **Contextos Clínicos**, v. 2, n. 1, p. 59-71, 2009.

LOPES NETO, A. A. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, 2005.

MACEDO, R.M.A.; BONFIM, M.C.A. Violências na escola. **Revista Diálogo Educacional**, v. 9, n. 28, p. 605-618, 2009.

- MALTA, D.C. et al. Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, Supl. 2, p.3065-3076, 2010.
- MALTA, D.C. et al. Prevalência do consumo de álcool e drogas entre adolescentes: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 14, n. 1, p. 136-46, 2011.
- MALTA, D.C., et al. Family and the protection from use of tobacco, alcohol, and drugs in adolescents, National School Health Survey. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v.14, p.166-177, 2011.
- MALTA, D.C. et al. Bullying e fatores associados em adolescentes brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (Pense 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, p. 131-145, 2014.
- MALTA, D.C. et al. Prevalência de bullying e fatores associados em escolares brasileiros, 2015. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.24, n.4, p.1359-1368, 2019.
- MARTELLET, E. C.; SIQUEIRA, A. C. Apego e adolescência institucionalizada: estudo de caso. **Psicologia Argumento**, v.32, n.77, 2014.
- MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. **Estudos e pesquisas em psicologia**, UERJ. [online], Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2004.
- MELLO, F.M.C.; SILVA, J.L.D.; OLIVEIRA, W.A.; PRADO, R.R.D.; MALTA, D.C.; SILVA, M.A.I. The practice of bullying among Brazilian schoolchildren and associated factors, National School Health Survey 2015. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 9, p.2939–48, 2017.
- MINAYO, M.C.S.; ASSIS, S.G.; NJAINE, K. (Org). Amor e Violência: Um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.
- MIRANDA, R.; ORIOL, X.; AMUTIO, A. Risk and protective factors at school: Reducing bullies and promoting positive bystanders’ behaviors in adolescence. **Scandinavian Journal of Psychology**, v.60, n.2, p.106-115, 2019.
- MORAES, C.L.; HASSELMANN, M.H.; REICHENHEIM, M.E. Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.18, n.1, p.163-175, jan./fev., 2002.
- MORENO, E.A.C. et al. Perfil epidemiológico de adolescentes vítimas de *bullying* em escolas públicas e privadas. **Revista enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, dez; 20(esp.2), p.808-813, 2012.
- MOURA, D.R.; CRUZ, A.C.N.; QUEVEDO, L.A. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 87 n.1, p. 19-23, 2011.

NOGUEIRA, R. M. C. D. P. de A. A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas. **Revista iberoamericana de educación**, n. 37, p. 93-102, 2005.

OLIVEIRA, W.A et al. Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. **Jornal de Pediatria**, v. 92, n. 1, p.32-39, 2016.

OLIVEIRA, W. A. et al. Saúde do escolar: uma revisão integrativa sobre família e bullying. **Ciência & Saúde Coletiva** [online], v. 22, n. 5, p. 1553-1564, 2017.

OLWEUS, D. **Bullying at school**: what we know and what we can do. Cambridge, MA, Blackwell; 1993.

OLWEUS, D. School bullying: Development and some important challenges. **Annual Review of Clinical Psychology**, v.9, p.751-780, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**. Genebra: OMS, 2002.

OSÓRIO, L C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PINHEIRO, F.M.F.; WILLIAMS, L.C.A. Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, São Paulo set./dez., 2009.

POLETTI, M.; KOLLER, S. H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 25, n. 3, p. 405-416, 2008.

QUEIROZ, M. V. O.; RIBEIRO, E.M.V.; PENNAFORT, V.P.S. Assistência ao adolescente em um serviço terciário: acesso, acolhimento e satisfação na produção do cuidado. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 19, n. 2, p. 291-299, 2010.

RAVENS-SIEBERER, U., KÖKÖNYEI, G., THOMAS, C. SCHOOL AND HEALTH. In: CURRIE C, ROBERTS C, MORGAN A, SMITH R, SETTERTOBULTE W, SAMDAL O, ET AL. (editors). Young people's health in context. Health Behavior in School-aged Children (HBSC) study: international report from the 2001/2002 survey. Health Policy for Children and Adolescents; N° 4. **World Health Organization**. 2004. p. 184-195.

RECH, R.R., et al. Prevalence And Characteristics of Victims And Perpetrators of *Bullying*. **Jornal De Pediatria**, v.89, n. 2, p. 164-170, 2013.

REMAFEDI, G., et al. Demography of sexual orientation in adolescents. **Pediatrics**, v. 89, p. 714-721, 1992.

RIVERA, I.R. et al. Atividade Física, Horas de Assistência à TV e Composição Corporal em Crianças e Adolescentes. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 95, n. 2, p. 159-165, 2010.

ROSENBERG, M. **Society and the adolescent self-image**. Princeton: Princeton University, 1989.

ROTHER, R. L.; MEJIA; M. R. G. Análise da aplicabilidade da teoria bioecológica do desenvolvimento humano no esporte a partir de uma revisão bibliográfica. **Caderno pedagógico**, Lajeado, v. 12, n. 3, p. 210-222, 2015.

SAITO, M.I.; **Adolescência, Cultura, Vulnerabilidade e Risco**. A Prevenção em Questão. In: SAITO, M.I.; SILVA, L.E.V.; LEAL, M.M. **Adolescência prevenção e risco**. 2. ed. Atheneu. São Paulo, Rio de Janeiro, Ribeirão Preto, Belo Horizonte, 2008; p. 41-46.

SCHOEN-FERREIRA, T.H. et al. Adolescência através dos Séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, pp. 227-234, 2010.

SCHULTZ, N. C. W. et al. A compreensão sistêmica do bullying. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 247-254, 2012.

SHEEHY, N. 50 grandes psicólogos: suas ideias, suas influências: São Paulo, Editora contexto, 2006.

SIGURDSON, J.F.; UNDHEIM, A.M.; WALLANDER, J.L.; LYDERSEN, S.; SUND, A.M. The Longitudinal Association of Being Bullied and Gender with Suicide Ideations, Self-Harm, and Suicide Attempts from Adolescence to Young Adulthood: A Cohort Study. **Suicide and Life-Threatening Behavior**, v.48, n.2, p.169-182, 2018.

SILVA, G.A.; RIBEIRO, I.K.S.; SILVA, H.R.M.; REZENDE, T.M.R.L.; BELO, V.S.; ROMANO, M.C.C. Perfil e demandas de saúde de adolescentes escolares. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 9, n. 57, p.1-17, 2019.

SILVA, G.R.R.; PITANGUI, A.C.R.; XAVIER, M.K.; A.; CORREIA-JÚNIOR, M.A.V.; ARAÚJO, R.C. Prevalence of musculoskeletal pain in adolescents and association with computer and videogame use. **Jornal de Pediatria** (Rio de Janeiro), v. 92, n. 2, p.188-196, 2016.

SILVA, J.L.; BAZON, M.R. Educação escolar e conduta infracional em adolescentes: Revisão integrativa da literatura. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 19, n. 4, p.278-287, 2014.

SILVA, M.A.I.; SILVA, J.L., PEREIRA, B.O., OLIVEIRA, W.A.; MEDEIROS, M. The view of teachers on bullying and implications for nursing. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n.4, p.723-730, 2014.

SILVA, M.A.I et al. Fatores de proteção para a redução da vulnerabilidade à saúde. **Revista Mineira de Enfermagem**, v.19, n. 3, p. 653-658, 2015.

SILVA, J.L.; OLIVEIRA, W.A.; ZEQUINÃO, M.A.; LIZZI, E.A.S.; PEREIRA, B.O.; SILVA, M.A.I. Resultados de Intervenções em Habilidades Sociais na Redução de Bullying Escolar: Revisão Sistemática com Metanálise. **Trends in Psychology**, v.26, n.1, p.509-522, 2018.

SMITH, P.K.; TALAMELLI, L.; COWIE, H.; NAYLOR, P.; CHAUHAN, P. Profiles of non-victims, escaped victims, continuing victims and new victims of school *bullying*. **British Journal of Educational Psychology's**, n.74, p.565-581, 2004.

SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, v. 27, n. 1, p.87-103, 2001.

SOARES, A.K.S. **Valores humanos e bullying; um estudo pautado na congruência entre pais e filhos**. 2013. 191f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Geral). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SOARES, A.K.S.; GOUVEIA, V.V.; GOUVEIA, R.S.V.; FONSÊCA, P.N.; PIMENTEL, C.E. Escala Califórnia de Vitimização do Bullying (ECVB): evidências de validade e consistência interna. **Temas em psicologia**, v. 23, n. 2, p.481-91, 2015.

SOLBERG, M.E.; OLWEUS, D. Prevalence estimation of school bullying with the Olweus Bully/Victim Questionnaire. **Aggressive Behavior**, v. 29, p. 239-268, 2003.

SOUZA, J. M.D.E.; VERÍSSIMO, M. DE L. Ó R. Desenvolvimento infantil: análise de um novo conceito. **Revista Latino-Am. Enfermagem**, v. 23, n. 6, p.1097-104, 2015.

STRAUS, M.A. Measuring intrafamily conflict and violence: The Conflict Tactics Scales. **Journal of Marriage and the Family**, v.41, p.75-88, 1979.

TERROSO, B.L. et al. Habilidades Sociais e *Bullying* em Adolescentes. **Temas em Psicologia**, Vol. 24, nº 1, p. 251-259, 2016.

TOURANGEAU, R.; SHINN, H. (1999). National Longitudinal Study of Adolescent Health: Grand sample weight. Chapel Hill: University of North Carolina, National Opinion Research Center and Carolina Population Center. Retrieved January 20, 2008, from: www.cpc.unc.edu/projects/addhealth/

WEIMER, W.R; MOREIRA, E.C. Violência e Bullying: Manifestações e Consequências nas Aulas de Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 1, p.257-274, 2014.

WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. M. Compreendendo o Fenômeno do *Cyberbullying*. **Temas em Psicologia**, v. 22, n. 1, p. 39-54, 2014.

WOLFE, D.A. et al. Development and validation of the Conflict in adolescent dating relationship inventory. **Psychological assessment**, Arlington, v. 13, n .2, p.277-293, 2001.

YOU, S. et al. Relations among school connectedness, hope, life satisfaction, and bully victimization. **Psychology in the Schools**, v. 45, n. 5, p. 446-460, 2008.

YUNES, M.A.M; JULIANO, M.C. A Bioecologia do Desenvolvimento Humano e suas Interfaces com Educação Ambiental. **Cadernos de Educação**, v. 37, p.347-379, 2010.

ZEQUINÃO, M.A.; MEDEIROS, P.; PEREIRA, B.; CARDOSO, F.L. Bullying escolar, um fenômeno multifacetado. **Educação e Pesquisa**, v. 42, n. 1, p.181-198, 2016.

ZOEGA, M. T. S.; ROSIM, M. A. Violência nas escolas: o *bullying* como forma velada de violência. **UNAR** (ISSN 1982-4920), v.3, n.1, p.13-19, 2009.

APÊNDICE A - Questionário

MINISTÉRIO DA SAÚDE
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CENTRO DE PESQUISAS AGGEU MAGALHÃES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA
LEVES – LABORATÓRIO DE ESTUDOS EM VIOLÊNCIA E SAÚDE

Estimado(a) aluno(a),

Este questionário é sobre algumas experiências que os adolescentes passam na família, na escola e com os amigos e namorados. Ele está sendo aplicado a estudantes de escolas públicas e privadas do Recife.

Neste estudo gostaríamos de saber verdadeiramente o que você pensa e qual a sua experiência pessoal na escola, em casa e com as pessoas que você convive. As respostas que você irá fornecer servirão para conhecermos melhor as experiências vivenciadas pelos adolescentes da cidade do Recife.

Todos os questionários serão guardados pelo pesquisadores, e ninguém da sua escola ou da sua família terá acesso a eles. Também é importante lembrar que no questionário não existem respostas certas ou erradas, por isso a sua sinceridade é que vale na hora de responder. As perguntas são sempre individuais e dizem respeito a você. Evite fazer comentários com os colegas durante o questionário. Mas, em caso de dúvida, você poderá consultar o entrevistador para esclarecimento em relação às perguntas, a qualquer momento. Ressaltamos que a sua participação é muito importante para a avaliação do relacionamento e das opiniões dos adolescentes do Recife.

Por tratar de vários temas diferentes, este questionário possui um número extenso de perguntas. Procure respondê-las de forma breve, mas com atenção, para que todas possam ser analisadas corretamente. Leia com atenção cada pergunta e suas opções de resposta. **Não deixe de responder a nenhuma questão. Em cada questão, assinale as alternativas que considere mais verdadeiras para você.**

Lembramos que você não é obrigado a participar da pesquisa e não será prejudicado por isso. **No entanto, gostaríamos muito de contar com a sua colaboração!** Caso não queira participar, pode desistir a qualquer momento deixando as demais questões em branco e **aguarde seus colegas terminarem de responder.**

Agradecemos a sua participação!

CÓDIGO DO ENTREVISTADO

ESCOLA:		TURMA:	
INICIAIS DO NOME:	DATA DE NASCIMENTO:	DATA DE HOJE:	
	___/___/___	___/___/___	

ESTE PRIMEIRO BLOCO DE PERGUNTAS QUE VOCÊ VAI RESPONDER BUSCA OBTER AS SUAS CARACTERÍSTICAS

1. QUAL É O SEU SEXO?

1. FEMININO 2. MASCULINO

2. QUAL É A SUA IDADE? [__] [__] ANOS

3. QUAL A COR DA SUA PELE?

1. BRANCA 2. PRETA 3. PARDA 4. AMARELA/INDÍGENA

4. VOCÊ PRÁTICA ALGUMA RELIGIÃO?

1. NÃO 2. SIM, QUAL? _____ (ESCREVA POR EXTENSO)

5. VOCÊ POSSUI ALGUMA DEFICIÊNCIA FÍSICA?

1. NÃO 2. SIM QUAL: _____

6. QUAIS PESSOAS MORAM NA MESMA CASA QUE VOCÊ?

6A. PAI	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
6B. MÃE	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
6C. PADRASTO	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
6D. MADRASTA	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
6E. AVÓS	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO

6F. IRMÃOS	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
6G. AMIGOS/COLEGAS	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
6H. MARIDO/ESPOSA	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
6I. MORO SOZINHO	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
6J. OUTROS PARENTES	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO

7. QUAL A ESCOLARIDADE DOS SEUS PAIS/ RESPONSÁVEIS

7A. PAI / RESPONSÁVEL	1. <input type="checkbox"/> NÃO SABE LER E ESCREVER	6. <input type="checkbox"/> SUPERIOR INCOMPLETO
	2. <input type="checkbox"/> ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	7. <input type="checkbox"/> SUPERIOR COMPLETO
	3. <input type="checkbox"/> ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	8. <input type="checkbox"/> NÃO SEI
	4. <input type="checkbox"/> ENSINO MÉDIO INCOMPLETO	9. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO PAI/RESPONSÁVEL
	5. <input type="checkbox"/> ENSINO MÉDIO COMPLETO	

7B. MÃE / RESPONSÁVEL	1. <input type="checkbox"/> NÃO SABE LER E ESCREVER	6. <input type="checkbox"/> SUPERIOR INCOMPLETO
	2. <input type="checkbox"/> ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	7. <input type="checkbox"/> SUPERIOR COMPLETO
	3. <input type="checkbox"/> ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	8. <input type="checkbox"/> NÃO SEI
	4. <input type="checkbox"/> ENSINO MÉDIO INCOMPLETO	9. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO PAI/RESPONSÁVEL
	5. <input type="checkbox"/> ENSINO MÉDIO COMPLETO	

8. COMO FORAM AS SUAS NOTAS NA ESCOLA NO ÚLTIMO ANO?

1. MUITO BOAS 2. BOAS 3. RUINS 4. MUITO RUINS

9. NA SUA OPINIÃO, VOCÊ TEM ALGUMA CARACTERÍSTICA QUE TE FAÇA SENTIR DIFERENTE?

1. NÃO 2. SIM 10. PODE DIZER QUAL? _____

11. QUANTOS DE CADA ITEM ABAIXO A SUA CASA POSSUI? (SE NÃO TIVER, ANOTAR 0)

11a. Aspirador de pó	_____	(quantidade)
11b. Automóvel	_____	(quantidade)
11c. Banheiro	_____	(quantidade)
11d. Empregada doméstica mensalista ou diarista	_____	(quantidade)
11e. Geladeira sem freezer	_____	(quantidade)
11f. Geladeira duplex ou freezer	_____	(quantidade)
11g. Máquina de lavar roupas	_____	(quantidade)
11h. Rádio	_____	(quantidade)
11i. Televisão (cores)	_____	(quantidade)
11j. Vídeo cassete/dvd	_____	(quantidade)
11l. Computador	_____	(quantidade)

CADA PESSOA TEM UMA FORMA DIFERENTE DE PENSAR SOBRE SI MESMO E DE AGIR.

INSTRUÇÕES. AS QUESTÕES QUE SEGUEM ABORDAM OS ASPECTOS DA SUA RELAÇÃO COM VOCÊ MESMO, COM SEU CORPO, SEUS SENTIMENTOS, SUAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA E SUAS EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO SEU FUTURO.

12a. NO CONJUNTO, EU ESTOU SATISFEITO COMIGO.			
1. <input type="checkbox"/> CONCORDO TOTALMENTE	2. <input type="checkbox"/> CONCORDO	3. <input type="checkbox"/> DISCORDO	4. <input type="checkbox"/> DISCORDO TOTALMENTE
12b. ÀS VEZES EU ACHO QUE NÃO PRESTO PRA NADA.			
1. <input type="checkbox"/> CONCORDO TOTALMENTE	2. <input type="checkbox"/> CONCORDO	3. <input type="checkbox"/> DISCORDO	4. <input type="checkbox"/> DISCORDO TOTALMENTE
12c. EU SINTO QUE EU TENHO VÁRIAS QUALIDADES BOAS			
1. <input type="checkbox"/> CONCORDO TOTALMENTE	2. <input type="checkbox"/> CONCORDO	3. <input type="checkbox"/> DISCORDO	4. <input type="checkbox"/> DISCORDO TOTALMENTE
12d. EU SOU CAPAZ DE FAZER COISAS TÃO BEM QUANTO A MAIORIA DAS PESSOAS			
1. <input type="checkbox"/> CONCORDO TOTALMENTE	2. <input type="checkbox"/> CONCORDO	3. <input type="checkbox"/> DISCORDO	4. <input type="checkbox"/> DISCORDO TOTALMENTE
12e. A EU SINTO QUE NÃO TENHO MUITO DO QUE ME ORGULHAR			
1. <input type="checkbox"/> CONCORDO TOTALMENTE	2. <input type="checkbox"/> CONCORDO	3. <input type="checkbox"/> DISCORDO	4. <input type="checkbox"/> DISCORDO TOTALMENTE
12f. EU, COM CERTEZA, ME SINTO INÚTIL ÀS VEZES			
1. <input type="checkbox"/> CONCORDO TOTALMENTE	2. <input type="checkbox"/> CONCORDO	3. <input type="checkbox"/> DISCORDO	4. <input type="checkbox"/> DISCORDO TOTALMENTE
12g. EU SINTO QUE SOU UMA PESSOA DE VALOR, PELO MENOS DO MESMO NÍVEL QUE AS OUTRAS PESSOAS			
1. <input type="checkbox"/> CONCORDO TOTALMENTE	2. <input type="checkbox"/> CONCORDO	3. <input type="checkbox"/> DISCORDO	4. <input type="checkbox"/> DISCORDO TOTALMENTE
12h. EU GOSTARIA DE PODER TER MAIS RESPEITO POR MIM MESMO.			
1. <input type="checkbox"/> CONCORDO TOTALMENTE	2. <input type="checkbox"/> CONCORDO	3. <input type="checkbox"/> DISCORDO	4. <input type="checkbox"/> DISCORDO TOTALMENTE
12i. NO GERAL, EU ESTOU INCLINADO A SENTIR QUE SOU UM FRACASSO			
1. <input type="checkbox"/> CONCORDO TOTALMENTE	2. <input type="checkbox"/> CONCORDO	3. <input type="checkbox"/> DISCORDO	4. <input type="checkbox"/> DISCORDO TOTALMENTE
12j. EU TENHO UMA ATITUDE POSITIVA COM RELAÇÃO A MIM MESMO			
1. <input type="checkbox"/> CONCORDO TOTALMENTE	2. <input type="checkbox"/> CONCORDO	3. <input type="checkbox"/> DISCORDO	4. <input type="checkbox"/> DISCORDO TOTALMENTE

13. COMO É O SEU RELACIONAMENTO COM OS SEUS AMIGOS E COLEGAS?

1. BOM 2. REGULAR 3. RUIM 4. NÃO TENHO AMIGOS

14. VOCÊ DEFENDE SUAS IDÉIAS E OPINIÕES COM SEUS AMIGOS/COLEGAS?

1. SEMPRE 2. MUITAS VEZES 3. POUCAS VEZES 4. NUNCA 5. NÃO TENHO AMIGOS

15. COM RELAÇÃO À SUA ESCOLA, O QUE VOCÊ PENSA?				
15A. EU ME SINTO PRÓXIMO ÀS PESSOAS DESSA ESCOLA.	1. <input type="checkbox"/> CONCORDO TOTALMENTE	2. <input type="checkbox"/> CONCORDO	3. <input type="checkbox"/> DISCORDO	4. <input type="checkbox"/> DISCORDO TOTALMENTE
15B. SINTO QUE SOU PARTE DESTA ESCOLA.	1. <input type="checkbox"/> CONCORDO TOTALMENTE	2. <input type="checkbox"/> CONCORDO	3. <input type="checkbox"/> DISCORDO	4. <input type="checkbox"/> DISCORDO TOTALMENTE
15C. EU ME SINTO FELIZ EM ESTAR NESTA ESCOLA.	1. <input type="checkbox"/> CONCORDO TOTALMENTE	2. <input type="checkbox"/> CONCORDO	3. <input type="checkbox"/> DISCORDO	4. <input type="checkbox"/> DISCORDO TOTALMENTE
15D. OS PROFESSORES DESTA ESCOLA TRATAM OS ALUNOS COM JUSTIÇA.	1. <input type="checkbox"/> CONCORDO TOTALMENTE	2. <input type="checkbox"/> CONCORDO	3. <input type="checkbox"/> DISCORDO	4. <input type="checkbox"/> DISCORDO TOTALMENTE
15E. EU ME SINTO SEGURO NESTA ESCOLA.	1. <input type="checkbox"/> CONCORDO TOTALMENTE	2. <input type="checkbox"/> CONCORDO	3. <input type="checkbox"/> DISCORDO	4. <input type="checkbox"/> DISCORDO TOTALMENTE

16. NO ÚLTIMO ANO, ALGUMA VEZ: (RESPONDA SEPARADAMENTE CADA PERGUNTA PARA ESCOLA E LOCAL ONDE MORA)

	(A) NA SUA ESCOLA	(B) NO LOCAL ONDE MORA (NA SUA COMUNIDADE)
16A. ALGUÉM HUMILHOU VOCÊ?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
16B. ALGUÉM AMEAÇOU VOCÊ?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
16C. VOCÊ FOI AGREDIDO(A) POR ALGUÉM DE FORMA FORTE O BASTANTE QUE PRECISASSE DE CURATIVOS OU IR AO MÉDICO?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
16D. ALGUÉM DANIFICOU, DE PROPÓSITO, ALGUMA COISA SUA (COMO ROUPA, LIVROS, RELÓGIO)?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
16E. VOCÊ ANDOU/CONVIVEU COM PESSOAS QUE CARREGAM ARMAS DE FOGO (REVÓLVER, OUTROS)?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
16F. VOCÊ ANDOU/COMVIVEU COM PESSOAS QUE CARREGAM ARMAS BRANCAS (FACAS, CANIVETES, PUNHAL)?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
16G. ALGUÉM FURTOU DE VOCÊ ALGUM OBJETO SEM QUE VOCÊ VISSE?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
16H. ALGUÉM TIROU À FORÇA DINHEIRO OU ALGUMA COISA DE VOCÊ?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO

17. DE UM ANO PARA CÁ, VOCÊ:

17A. TOMOU ALGUMA BEBIDA ALCOÓLICA ATÉ SE EMBRIAGAR OU SENTIR-SE BÉBADO (FICOU DE "PORRE")?	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA
17B. USOU MACONHA?	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA
17C. USOU COCAÍNA, "CRACK" OU "ECSTASY"?	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA
17D. USOU REMÉDIO PARA EMAGRECER	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA
17E. TRANQUILIZANTE OU CALMANTE	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA
17F. ANABOLIZANTES ("BOMBA" PARA FICAR FORTE)	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA

18. VOCÊ ACHA QUE ESTÁ ACIMA DO PESO?

1. NÃO 2. SIM

19. Se sim, VOCÊ JÁ SOFREU ALGUMA DISCRIMINAÇÃO OU HUMILHAÇÃO PELO EXCESSO DE PESO?

1. NÃO 2. SIM

20. NO ÚLTIMO ANO, VOCÊ PRATICOU ALGUM DESSES ATOS?

20a. FALSIFICOU A ASSINATURA DE ALGUÉM EM UM DOCUMENTO (BOLETINS OU ADVERTÊNCIAS DISCIPLINARES, DATA DE NASCIMENTO EM CARTEIRA DE ESTUDANTE)	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
20b. DANIFICOU COISAS DE PROPÓSITO (CARTEIRAS ESCOLARES, VIDRAÇAS, TELEFONES, PICHOU PAREDE, RISCOU CARROS, QUEBROU OBJETOS DOMÉSTICOS, LÂMPADAS DE POSTE)	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
20c. AGREDIU ALGUÉM DE FORMA FORTE O BASTANTE PARA QUE ESTA PESSOA PRECISASSE DE CURATIVOS OU IR AO MÉDICO	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
20d. HUMILHOU ALGUÉM MOSTRANDO-SE SUPERIOS, DEBOCHANDO, ESNOBANDO, RIDICULARIZANDO O OUTRO.	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
20e. TOMOU PARTE DE UM BRIGA NA QUAL UM GRUPO DE AMIGOS SEUS LUTOU CONTRA OUTRO GRUPO.	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
20f. PORTOU ARMAS DE FOGO (REVÓLVER, OUTROS)	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
20g. PORTOU ARMA BRANCA (FACA, CANIVETE, PUNHAL)	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
20h. PEGOU ALGUM OBJETO DE ALGUÉM SEM QUE ESSA PESSOA SOUBESSE.	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
20i. PEGOU ALGUM OBJETO DE ALGUÉM À FORÇA.	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO

INSTRUÇÕES. A PRÓXIMA QUESTÃO PERGUNTA SOBRE COISAS QUE PODEM TER ACONTECIDO DURANTE UMA BRIGA ENTRE VOCÊ E A PESSOA COM QUEM "FICA" OU NAMORA. OBSERVE O QUADRO ABAIXO E RESPONDA AS PERGUNTAS DE ACORDO COM O ITEM QUE MELHOR SE APROXIMA DE QUANTAS VEZES ESSAS SITUAÇÕES OCORRERAM ENTRE VOCÊ E A PESSOA COM QUEM "FICA" OU NAMORA ATUALMENTE OU NO ÚLTIMO ANO:

21AA. EU EMPURREI OU SACUDI ELE/ELA				
1. <input type="checkbox"/> ACONTECEU 6 VEZES OU MAIS NO ÚLTIMO ANO	2. <input type="checkbox"/> ACONTECEU ENTRE 3 E 5 VEZES NO ÚLTIMO ANO	3. <input type="checkbox"/> ACONTECEU 1 OU 2 VEZES NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA ACONTECEU NO ÚLTIMO ANO	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
21AB. ELE/ELA ME EMPURROU OU ME SACUDI				
1. <input type="checkbox"/> ACONTECEU 6 VEZES OU MAIS NO ÚLTIMO ANO	2. <input type="checkbox"/> ACONTECEU ENTRE 3 E 5 VEZES NO ÚLTIMO ANO	3. <input type="checkbox"/> ACONTECEU 1 OU 2 VEZES NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA ACONTECEU NO ÚLTIMO ANO	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
21BA. EU JOGUEI ALGO NELE/ELA				
1. <input type="checkbox"/> ACONTECEU 6 VEZES OU MAIS NO ÚLTIMO ANO	2. <input type="checkbox"/> ACONTECEU ENTRE 3 E 5 VEZES NO ÚLTIMO ANO	3. <input type="checkbox"/> ACONTECEU 1 OU 2 VEZES NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA ACONTECEU NO ÚLTIMO ANO	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
21BB. ELE/ELA JOGOU ALGO EM MIM				
1. <input type="checkbox"/> ACONTECEU 6 VEZES OU MAIS NO ÚLTIMO ANO	2. <input type="checkbox"/> ACONTECEU ENTRE 3 E 5 VEZES NO ÚLTIMO ANO	3. <input type="checkbox"/> ACONTECEU 1 OU 2 VEZES NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA ACONTECEU NO ÚLTIMO ANO	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
21CA. EU BATI, CHUTEI OU DEI UM SOCO NELE(A)				
1. <input type="checkbox"/> ACONTECEU 6 VEZES OU MAIS NO ÚLTIMO ANO	2. <input type="checkbox"/> ACONTECEU ENTRE 3 E 5 VEZES NO ÚLTIMO ANO	3. <input type="checkbox"/> ACONTECEU 1 OU 2 VEZES NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA ACONTECEU NO ÚLTIMO ANO	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
21CB. ELE/ELA ME BATEU, CHUTOU OU DEU UM SOCO				
1. <input type="checkbox"/> ACONTECEU 6 VEZES OU MAIS NO ÚLTIMO ANO	2. <input type="checkbox"/> ACONTECEU ENTRE 3 E 5 VEZES NO ÚLTIMO ANO	3. <input type="checkbox"/> ACONTECEU 1 OU 2 VEZES NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA ACONTECEU NO ÚLTIMO ANO	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
21DA. EU DEI UM TAPA NELE/NELA OU PUXEI O CABELO DELE(A)				
1. <input type="checkbox"/> ACONTECEU 6 VEZES OU MAIS NO ÚLTIMO ANO	2. <input type="checkbox"/> ACONTECEU ENTRE 3 E 5 VEZES NO ÚLTIMO ANO	3. <input type="checkbox"/> ACONTECEU 1 OU 2 VEZES NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA ACONTECEU NO ÚLTIMO ANO	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI
21DB. ELE/ELA ME DEU UM TAPA OU PUXOU O MEU CABELO				
1. <input type="checkbox"/> ACONTECEU 6 VEZES OU MAIS NO ÚLTIMO ANO	2. <input type="checkbox"/> ACONTECEU ENTRE 3 E 5 VEZES NO ÚLTIMO ANO	3. <input type="checkbox"/> ACONTECEU 1 OU 2 VEZES NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA ACONTECEU NO ÚLTIMO ANO	5. <input type="checkbox"/> NUNCA FIQUEI NEM NAMOREI

22. SOBRE A SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL, COMO VOCÊ SE CONSIDERA?

1. COMPLETAMENTE HETEROSEXUAL
2. MAIS HETEROSEXUAL
3. BISEXUAL
4. MAIS HOMOSEXUAL
5. COMPLETAMENTE HOMOSEXUAL

INSTRUÇÕES. A SEGUIR SÃO APRESENTADAS SITUAÇÕES QUE OS JOVENS PODEM ENCONTRAR NO SEU DIA A DIA NA ESCOLA. INDEPENDENTE DA EXPERIÊNCIA DOS DEMAIS AO SEU REDOR, GOSTARÍAMOS QUE INDICASSE COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ TEVE CADA UMA DESTAS VIVÊNCIAS NA ESCOLA. RESPONDA DA FORMA MAIS HONESTA E SINCERA POSSÍVEL, MARCANDO UMA DAS OPÇÕES ABAIXO DE CADA PERGUNDA SEGUNDO A FREQUÊNCIA COM QUE ACONTECEU. DEPOIS, INDIQUE SE OS COMPORTAMENTOS CITADOS FORAM DE PROPÓSITO E TIVERAM IMPORTÂNCIA PARA VOCÊ, ISTO É, SE O MAGOARAM.

COMPORTAMENTOS VIVENCIADOS NA ESCOLA					ESSE COMPORTAMENTO FOI DE PROPÓSITO E TEVE IMPORTÂNCIA PARA VOCÊ (O MAGOOU)?
23A. VOCÊ FOI ZOADO OU APELIDADO POR SEU/SUA(S) COLEGA(S)?					
0. <input type="checkbox"/> NUNCA	1. <input type="checkbox"/> APENAS UMA VEZ NO MÊS PASSADO	2. <input type="checkbox"/> DUAS OU TRÊS VEZES NO MÊS PASSADO	3. <input type="checkbox"/> APENAS UMA VEZ DURANTE ESTA SEMANA	4. <input type="checkbox"/> VÁRIAS VEZES DURANTE ESTA SEMANA	0. <input type="checkbox"/> NÃO 1. <input type="checkbox"/> SIM
23B. VOCÊ TEVE BOATOS OU FOFOCAS ESPALHADOS SOBRE VOCÊ POR SEU/SUA(S) COLEGA(S) PELAS SUAS COSTAS?					
0. <input type="checkbox"/> NUNCA	1. <input type="checkbox"/> APENAS UMA VEZ NO MÊS PASSADO	2. <input type="checkbox"/> DUAS OU TRÊS VEZES NO MÊS PASSADO	3. <input type="checkbox"/> APENAS UMA VEZ DURANTE ESTA SEMANA	4. <input type="checkbox"/> VÁRIAS VEZES DURANTE ESTA SEMANA	0. <input type="checkbox"/> NÃO 1. <input type="checkbox"/> SIM
23C. VOCÊ FOI DEIXADO FORA DO GRUPO OU IGNORADO POR SEU/SUA(S) COLEGA(S)?					
0. <input type="checkbox"/> NUNCA	1. <input type="checkbox"/> APENAS UMA VEZ NO MÊS PASSADO	2. <input type="checkbox"/> DUAS OU TRÊS VEZES NO MÊS PASSADO	3. <input type="checkbox"/> APENAS UMA VEZ DURANTE ESTA SEMANA	4. <input type="checkbox"/> VÁRIAS VEZES DURANTE ESTA SEMANA	0. <input type="checkbox"/> NÃO 1. <input type="checkbox"/> SIM
23D. VOCÊ JÁ APANHOU, FOI EMPURRADO OU MACHUCADO POR SEU/SUA(S) COLEGA(S)?					
0. <input type="checkbox"/> NUNCA	1. <input type="checkbox"/> APENAS UMA VEZ NO MÊS PASSADO	2. <input type="checkbox"/> DUAS OU TRÊS VEZES NO MÊS PASSADO	3. <input type="checkbox"/> APENAS UMA VEZ DURANTE ESTA SEMANA	4. <input type="checkbox"/> VÁRIAS VEZES DURANTE ESTA SEMANA	0. <input type="checkbox"/> NÃO 0. <input type="checkbox"/> SIM
23E. VOCÊ FOI AMEAÇADO POR SEU/SUA(S) COLEGA(S)					
0. <input type="checkbox"/> NUNCA	1. <input type="checkbox"/> APENAS UMA VEZ NO MÊS PASSADO	2. <input type="checkbox"/> DUAS OU TRÊS VEZES NO MÊS PASSADO	3. <input type="checkbox"/> APENAS UMA VEZ DURANTE ESTA SEMANA	4. <input type="checkbox"/> VÁRIAS VEZES DURANTE ESTA SEMANA	0. <input type="checkbox"/> NÃO 0. <input type="checkbox"/> SIM
23F. VOCÊ TEVE SUAS COISAS ROUBADAS OU DANIFICADAS POR SEU/SUA(S) COLEGA(S)?					
0. <input type="checkbox"/> NUNCA	1. <input type="checkbox"/> APENAS UMA VEZ NO MÊS PASSADO	2. <input type="checkbox"/> DUAS OU TRÊS VEZES NO MÊS PASSADO	3. <input type="checkbox"/> APENAS UMA VEZ DURANTE ESTA SEMANA	4. <input type="checkbox"/> VÁRIAS VEZES DURANTE ESTA SEMANA	0. <input type="checkbox"/> NÃO 0. <input type="checkbox"/> SIM
23G. SEU/SUA(S) COLEGA(S) JÁ FIZERAM COMENTÁRIOS OU GESTOS SEXUAIS PARA VOCÊ?					
0. <input type="checkbox"/> NUNCA	1. <input type="checkbox"/> APENAS UMA VEZ NO MÊS PASSADO	2. <input type="checkbox"/> DUAS OU TRÊS VEZES NO MÊS PASSADO	3. <input type="checkbox"/> APENAS UMA VEZ DURANTE ESTA SEMANA	4. <input type="checkbox"/> VÁRIAS VEZES DURANTE ESTA SEMANA	0. <input type="checkbox"/> NÃO 0. <input type="checkbox"/> SIM

INSTRUÇÕES. CASO VOCÊ TENHA SE ENVOLVIDO EM UMA OU MAIS DAS SITUAÇÕES DESCRITAS ANTERIORMENTE, GOSTARÍAMOS QUE SE COMPARASSE COM A "PRINCIPAL PESSOA QUE FEZ TAIS COISAS A VOCÊ". NESSE SENTIDO, LEIA CADA UMA DAS CARACTERÍSTICAS QUE PODEM DESCREVER SEU(SUA) COLEGA E INDIQUE EM QUE MEDIDA ELE(A) APRESENTA MAIS, IGUAL OU MENOS QUE VOCÊ.

CARACTERÍSTICAS DO(A) COLEGA			
24a. POPULAR	0. <input type="checkbox"/> MENOS DO QUE EU	1. <input type="checkbox"/> PARECIDO COMIGO	2. <input type="checkbox"/> MAIS DO QUE EU
24b. ESPERTO(A)	0. <input type="checkbox"/> MENOS DO QUE EU	1. <input type="checkbox"/> PARECIDO COMIGO	2. <input type="checkbox"/> MAIS DO QUE EU
24c. FORTE FISICAMENTE	0. <input type="checkbox"/> MENOS DO QUE EU	1. <input type="checkbox"/> PARECIDO COMIGO	2. <input type="checkbox"/> MAIS DO QUE EU
24d. BONITO(A)	0. <input type="checkbox"/> MENOS DO QUE EU	1. <input type="checkbox"/> PARECIDO COMIGO	2. <input type="checkbox"/> MAIS DO QUE EU
24e. SIMPÁTICO(A)	0. <input type="checkbox"/> MENOS DO QUE EU	1. <input type="checkbox"/> PARECIDO COMIGO	2. <input type="checkbox"/> MAIS DO QUE EU
24f. EXTROVERTIDO(A)	0. <input type="checkbox"/> MENOS DO QUE EU	1. <input type="checkbox"/> PARECIDO COMIGO	2. <input type="checkbox"/> MAIS DO QUE EU
24g. INTELIGENTE	0. <input type="checkbox"/> MENOS DO QUE EU	1. <input type="checkbox"/> PARECIDO COMIGO	2. <input type="checkbox"/> MAIS DO QUE EU
24h. MAGRO(A)	0. <input type="checkbox"/> MENOS DO QUE EU	1. <input type="checkbox"/> PARECIDO COMIGO	2. <input type="checkbox"/> MAIS DO QUE EU
24i. ATRAENTE	0. <input type="checkbox"/> MENOS DO QUE EU	1. <input type="checkbox"/> PARECIDO COMIGO	2. <input type="checkbox"/> MAIS DO QUE EU

INSTRUÇÕES. DENTRE OS(AS) SEUS(SUAS) COLEGAS, EXISTE ALGUM(A) QUE VOCÊ CONSIDERA INFERIOR A VOCÊ? SE EXISTE, RESPONDA A PRÓXIMA QUESTÃO PENSANDO APENAS NESSA PESSOA.

ALGUMA VEZ VOCÊ JÁ FEZ COISAS DE PROPÓSITO, PARA MAGOAR ESSE(A) SEU(SUA) COLEGA, COMO:

25A. ZOAR, XINGAR OU COLOCAR APELIDOS?

0. NUNCA 1. APENAS UMA VEZ NO MÊS PASSADO 2. DUAS OU TRÊS VEZES NO MÊS PASSADO 3. APENAS UMA VEZ DURANTE ESTA SEMANA 4. VÁRIAS VEZES DURANTE ESTA SEMANA

25B. ESPALHAR BOATOS OU FOFOCAS, IGNORAR OU DEIXAR DE FORA DO SEU GRUPO?

0. NUNCA 1. APENAS UMA VEZ NO MÊS PASSADO 2. DUAS OU TRÊS VEZES NO MÊS PASSADO 3. APENAS UMA VEZ DURANTE ESTA SEMANA 4. VÁRIAS VEZES DURANTE ESTA SEMANA

25. EMPURRAR, AGREDIR FISICAMENTE, AMEAÇAR OU DANIFICAR COISAS DELE(A)?

0. NUNCA 1. APENAS UMA VEZ NO MÊS PASSADO 2. DUAS OU TRÊS VEZES NO MÊS PASSADO 3. APENAS UMA VEZ DURANTE ESTA SEMANA 4. VÁRIAS VEZES DURANTE ESTA SEMANA

INSTRUÇÕES. AS PRÓXIMAS QUESTÕES ABORDAM AGRESSÕES QUE ÀS VEZES SOFREMOS E SOBRE A FORMA COMO AS PESSOAS QUE MORAM OU CONVIVEM COM VOCÊ RESOLVEM OS DESENTENDIMENTOS DO DIA A DIA. EM QUALQUER AMBIENTE, TEM HORAS EM QUE AS PESSOAS DISCORDAM, FICAM IRRITADAS OU BRIGAM POR ESTAREM DE MAU HUMOR, CANSADAS OU POR QUALQUER OUTRA RAZÃO.

26. NOS ÚLTIMOS 12 MESES, NOS MOMENTOS DE DISCUSSÕES E BRIGAS ENTRE VOCÊ E SUA MÃE/RESPONSÁVEL DO SEXO FEMININO, COMO ELA REAGIU?

26A. XINGOU OU INSULTOU VOCÊ

1. MUITAS VEZES 2. POUCAS VEZES 3. JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4. NUNCA 5. NÃO CONVIVO COM ELA

26B. FICOU EMBURRADA. NÃO FALOU MAIS NO ASSUNTO

1. MUITAS VEZES 2. POUCAS VEZES 3. JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4. NUNCA 5. NÃO CONVIVO COM ELA

26C. FEZ OU DISSE COISAS SÓ PARA IRRITAR

1. MUITAS VEZES 2. POUCAS VEZES 3. JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4. NUNCA 5. NÃO CONVIVO COM ELA

26D. AMEAÇOU BATER OU JOGAR COISAS EM VOCÊ

1. MUITAS VEZES 2. POUCAS VEZES 3. JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4. NUNCA 5. NÃO CONVIVO COM ELA

26E. DESTRUIU, BATEU, JOGOU OU CHUTOU OBJETOS

1. MUITAS VEZES 2. POUCAS VEZES 3. JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4. NUNCA 5. NÃO CONVIVO COM ELA

26F. JOGOU COISAS SOBRE VOCÊ

1. MUITAS VEZES 2. POUCAS VEZES 3. JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4. NUNCA 5. NÃO CONVIVO COM ELA

26G. EMPURROU OU AGARROU VOCÊ

1. MUITAS VEZES 2. POUCAS VEZES 3. JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4. NUNCA 5. NÃO CONVIVO COM ELA

26H. DEU TAPA OU BOFETADA EM VOCÊ

1. MUITAS VEZES 2. POUCAS VEZES 3. JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4. NUNCA 5. NÃO CONVIVO COM ELA

26I. CHUTOU, MORDEU OU DE UM MURRO EM VOCÊ

1. MUITAS VEZES 2. POUCAS VEZES 3. JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4. NUNCA 5. NÃO CONVIVO COM ELA

26J. BATEU OU TENTOU BATER EM VOCÊ COM OBJETOS

1. MUITAS VEZES 2. POUCAS VEZES 3. JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4. NUNCA 5. NÃO CONVIVO COM ELA

26K. ESPANCOU VOCÊ

1. MUITAS VEZES 2. POUCAS VEZES 3. JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4. NUNCA 5. NÃO CONVIVO COM ELA

26L. QUEIMOU, ESTRANGULOU OU SUFOCOU VOCÊ

1. MUITAS VEZES 2. POUCAS VEZES 3. JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO 4. NUNCA 5. NÃO CONVIVO COM ELA

26M. AMEAÇOU VOCÊ COM FACA OU ARMA				
1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM ELA
26N. USOU FACA OU ARMA CONTRA VOCÊ				
1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM ELA
27. NOS ÚLTIMOS 12 MESES, NOS MOMENTOS DE DISCUSSÃO E BRIGAS ENTRE VOCÊ E <u>SEU PAI/RESPONSÁVEL DO SEXO MASCULINO</u> , COMO ELE REAGIU?				
27A. XINGOU OU INSULTOU VOCÊ				
1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM ELE
27B. FICOU EMBURRADO. NÃO FALOU MAIS NO ASSUNTO				
1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM ELE
27C. FEZ OU DISSE COISAS SÓ PARA IRRITAR				
1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM ELE
27D. AMEAÇOU BATER OU JOGAR COISAS EM VOCÊ				
1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM ELE
27E. DESTRIU, BATEU, JOGOU OU CHUTOU OBJETOS				
1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM ELE
27F. JOGOU COISAS SOBRE VOCÊ				
1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM ELE
27G. EMPURROU OU AGARROU VOCÊ				
1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM ELE
27H. DEU TAPA OU BOFETADA EM VOCÊ				
1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM ELE
27I. CHUTOU, MORDEU OU DEU MURRO EM VOCÊ				
1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM ELE
27J. BATEU OU TENTOU BATER EM VOCÊ COM OBJETOS				
1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM ELE
27K. ESPANCOU VOCÊ				
1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM ELE
27L. QUEIMOU, ESTRANGULOU OU SUFOCOU VOCÊ				
1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM ELE
27M. AMEAÇOU VOCÊ COM FACA OU ARMA				
1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM ELE
27N. USOU FACA OU ARMA CONTRA VOCÊ				
1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> JÁ, MAS NÃO NO ÚLTIMO ANO	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM ELE
28. SEUS PAIS (OU OS RESPONSÁVEIS POR VOCÊ) SE AGRIDEM A PONTO DE:				
28A. MACHUCAREM MUITO UM AO OUTRO	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA	4. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM PAIS (OU RESPONSÁVEIS)
28B. HUMILHAREM UM AO OUTRO	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA	4. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM PAIS (OU RESPONSÁVEIS)
29. QUANDO VOCÊ SAI DE CASA, COM QUE FREQUÊNCIA SEUS PAIS OU RESPONSÁVEIS SABEM AONDE VOCÊ VAI E COM QUEM VOCÊ ESTÁ?				
1. <input type="checkbox"/> SEMPRE	2. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	4. <input type="checkbox"/> NUNCA	5. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO PAIS OU RESPONSÁVEIS

30. NA SUA CASA, ALGUM DE SEUS FAMILIARES COSTUMA HUMILHAR, ZOMBAR OU PERSEGUIR VOCÊ POR CAUSA DE ALGUMA CARACTERÍSTICA SUA OU MANEIRA DE SER?

1. SEMPRE 2. MUITAS VEZES 3. POUCAS VEZES 4. NUNCA

31. VOCÊ TEM IRMÃOS?

1. NÃO TENHO. 2. SIM. TODOS SÃO FILHOS DO MEU PAI E DA MINHA MÃE.
3. SIM. TENHO IRMÃOS DE DIFERENTES CASAMENTOS DO MEU PAI OU DA MINHA MÃE.

32. OS IRMÃO QUASE SEMPRE BRIGAM E DISCUTEM NO DIA A DIA. VOCÊ E SEUS IRMÃOS BRIGAM MUITO ENTRE SI...

- | | | | | |
|--------------------------------|--|--|-----------------------------------|--|
| 32A. A PONTO DE SE MACHUCAREM? | 1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES | 2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES | 3. <input type="checkbox"/> NUNCA | 4. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM IRMÃOS |
| 32B. XINGANDO UM AO OUTRO? | 1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES | 2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES | 3. <input type="checkbox"/> NUNCA | 4. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM IRMÃOS |
| 32C. HUMILHANDO UM AO OUTRO? | 1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES | 2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES | 3. <input type="checkbox"/> NUNCA | 4. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM IRMÃOS |

33. NA RELAÇÃO ENTRE OS ADOLESCENTES, COMO VOCÊ CONSIDERA ESSES ATOS?

- | | | | |
|--|---|-----------------------------------|---|
| 33A. GAROTO HUMILHAR GAROTO | 1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE | 2. <input type="checkbox"/> GRAVE | 3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE |
| 33B. GAROTA HUMILHAR GAROTA | 1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE | 2. <input type="checkbox"/> GRAVE | 3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE |
| 33C. GAROTO AGREDIR FISICAMENTE GAROTO | 1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE | 2. <input type="checkbox"/> GRAVE | 3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE |
| 33D. GAROTA AGREDIR FISICAMENTE GAROTA | 1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE | 2. <input type="checkbox"/> GRAVE | 3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE |
| 33E. PANCADARIA ENTRE COLEGAS | 1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE | 2. <input type="checkbox"/> GRAVE | 3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE |

34. VOCÊ JÁ FOI TRATADO DE FORMA INFERIOR (DISCRIMINADO) PELOS SEUS VIZINHOS POR CAUSA DA SUA/SEU:

- (A) COR DA PELE: MUITAS VEZES POUCAS VEZES NUNCA
 (B) CONDIÇÃO SOCIAL: MUITAS VEZES POUCAS VEZES NUNCA
 (C) ORIENTAÇÃO SEXUAL: MUITAS VEZES POUCAS VEZES NUNCA
 (D) APARÊNCIA FÍSICA: MUITAS VEZES POUCAS VEZES NUNCA

35. VOCÊ JÁ FOI TRATADO DE FORMA INFERIOR (DISCRIMINADO) PELOS SEUS FAMILIARES POR CAUSA DA SUA/SEU:

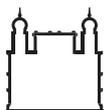
- (A) COR DA PELE: MUITAS VEZES POUCAS VEZES NUNCA
 (B) CONDIÇÃO SOCIAL: MUITAS VEZES POUCAS VEZES NUNCA
 (C) ORIENTAÇÃO SEXUAL: MUITAS VEZES POUCAS VEZES NUNCA
 (D) APARÊNCIA FÍSICA: MUITAS VEZES POUCAS VEZES NUNCA

36. VOCÊ JÁ SOFREU ALGUMA AGRESSÃO SEXUAL?

1. SIM 2. NÃO

37. SE VOCÊ QUISER, PODE USAR AS LINHAS ABAIXO PARA ESCREVER ALGUMA COISA QUE VOCÊ ACHE IMPORTANTE SOBRE VOCÊ.

MUITO OBRIGADO PELA SUA PARTICIPAÇÃO! SE VOCÊ QUISER ESCLARECER DÚVIDAS
 QUANTO ÀS QUESTÕES ABORDADAS NO QUESTIONÁRIO, O NÚMERO DO NOSSO TELEFONE É (81) 2123-7827
 violenciaesau@cpqam.fiocruz.br - Av. Professor Moraes Rego, s/n - Cidade Universitária - Recife - PE - CEP: 50.670-420



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães

APÊNDICE B**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA “BULLYING ENTRE ADOLESCENTES ESCOLARES: UMA ABORDAGEM BIOECOLÓGICA”**

Prezado (a) diretor (a):

O LEVES – Laboratório de Estudo em Violência e Saúde do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, pretende desenvolver uma pesquisa sobre “BULLYING ENTRE ADOLESCENTES ESCOLARES: UMA ABORDAGEM BIOECOLÓGICA” sob a coordenação da Dra. Alice Kelly Barreira e da Dra. Maria Luiza Carvalho de Lima. Este estudo objetiva investigar o envolvimento em *bullying* (como vítima, agressor ou vítima-agressor) e identificar os fatores de risco e proteção, relativos a aspectos individuais e contextuais em adolescentes de 15 a 19 anos, na cidade de Recife, em 2014.

Para tanto, pedimos sua permissão para convidarmos os alunos do 2º ano do ensino médio, deste estabelecimento, para participar da pesquisa. As questões que serão abordadas versam sobre relacionamento familiar e entre colegas, uso de substâncias, distúrbios de comportamento, autoestima e violência. Por isso pedimos sua permissão para a aplicação dos questionários, de aproximadamente uma hora de preenchimento.

O projeto será norteado pela Resolução 466/12.2, onde respeitar-se-á os quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não-maleficência, beneficência e justiça. O risco quanto a participação do aluno (a), está na possibilidade dele (a) sentir-se constrangido ao relatar situações de violência. Nesse caso o aluno poderá interromper o questionário a qualquer momento. Além disto, será garantida a CONFIDENCIALIDADE das informações e o ANONIMATO de todos que participarem da pesquisa e a PARTICIPAÇÃO do aluno (a) é VOLUNTÁRIA, o que significa que ele (a) terá o direito de decidir se quer ou não participar, bem como de desistir de fazê-lo a qualquer momento.

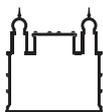
E o benefício será o fornecimento de informações para o debate sobre a questão da violência escolar, em particular o *bullying* entre os adolescentes, sendo esse conhecimento estratégico para subsidiar a elaboração de políticas públicas intersetoriais tais como um sistema de vigilância escolar articulado com o setor saúde entre outras instituições, assim como programas cabíveis à intervenção do problema.

Este documento está em duas vias, uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de dúvida, você poderá entrar em contato com as coordenadoras do projeto no LEVES, situado no Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães (CPqAM) | Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) – Pernambuco pelo telefone: 81 2101.2500; RAMAL LEVES 7827; e-mail: leves@cpqam.fiocruz.br. Ou com o Comitê de Ética em Pesquisa do CpqAM: telefone/fax: 81 2101-2639, e-mail: comiteetica@cpqam.fiocruz.br.

Eu _____, declaro estar esclarecido (a) sobre os termos apresentados e concordo que os alunos da Escola _____ participem da pesquisa.

(Assinatura e carimbo do diretor)

(Assinatura do pesquisador)



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães

APÊNDICE C**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA “BULLYING ENTRE ADOLESCENTES ESCOLARES: UMA ABORDAGEM BIOECOLÓGICA”**

Prezado (a) aluno (a):

O LEVES – Laboratório de Estudo em Violência e Saúde do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, convida você, aluno (a) do ensino médio deste estabelecimento a participar da pesquisa “*Bullying* entre adolescentes escolares: uma abordagem bioecológica” sob a coordenação da Dra. Alice Kelly Barreira e da Dra. Maria Luiza Carvalho de Lima.

Esta pesquisa pretende estudar como os adolescentes escolares de 15 a 19 anos, vivenciam situações de *bullying* e identificar os fatores associados, na cidade de Recife, em 2014.

Você está convidado (a) a preencher um questionário que aborda temas sobre relacionamento familiar e entre colegas, uso de substâncias, distúrbios de comportamento, autoestima e violência, com duração de aproximadamente uma hora de preenchimento.

O projeto será norteado pela Resolução 466/12.2, onde respeitar-se-á os quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não-maleficência, beneficência e justiça. O risco quanto a sua participação, está na possibilidade de sentir-se constrangido ao relatar situações de violência. Nesse caso você poderá interromper o questionário a qualquer momento. No entanto, garantimos que suas informações pessoais não serão divulgadas. SUA PARTICIPAÇÃO É VOLUNTÁRIA, o que significa que você terá o direito de decidir se quer ou não participar, bem como de desistir de fazê-lo a qualquer momento.

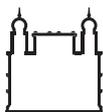
E o benefício será o fornecimento de informações para o debate sobre a questão da violência escolar, em particular o *bullying* entre os adolescentes, sendo esse conhecimento fundamental para a elaboração de políticas públicas, assim como programas voltados para a intervenção do *bullying*.

Este documento está em duas vias, uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de dúvida, você poderá entrar em contato com as coordenadoras do projeto no LEVES, situado no Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães (CPqAM) | Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) – Pernambuco pelo telefone: 81 2101.2500; RAMAL LEVES 7827; e-mail: leves@cpqam.fiocruz.br. Ou com o Comitê de Ética em Pesquisa do CpqAM: telefone/fax: 81 2101-2639, e-mail: comiteetica@cpqam.fiocruz.br.

Eu _____, declaro estar esclarecido (a) sobre os termos apresentados e concordo em participar da pesquisa.

(Assinatura do aluno)

(Assinatura do pesquisador)



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães **APÊNDICE D**

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA “BULLYING ENTRE ADOLESCENTES ESCOLARES: UMA ABORDAGEM BIOECOLÓGICA”

Prezado (a) aluno (a):

O LEVES – Laboratório de Estudo em Violência e Saúde do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, convida você, aluno (a) do ensino médio deste estabelecimento a participar da pesquisa “*Bullying* entre adolescentes escolares: uma abordagem bioecológica” sob a coordenação da Dra. Alice Kelly Barreira e da Dra. Maria Luiza Carvalho de Lima.

Esta pesquisa pretende estudar como os adolescentes escolares de 15 a 19 anos, vivenciam situações de *bullying* e identificar os fatores associados, na cidade de Recife, em 2014.

Você está convidado (a) a preencher um questionário que aborda temas sobre relacionamento familiar e entre colegas, uso de substâncias, distúrbios de comportamento, autoestima e violência, com duração de aproximadamente uma hora de preenchimento.

O projeto será norteado pela Resolução 466/12.2, onde respeitar-se-á os quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não-maleficência, beneficência e justiça. O risco quanto a sua participação, está na possibilidade de sentir-se constrangido ao relatar situações de violência. Nesse caso você poderá interromper o questionário a qualquer momento. No entanto, garantimos que suas informações pessoais não serão divulgadas. SUA PARTICIPAÇÃO É VOLUNTÁRIA, o que significa que você terá o direito de decidir se quer ou não participar, bem como de desistir de fazê-lo a qualquer momento.

E o benefício será o fornecimento de informações para o debate sobre a questão da violência escolar, em particular o *bullying* entre os adolescentes, sendo esse conhecimento fundamental para a elaboração de políticas públicas, assim como programas voltados para a intervenção do *bullying*.

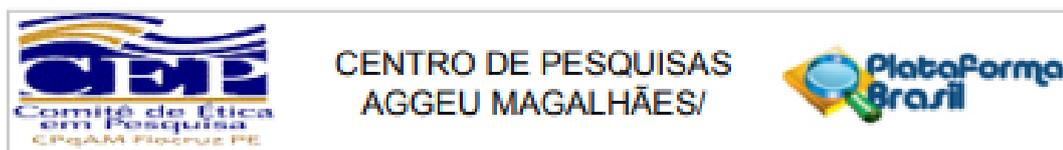
Este documento está em duas vias, uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de dúvida, você poderá entrar em contato com as coordenadoras do projeto no LEVES, situado no Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães (CPqAM) | Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) – Pernambuco pelo telefone: 81 2101.2500; RAMAL LEVES 7827; e-mail: leves@cpqam.fiocruz.br. Ou com o Comitê de Ética em Pesquisa do CpqAM: telefone/fax: 81 2101-2639, e-mail: comiteetica@cpqam.fiocruz.br.

Eu _____, declaro estar esclarecido (a) sobre os termos apresentados e concordo em participar da pesquisa.

(Assinatura do aluno)

(Assinatura do pesquisador)

ANEXO 1 - Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Bullying entre adolescentes escolares: uma abordagem bioecológica.

Pesquisador: Maria Luiza Carvalho de Lima

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 33233014.6.0000.5190

Instituição Proponente: Fundação Oswaldo Cruz

Patrocinador Principal: Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães/ FIOCRUZ

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 745.886

Data da Relatoria: 17/07/2014

Apresentação do Projeto:

O projeto está bem escrito, referenciado e de linguagem clara e objetiva.

Objetivo da Pesquisa:

Observar a prevalência de bullying entre adolescentes de 15 a 19 anos que estudam em escolas públicas e privadas do Recife.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Foram abordados adequadamente conforme o perfil da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa trará dados importantes para subsidiar políticas públicas e ações preventivas/corretivas por parte das escolas em relação a prática de bullying entre adolescentes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Documentos apresentados.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências apresentadas na reunião do colegiado foram atendidas.

Endereço: Av. Prof. Moraes Rego, s/nº
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.670-420
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2101-2630 **Fax:** (81)2101-2630 **E-mail:** comiteetica@cpqam.fiocruz.br



**CENTRO DE PESQUISAS
AGGEU MAGALHÃES/**



Continuação do Parecer: 745.886

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê avaliou e considera que os procedimentos metodológicos do Projeto em questão estão condizentes com a conduta ética que deve nortear pesquisas envolvendo seres humanos, de acordo com o Código de Ética, Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, de 12 de dezembro de 2012 e complementares.

O projeto está aprovado para ser realizado em sua última formatação apresentada ao CEP e este parecer tem validade até 06 de agosto de 2017. Em caso de necessidade de renovação do Parecer, encaminhar relatório e atualização do projeto.

RECIFE, 11 de Agosto de 2014

Assinado por:

**Janaina Campos de Miranda
(Coordenador)**

Endereço: Av. Prof. Moraes Rago, s/nº
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.670-420
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2101-2630 **Fax:** (81)2101-2630 **E-mail:** comiteaetica@cpqam.focruz.br

ANEXO 2 – Carta de aceite do artigo 1

 **Revista Ciência & Saúde Coletiva** <webmaster@fw2web.com.br>  14 de out de 2019 às 14:08 

Para: Georgia Rodrigues Reis e Silva
Cc: Maria Luiza Carvalho de Lima, Raquel Moura lins Acioli, Alice Kelly Barreira



Ciência & Saúde Coletiva
Impressa ISSN 1413-8123 | On-line ISSN 1678-4561

Prezado(a) autor(a),

Seu artigo, A influência da violência familiar e entre pares na prática do bullying por adolescentes escolares., acaba de ser **aprovado** pela Editoria da Revista Ciência & Saúde Coletiva.

Neste momento, pedimos atenção especial para que mantenha seus dados cadastrais atualizados. Verifique se os nomes dos autores, ordem de importância, instituição e e-mail no artigo estão corretos. Solicitamos também que o seu Currículo Lattes esteja sempre atualizado.

Qualquer mudança ou correção, pedimos ao primeiro autor que, por favor, informe-nos no prazo de até 10 dias corridos pelo e-mail: cienciasaudecoletiva@fiocruz.br

Gratos pela compreensão.

Solicitação de endereço

Prezado primeiro autor,

Seu artigo foi aprovado e precisamos do endereço completo para o envio dos exemplares da revista, tão logo seja impresso. Favor enviar para o e-mail: danuziacienciasaudecoletiva@gmail.com.

O primeiro autor irá receber todos os exemplares no endereço informado e ficará responsável por distribuir cada exemplar para os demais autores.

OBS: Se for da Fiocruz/Rio, por favor, informe o número da sala e o departamento.

Atenciosamente,
Danúzia Rocha
Editoria da revista C&SC

ANEXO 3 – Carta de aceite do artigo 2



Renato Procianoy (Jornal de Pediatria) <evisesupport@elsevier.com>

Para: georodrigues19@yahoo.com.br



12 de set de 2019 às 09:51



Ref: JPED_2019_157_R1

Title: Prevalência e fatores associados ao bullying: diferenças entre os papéis de vítimas e agressores

Journal: Jornal de Pediatria

Prezado (a) Dr(a). Mrs. Silva,

Informamos com satisfação que seu artigo foi aceito para publicação e está programado para a edição nº 6 (Nov/Dez), ano de 2020, Volume 96 do Jornal de Pediatria. Essa programação ainda pode ser alterada de acordo com a necessidade da Editora, entretanto, o artigo será publicado "no prelo" bem antes desta data.

Precisamos que os autores informem na folha de rosto os departamentos e instituições aos quais os autores são vinculados.

Solicitamos aos autores enviarem o Termo de Cessão de Direitos, anexo, assinado (e escaneado) por um dos autores e a página de rosto modificada para jped@jped.com.br, de preferência até o dia **18/09**. O download do documento pode ser feito no seguinte link: https://drive.google.com/drive/folders/1fLWTF51_fwzOzeptngrKtdInWBbsmQ4y?usp=sharing

O artigo ainda passará por diversas revisões de formato, linguagem e tradução. Talvez ainda seja necessário pedir algumas informações aos autores, por isso pedimos manter seu e-mail atualizado, também para o envio das provas em PDF, posteriormente.

TAXA DE PUBLICAÇÃO

Os artigos submetidos a partir de 1º de setembro de 2018, se aceitos para publicação no Jornal de Pediatria, estão sujeitos a uma taxa para que tenham sua publicação garantida. Para o pagamento da taxa, acesse www.jpedpaypal.com.br. Ao submeterem o manuscrito a este jornal, os autores concordam com esses termos.

Valores:

Há desconto na taxa se um dos autores for associado quite com a Sociedade Brasileira de Pediatria.

Se qualquer um dos autores for associado quite com a SBP: R\$ 1.500,00 por manuscrito aceito

Se nenhum dos autores for associado à SBP: R\$ 2.200,00 por manuscrito aceito

Autor estrangeiro: USD 1.000,00 por manuscrito aceito.

Prazo: O artigo aceito somente será publicado após a comprovação do pagamento da taxa de publicação. Após serem informados do aceite na revista, os autores devem enviar o comprovante de pagamento e os dados do pagador (nome, CPF e endereço) para jped@jped.com.br. A partir da nossa confirmação, o artigo é enviado para editoração e publicação

O Jornal de Pediatria agradece ter sido escolhido para enviar seu artigo.

Atenciosamente,

Maria de Fátima Machado

Editorial Assistance

ANEXO 4 – Comprovante de submissão do artigo 3



Cadernos de Saude Publica <cadernos@fiocruz.br>

Para: georodrigues19@yahoo.com.br



9 de jan às 17:56 ★

Prezado(a) Dr(a). GEORGIA RODRIGUES REIS E SILVA:

Confirmamos a submissão do seu artigo "É possível prevenir o bullying no contexto escolar e familiar?" (CSP_0037/20) para Cadernos de Saúde Pública. Agora será possível acompanhar o progresso de seu manuscrito dentro do processo editorial, bastando clicar no *link* "Sistema de Avaliação e Gerenciamento de Artigos", localizado em nossa página <http://www.ensp.fiocruz.br/csp>.

Em caso de dúvidas, envie suas questões através do nosso sistema, utilizando sempre o ID do manuscrito informado acima. Agradecemos por considerar nossa revista para a submissão de seu trabalho.

Atenciosamente,

Profª. Marília Sá Carvalho
Profª. Claudia Medina Coeli
Profª. Luciana Dias de Lima
Editoras



Cadernos de Saúde Pública / Reports in Public Health

Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca

Fundação Oswaldo Cruz

Rua Leopoldo Bulhões 1480

Rio de Janeiro, RJ 21041-210, Brasil

Tel.: +55 (21) 2598-2511, 2508 / Fax: +55 (21) 2598-2737

cadernos@ensp.fiocruz.br

<http://www.ensp.fiocruz.br/csp>

Abstract:

The objective of this study was to estimate the prevalence of bullies and identify factors related to bullying among high school students in Recife. This is an analytical cross-sectional epidemiological study, composed of a probabilistic sample by clusters of 1,402 students aged 15 to 19 years old, enrolled in the second year of high school in both public and private schools in Recife. In this work the bullying will be approached according to the Bioecological Theory of Human Development of Bronfenbrenner. Data were collected by means of a self-administered questionnaire about bullying and associated factors. Data analysis comprised a descriptive analysis of the variables, followed by the Pearson chi-square test with statistical significance of 0.05 and 95% Confidence Interval. To analyze associations, a multilevel modeling to control the conglomerate effect was used. STATA version 12.0 was used for analysis. The results showed a prevalence of 21.26% of bullies. In the final model, the associated factors were violence at school and in the community, violence among peers, as well as by violence committed by the mother and siblings regarding adolescent bullies. Hence, the results indicate that the violence suffered in the family and school context can have repercussions on the practice of bullying among adolescents.

Keywords:

Bullying, violence, adolescent, school.

Conteúdo:

INTRODUÇÃO

O bullying é um tipo de violência estudado, principalmente, no ambiente escolar, que pode se manifestar de diferentes formas, a partir de comportamentos como agressões físicas e verbais ou até por ameaças, acusações injustas, roubo de dinheiro e pertences, difamações sutis e degradação de imagem social, adotados por um ou mais estudantes contra outro(s), com o objetivo de machucar, prejudicar ou humilhar, sem ter havido provocação por parte da vítima^{1,2,3}. Este fenômeno é caracterizado por três elementos essenciais que são: a repetição, a intencionalidade e a desequilíbrio de poder^{1,2,4,5}.

A literatura revela que as diferentes manifestações da violência no âmbito escolar vêm comprometendo não só a saúde dos adolescentes, mas ainda a qualidade da educação no contexto da escola pública brasileira⁶, já que esse comportamento entre os alunos tem prejudicado a realização das atividades escolares, o processo de aprendizagem, bem como ocasionado sentimento de insegurança na escola e, muitas vezes, abandono escolar⁷. Além do mais acarreta um processo de exclusão moral e social com repercussões imediatas e futuras na vida adulta dos envolvidos³, como o desenvolvimento de distúrbios mentais e ideação suicida⁸.

O bullying ocorre em processos interacionais dinâmicos e pode envolver os indivíduos de diversas maneiras, de forma que esses assumam papéis diferenciados como: agressores, vítimas, vítimas/agressores ou testemunhas^{3,9}. O papel de agressor se apresenta como o indivíduo que pratica a violência contra outro(s), supostamente mais fraco³. Os agressores geralmente constituem-se de alunos do sexo masculino, mais velhos, que praticam mais sexo e mais exercício físico, apresentam comportamentos antissociais, faltam aulas, relatam solidão e insônia, possuem maior tendência para apresentarem comportamentos de risco como o uso de álcool e drogas^{1,4,8,10,11}. Comumente fazem parte de pequenos ou grandes grupos liderados por um que domina outros e esses se subordinam à liderança por medo ou por satisfação de pertencerem ao grupo dominante^{1,4}. No Brasil, alguns estudos que avaliaram adolescentes agressores de bullying verificaram prevalência entre 8,4 a 19,8%^{6,12,13}.

Apesar de existirem vários estudos brasileiros sobre a temática^{14,15,12,13,16}, ainda existem muitas lacunas no conhecimento que precisam ser abordadas. Pesquisas sobre fatores de proteção e intervenções efetivas ainda estão em seus estágios relativamente iniciais, e também há uma necessidade urgente de estudos mais rigorosamente avaliados e relatados em países de baixa e média renda^{17,18}. Além disso, grande parte das pesquisas realizadas analisam prioritariamente as vítimas e determinados fatores associados sem utilizar um modelo explicativo e sem contemplar os diferentes contextos e interações que permeiam tal situação.

Diante da complexidade deste fenômeno, neste trabalho o bullying será abordado segundo a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner¹⁹. Essa teoria apresenta quatro componentes multidirecionais inter-relacionados que é designado como modelo PPCT: os processos proximais; as características pessoais; o contexto e o tempo. Neste estudo serão investigados os processos proximais, foco principal da teoria que são as interações que a pessoa estabelece com seus pares, objetos e símbolos, nos diversos contextos vivenciados em um determinado tempo histórico, nas quais o ser humano se apresenta como agente ativo do seu desenvolvimento, capaz de transformar o ambiente e transformar-se^{19, 20}.

A teoria de Bronfenbrenner é indicada para o estudo da violência por levar em consideração os quatro componentes PPCT no desenvolvimento individual como uma evolução complexa com aquisição de competências e habilidades pessoais, as quais irão conduzir e direcionar o comportamento nas mais diversas situações, como a escolha de uma atitude pacífica ou violenta. Nesta perspectiva, deve ser considerada a relevância de um estudo fundamentado em um modelo conceitual explicativo com o objetivo de estimar a prevalência de agressores de bullying e identificar os fatores de processo associados ao comportamento dos adolescentes agressores de bullying em escolas públicas e privadas do Recife.

MÉTODO

Esta pesquisa trata-se de um estudo epidemiológico de corte transversal, de cunho analítico, a qual permitiu verificar a magnitude do evento e identificar as variáveis envolvidas no papel de agressor de bullying.

Participantes

A população do estudo foi composta por adolescentes, com idades entre 15 a 19 anos, matriculados no segundo ano do ensino médio de escolas públicas e particulares da cidade do Recife, no período diurno. A faixa etária estendida para além do padrão para esta série foi incluída devido ao grande número de alunos com defasagem escolar.

Amostra

Para a estimativa da amostra foram considerados os dados fornecidos pela Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco. Consideraram-se os seguintes parâmetros para estimar o número total de alunos, segundo o número de alunos das escolas públicas e privadas matriculados no ano de 2013: prevalência de bullying entre os alunos= 30%⁷, erro amostral= 5%, e efeito de desenho= 2. A estimativa encontrada foi de 625 alunos de escola pública e 625 alunos de escola privada. Admitindo 20% de perda, perfaz um total de 1.563 alunos.

A amostragem foi realizada por conglomerados em dois estágios para atingir a amostra estimada. No 1º estágio, os parâmetros para estimar o número de escolas segundo esfera de governo, foram: prevalência de bullying estimada em 95% das escolas, erro amostral = 10%, e efeito de desenho = 1. A estimativa encontrada foi de 32 escolas, 16 públicas e 16 privadas. Admitindo 20% de perda, perfaz um total de 40 escolas distribuídas igualmente nos dois extratos. Sendo assim, as escolas foram sorteadas, proporcionalmente à quantidade de alunos matriculados no 2º ano do ensino médio em cada escola, com intervalo sistemático.

No 2º estágio, as turmas foram sorteadas aleatoriamente dentro de cada escola. A fim de alcançar o quantitativo esperado de participantes, em cada escola foi aplicado em torno de 40 questionários, o que implicou na participação de uma ou duas turmas por escola, dependendo do tamanho das mesmas.

Instrumento

O instrumento de coleta consistiu de um questionário autoaplicável incluindo escalas e questões sobre o bullying e fatores associados. No entanto, neste artigo foram analisadas questões sobre agressor de bullying e as variáveis categorizadas segundo a dimensão processo da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano¹⁹. O envolvimento de bullying na condição de agressor foi definido a partir da questão produzida baseada no conceito de Olweus¹ e na Escala de

Califórnia de Vitimização do Bullying^{21,22}, conforme descritas a seguir: "DENTRE OS (AS) SEUS (SUAS) COLEGAS, EXISTE ALGUM (A) QUE VOCÊ CONSIDERA INFERIOR A VOCÊ? SE EXISTE, RESPONDA A PRÓXIMA QUESTÃO PENSANDO APENAS NESSA PESSOA. Alguma vez você já fez coisas de propósito, para magoar esse (a) seu (sua) colega, como: A) Zoar, xingar ou colocar apelidos? B) Espalhar boatos ou fofocas, ignorar ou deixar de fora do seu grupo? C) Empurrar, agredir fisicamente, ameaçar ou danificar coisas dele(a)?" Tendo para cada item as seguintes opções de respostas: 0. Nunca/1. Apenas uma vez no mês passado/2. Duas ou três vezes no mês passado/3. Apenas uma vez durante esta semana/ 4. Várias vezes durante esta semana. Sendo considerado agressor o indivíduo que assinalou um dos itens 2, 3 ou 4 em qualquer uma das alternativas.

Quanto às variáveis independentes analisadas neste estudo estão: ter sofrido violência da mãe e do pai, ter sofrido violência na comunidade e na escola, sofrer e praticar violência física entre namorados, violência entre pares, violência entre irmãos, monitoramento dos pais e responsáveis, ter sofrido discriminação pelos vizinhos, ter sofrido discriminação pelos familiares, ter sofrido agressão sexual e conexão com a escola.

Uma vez que não existe uma escala composta por uma única variável que avalie a "conexão com a escola", tal avaliação ocorreu por meio da "School Connectedness Scale"^{23,24}, adaptada pelos autores, composta por 5 itens relacionados ao adolescente separadamente: sentir-se próximo as pessoas da escola; sentir-se parte da escola; sentir-se feliz em estar na escola; sentir-se seguro na escola; os professores tratam os alunos com justiça. As variáveis independentes e instrumentos utilizados nesta pesquisa estão descritos no Quadro 1.

Procedimentos

A coleta de dados ocorreu no período de agosto a novembro de 2014, por meio da aplicação do questionário aos alunos presentes nas turmas sorteadas. Os questionários foram aplicados por uma equipe de 2 pesquisadores previamente treinados que forneceram uma breve explicação sobre o preenchimento do questionário e permaneceram na sala de aula durante todo o processo que teve duração média de 60 minutos em cada turma.

Análise dos dados

A análise dos dados foi constituída inicialmente de uma análise descritiva das variáveis, seguida da aplicação do teste de Qui-Quadrado de Pearson com significância estatística de 0,05 e Intervalo de Confiança de 95%.

Para a análise de associações foi empregado a Modelagem Multinível para controle do efeito do conglomerado e ponderado pelo tipo de escola. A técnica multivariada utilizada foi a stepwise do tipo forward considerando como critério de entrada no modelo significância estatística de 10%. Foram testadas as hipóteses de concomitância e considerada a variável no modelo segundo a plausibilidade causal. O software utilizado na análise foi o STATA na versão 12.0

Questões éticas

Esta pesquisa faz parte de um estudo maior intitulado de "Bullying entre adolescentes escolares: uma abordagem bioecológica", que foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Aggeu Magalhães sob-registro no CAAE: 33233014.8.000.5190 e número do parecer PlatBr: 745.886, de acordo com as normas da Resolução 468/12 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos.

Antes do início da coleta, foram solicitadas autorizações institucionais no âmbito da Educação e assinaturas dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e Termos de Assentimento Livre e Esclarecido. Os questionários foram respondidos de maneira anônima e os resultados publicados garantirão anonimato dos participantes.

RESULTADOS

A amostra foi composta de 1.402 estudantes, dos quais a maioria do sexo feminino (52,4%), com média de idade 16,4 anos. Quanto ao tipo de escola, 56,4% pertenciam as escolas públicas e 43,6% as escolas privadas. A frequência de bullying na condição de agressor foi de 298 casos, correspondendo a uma prevalência de 21,26% (IC 95%: 17,84% a 24,39%).

A partir da análise univariada foi observada, com relação às interações pessoais permeadas por violência, uma associação significativa com a prática de bullying, seja com a violência sofrida na escola (OR=2,46 (1,82 – 3,34), p<0,001), na comunidade (OR=2,05 (1,62 – 2,58), p<0,001) ou relacionada à violência entre namorados, seja ela sofrida (OR= 1,76 (1,21 – 2,55), p=0,003) ou praticada (OR=1,83 (1,19 – 2,81), p=0,006). A violência sofrida pelo adolescente e praticada pela mãe seja ela verbal (OR=1,98 (1,32 – 2,97), p=0,001) ou física (OR=2,15 (1,66 – 2,78), p<0,001) mostrou-se associada à prática do bullying pelo jovem, assim como a violência física sofrida pelo jovem, sendo o pai o agressor (OR=1,71 (1,30 – 2,25), p<0,001). Além disso, a violência entre irmãos, nas formas de violência física (OR=2,19 (1,63 – 2,94), p<0,001) e psicológica (OR=2,14 (1,57 – 2,93), p<0,001) mostrou-se associada a uma maior possibilidade de praticar o bullying, assim como a condição de familiares terem o costume de perseguir o jovem (OR=1,80 (1,16 – 2,79), p=0,008). A associação da prática do bullying e a condição do jovem ter sofrido agressão sexual (OR=1,88 (1,05 – 3,35), p=0,031) também foi estatisticamente significante, apontando uma maior chance de prática de bullying entre aqueles que foram vítimas alguma vez na vida. Ainda no que se refere à violência entre pares, os alunos que relataram sofrer dessa violência apresentaram 3,40 mais de chances de serem agressores de bullying (p<0,001).

Também foi verificada associação das atitudes discriminatórias cometidas pelos vizinhos e a prática de bullying. A ocorrência de atos discriminatórios no que diz respeito à orientação sexual (OR=2,89 (1,80 – 5,24), p=0,000) e aparência física (OR=1,75 (1,28 – 2,40), p=0,000) foram significativamente relacionados ao aumento da chance de prática de bullying, e entre os familiares os atos discriminatórios relativos a cor da pele (OR=2,02 (1,19 – 3,42), p=0,009) orientação sexual (OR=2,74 (1,31 – 5,75), p=0,007) e aparência física (OR=1,81 (1,15 – 2,84), p=0,010) também foram associados a uma maior chance de prática de bullying.

Em relação à conexão com a escola, verificou-se uma associação estatisticamente significante com a condição de agressor, no que diz respeito especificamente aos adolescentes "se sentirem parte da escola" (OR=0,74 (0,56 – 0,98), p=0,038) "se sentirem feliz em estar na escola" (OR=0,57 (0,43 – 0,74), p<0,001) "se sentirem seguro na escola" (OR=0,54 (0,41 – 0,73), p<0,001) ou quando consideraram que os "professores tratam com justiça" (OR=0,54 (0,39 – 0,76), p<0,001).

Por fim, o monitoramento dos pais e responsáveis (poucas vezes ou nenhum monitoramento) também foi associado à prática de bullying (OR= 2,20 (1,57 – 3,08) p<0,001), como está descrito da Tabela 1.

A partir da análise do modelo multivariado (Tabela 2) verificou-se que a violência sofrida na escola (p<0,001), assim como a experiência de violência entre pares (p<0,001) apresentou maior chance de ser agressor de bullying.

A violência física especificamente cometida pela mãe (p<0,001) mostrou-se associada com a prática de bullying. Ainda em relação à violência intrafamiliar observou-se uma associação estatisticamente significante com a violência física (p=0,006) e verbal (p=0,030) entre irmãos.

Apesar de não se manter no modelo final, o monitoramento dos pais e responsáveis apresentou-se no limítrofe da associação com a prática do bullying com p=0,058.

Não houve associação estatisticamente significativa ao final da análise multivariada com as demais variáveis de processo estudadas.

DISCUSSÃO

A prevalência encontrada na presente pesquisa corrobora com os achados publicados em 2014²⁹, em estudo realizado no Brasil em escolas da rede pública e privada nas capitais brasileiras e Distrito Federal, na qual foi verificada prevalência de agressores de 20,8%. Fato relevante, pois aponta para uma semelhança entre a realidade das escolas locais com as escolas nacionais do ponto de vista de alunos que afirmam praticar tal comportamento. Outras pesquisas realizadas no Brasil^{30,31} e na Nigéria³² também encontraram frequências ainda mais elevadas de agressores de bullying, em que obtiveram 49,9%, 54,7% e 64,9% de agressores, respectivamente. Em contrapartida, estudo realizado com adolescentes em 40 países³³, evidenciou prevalência de prática de bullying de 10,7%, porém com grande variação nas taxas entre os países. Tais dados podem refletir as diferenças sociais, culturais e políticas existentes em cada país ou também as medidas preventivas eficazes no enfrentamento para este fenômeno.

Essa questão é reforçada pelos resultados que mostraram que os sentimentos de segurança, felicidade, se sentir parte da escola e considerar os professores justos são fatores de proteção com a prática de bullying, embora não tenham permanecido na análise final.

Em relação às variáveis de processo, observa-se que houve associação com a violência sofrida na escola, a violência física sofrida pela mãe e pelos irmãos, bem como da violência entre pares. Fato preocupante tendo em vista o impacto que esse tipo de conduta pode trazer para os que sofrem as agressões como modelo de reprodução do comportamento vivenciado. Considerando que os principais locais de socialização e preparação para a vida adulta desses adolescentes são a escola e a casa, estes adolescentes têm experienciado as diversas formas de violência, desde bullying até a violência familiar, nos seus diversos espaços de convivência³⁴. Todavia, esses deveriam ser ambientes em que o adolescente se sentisse acolhido e protegido, ao mesmo tempo em que pudesse expandir seus conhecimentos, e também aprendesse a ser solidário, a ter consciência dos direitos, deveres e responsabilidades, e a lidar com os problemas com independência, ou seja, a ser um cidadão.

No que diz respeito ao estudante ter sofrido violência física pela mãe, esta conduta pode estar relacionada à tentativa de inibir um comportamento inadequado ou punitivo ao filho, pois conforme destaca Andrade³⁵, o comportamento agressivo tem origem no modelo educativo familiar, a partir da agressividade e violência cometida pelos pais para punição dos filhos, de modo a influenciar no comportamento social destes¹⁴. Zottis et al.³⁶ também verificaram que a prática de bullying apresentou associação com a disciplina parental autoritária e punitiva dos pais, e, dentre os castigos, o severo, especificamente, praticado pela mãe. Ademais, chamam atenção quanto ao uso de castigo corporal por parte dos pais, pois desta forma eles ensinam aos seus filhos que bater é uma das formas de lidar com conflitos interpessoais.

Outro fato importante a ser destacado é que Malta et al., em 2010³⁷, já havia publicado em pesquisa nacional realizada nas capitais e no Distrito Federal, com escolares de escola públicas e privada, que a maior prevalência de violência física no âmbito doméstico foi registrada na cidade do Recife com 11,7% (IC95%: 10,3%-13,0%). Assim, revelando que este tipo de violência vem acontecendo a algum tempo, sendo frequente nessa faixa etária e nesse contexto.

A violência entre pares, que é caracterizada como pelo menos uma experiência de vitimização ou ato de violência de qualquer frequência entre pares, mas sem a presença de desequilíbrio de poder^{1,21}, também se revelou associada à prática de bullying. Neste caso presume-se que o estudante envolvido em uma situação eventual de violência entre colegas, seja na situação de vítima ou de agressor, mesmo que não de forma intencional esteja mais propenso a reproduzir alguma agressão, passando a agir de forma intencional diante de alguém visivelmente mais fraco, mais tímido ou mais novo.

Estudo recente realizado no Brasil também verificou que a maioria dos agressores sofre violência física familiar¹¹. Corroborando com tais informações, pesquisas apontam que o envolvimento de adolescente com a violência se deve a diversos fatores, entre os quais está à própria fase da adolescência, consumo abusivos de substâncias, os conflitos e violência familiar, exposição à violência e situações de violência ou conflito conjugal podem induzir a prática de comportamentos violentos pelos adolescentes^{38,39}.

Além dos fatores acima citados verificou-se que o pouco ou nenhum monitoramento dos pais mostrou-se no limítrofe a associação ao bullying, no papel de agressor. Dado semelhante com o apresentado em pesquisa que mostrou que ser agressor se associou inversamente com supervisão familiar¹¹. Já Ayas⁴⁰ em seu trabalho verificou que estudantes que tinham pais com atitudes negligentes sofriam mais bullying que os de pais com atitudes permissivas e democráticas. Apesar deste trabalho não analisar o bullying no papel de agressor, observa-se como é importante o monitoramento e participação dos pais na vida dos filhos, tendo em vista que ele vem sendo associado tanto nos casos de vítimas quanto de agressores.

Neste sentido, existem fortes evidências que o comportamento do agressor de bullying está moldado pelas interações e experiências de violência vivenciadas ao longo da vida, as quais Bronfenbrenner classifica como a dimensão processo.

Embora a presente pesquisa tenha abordado apenas a violência interpessoal que ocorre nos contextos familiar e escolar, precisamos considerar o ambiente de violência generalizada ao qual estão expostas as pessoas que vivem em capitais brasileiras. A teoria de Bronfenbrenner mostra que o desenvolvimento humano ocorre em um sistema de multicamadas que se estende desde a relação de nível micro entre pais e filhos até instituições e culturas de nível macro e se desdobra ao longo do tempo. Para as pessoas prosperarem como indivíduos, seres sociais e cidadãos, eles precisam de condições que lhes permitam florescer fisicamente e desenvolver relacionamentos e ações cada vez mais inclusivos e expansivos, como participantes sociais e cívicos⁴¹.

A presente pesquisa apresenta algumas limitações no que concerne aos dados serem baseados apenas em autorrelatos, pela possibilidade do estudante falsear a resposta ou apresentar o viés de memória. Outra limitação foi a inclusão apenas de adolescentes que estavam frequentando a escola e presentes em sala de aula no momento da aplicação do questionário. Decisão que pode ter ocasionado algum viés nos resultados, pois o absenteísmo ou evasão escolar está relacionado ao problema estudado, no entanto não inviabiliza o trabalho, pois foi realizado o cálculo amostral considerando tal acontecimento. Além do mais, este oferece uma percepção pontual da realidade não permitindo estabelecer uma relação causal, tendo em vista ser um estudo transversal.

Conclui-se que existe uma alta prevalência de prática de bullying na população estudada e os fatores associados são as violências sofridas na escola, a violência entre pares, assim como a violência praticada pela mãe e irmãos. Os dados ressaltam a importância de compreender as relações e interações dos agressores de bullying com as pessoas em seus diversos espaços, a fim de planejar ações específicas.

Desta forma, nota-se que as estratégias de prevenção e combate ao bullying devem envolver os alunos, pais e/ou responsáveis, profissionais de educação, assim como os da saúde. Tendo em vista que essa prática pode ser consequência da violência sofrida na escola, por pares e por familiares no domicílio, as medidas junto aos alunos agressores não podem ser apenas punitivas, e sim, de apoio e escuta especializada para que possam lidar com seus sentimentos diante da violência sofrida e refletir acerca dos motivos que levaram a cometer estes atos. Além disso, é importante a conscientização dos adolescentes agressores quanto às consequências desses comportamentos nas suas vidas e nas dos que sofrem o bullying, que vão desde o desenvolvimento de doenças psicossomáticas, problemas sociais, emocionais e acadêmicos^{3,16}.

No contexto escolar os profissionais da educação precisam estar preparados para enfrentar estas situações, a ponto de distinguir a violência das brincadeiras próprias da idade, bem como promover discussões e atividades sobre o tema e intervir ao presenciar determinados comportamentos favorecendo a uma cultura de paz. Os profissionais de saúde têm papel importante no que se refere às ações de combate à violência escolar, não só por meio de intervenções com o programa de saúde na escola, mas identificando nas unidades de saúde adolescentes vítimas de violência e notificando as entidades responsáveis. Pais e/ou responsáveis necessitam compreender que os comportamentos agressivos não são adequados e por isso devem ser evitados dentro da família. A cultura da paz precisa estar presente em todos os ambientes os quais estes adolescentes estão inseridos, inclusive no seu domicílio. Portanto, aproximar os pais da escola é imprescindível para o enfrentamento do bullying escolar.

Apesar de existirem vários estudos brasileiros sobre o bullying, a maioria é relativa à vitimização e poucos usaram um olhar mais integrador quanto ao conjunto dessas variáveis, além do mais não possuem um modelo conceitual explicativo para tal fenômeno. Desta forma, ratifica-se a importância deste trabalho contribuir na elaboração de ações e programas que visem à promoção, prevenção e intervenção a este tipo de comportamento.

FINANCIAMENTO

Este trabalho foi financiado pelo Programa PAPES VI/FIOCRUZ/CNPq (processo 407738/2012.8)

REFERÊNCIAS

1. Olweus D. *Bullying at school: what we know and what we can do*. Cambridge, MA, Blackwell; 1993.
2. Gladden RM, Vivolo-Kantor AM, Hamburger ME, Lumpkin CD. *Bullying Surveillance Among Youths: Uniform Definitions for Public Health and Recommended Data Elements, Version 1.0*. Atlanta, GA: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention and U.S. Department of Education; 2014.
3. Zequinhão MA, Medeiros P, Pereira B, Cardoso FL. *Bullying escolar: um fenômeno multifacetado*. Educ. Pesqui. 2016; 42 (1):181-98.
4. Berger KS. *Update on bullying at school: Science forgotten? Developmental Review 2007*; 27: 90-126.
5. Bandeira CM, Hutz CS. *Bullying: Prevalência, Implicações e Diferenças Entre Os Gêneros*. Psicol. Esc. Educ 2012; 19 (1): 35-44.
6. Mello FCM, Silva JL, Oliveira WA, Prado RR, Malta DC, Silva MAI. *A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015*. Cienc Saúde Colet. 2017; 22 (9): 2930-2948.

7. Malta DC, Silva MAI, Mello FCM, Monteiro RA, Sardinha LMV, Crespo C et al. Bullying in Brazilian schools: results from the National School-based Health Survey (PeNSE), 2009. *Cien Saúde Colet* 2010; 15 (Suppl 2):3065-3076.
8. Sigurdson JF, Undheim AM, Wallander JL, Lydersen S, Sund AM. The Longitudinal Association of Being Bullied and Gender with Suicide Ideations, Self-Harm, and Suicide Attempts from Adolescence to Young Adulthood: A Cohort Study. *Suicide and Life-Threatening Behavior* 2018; 48 (2):169-182.
9. Santos MM, Perkoski IR, Kienen N. Bullying: atitudes, conseqüências e medidas preventivas na percepção de professores e alunos do ensino fundamental. *Temas psicol* 2015; 23(4):1017-1033.
10. Liang H, Flisher AJ, Lombard CJ. Bullying, Violence, and Risk Behavior In South African School Students. *Child Abuse & Neglect* 2007; 3:161-71.
11. Oliveira WA, Silva MAI, Silva JL, Mello FCM, Prado RR, Malta DC. Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. *J. Pediatr* 2016; 92(1):32-39.
12. Marcolino EC, Cavalcanti AL, Padilha WVN, Miranda FAN, Clementino FS. Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. *Texto Contexto Enferm* 2018; v. 27, n. 1: e5500016.
13. Alcântara SC, González-Carrasco M, Montserrat C, Casas F, Viñas-Poch F, Abreu DP. Violência entre pares, clima escolar e contextos de desenvolvimento: suas implicações no bem-estar. *Cien Saúde Colet* 2019; 24(2):509-522.
14. Weimer WR, Moreira EC. Violência e Bullying: Manifestações e Conseqüências nas Aulas de Educação Física Escolar. *Rev Bras. Cienc. Esporte* 2014; 36(1):267-74.
15. Monteiro RP, Medeiros ED, Pimentel CE, Soares AKS, Medeiros HA, Gouveia, VV. Valores Humanos e Bullying: Idade e Sexo Moderam essa Relação? *Temas em Psicologia* 2017; 25 (3): 1317-1328.
16. Malta DC, Mello FCM, Prado RR, Sá ACMGN, Marinho de Souza MF, Pinto I, et al. Prevalência de bullying e fatores associados em escolares brasileiros, 2015. *Cien Saúde Colet* 2019; 24(4):1359-1368.
17. Sivaraman B, Nye E, Bowes L. School-based anti-bullying interventions for adolescents in low- and middle-income countries: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior* 2019;45:154-162.
18. Zych I, Farrington DP, Ttofi MM. Protective factors against bullying and cyberbullying: A systematic review of meta-analyses. *Aggression and Violent Behavior* 2019;45:4-19.
19. Bronfenbrenner U. The bioecological theory of human development. In: BRONFENBRENNER, U. (Ed). *Making humans beings human: bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005:3-15.
20. Martins E, Szymanski H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estud. pesqui. psicol* 2004;4(1).
21. Felix ED, Sharkey JD, Green JG, Furlong MJ, Tanigawa D. Getting precise and pragmatic about the assessment of bullying: The development of the California Bullying Victimization Scale. *Aggressive Behavior* 2011; 37:234-47.
22. Soares AKS, Gouveia VV, Gouveia RSV, Fonsêca PN, Pimentel CE. Escala Califórnia de Vitimização do Bullying (ECVB): evidências de validade e consistência interna. *Temas psicol* 2015; 23(2): 481-91.
23. Tourangeau R, Shinn H. (1999). *National Longitudinal Study of Adolescent Health: Grand sample weight*. Chapel Hill: University of North Carolina, National Opinion Research Center and Carolina Population Center. Retrieved January 20, 2008, from www.cpc.unc.edu/projects/addhealth/
24. You S, Furlong MJ, Felix E, Sharkey JD, Tanigawa, D. Relations among school connectedness, hope, life satisfaction, and bully victimization. *Psychology in the Schools* 2008; 45 (5):446-60.
25. Moraes CL, Hasselmann MH, Reichenheim ME. Adaptação transcultural para o português do instrumento "Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)" utilizado para identificar violência entre casais. *Cad Saúde Pública* 2002;18(1):163-75.
26. Kahn T, Bermergui C, Yamada E, Cardoso FC, Fernandes F, Zacchi JM et al. (1999). *O dia a dia nas escolas (violências auto-assumidas)*. Projeto de Pesquisa. São Paulo: Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delincente (ILANUD) e Instituto Sou da Paz.
27. Wolfe DA, Soot K, Reitzel-Jaffe D. Development and validation of the Conflict in adolescent dating relationship inventory. *Psychological assessment* 2001; 13(2):277-93.
28. Minayo MCS, Assis SG, Njaine K. (Org). *Amor e Violência: Um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.
29. Malta DC, Prado RR, Dias AJR, Mello FCM, Silva MAI, Costa MR, Caiáffia WT. Bullying e fatores associados em adolescentes brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (Pense 2012). *Rev Bras de Epidemiol* 2014; 17 (supl 1):131-145.
30. Brito CC, Oliveira MT. Bullying and self-esteem in adolescents from public schools. *J Pediatr (Rio J)*. 2013;89(6):601-7
31. Bandeira CM, Hutz CS. Bullying: prevalence, implications and gender differences. *Psicol Esc Educ* 2012;16:35-44.
32. Alex-Hart BA, Okagua J, Opara PI. Prevalence of bullying in secondary schools in Port Harcourt. *Int J Adolesc Med Health* 2015; 27(4): 391-6.
33. Craig W, Harel-Fisch Y, Fogel-Grinvald H, et al. A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. *Int J Public Health* 2009;54 Suppl 2(Suppl 2):216-24.
34. Abramovay M. *Escola e violência / Miriam Abramovay et alii. - Brasília: Unesco, 2002.*
35. Andrade MP. *Bullying: concepções dos atores envolvidos*. 2007. 95 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru, 2007.
36. Zottis GAH, Salum GA, Isolan LR, Manfro GG, Heldt E, et al. Associations between child disciplinary practices and bullying behavior in adolescents. *J. Pediatr (Rio J)*. 2014, 90(4), 408-414.
37. Malta DC, Souza ER, Silva MMA, Silva CS, Andreazzi MAR, Crespo C, et al. Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). *Cien Saude Colet* 2010; 15: 3053-63.
38. Horta RL, Horta BL, Pinheiro RT, Krindges M. Comportamentos violentos de adolescentes e coabitação parento-filial. *Rev de Saúde Públ* 2011; 44:979-85.
39. Faria CS, Martins CBG. Violência entre adolescentes escolares: condições de vulnerabilidades. *Rev electrónica trimestral de enfermária*. 2016; (42): 171-84.
40. Ayas T. The Effect of Parental Attitudes on Bullying and Victimization Levels of Secondary School Students. *Procedia-Social and Behavioral Sciences* 2012; 55: 228-31.
41. Adams TM. *How Chronic Violence Affects Human Development, Social Relations, and the Practice of Citizenship: A Systemic Framework for Action*. Washington, DC: Woodrow Wilson International Center for Scholars. 2017.

Outros idiomas:

Como Citar

Silva, G.R.R., Lima, M.L.C., Acioli, R.M.L., Barreira, A. K. A. Influência da violência familiar e entre pares na prática do bullying por adolescentes escolares. *Cien Saude Colet* [periódico na Internet] (2019/Out). [Citado em 27/12/2019]. Está disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/a-influencia-da-violencia-familiar-e-entre-pares-na-pratica-do-bullying-por-adolescentes-escolares/17374?id=17374>

Últimos Artigos

Monitoramento e avaliação dos atributos da atenção primária à saúde em nível nacional: Novos desafios. (/artigos/monitoramento-e-avaliacao-dos-atributos-da-atencao-primaria-a-saude-em-nivel-nacional-novos-desafios/17482)

0408/2019

Prontuários eletrônicos na Atenção Primária: Gestão de cadastros duplicados e contribuição para estudos epidemiológicos. (/artigos/prontuarios-eletronicos-na-atencao-primaria-gestao-de-cadastros-duplicados-e-contribuicao-para-estudos-epidemiologicos/17481)

0407/2019

Carteira de Serviços da Atenção Primária à Saúde: Garantia de integralidade nas Equipes de Saúde da Família e Saúde Bucal no Brasil. (/artigos/carteira-de-servicos-da-atencao-primaria-a-saude-garantia-de-integralidade-nas-equipes-de-saude-da-familia-e-saude-bucal-no-brasil/17480)

0406/2019

Aumento nas reclamações de idosos sobre a saúde suplementar no Brasil. (/artigos/aumento-nas-reclamacoes-de-idosos-sobre-a-saude-suplementar-no-brasil/17479)

0405/2019

Mudanças climáticas, mudanças produtivas e saúde: Complexas interações na literatura nacional. (/artigos/mudancas-climaticas-mudancas-produtivas-e-saude-complexas-interacoes-na-literatura-nacional/17478)

0404/2019

Realização



Patrocínio



Ministério
da Educação

Ministério da
Ciência e Tecnologia





**Organização
Pan-Americana
da Saúde**

Revista Ciência & Saúde Coletiva da Associação Brasileira de Saúde Coletiva
Impressa ISSN 1413-8123 | Online ISSN 1678-4561

Avenida Brasil, 4036 / sala 700 – Manginhos – CEP: 21040-361, Rio de Janeiro/RJ
(21) 3882-9153 e (21) 3882-9151 - Todos os direitos reservados para ABRASCO.

ANEXO 6 – Artigo 2

Model

ARTICLE IN PRESS

J Pediatr (Rio J). 2019;xxx(xx):xxx-xxx



sociedade
brasileira
de pediatria

Jornal de
Pediatria

www.jpmed.com.br



ORIGINAL ARTICLE

Prevalence and factors associated with bullying: differences between the roles of bullies and victims of bullying[☆]

Georgia Rodrigues Reis e Silva ^{a,b,*}, Maria Luiza Carvalho de Lima ^{b,c},
Alice Kelly Barreirab ^{b,d}, Raquel Moura Lins Acioli ^{b,d}

^a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz/PE), Instituto Aggeu Magalhães (IAM), Programa de Doutorado em Saúde Pública, Recife, PE, Brazil

^b Prefeitura do Recife, Recife, PE, Brazil

^c Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz/PE), Instituto Aggeu Magalhães (IAM), Recife, PE, Brazil

^d Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Departamento de Clínica e Odontologia Preventiva, Recife, PE, Brazil

Received 29 March 2019; accepted 4 September 2019

KEYWORDS

Prevalence;
Bullying;
Aggression;
Victimization

Abstract

Objective: To identify the differences between the prevalence and factors associated with involvement in bullying among schoolchildren from Recife, in the role of victim and perpetrator.

Method: This is an epidemiological, cross-sectional, analytical study, with a probabilistic cluster sample of 1402 students enrolled in high schools in Recife. Data analysis consisted of a descriptive analysis, followed by the application of Pearson's chi-squared test with statistical significance of 0.05 and 95% confidence interval. For the association analysis, multilevel modeling was used to control the cluster effect.

Results: It was observed that adolescents who feel different from other peers were associated with bullying, regardless of the role played. Being a victim was associated with being female, having low self-esteem, and using tranquilizers; being a transgressor was a protective factor. As for the role of perpetrator, being male, excessive alcohol consumption, having poor school performance, being a transgressor, and accepting peer violence were the associated variables; in turn, not defending their ideas when among friends showed to be a protective factor for bullying.

Conclusion: The differences between the adolescents, whether in the role of victim or perpetrator, indicate that the advocacy and prevention actions should focus on these aspects, mainly in the school environment.

© 2019 Sociedade Brasileira de Pediatria. Published by Elsevier Editora Ltda. This is an open access article under the CC BY-NC-ND license (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>).

[☆] Please cite this article as: Silva GR, Lima ML, Barreira AK, Acioli RM. Prevalence and factors associated with bullying: differences between the roles of bullies and victims of bullying. J Pediatr (Rio J). 2020. <https://doi.org/10.1016/j.jpmed.2019.09.005>

* Corresponding author.

E-mail: georodrigues19@yahoo.com.br (G.R. Silva).

<https://doi.org/10.1016/j.jpmed.2019.09.005>

0021-7557/© 2019 Sociedade Brasileira de Pediatria. Published by Elsevier Editora Ltda. This is an open access article under the CC BY-NC-ND license (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>).

PALAVRAS-CHAVE

Prevalência;
Bullying;
Agressão;
Vitimização

Prevalência e fatores associados ao**Resumo**

Objetivo: Identificar as diferenças entre prevalências e os fatores associados ao envolvimento em *bullying* entre adolescentes escolares do Recife no papel de vítima e agressor.

Método: Estudo epidemiológico de corte transversal analítico, com amostra probabilística por conglomerados de 1.402 estudantes matriculados no ensino médio de escolas do Recife. A análise dos dados foi constituída de uma análise descritiva, seguida da aplicação do teste de Qui-Quadrado de Pearson com significância estatística de 0,05 e Intervalo de Confiança de 95%. Para a análise de associações foi empregada a modelagem multinível para controle do efeito do conglomerado.

Resultados: Observou-se que o adolescente que se sente diferente dos outros colegas apresentou associação com o *bullying* independente do papel desempenhado. A condição de ser vítima mostrou associação com ser do sexo feminino, ter baixa autoestima e utilizar tranquilizantes, além disso, ser transgressor mostrou ser fator de proteção. No papel de agressor de *bullying* ser do sexo masculino, fazer uso de álcool em excesso, ter um ruim desempenho escolar, ser transgressor e aceitar violência entre pares foram as variáveis associadas; por sua vez, não defender suas ideias com amigos revelou ser fator de proteção para prática do *bullying*.

Conclusão: As diferenças apresentadas entre os adolescentes, seja no papel de vítima ou de agressor, apontam que condutas de promoção e prevenção tenham enfoque que considerem tais aspectos principalmente no ambiente escolar.

© 2019 Sociedade Brasileira de Pediatria. Publicado por Elsevier Editora Ltda. Este é um artigo Open Access sob uma licença CC BY-NC-ND (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>).

Introduction

Violence among schoolchildren is a worldwide problem of great relevance to public health, representing a critical and challenging issue due to the social and developmental impact on those involved.¹ The reality of Brazilian schools is no different, and these manifestations have taken frightening proportions nowadays.²

In the school environment, there is a specific category of violence or aggressive behavior known as bullying, which is a subcategory of peer violence with specific characteristics, such as intentional behavior, repetition, and power imbalance.³ This phenomenon has four types of involvement: victims, perpetrators, victim-perpetrators, and witnesses.⁴

Among the involvement roles, the victims stand out, who are individuals who have repeatedly experienced an intentional aggression, and who think they have at least one characteristic, whether physical, social, or psychological, that puts them in a situation of power imbalance in relation to their aggressor,⁵ while the perpetrators are individuals who assault others, without necessarily being provoked by the victim.⁵ They sometimes feel that their conduct can bring material and social benefits, and are usually popular.

Bullying is a practice that leads to short-term to long-term behavioral, physical, and emotional problems for those involved.⁶ The literature has indicated that the consequences of the involvement differ according to the role played, among which are those observed in victims: difficulties in school activities and relationships, presence of mental disorders in adulthood, decreased self-esteem, greater propensity to drop out of school,⁷ self-mutilation, and suicidal behavior.⁸ For the perpetrators, this exposure

can lead to problems in affective and social relationships, difficulty in respecting the laws, less self-control, and greater likelihood of becoming more aggressive and becoming involved in criminality.⁷

Data from a study conducted in 40 countries with 202,056 school adolescents found a prevalence of 12.6% for bullying victims and of 10.7% for perpetrators.⁹ Studies carried out with Brazilian schoolchildren have found a prevalence of bullying victims ranging from 7.1% to 37.6%^{6,10,11} in public schools and from 7.6% to 35% in private ones.^{6,11} The prevalence of bullying perpetrators ranged from 15% to 39.7%.^{6,12,13} Thus, there is a wide variation in prevalence between studies, a fact that may be related to the different bullying classification criteria and the use of different scales when measuring it, in addition to the social contexts where this phenomenon occurs.

The literature points out that the damage and consequences resulting from exposure to this phenomenon are numerous, but they may vary according to the role played. However, it is noteworthy that most studies carried out on this topic were concerned with the analysis of risk and protective factors separately, and only regarding the victims. Therefore, this study is important, as it estimates the magnitude of this problem and identifies the factors associated with the condition of bullying victim and perpetrator among school adolescents from the city of Recife.

Methods

This research is part of a larger study entitled "Bullying among school-aged adolescents: a bioecological approach," approved by the Research Ethics Committee of Instituto Aggeu Magalhães, under CAAE registration No.

33233014.6.000.5190 and Plat Br Opinion No. 745.886, according to the norms of Resolution 466/12 of the National Health Council on research involving humans.

This is a cross-sectional epidemiological analytical study, which allowed estimation of the prevalence and identification of the differences between the personal characteristics of bullying victims and perpetrators by applying a questionnaire, consisting of scales and questions about bullying and risk factors associated with adolescents, aged 15–19 years, enrolled in the second year of high school in public and private schools in Recife, state of Pernambuco, Brazil, who attended school during daytime. The use of students attending the second year of high school is due to the need to approach a population with greater maturity and understanding to answer the questions about violence contained in the questionnaire; at the same time, it was decided to avoid the third year, which is academically overloaded due to the proximity to the selection processes for higher education (college/university).

The sample size calculation was performed with an estimated population of 20,404 students attending the second year of high school (15–19 years), according to data provided by the Pernambuco State Board of Education in 2013. This study applied a confidence interval of 95%, a sampling error of five percentage points, an estimated prevalence of 30% among the students, 20% sample loss, and the sample design effect was set at twice the minimum sample size. The estimate obtained was 625 students from public schools and 625 from private ones. Considering 20% loss, the total sample consisted of 1563 students.

The sampling was performed by clusters and followed a sequence of stages, in an attempt to obtain a representative sample of students regarding the distribution according to the type of school and grade. At the first stage, the parameters used to estimate the number of schools according to the government level were prevalence of bullying in 95% of schools, sampling error = 10%, and design effect = 1, resulting in an estimate of 32 schools, 16 public schools and 16 private ones. Expecting 20% loss, the final sample included a total of 40 schools equally distributed in both strata.

At the second stage, the classes were randomly drawn within each school. To reach the expected number of participants, approximately 40 questionnaires were applied in each school.

This article analyzed issues about the bullying victim and perpetrator, classified as the dependent variable, and personal characteristics were considered independent variables. The involvement in bullying as the victim was defined based on the California Bullying Victimization Scale (CBVS),¹⁴ which consists of seven items that inquire about the types and frequency of victimization episodes the students may have experienced at school, considered examples of bullying behavior. Each scale item consists of a sequence of five points, classified as: 0 = never, 1 = only once last month, 2 = two or three times last month, 3 = only once during this week, and 4 = several times during this week. Subsequently, it is necessary to indicate whether this previously classified behavior was purposeful and important (hurt him/her) by answering "yes" or "no." Finally, the CBVS assesses the power imbalance between the victim and the perpetrator through ten characteristics that can describe what the other person is like, asking individuals to com-

pare themselves to the "main person who did such things to you" through answers to the three-point scale, classifying as: "less than me", "like me," and "more than me." Therefore, adolescents who experienced some type of victimization two or three times a month or more were considered victims of bullying.

Regarding being considered a bully, it was evaluated based on the question based on the Olweus¹⁵ concept and the CBVS,¹⁴ as described below: "AMONG YOUR CLASSMATES, IS THERE ANYONE WHO YOU CONSIDER INFERIOR-TO YOU? IF SO, ANSWER THE NEXT QUESTION THINKING-

ONLY ABOUT THAT PERSON. Have you ever done things on purpose to hurt your classmate, such as: A) Mocking, cursing or giving nicknames? B) Spreading rumors or gossip, ignoring or leaving him/her out of your group? C) Pushing, physically assaulting, threatening, or damaging his/her things?" The following answer options were available for each item: 0. Never; 1. Only once last month; 2. Two or three times last month; 3. Only once during this week; 4. Several times during this week. The individual who marked one of items 2, 3, or 4 in any of the alternatives was considered a bully.

The classification "victim-perpetrator" was determined considering the classification, at the same time, of the above description of victim and perpetrator; *i.e.*, if the student answered having suffered some kind of intentional violence at least two or three times in the previous month, which hurt him/her, made by a classmate with different characteristics from his/hers, and at the same time answering that he/she bullied someone at least two or three times in the previous month.

Regarding the independent variables, some were assessed by isolated questions and others by scales, as described below: **Gender**: self-reported as female or male; **Age**: self-reported as between 15 and 19 years old; **Skin color/ethnicity**: self-reported as white, black, brown, yellow, or indigenous; **Religious practice**: self-reported; **Having a physical disability**: self-reported; **School performance**: The student was asked about his/her grades in the last year. The response options were: very good, good, bad, and very bad. **Self-esteem**: It is a tool consisting of ten items designed to globally assess the positive or negative attitude towards oneself. There are four types of response options: totally agree, agree, disagree, totally disagree. A high score indicates high self-esteem. The version used in this study was adapted in Brazil by Avanci et al. in 2007¹⁶; **Self confidence/defend their ideas or opinions**: It was assessed based on the question of whether the adolescent defends their ideas and opinions with their friends/classmates; **Drug use by the adolescent in the previous year**: Categorized as the absence or presence of at least one of the following behaviors: alcohol consumption until getting intoxicated (getting "drunk"); use of cannabis, cocaine, crack, or cocaine paste, weight loss medication, downers/tranquilizers, or anabolic steroids ("drugs to make you stronger"). The response options were: often, a few times, and never; **Feeling different**: The adolescents were asked if they had any characteristics that made them feel different; **Excess weight**: Students answered if they thought they had excess weight and if they had suffered any discrimination or humiliation for it; **Young offender**: Part of United Nations Latin American Institute for the Prevention of Crime and the Treatment of Offenders (ILANUD/UN) tools

Table 1 Description of variables, operationalization and categorization of the studied variables.

Variable	Operationalization	Categorization
Dependent		
Bullying	California Bullying Victimization Scale, adapted and validated by Soares in 2015, ¹⁴ plus a question developed by the author	1. Victim 2. Perpetrator
Independent		
Gender	Self-reported	1. Female 2. Male
Age (in years)	Self-reported	(15–16) 17–19
Skin color/Ethnicity	Self-reported	1. White 2. Black 3. Yellow/Indigenous
Having a physical disability	Self-reported	1. Yes 2. No
Religious practice	Self-reported	1. Yes 2. No
School performance regarding grades	Self-reported	1 (1. Very good and 2. Good) 2 (3. Bad and 4. Very Bad)
Self-esteem	Rosenberg scale adapted in Brazil by Avanci et al. 2007 ¹⁶	1. Low self-esteem 2. High self-esteem
Feeling different	Self-reported	1. Yes 2. No
Self-confidence (defending one's ideals and opinions)	Self-reported	1. Does have 2. Does not have
Excess alcohol consumption	Self-reported	1. Yes 2. No
Use of illicit drugs	Self-reported	1. Yes 2. No
Use of medications to lose weight	Self-reported	1. Yes 2. No
Downers/Tranquilizers	Self-reported	1. Yes 2. No
Anabolic drugs	Self-reported	1. Yes 2. No
Excess weight	Self-reported	1. Yes 2. No
Being a transgressor	ILANUD/UN tool about self-reported violations ¹⁷	1. Yes 2. No
Sexual orientation	Question from the Minnesota Adolescent Health Survey, adapted by Berlan in 2010 ⁸	1. Heterosexual 2. Bisexual and Homosexual
Having siblings	Developed question	1. Yes 2. No
Accepting peer violence	Developed question	1. Yes 2. No

ILANUD/UN, United Nations Latin American Institute for the Prevention of Crime and the Treatment of Offenders.

on self-reported violations.¹⁷ It consists of nine dichotomous questions (yes/no) about acts performed in the past year: falsifying someone's signature on documents, purposely damaging others' possessions, severely assaulting someone, humiliating someone by showing superiority, taking part in a fight in which a group of friends fight against another group, carrying a cold weapon, carrying a firearm, theft; **Sexual orientation:** A question from an adapted version of the Minnesota Adolescent Health Survey by Berlan et al., 2010,¹⁸ was used. This question was also translated into Portuguese and adapted for use in this research. The students were asked how they felt about their sexual orientation, answering according to five options: 1. Fully heterosexual, 2. More heterosexual, 3. Bisexual, 4. More homosexual, and 5. Fully homosexual. The answers were categorized for analysis in three groups: Heterosexual (1), Bisexual (2, 3, and 4), and Homosexual (5); **Having siblings:** Question about whether the adolescent had siblings, with the response options: yes and no; **Accepting peer violence:** The students were asked how they felt about the acts: "boy humiliating boy," "girl humiliating girl," "boy physically assaulting boy," "girl physically assaulting girl,"

and "brawling between peers" regarding the relationship between adolescents. Students who answered "not serious" were considered as accepting of violence, while adolescents who answered "very serious" and "serious" when responding about these acts were considered as not accepting of peer violence.

All assessed variables and tools used in this study are described in Table 1.

Data collection took place in 18 public and 18 private schools, between August and November 2014. The days and times of collection were previously scheduled with the coordination of each school.

To apply the questionnaires, permission was requested from the principals of the selected schools, who signed an informed consent. Adolescents aged 18–19 years were asked to sign an informed consent to participate in the research, as recommended in Resolution 466/12 of the National Health Council, which regulates research with humans.

Adolescents aged 15 to 17 years were asked to sign a term of assent to participate in the study. In this case, the parents were not consulted, since the research would address issues related to violence suffered by the adolescent in the domes-

tic environment, and often in this type of violence the main perpetrators are the fathers, mothers, and other guardians, such as stepparents. This issue is common in studies on violence against children and adolescents, and is supported by the CFP Resolution No. 016/2000. Anonymity was guaranteed to all participants, and students were informed that they were free to withdraw from the study at any time.

After the research was explained and the term of assent was signed, the questionnaires were applied by a team of two researchers from LEVES who provided a brief explanation about completing the questionnaire and who remained in the classroom throughout the process. The questionnaire took an average of 60 min to be completed in each class.

A total of 1411 students participated in the survey; however, nine of them did not adequately complete the questionnaire, thus totaling 1402 adolescents who participated in the study.

For data analysis, masking was used for tabulation in the database, which were entered into the Epi-Info program (Epi: A Package for Statistical Analysis in Epidemiology. R package version 2.38. URL) by double typing. Thus, after consolidation and validation of the entered data, the analysis was performed using STATA software (Stata Statistical Software: Release 12. College Station, TX, USA). The analysis consisted of descriptive analysis of the variables, followed by the use of Pearson's chi-squared test, with a statistical significance of 0.05 and 95% confidence interval.

Regarding the analysis of associations, multilevel modeling was used to control the cluster effect, weighted by type of school. The stepwise forward multivariate method was used, considering a statistical significance of 10% as a criterion for applying the model. The hypotheses of concomitance were tested, and variables were considered in the model according to causal plausibility.

Results

The sample consisted of 1402 adolescents, among whom the prevalence of bullying victims was 8.35% (95% CI: 6.75–9.94%) and perpetrators, 21.26% (95% CI: 17.84–24.39%), while the prevalence of victim-perpetrators was 2% (95% CI: 1.17–3.05%). Due to the small percentage of victim-perpetrators, it was not possible to calculate the association of this group with the studied variables.

Based on the univariate analysis, the variables with $p \leq 0.10$ were selected for the multivariate analysis, as described in Table 2.

After the multivariate analysis, the variable "feeling different" showed a higher risk for bullying, regardless of the role played, with females showing a value of $p = 0.003$ and males, $p = 0.016$. However, there was a difference according to the roles and other variables associated with bullying. Three variables were associated with the condition of being a victim: low self-esteem ($p < 0.001$), using downers/tranquilizers ($p = 0.004$), and being female ($p = 0.022$). Moreover, being a transgressor showed to be a protective factor ($p = 0.031$). Regarding the role of being a bully, male gender ($p < 0.001$), drinking too much alcohol a few times ($p = 0.001$) or often ($p = 0.005$), having poor school performance regarding grades ($p = 0.045$), being a transgressor ($p < 0.001$) and accepting peer violence, whether for one ($p = 0.007$) or both

genders ($p = 0.030$), were associated with this practice. However, not defending one's ideas ($p = 0.004$) showed to be a protective factor for bullies (Table 3).

Discussion

This study observed a prevalence of involvement with bullying of 27.6%, with a significant difference between roles, with the role of perpetrator being more prevalent than that of victim. This fact corroborates a study carried out in Brazil with adolescents from public and private schools in Brazilian state capitals and the Federal District, which showed a prevalence of 7.2% for victims and 20.8% for perpetrators.⁶ This difference can be explained by the fact that often only one individual is bullied by more than one student or a group, as the victim is usually part of a minority group.

Regarding gender, a significant association was observed between being female and being bullied. A possible explanation would be the reproduction in the school environment of the cultural logic that considers women inferior to men, and because women are more physically fragile than men, they are more likely to suffer some kind of violence. In this study, differences were identified between boys and girls regarding the role played, with boys being associated with bullying as perpetrators and girls as victims. This is a situation that can be understood based on social and cultural aspects, as these conceptions attribute differences to the genders and consolidate distinct models of masculinity and femininity, considering the *macho* culture that encourages boys to take risks in pursuit of their socialization, self-sufficiency, and independence. Therefore, male adolescents are often expected to assume aggressive, more competitive behaviors, with a connotation of courage to affirm their social characteristics of masculinity.

Regarding the victim condition, there was also a significant association with lower levels of self-esteem and feeling different. The literature has shown that adolescents who are victims of bullying are characterized by their inhibited behavior, and tend to feel vulnerability, fear, and low self-esteem, consequently increasing the likelihood of persistent victimization.¹⁹ Moreover, adolescents with low self-esteem tend to develop mechanisms that distort their thoughts and feelings, leading them to lack faith in themselves,²⁰ therefore justifying the presence of such feelings in the assessed students.

Other relevant data refer to the fact that when adolescents did not defend their personal ideas and opinions among their friends, it constituted a protective factor for bullying, while playing the role of perpetrator showed a higher probability of defending one's ideas and opinions. This result favors the concept that the perpetrators are more self-confident and can impose their judgments and values on others as they wish, possibly to the point of promoting the involvement of other adolescents with this bullying practice, being considered a leader.

Another aspect to be highlighted is the association of poor school performance with adolescent perpetrators, which raises some hypotheses. The first is related to the possibility that the existing difficulties in performing school activities expose their weaknesses, thus these students seek to show their superiority and importance through their aggressive

Table 2 Univariate analysis of the variables related to the person associated with the occurrence of bullying, either as a victim or a perpetrator.

Variables related to the person	Bullying victim (n = 1402)		Perpetrator (n = 1402)	
	OR (95%CI) ^a	p-value	OR (95% CI) ^a	p-value
Gender				
Male	Reference		Reference	
Female	1.95 (1.34–2.84)	<0.001	0.41 (0.31–0.56)	0.000
Age				
From 15 to 16 years old	Reference		Reference	
From 17 to 19 years old	0.91 (0.54–1.52)	0.715	1.17 (0.90–1.52)	0.223
Skin color/ethnicity				
White	Reference		Reference	
Non-white	1.30 (0.77–2.19)	0.320	1.12 (0.84–1.49)	0.428
Having a physical disability				
No	Reference		Reference	
Yes	1.22 (0.16–9.10)	0.846	2.11 (0.48–9.16)	0.315
Sexual orientation				
Heterosexual	Reference		Reference	
Bisexual/ Homosexual	2.09 (1.21–3.62)	0.009	1.39 (1.00–1.94)	0.048
Religious practice				
Yes	Reference		Reference	
No	1.04 (0.78–1.39)	0.803	1.51 (1.14–1.98)	0.003
School performance related to grades				
Very good/good	Reference		Reference	
Bad/very bad	0.84 (0.56–1.24)	0.375	2.03 (1.56–2.65)	<0.001
Scale of self-esteem				
From 28 to 40 points	Reference		Reference	
From 10 to 27 points	2.40 (1.59–3.60)	<0.001	1.32 (1.05–1.67)	0.017
Feeling different				
No	Reference		Reference	
Yes	1.94 (1.29–2.93)	0.002	1.46 (1.13–1.89)	0.003
Self-confidence (defending one's ideas/opinions with friends)				
Always/very often	Reference		Reference	
Rarely/never	0.90 (0.60–1.34)	0.598	0.73 (0.56–0.94)	0.016
Excess alcohol consumption				
Never	Reference		Reference	
A few times	0.80 (0.46–1.41)	0.439	3.06 (2.22–4.22)	0.000
Many times	0.97 (0.61–1.57)	0.913	1.68 (1.31–2.15)	0.000
Consumption of illicit drugs				
No	Reference		Reference	
Yes	0.63 (0.26–1.53)	0.311	1.58 (1.05–2.37)	0.026
Use of medications				
To lose weight	2.17 (1.16–4.09)	0.015	1.39 (0.77–2.49)	0.266
Downers/tranquilizers	2.81 (1.57–5.02)	<0.001	1.45 (1.04–2.04)	0.028
Anabolic steroids	Not calculated	–	1.57 (0.78–3.15)	0.199
Excess weight				
No	Reference		Reference	
Yes	1.34 (0.97–1.84)	0.075	0.89 (0.67–1.18)	0.449
Being a transgressor				
No	Reference		Reference	
Yes	0.75 (0.52–1.06)	0.103	3.44 (2.72–4.34)	0.000
Having siblings				
No	Reference		Reference	
Yes	1.48 (0.66–3.31)	0.346	0.65 (0.41–1.01)	0.057
Accepts violence among peers				
Boy against boy				

Table 2 (Continued)

Variables related to the person	Bullying victim (n = 1402)		Perpetrator (n = 1402)	
	OR (95%CI) ^a	p-value	OR (95% CI) ^a	p-value
No	Reference		Reference	
Yes	0.69 (0.33–1.42)	0.310	2.54 (1.73–3.72)	<0.001
Girl against girl				
No	Reference		Reference	
Yes	0.81 (0.37–1.79)	0.605	2.31 (1.56–3.43)	<0.001

OR, odds ratio; CI, confidence interval.

Statistical significance: $p \leq 0.10$.

^a Adjusted OR considering the sampling design (cluster) and weight by type of school.

Table 3 Multivariate analysis by multilevel modeling of factors related to the person as a bullying victim and as a perpetrator.

Variables related to the person	Bullying victim		Bullying perpetrator	
	OR (95%CI)	p-value	OR (95%CI) ^a	p-value
Gender				
Male	Reference		Reference	
Female	1.56 (1.07–2.28)	0.022	0.45 (0.33–0.61)	<0.001
Self-esteem scale				
From 28 to 40 points	Reference			
From 10 to 27 points	2.04 (1.37–3.04)	<0.001		
School performance related to grades				
Very good/good			Reference	
Bad/very bad			1.30 (1.00–1.68)	0.045
Use of downers/ tranquilizers				
No	Reference			
Yes	2.44 (1.32–4.48)	0.004		
Feeling different				
No	Reference		Reference	
Yes	2.00 (1.27–3.15)	0.003	1.36 (1.05–1.76)	0.016
Self-confidence (defending one's ideas/opinions with friends)				
Always/very often			Reference	
Rarely/never			0.64 (0.47–0.86)	0.004
Excess alcohol consumption				
Never			Reference	
Rarely			1.87 (1.27–2.75)	0.001
Many times			1.49 (1.12–1.97)	0.005
Being a transgressor				
No	Reference		Reference	
Yes	0.61 (0.40–0.95)	0.031	2.80 (2.14–3.66)	<0.001
Accepting violence among peers				
Does not accept			Reference	
Accepts for one gender			2.25 (1.25–4.05)	0.007
Accepts for both genders			1.51 (1.04–2.20)	0.030

OR, odds ratio; CI, confidence interval.

Statistical significance: $p < 0.05$.

^a Adjusted OR considering the sampling design (cluster) and weight by type of school.

behavior, in an attempt to be respected by their peers.⁴ Another possibility would be that involvement in bullying in the role of perpetrator, and as a result the frequent search for recognition and power, become a priority in the school environment, thus interfering with school activities and, consequently, reflecting on their school performance.

Regarding the association between using downers/tranquilizers and being a victim, it only ratifies the observed facts about the profile of those involved, who show low self-esteem and feel different to the point of using substances, aiming at altering their feelings and sensations, to resolve the issues in a more immediate way.

Also on this subject, it is important to consider not only the possible complications resulting from the prolonged use of tranquilizers, but also to reflect on how easy it is for the adolescent population to get access to medications that should be partially or totally controlled by the health authorities, a fact already discussed in a study carried out by Muza et al.²¹

Regarding alcohol consumption, being a perpetrator was associated with the use of this substance.^{22,23} This is a matter of concern, since alcohol consumption has been starting among adolescents at an increasingly earlier age, and frequently among high school students in South America, and it is associated with peer violence.^{24,25}

Another fact that deserves attention is related to students who exhibit transgressive behavior associated with bullying, as studies have shown that these individuals are more likely to develop criminal behavior or to be criminally convicted in adulthood,²⁶ as well as to have relationship and psychotic problems.²⁷ At the same time, being a victim is a protective factor against such behavior.

Corroborating this information, studies have shown that the involvement of adolescents with violence is due to several factors, including adolescence itself, substance abuse, family conflicts and violence, exposure to violence, and situations of violence or marital conflict, which may induce violent behaviors by adolescents.^{28,29}

The significant association of students who practice bullying with the variable "acceptance of peer violence" is noteworthy, as it is a matter of concern to consider the aggression suffered or committed by a peer of same or opposing gender as a natural occurrence.

However, such naturalization may be related to situations of violence due to parents or other family members experienced during one's life.³⁰ Moreover, the literature reinforces that different types of mistreatment experienced during childhood are considered risk factors for the occurrence of interpersonal violence in adolescence.³⁰

It is worth noting that the current study has some limitations that refer to the fact that all provided data were collected from those self-reported by the students, so it allows different interpretations about bullying and other variables, minimized by the use of an adapted tool validated for the population. Moreover, this is a cross-sectional study, which offers a precise perception of reality and does not allow establishing a cause-and-effect relationship. Thus, longitudinal and/or qualitative studies with the same variables are suggested, in order to establish causal relationships.

The data showed the involvement of adolescents with bullying, with the condition of perpetrator being more prevalent. However, the difference between victims and perpetrators considering their personal characteristics is noteworthy.

The results show that the profile of bullying perpetrator found in this study is associated with the male gender, excessive alcohol consumption, practice of illicit behaviors, and acceptance of peer violence. These are important data for developing and planning practices against bullying.

Based on the risk factors found for both the role of victim and perpetrator, schools should be concerned about providing greater support and supervision to these adolescents, encouraging group discussions about ethics and respect for differences, as well as developing activities that encourage

solidarity among classmates. However, the difference in the role played in bullying should be discussed in all environments, especially in family and school settings.

The present study allows, through a more integrative view, a better understanding of those involved in bullying, pointing out the need for effective actions that consider the personal factors related to the role played (victim and perpetrator).

Funding

This study was funded by PAPES VI/FIOCRUZ/CNPq (process 407738/2012.6).

Conflicts of interest

The authors declare no conflicts of interest.

References

1. Organização Mundial de Saúde (OMS). Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra: OMS; 2002.
2. Francisco MV, Libório RM. Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. *Psicol Reflex Crit.* 2009;22:200-7.
3. Weimer WR, Moreira EC. Violência e bullying: manifestações e consequências nas aulas de educação física escolar. *Rev Bras Ciênc Esporte.* 2014;36:257-74.
4. Monteiro RP, Medeiros ED, Pimentel CE, Soares AK, Medeiros HA, Gouveia VV. Valores humanos e bullying: idade e sexo moderam essa relação? *Temas Psicol.* 2017;25:1317-28.
5. Bandeira CM, Hutz CS. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Psicol Esc Educ.* 2012;16:35-44.
6. Malta DC, Porto DL, Crespo CD, Silva MM, Andrade SS, Mello FC, et al. Bullying em escolares brasileiros: análise da pesquisa nacional de saúde do escolar (PeNSE 2012). *Rev Bras Epidemiol.* 2014;17:592-105.
7. Zequinão MA, Medeiros P, Pereira B, Cardoso FL. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. *Educ Pesqui.* 2016;42:181-98.
8. Sigurdson JF, Undheim AM, Wallander JL, Lydersen S, Sund AM. The longitudinal Association of Being Bullied and Gender with suicide ideations, self-harm, and suicide attempts from adolescence to young adulthood: a cohort study. *Suicide Life Threat Behav.* 2018;48:169-82.
9. Craig W, Harel-Fish Y, Fogel-Grinvald H, Dostaler S, Hetland J, Simons-Morton B, et al. A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. *Int J Public Health.* 2009;54:216-24.
10. Marcolino EC, Calvacanti AL, Padiha WW, Miranda FA, Clementino FS. Victimization and aggression in the school quotidian. *Texto Contexto Enferm.* 2018;27:e5500016.
11. Moreno EA, Silva AP, Ferreira GA, Silva FP, Frazão IS, Cavalcanti AM. Perfil epidemiológico de adolescentes vítimas de bullying em escolas públicas e privadas. *Rev enferm UERJ.* 2012;20:808-13.
12. Zottis GA, Salum GA, Isolan LR, Manfro GG, Heldt E. Associations between child disciplinary practices and bullying behavior in adolescents. *J Pediatr (Rio J).* 2014;90:408-14.
13. Terroso LB, Wendt GW, Oliveira MS, Argimon ILL. Habilidades sociais e bullying em adolescentes. *Temas Psicol.* 2016;24(1):251-9.
14. Soares AK, Gouveia VV, Gouveia RS, Fossá PN, Pimentel CE. California Victimization of Bullying Scale (CVBS): evidence of validity and internal consistency. *Temas Psicol.* 2015;23:481-91.

15. Olweus D. *Bullying at school: what we know and what we can do*. Cambridge, MA: Blackwell; 1993.
16. Avanci S, Assis S, Santos N, Oliveira R. Cross-cultural adaptation of Self-Esteem Scale for Adolescents. *Psicol Reflex Crit*. 2007;20:397-405.
17. Kahn T, Bermergui C, Yamada E, Cardoso FC, Fernandes F, Zacchi JM, Guimarães L, Hasselman ME. projeto de pesquisa]. *O dia a dia nas escolas: violências auto-assumidas*. São Paulo: Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente (ILANUD). Instituto Sou da Paz; 1999.
18. Berlan ED, Corliss HL, Field AE, Goodman E, Austin BI. Sexual orientation and bullying among adolescents in the growing up today study. *J Adolesc Health*. 2010;46:366-71.
19. Middleton-Moz J, Zawadski M. In: Costa RC, editor. *Bullying: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos*. Porto Alegre: Artmed; 2007.
20. Bandeira CM, Hutz CS. Implications of bullying in adolescents' self-esteem. *Psicol esc educ*. 2010;14:131-8.
21. Muza GM, Bettiol H, Muccillo G, Barbieri MA. Consumption of psychoactive substances by school-age adolescents of Ribeirão Preto, SP (Brazil). II-Distribution of consumption by social levels. *Rev Saude Publica*. 1997;31:167-70.
22. Liang H, Flisher AJ, Lombard CJ. Bullying, violence, and risk behavior in south african school students. *Child Abuse Negl*. 2007;31:161-71.
23. Oliveira WA, Silva MA, Silva JL, Mello FC, Prado RR, Malta DC. Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. *J Pediatr (Rio J)*. 2016;92:32-9.
24. Madruga CS, Laranjeira R, Caetano R, Ribeiro W, Zaleski W, Pinsky I, et al. Early life exposure to violence and substance misuse in adulthood: the first brazilian national survey. *Addict Behav*. 2011;36:251-5.
25. Pierobon M, Barak M, Hazrati S, Jacobsen KH. Alcohol consumption and violence among argentine adolescents. *J Pediatr (Rio J)*. 2013;89:100-7.
26. Silva JL, Oliveira WA, Bono EL, Dib MA, Bazon MR, Silva MA. Associations between school bullying and offensive behavior: systematic review of longitudinal studies. *Psic Teor e Pesq*. 2016;32:81-90.
27. Zaine I, Reis MJ, Padovani RC. Bullying behavior and conflict with the law. *Estud Psicol*. 2010;27:375-82.
28. Horta RL, Horta BL, Pinheiro RT, Krindges M. Violent behavior in adolescents and parent-child cohabitation. *Rev Saude Publica*. 2010;44:979-85.
29. Faria CS, Martins CB. Violência entre adolescentes escolares: condições de vulnerabilidades. *Enf Glob*. 2016;15:171-84.
30. Malta DC, Antunes JT, Prado RR, Assunção AA, Freitas MI. Factors associated with family violence against adolescents based on the results of the National School Health Survey (PeNSE). *Cien Saude Colet*. 2019;24:1287-98.